JULIA LOPES DE ALMEIDA

Cruel Amor

FRANCISCO ALVE... LVES & Cia

RIO DE JANE... RIS

166, RUA DO OUVI... MONTPARNASSE

LI...

BELLO HORIZ... AULO

1055, RUA DA BA... DE S. BENTO, 65

1911

CRUEL AMOR

OBRAS DA AUCTORA

Contos Infantis, de collaboração com Adelina Vieira, 3.ª edição.

Traços e Illuminuras, contos (esgotado).

A Familia Medeiros, romance, 2.ª edição, esgotada.

A Viuva Simões, romance.

O livro das Noivas, 4.ª edição de luxo, com gravuras de Casanova e R. Gameiro, edição Alves e Cª.

Memorias de Martha, novella.

A Fallencia, romance.

Ancia Eterna, contos.

Livro das Donas e Donzellas, edição de luxo, com gravuras, edição de Alves e Cª

Historias da nossa terra, contos para crianças, edição Alves e Cª.

A Intrusa, romance, edição de Alves e Cª.

A Casa Verde, romance, de collaboração com Filinto de Almeida, publicado em folhetim no *Jornal do Commercio.*

A Herança, peça em 1 acto, representada no Theatro da Exposição Nacional de 1908, premiada com o grande premio.

Cruel Amor, romance; Alves e Cª.

Elles e Ellas, monologos; Alves e Cª.

A publicar:

Um volume de **Conferencias** feitas no Instituto Nacional de Musica.

Um volume de **Novellas.**

Não matarás, peça em 3 actos, escolhida para o Theatro Municipal, representações de 1911.

CRUEL AMOR

POR

Julia Lopes de Almeida

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE

LISBOA. — 242, RUA AUREA, 1º

BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

SÃO PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65

1911

NOTA

Este romance foi publicado em folhetim, no Jornal do Commercio *do Rio de Janeiro, em 1908,*

CRUEL AMOR

I

Era pela enchente da maré de lua cheia.

O pescador João Sérvulo, mestre da canôa *Guanabara*, subiu de madrugada ao alto da Igrejinha, em Copacabana, a vêr se já lá estaria o vigia á mira do peixe. Em baixo, na praia, em que a humidade das aguas esbatia em sombras leves a alvura da areia empapada junto á orla inda escura do mar, o pessoal da canôa ia-se reunindo e aprestando redes e remos, á espera do aviso.

Palpitava ao João Sérvulo que iam ter bom lanço. A manhã rompia clara e fresca. Era tempo, que as derradeiras pescas, com a calmaria daquelle ultimo Abril, não lhe tinham dado nem para o fumo. Não se lembrava mesmo, em toda a sua vida, de Semana Santa tão pobre de pescado. Uma miseria. Só vinham no cópio do arrastão algas e caracas do fundo do mar. Felizmente a tempestade do fim do mez que-

brára aquella atonia e agora, com bom tempo e boa maré, que tal seria a sorte se lhe não sorrisse!

João Baptista, o vigia, lá estava já em pé no outeiro, entre a Igrejinha e o pontal da fortaleza, olhando, com olhos de fragata ou gaivota caçadora, para as aguas verdes e profundas. Era um rapaz branco, robusto, de calças arregaçadas até aos joelhos, camisa de meia preta e boina tambem preta, de banhista. Conhecia de longe a approximação dos cardumes de peixes pelo *negró* (1) que os seus corpos desenhavam na superficie e pelo arrepiamento das aguas por que passavam. Todos lhe gabavam a vista aguda e a estridencia inconfundivel dos seus silvos de aviso para o cerco. Era um calado e um paciente, com paixão pelo seu officio e pela canôa que servia, essa adorada *Guanabara* toda listrada de branco e azul, que lá estava na praia junto á curva da enseada, esperando a sua vez de cahir na agua...

O mestre, João Sérvulo, mulato alto, grisalho e magro, de braços finos mas fortes, e olhos serenos, cortou pela rocha o caminho, subindo da praia em direcção ao vigia.

— Bons dias, *seu* Baptista! Então?

— Ainda nada...

— Diabo!

O vigia ergueu os hombros. Não tinha culpa; e depois de um curto silencio, informou:

— O tempo está favoravel... bom ar... boa maré...

---

(1) Negror.

vai vêr que até ha de ser precizo fazer curral... Olhe, o mudo e o 208 já estão pescando de linhote na lage grande...

— Gente de paciencia... amanhece ou anoitece e elles de caniço na mão! Sabe de cousa mais aborrecida? Pescaria lá fóra, ou mesmo de arrastão, fallem commigo, o resto? Até a tarrafa me enfastia; Pedro, que é mudo, ainda não admira, coitado, mas o 208! mas o tenente, do Leme!

João Sérvulo fallava olhando em redor. O dia desabrochava como uma flôr immensa de luz, destinada a encher todo o universo. Desdobravam-se as sombras em doces claridades. Os morros iam apparecendo entre neblinas rosadas, que se adelgaçavam. Em baixo, nos estendaes de areia fina, muito branca, uma vegetação rasteira, carapinhosa, desenhava formas bizarras de reptis monstruosos e a seus pés, lambendo os penhascos negros da rocha, o mar estendia-se desde a curva harmoniosa da praia immensa até ao horizonte infinito, confundido pela distancia e a vaporisação das aguas com o céo esbranquiçado.

Maio floria a hervagem rasteira das restingas de botõesinhos de ouro pallido e avelludava num afago de luz o rôxo e o pardo do fraguedo. As vagas, num espreguiçamento de somno, lambiam os pedregulhos, fazendo serpear entre elles fios leves de arminho branco, que logo se dissipavam...

Para os lados de terra, neblinas côr de rosa iam-se rasgando sobre montanhas e florestas negras... Subito, como se do fundo mysterioso do mar irrompesse em gradações suaves uma claridade cada vez mais

forte, tudo se fez verde, de um verde fluido, claro, como o da agua traspassada por um raio luminoso; um verde que era como a propria alma do mar dilatando-se, dilatando-se pelo espaço, até vestir toda a terra, todo o céo, num diluvio de luz uniforme e radiante.

— Mez de Nossa Senhora! exclamou João Sérvulo, com o olhar afogado na luz, procurando com os dedos magros o escapulario pendente do pescoço sobre o peito muito liso.

— Ora! sentenciou o vigia, nem por isso deixa de morrer gente e nem a gente de matar os pobres dos...

Elle ia dizer — animaes, quando lhe pareceu que ao longe uma larga mancha escura vinha arrepiando a superficie das aguas... calou-se e estendeu o pescoço, á espera. João Sérvulo percebeu o gesto e desandou ás pernadas apressadamente pela encosta abaixo, a tempo de esperar já rente da canôa, na praia, o aviso do vigia.

O pessoal da *Guanabara* estava já todo reunido, desde *seu* Freitas, que era o dono da canôa, homem baixinho e magro, de olhos inquietos, até o crioulo Rufino, ainda novato no officio. Já quatro homens tinham embarcado o arrastão. Agora, fazendo deslizar a *Guanabara*, sobre as estivas postas successivamente na sua dianteira, até á orla do mar, estavam o Marcos, que, ao lado de *seu* Freitas, parecia uma torre, branco, de tez requeimada de sol, de boca larga e cara núa de pellos; depois o Rubião, nortista, barbudo, caboclo de olhar alegre, movimento agil, mediano de altura e largo de hombros; e o Flaviano,

mulato escuro, esbelto, com os cabellos negros, luzidios, em caracoes cerrados mas flexiveis como os cabellos dos brancos. Havia ainda o Lino, que toda a gente chamava de compadre, portuguez grisalho e espadaúdo, de olhos somnolentos.

De estiva em estiva, os pescadores entoavam baixo uma cantilena :

— Eh!... ah!... eh!...

Mais um arranco e o casco da *Guanabara* beirava a agua, quando lá de cima, do outeiro, vibrou o silvo agudissimo do Baptista, annunciando o cardume.

João Sérvulo saltou lesto para dentro da canôa, onde já dois companheiros empunhavam os remos.

— Coragem, minha gente, que manjuba vem ahi, que nem farinha! gritou da praia, caçoando, o Rubião, emquanto o João Baptista, que tinha corrido do seu posto de vigilancia, saltava tambem para dentro da canôa. Os outros pescadores ficavam na praia segurando o calão da rêde, que ia sendo levada pela *Guanabara* ligeira para apanhar o peixe.

A manhã favorecia o trabalho; estava linda. Flaviano mesmo, o mestiço, tido como o mais incontentavel dos companheiros, sempre acommodados ás circumstancias do azar, mostrava-se satisfeito. Foi elle que annunciou :

— Vão ver que hoje começa a corrida das tainhas..

— Gente! você está maluco! replicou Lino. Este anno, tainhas só para o mez que vem. Não viu que Abril foi tão quente! não foi, Rubião?

Este Rubião gosava de certa fama de mentiroso. Diziam que elle exagerava sempre que descrevia as

suas aventuras, salpicadas de perigos e de temeridades, desde o tempo de menino, lá nos mares do Norte. Mas não lhe queriam mal por isso. Era fallador e alegre. Que importam mentiras, que distrahem sem trazer prejuizo?

Sem perder os movimentos da *Guanabara*, que todos acompanhavam com vista attenta, Flaviano disse cantaroladamente :

— O melhor peixe que me couber hoje... já se sabe !

— Vai pr'a sua noiva? indagou Rubião.

— Por força. Maria Adelaide dá a vida por um peixinho gordo...

Ouvindo esse nome de mulher, Marcos voltou-se e cravou no mestiço um olhar penetrante e aborrecido.

Até então elle estivera calado, fazendo o seu serviço, mas sempre com o pensamento preso nessa Maria Adelaide de que o companheiro fallava agora com tamanha familiaridade. Seria crivel que aquelle mestiço desafiador e indolente, casasse de verdade com aquella flôr? Elle vira-a na vespera, por acaso, no Ipanema, toda cheirosa e socegada entre as outras duas irmãs, e não sabia explicar por que motivo o diabrete da moça não lhe sahia da cabeça desde que abrira os olhos nessa madrugada... Não, bonita ella não era; com o seu ar de resignação, o rosto comprido, de uma palidez enluarada, em que se reflectiam raças oppostas; e o corpo fino como uma haste de flôr. Nem parecia moça de trabalho, affeita ás soalheiras do coradouro e ás agruras da barrella. Que perversão de sentidos seria a sua para se apaixonar

assim, ella que todos julgariam branca, por aquelle mestiço, filho de uma negra immunda? Era verdade que o Flaviano procurava fugir das imperfeições da sua raça. Tinha perfil.

Em quanto se pesca não se falla : o mais leve rumor espanta os peixes; mas como a *Guanabara* fazia as suas primeiras manobras, os pescadores na praia permittiam-se ainda dialogar, fallando aos arrancos, entrecortadamente, com a attenção no barco e no mestre.

— Vai ver, Flaviano, dizia Rubião, que você só vai ter baiacú para levar á sua noiva...

— Isso fica para você... que não merece cousa melhor...

— Diabo de peixe estraçalhador de rêde... commentou Rubião; e logo :

— Pois o que eu digo a vocês é que preparado por mim, bem tirado o veneno, guizado com tomate e uma ponta de dendê e limão, é de comer e pedir mais. Tá ahi, é como o cação. Ha gente que está morrendo de fome e desdenha o cação. Bobagem só. E' peixe que toma o gosto que a cozinheira quer. Eu sou capaz de fazer comer cação ao mais graúdo, por bom pescado...

Marcos tambem sabia preparar o baiacú, tirar-lhe a pelle e as visceras, deixal-o branquinho que nem madreperola, só desprezando a cabeça; mas não se gabou da prenda insignificante e insistio em pensar no extranho gosto da Maria Adelaide por aquelle cabra de má morte... Por despeito e para machucar a vaidade do outro, gabou em poucas palavras, mas

exageradamente, a graça da Hortensia, do compadre Lino, que sendo pobre e filha de pescador, não tinha em toda a Copacabana mulher que lhe chegasse aos calcanhares...

Rubião saltou, enthusiasmado :

— E quando ella canta as modas? Inté os anjos do céo escutam... Marcos concordou, affirmando que a voz de Hortencia afugentava os máos pensamentos de quem a ouvisse.

Com os olhos na canôa, que levava o arrastão ainda recolhido, Flaviano affirmou desdenhosamente, para desprestigiar quem lhe desprestigiava a noiva :

— Gente! se aquella é bonita, onde fica a filha de D. Rola?

— Lá isso é verdade, ponderou Rubião; essa onde chega allumia tudo!

Houve uma longa pausa de silencio e de attenção. A *Guanabara* começava a descrever uma larga curva e a lançar a rêde ao mar. Na superficie muito azul das aguas iam apparecendo successivamente, em fila arredondada, as boias enegrecidas do arrastão, lembrando minusculas marrequinhas seguindo umas atraz das outras para um combinado destino. Suspensos das manobras da canôa, os pescadores não davam agora um pio, só tendo olhos e pensamentos para o seu trabalho, que o mestre dirigia silvando e batendo no ar os braços magros.

Tinham corrido curiosos a vêr a pescaria, offerecendo-se para ajudarem a puxar o arrastão, mal a canôa aproou para outro ponto da praia. Mas os pescadores não responderam a ninguem, tão absortos

estavam no seu officio, até verem os tripolantes da *Guanabara* saltarem em terra segurando a outra extremidade do cabo da rêde. Compadre Lino tinha ficado no mar, tomando conta da canôa.

A um signal do João Sérvulo começou nos dois grupos, a um só tempo, o trabalho de colher o arrastão.

Com os pés na orla espumarenta da agua, os braços, em que as veias entumecidas se encordoavam, ora estendidos ora dobrados em angulo, os bustos curvados para a frente ou derreados para traz no esforço da tracção, os pescadores pareciam ceder ao mesmo influxo poderoso que rythmava o movimento das aguas.

O verde novo da manhã transmudara-se em um azul violento, igual, sem mácula. Toda a praia resplandecia ao sol e já crepitavam na areia, ainda fria, chammasinhas de crystaes tremeluzentes. Mais um arranco e o arrastão vinha sahindo, grosso, rugindo no fundo.

Além dos curiosos que estavam na praia para apreciar a pescaria, havia grupos de pescadores de outras canôas em descanço : a *Victoria*, a *Cruzeiro*, a *Camponeza...*

A fortuna da *Guanabara* não lhes mettia inveja. Os pescadores regem-se por uma biblia differente da dos outros homens. Para elles, quando a sorte despe um para vestir outro, não offende ninguem. São os obreiros do acaso e sujeitam-se ás suas leis com estupenda resignação. Toda a Semana Santa fôra cruel. O mez de Abril arrastára ainda muitos dias mortos,

em que se não conseguira nem uma tarrafada do peixe que os pescadores chamam de *comedia*, porque vive á flôr da agua comendo manjuba. Agora que chegára a vez da *Guanabara* derradeira da escala, veriam como os bichos haveriam de vir rabiando! Todos elles sabiam de cór as suas leis. Cada patrão de canôa tem o seu mestre, o seu pessoal de serviço, a tabella que fixa o seu dia para pesca na praia. Então se Deus manda peixe, louvado seja Deus! se não manda... paciencia. Vão-se então os pescadores tentar vida lá fóra no mar, ou na lagôa, ou com o caniço nas pedras.

Numa cadencia de onda, os corpos dos pescadores curvavam-se e retezavam-se com vigor na luta com milhares de vidas que se debatiam na traição das malhas do arrastão, que vinha sahindo das aguas, tumultuosamente...

Por entre o negror da rêde molhada, os peixes reluziam como facas novas, em reviravoltas malabares. Puxando o arrastão para a areia secca, os pescadores suavam, deixando pender depois os braços fatigados. Os curiosos precipitavam-se para vêr os animaes e assistir-lhes á agonia. Rubião abria a rêde para que os peixes morressem em liberdade, e perto delle, de pé, João Sérvulo contemplava-os com ar aborrecido:

— Paratys... pescadinhas...

— Que queria vancê neste tempo?!

— Tainhas. Podiam vir tambem tainhas, que o frio está ahi.

Embora o cardume fosse de paratys, vinham tam-

bem alguns badejetes escuros e pescadinhas de prata, arqueando-se em convulsões freneticas de encontro ao grande corpo lustroso e denegrido de um merote de cabeça achatada e olhos terriveis.

— Então vancê não faz conta do mero ?

— Sim... Atira os baiacús nagua... o mero vale alguma cousa...

— Uns trinta mil réis !

— Qual ! é pequeno...

Os pescadores contavam o peixe, para mandal-o ao mercado. O dinheiro que rendesse seria tanto para o mestre, tanto para a canôa e tanto para cada pescador. Tudo se fez e aceitou em boa paz. Mais animado, João Sérvulo considerava a quantidade e parecia satisfeito. Para mais de quatro mil paratys, fóra os outros... já era !

Flaviano, acocorado, ferira o mero de leve com a pontinha aguda da sua faca, só para o ver soffrer ainda mais. Marcos voltára o rosto, agoniado; para que fazer aquella judiaria ao pobre do bicho?... e Rubião observou :

— De nós todos, o unico que usa armas é você, Flaviano. Porque ?

— Costume... Sempre faz conta para cortar fio ou aparar um tolete...

— Bem se vê que você foi criado no mato... para isso basta um canivete, homem !

Emquanto uns pescadores contavam o peixe, outros sacudiam a rêde, para tirar-lhe a salsugem e as estrellas do mar.

— Antonico ! gritou João Sérvulo para o filho,

que se tinha deitado no chão, rindo-se das cambalhotas afflictivas dos peixes — Corra ! vá chamar sua mãi !

O pequeno partio como uma flexa e o pai sacando do bolso fumo picado pôz-se muito lentamente, de beiço pendido, a enrolar entre os dedos magros um magro cigarro.

— Marcos, continuou elle, você que vai para o Leme ha de levar de caminho um badejete de minha parte á menina santa.

Firme nas pernas finas, João Sérvulo riscou um phosphoro olhando para diante, para o vulto do filho que semelhava uma bolinha escura rolando na alvura do areal. Acceso o cigarro e depois da primeira chupadella commentou :

— Quem devia ir á santa era o Pedro mudo... Se aquella lingua se desentorpecia, muito teriamos que ouvir ! Que eu por mim não acredito ! até me faz afflicção ouvir fallar em santas... Santas só no céo !

— Pois minha companheira vai lá, affrmou Rubião, e inté hontem me disse : quando a santinha me põe as mãos nos olhos, é como se espalhasse flôres na minha cara !

— Ella já vê?...

— Já...

— A's vezes, João Sérvulo, sabe o que me parece? que o Pedro não falla porque não quer...

João Sérvulo arregalou os olhos, com um calafrio. Rubião continuou :

— O diabo mette-se em toda a parte, todo o mundo diz o que quer e o que pensa ao pé delle... certo de

que elle é mesmo surdo como peixe frito; mas eu cá para mim tenho as minhas desconfianças... aquillo é caixa de segredos, que mais dia menos dia, arromba de cheia!

— Homem, você tá doido! Conheço o Pedro desde assimzinho! Em pequeno era ruim como a tintureira; mas foi sempre mudo: nem elle tinha paciencia para calar tudo no coração. Nem os animaes podem viver sem dizer o que sentem... homem! Vai ver que os proprios peixes conversam entre si!

João Sérvulo era considerado pelo pessoal da *Guanabara* como o mais intelligente e o mais instruido. A'quelle dito da absoluta necessidade de expressão, os outros calaram-se convencidos. Realmente, quem poderia viver uma longa vida, como a do Pedro, que já andava roçando pelos quarenta annos, sem articular uma queixa, num desabafo?

A aragem de Maio vinha do mar largo acariciar a terra illuminada. As ondas desfaziam-se em pennugens de cysnes. Nos recortes dos morros, no estendal das areias, no ar sem nuvens, o sol derramava a sua luz de ouro.

— Mez de Nossa Senhora! tornou a dizer João Sérvulo, com o olhar sumido no mar sem fim.

Depois de um largo silencio, Flaviano aventurou:

— Antonico tá tardando... talvez fosse brinçar com o diabo do Bié e da Nita...

Elle dizia aquillo de proposito, para contrariar João Sérvulo, que protestou:

— Você não conhece meu filho. Os outros são dois vagabundos...

— Isso são. Inda hontem encontrei elles sózinhos perto da casa de minha noiva...

Flaviano, quando fallava na noiva, enchia a boca. Rubião, sem interromper o serviço, indagou atrevidamente :

— Minha noiva... minha noiva ! você casa mesmo? !

— Emquanto minha mãi fôr viva, não.

— Faz você muito bem, sentenciou João Sérvulo; as noras são o diabo. Tudo que se faz por uma mãi é pouco.

— Maria Adelaide tem paciencia, ella espera por mim !

Marcos sorrio.

— De que é que você está rindo? ! perguntou-lhe o mestiço com ar atrevido e sério.

— De nada...

— Nada, não é resposta; você ha de explicar porque é que se rio quando eu disse que Maria Adelaide espera por mim !

— Ora !

— Ora, não ! se você sabe de alguma cousa diga pr'ahi ! Eu cá por mim acreditei no juramento della ; mas se você póde provar que o juramento foi falso, prove !

Marcos corou, desconcertado, tartamudeando :

— Já disse : não sei nada. Sómente tenho para mim que toda a mulher é mentirosa. Mas você tem fé, acabou-se.

— O senhor não tem mãi? inquirio João Sérvulo solemnemente, voltando-se para Marcos.

— Ora essa ! Pois então não conhece minha mãi? !

— Pergunto-lhe, tornou João Sérvulo formalisado : o senhor tem mãi?

— Tenho! Bem sabe que tenho!

— Como julga então todas as mulheres mentirosas? Assim dizendo, repare que injuria aquella que lhe deu o ser!

Quando João Sérvulo fallava com aquelles modos, todos se humilhavam.

Flaviano, vingado, contentou-se com levantar os hombros, resmungando num tom de lastima :

— Deixe elle...

Marcos guardou o seu azedume. Ao pé do Sérvulo nem se podia fallar. Elle media as phrases aos centimetros e pesava as palavras ás grammas! Valeu-lhe a chegada do Antonico e da mãi, a Fortunata, uma parda gorda, muito risonha, de rosto picado das bexigas.

A mulher do Sérvulo exclamou alto, olhando para o peixe :

— Virgem Nossa Senhora, que boniteza! Viva a *Guanabara*, hein seu Freitas?

Seu Freitas agradeceu com os olhinhos commovidos a homenagem e disse baixo :

— Se fosse sempre assim!

— Até havera de aborrecer, atalhou ella; que neste mundo mesmo o que é bom enjôa quando é demais!

Depois agachou-se e, com as mãos papudas, de unhas rôxas, separou do quinhão do Sérvulo o melhor badejete e entregando-o ao filho, disse, sem mesmo consultar o marido :

— Corre, Antonico; leva este peixe de presente a D. Rôla!

— Escolha agora para nós, que o Rubião vai-se embora, antes que o sol esquente.

— Póde levar tudo, Rubião; venda bem vendidinho. Fico com estes paratys, que dão menos dinheiro... Veja lá se engana meu marido! hein?

— Engano mesmo... Porque é que elle não vai? quem manda elle ser preguiçoso! E a pena que eu tenho é que você não queira enganar elle tambem...

— Uê! você tá ouvindo só, João?!

João Sérvulo fez que sim, sem interromper o trabalho em que se empenhava de contar o peixe que o Rubião teria de levar ao mercado, ás bancas da sua freguezia. Os outros riram.

— Ninguem se conhece neste mundo! concluio ella com uma gargalhada.

Flaviano resmungou entre dentes : — Confiado! e a Fortunata, para abafar-lhe a censura, lamentou alto :

— Coitados dos peixes! inda nem acabaram de morrer... estão penando... Bem dizem que a desgraça de uns faz a fartura de outros... olha, o Flaviano está sujo de sangue. Que afflicção! Mal comparando parece que matou gente!

Flaviano e Marcos trocaram um olhar de tão incomprehensivel expressão e tão rapido, que a mulata estremeceu, como se tivesse visto um raio.

Seu Freitas, magro, baixinho, trefego, com o rosto enrugado sumido sob as largas abas do chapéo de palha de coqueiro, vigiava a divisão do peixe, dando

ordens para que andassem depressa. Estava ahi o sol e ainda era mister pôr o peixe na canôa para leval-o ao mercado por mar.

— Marcos! ordenou Sérvulo, amanhã de madrugada venha lavar commigo a canôa e estender o arrastão nas pedras. Toma conta dos remos, mais o compadre Lino. Rubião vai de proeiro...

Seu Freitas déra alguns punhados de paratys á gente pobre que tinha corrido a vêr o lançamento da rêde e partio para casa, morto pelo almoço. A *Guanabara*, carregada de peixes, impellida valentemente pelos remos dos pescadores, deixou de novo a praia, com o rumo para o Pão de Assucar, que ia contornar para entrar na bahia.

Os curiosos foram-se sumindo da praia. Só João Sérvulo, Fortunata e Flaviano quedavam-se ainda com os olhos fixos nesse pequeno casco alvadio que diminuia na distancia e brilhava como um beijo de sol no anil profundo das ondas...

O vigia Baptista tirava caracas do *cópio* da rêde e recolhia-a com dois companheiros para junto das canôas adormecidas. Flaviano excusou-se do fim do serviço. Elle já ia distante quando a Fortunata gritou:

— Diga a Maria Adelaide que não é só o seu coração que anda penando por amor della... ouvio?!

Flaviano voltou-se, com ar assustado.

— O meu tambem tá cheio de saudades! concluio ella com uma gargalhada.

João Sérvulo advertio baixo:

— Cuidado com a lingua; você não perde o cos-

tume de ser falladeira. Eu já tenho dito que aquelle diabo é ciumento como quê!

— Por isso mesmo é que eu gosto de bulir com elle... que não seja bôbo! Uê!

— Elle tem sua razão...

— Porque ella é branca?

— Então?!

— Você acredita que Maria Adelaide goste de verdade de Flaviano? Eu não. Aquillo foi bobagem de criança, de quando andavam os dois no mesmo collegio... ou foi obra de feitiçaria... a mãi delle é capaz de tudo... Eu já disse a ella uma vez: — menina, branca com branco, mulata com mulato, negra com negro. Não suje sua raça.

— Para que é que você se mette onde não é chamada?! Que diabo de costume! Flaviano sabe disso e depois...

— Vem me comer, não é? Eu mesma é que hei de ter medo delle! Aqui a unica paixão que me faz mesmo pena, é a de Ruy pela Adda... Está consumido... magrinho... D. Rôla disse que elle sabe fazer versos... e está ahi! não tem orgulho nenhum. Foi um milagre não ter vindo hoje ver a pescaria... Coitado do Ruy!

— Coitado, não! Coitados, só os que não têm onde cahir mortos. Elle tem pai que lhe dá tudo!

— Que pai! um unhas de fome... um rabugento... E' elle que está espremendo o coração do filho até ver cahir a ultima gottinha de sangue...

— Ora!

— E' sim; não quer que o Ruy se case com Adda...

— Faz elle muito bem; aquella menina tem pinta. Para mim é uma viborasinha que D. Rôla está criando no peito... Mas deixa lá a vida dos outros e vamos embora...

Iam andando e a Fortunata continuava :

— Se Adda fosse filha de verdade, não havia de ser tão estimada... é toda cheia de não presta... vá ver que nasceu ahi em qualquer batelão de pescador. Mas você tá vendo só o Antonio onde está?!

O pai rio-se, olhando para o filho, dentro do mar, com agua até ás virilhas. Fortunata exasperou-se :

— Pucha para casa, ladrão!

— Deixa o pequeno...

— Deixa, deixa! você é um molenga, por isso é que Antonico tá tão levado! Caminha!

Antonico sahio da agua; mas em vez de entrar em casa, atirou-se a correr como um doido para os lados do Ipanema, ao encontro de duas crianças que divizara ao longe : um rapazinho de tez cobreada, redondinho e baixo para os seus dez annos, e uma menina espigadinha, de olhos garços e cabellos castanhos claros, cahindo-lhe sobre os hombros estreitos em falripas mal tratadas.

— De onde é que vocês vêm?! perguntou-lhes Antonico, mal se approximou.

— Do mato. Olha aqui! respondeu o rapaz mostrando-lhe dois ovos côr de mostarda no fundo do seu velho chapéusinho de feltro russo.

— São de andorinhas?

— Deste tamanhão?! Você está tolo! Quem vio primeiro foi Nita. Ella mostrou, eu apanhei.

— Eu tambem gostava de ir... confessou o Antonico.

Nita exclamou rindo :

— Não vê mesmo que você aguentava ! Eu e Bié sim !... A gente andou lá no meio dos espinhos; olhe para minhas pernas, como estão arranhadas !

Bié olhou contristado para as perninhas magras da companheira.

— Vai lavar as feridas na praia. A agua do mar cura tudo. Eu vou lá em casa guardar os ovos na minha collecção... Agora precizava de achar uns côr de rosa...

Nita abaixara-se para enxugar as pernas nos molambos da saia de chita, já muito suja. Depois, para Bié :

— Vai depressa ! você não tem medo que seu tio lhe dê uma sova? ! Eu fico esperando na praia...

Os rapazes deixaram-na. Fortunata á porta de casa esguelava-se pelo Antonico. Quando se vio só, Nita sentou-se na estrada e estirou as pernas lanhadas, por onde o sangue corria em fiosinhos delgados. Doiam-lhe. Ella molhou os dedinhos na saliva e perpassou-os pelos arranhões. Desde pela madrugada que andava pelo mato, sem alimento, só para acompanhar o Bié. Tinha muita fome, mas o seu corpinho de gafanhoto, resistia a todas as provações. Depois de estar agachada uns minutos, ergueu-se e foi para a beira do mar esperar o amigo. Elle tardou. Encontrara talvez o tio mudo em casa, aquelle terrivel tio mudo, e foram precizos grandes disfarces para guardar os ovos sem que o outro lhe percebesse as mano-

bras... Só por maldade já não lhe destruira elle duas collecções?

O sol aquecia a areia, mas Nita tinha a pelle affeita a tudo, e estirou-se na praia, com o rosto para as ondas. Tinha pena de não ter assistido á pescaria... talvez lhe tivessem dado um peixe, que ella cozinharia com o Bié, nas pedras da Igrejinha... Ficava para outra vez... Por gosto della não se teria arredado naquella manhã, da praia; mas o Bié estava com tanta scisma nos ovos!... E se o mudo prendesse o sobrinho em casa? Ella teria de ficar alli á sua espera todo e santo dia o com aquella fome?!

Mas não. O companheiro chegou, esbaforido, côr de pitanga madura, com os cabellos empastados de suor e um grande pedaço de pão nas mãos sujas.

— Quem foi que deu? perguntou ella risonha, soerguendo-se nos cotovellos.

— D. Rôla. Eu não pedi... Ella é boa. Estava na porta quando eu passei...

Nita estendeu os dedos ávidos. Havia pão, não lhe importava o resto... Bié dividio-o em duas metades. Cada um pegou na sua e deitados á beira-mar, com a pelle quente, os olhos cheios de claridade azul, começaram a comer, muito calados, muito pensativos...

II

Rôla subio apressada o outeiro da Igrejinha. Tinham-lhe dito que o Pedro mudo estava pescando nas pedras e ella queria chamal-o para mandar entregar uma costura á cidade antes da noite. Colhendo a saia de alpaca, já esgarçada, até acima dos tornozellos magros, seguio em direcção aos arrecifes, onde o mudo costumava, agachado e immovel, consumir as horas na sua profissão. Mas do mudo já nem havia signal e ella voltou contrariada, pensando nos trabalhos da sua vida, quando no alto, perto da igreja, esbarrou com o Ruy.

— A senhora por aqui!

— Vou-me embora já.

— Não : fique, eu precizo muito fallar-lhe.

— Imagino!

— E' serio.

A tarde no ocaso resplandecia em maravilhosos recamos de ouro e prata. Sob o céo lilaz, fulgidissimo, rasgavam-se nuvens illuminadas.

— Que esplendor! Tem reparado como isto enreda a gente? ás vezes venho para aqui estar cinco minutos e fico horas inteiras!

Ella abanou que sim com a cabeça e ficaram ambos calados, olhando para a luz. A seus pés o mar estendia-se extatico, traspassado de fulgores crepusculares.

Rôla era uma mulher de trinta e oito annos, alta e esguia, de olhos tristes e cabellos lisos, de um castanho aloirado. O tom pardo de uma blusa de linho accentuava-lhe a pallidez do rosto oval, assignalado por meia duzia de sardas. A saia preta escorria-lhe da cintura sobre os quadris chatos; tinha os dedos picados da agulha e a voz doce e fraca.

Ruy, de estatura mediana, era um moço magro, de mãos pequenas, queixo quadrado, movimentos febris e um fino buço negro ameigando-lhe a bocca rubra e forte. Andava vadiamente no seu terceiro anno de Direito.

— O que você tem a dizer-me é a respeito de Adda?

— Não. E' sobre outro assumpto muito grave...

— Que será!... Diga!

— Deixe-me descançar primeiro... tomar folego! Olhe antes para o mar... que côr é aquella?

— Se quer que lhe diga... nem sei!

— Pois os seus olhos estão da mesma côr... côr de saudade...

— Adeus, adeus! lá começa você com as suas fantasias. Diga depressa o que tem a dizer, que eu preciso ir-me embora.

Ruy ia a fallar, mas logo hesitou; os cantos da bocca tremeram-lhe. Uma angustia palpitou celere-

mente no negror das suas pupillas e encolheu-se num movimento de arrepio.

Rôla percebeu a sinceridade daquella commoção e acariciando-lhe o hombro procurou animal-o maternalmente :

— Ajudei sua mãi a carregal-o ao collo... cantei cantigas para o adormecer... Se a raiva de seu pai agora nos separa, a memoria de sua mãi nos une. Póde confiar em mim, Ruy !

— E' por isso. A outra qualquer eu não diria nada, nada ! Sómente, é difficil, muito penoso... Mas antes, diga-me, com franqueza : a senhora tambem me considera doido, como toda a gente?!

— Que idéa !

— A opinião dos outros pouco me importa. Emquanto me considerarem tal, permittirão que eu fique horas inteiras deitado naquellas pedras, olhando para estes deslumbramentos. Acharão natural que eu vá um dia á pesca com o João Sérvulo e o Marcos, outro, de casaca, a um baile; que me eternize no meu terceiro anno de Direito e que faça versos á lua ! Mas a sua opinião, Rôla, interessa-me mais do que póde pensar... muito mais !

— Era essa criancice que tinha para me dizer?!

— Não; mas é o caminho.

— Continue; sempre quero vêr aonde vai parar.

— A senhora não me respondeu; nem me responderá... Vale mais olhar para o céo, não é? Veja como está bonito !

No alto, numa trama de ouro enredava-se uma nuvem da fórma e da côr de uma rosa immensa, que

toda se desfolhava, fragmentando-se pelo céo illuminado. Rôla conservou-se algum tempo calada, presentindo o constrangimento de Ruy. Que teria elle? Como decidil-o a dizer aquelle segredo que parecia queimar-lhe o peito como uma braza viva? Tambem ella agora se sentia embaraçada; mas, para precipitar a situação, declarou :

— Já que você não quer fallar, vou-me embora.

— Espere um instantinho... veja como o mar está roxo aqui e verde acolá...

— Não dissimule. O que tem a dizer é mesmo a respeito de Adda; já adivinhei.

Elle, sem desviar o olhar das aguas, murmurou :

— Adda nunca será minha mulher... é muito vaidosa.

— Vaidosa, coitada! ella está na idade em que a mulher não pensa senão em si. Olhe, Ruy, tenho imaginado muitas vezes que effectivamente vocês não nasceram um para o outro. Para que teimarem numa idéa que não os póde fazer felizes? Você bem sabe : Adda...

— Deixemos a Adda em paz, interrompeu elle bruscamente. Falle-me de minha mãi.

Rolinha estremeceu, voltando-se espantada para o moço. Elle estava livido.

— Era isto que eu lhe queria pedir. Diga-me tudo que souber, com toda a sinceridade. E repetio, martellando as syllabas : com *toda a sinceridade*.

Comece : ella era bonita ou feia?

— Nem bonita nem feia. Mas não será melhor deixar em paz os mortos?

— Não. A senhora conheceu-a de perto, estava dentro dos seus segredos; póde esclarecer-me. Continue : nem bonita nem feia. Clara?

— E muito pallida. Era do meu corpo, mais ou menos : tinha os olhos rasgados, muito escuros e umas tranças...

— Não me falle das tranças, interrompeu Ruy com um gesto nervoso. E' a unica cousa que eu conheço della. Meu pai guarda-as debaixo de chave e pensa que eu não as vi. Já as molhei com as minhas lagrimas; são lindas. Como havia de ter ficado desfigurada no dia em que lhe cortaram os cabellos... Sonho muitas vezes com a scena da tosquiação de minha mãi no hospicio...

— Oh ! Ruy !

— Pensava *tambem* que eu não soubesse? ! Ouça tudo : meu pai julga-me predestinado ao fim de minha mãi. A minha menor extravagancia é logo para elle um indicio de loucura... Julgo que sou já aos seus olhos um doente, um irresponsavel. Não o diz mas pensa-o; lá bem no fundo da sua alma, como uma pedra, pesa sobre elle essa convicção horrivel. Se dou um grito, se tenho uma insomnia, se fallo ou se me calo, se faço um movimento mais brusco ou se, por um instante, me altero, eil-o todo agitado, todo afflicto ao redor de mim !

— Não diga isso !

— Mas se era isto que eu tinha para lhe dizer?

Sabe o que receio? E' que os cuidados de meu pai acabem por suggerir-me a mesma idéa terrivel.

— Não pense nisso!...

— E' impossivel deixar de pensar; meu pai lá está ao pé de mim para lembrar-m-o, apalpando-me o pulso, investigando-me o olhar, arredando-me do estudo, fazendo-me desperdiçar as minhas melhores faculdades, com medo de que a sua applicação determine... o primeiro accesso! o primeiro accesso!

— Seu pai adora-o...

— De mais. Espreita-me, cerca-me, aperta-me num circulo de cuidados nunca enfraquecido. Debato-me, á procura de um pouco de liberdade, mas é vã a esperança; elle vai commigo para toda a parte, penetra nos mais insignificantes actos da minha vida, sabe tudo, adivinha tudo, receia tudo! E' um inferno!

— Elle não teria resistido a uma tal preoccupação, se ella fosse tão exaggerada...

— Resiste. Elle é de ferro. O que lhe supplico é que me esclareça sobre a origem da doença de minha mãi...

— Não sei...

— Não quer dizer.

— Talvez; e nesse caso seria inutil teimar.

— A senhora é piedosa! Basta responder a isto: os ciumes de meu pai eram... eram... infundados?

— Absolutamente infundados.

— Logo, a sua crueldade nem tinha essa desculpa!

— Filho! de que vale fallar nisso? O que passou, passou. Não ha quem não tenha o seu quinhão de soffrimento neste mundo. Não procure indagar do

passado e afaste os máos pensamentos. A vida é tão curta!... Vamo-nos embora?

— Espere. Abri-lhe o meu coração numa confidencia que nunca fiz a ninguem. Tenha paciencia, já agora ouça até ao fim. Se a procurei de preferencia é porque da senhora depende a minha felicidade futura, e a senhora, melhor do que ninguem, conhece os meus antecedentes. Quero tambem saber se a loucura de minha mãi foi occasional ou hereditaria, porque eu tenho a convicção de que é o remorso da desgraça de minha mãi que gera em meu pai o receio da minha...

— Não! seu pai não póde ter nem uma nem outra cousa. Se elle não foi um marido exemplar, tambem não foi um marido pessimo. Pelo amor de Deus, fuja dessas idéas, pense que a mocidade é como aquella nuvemzinha que me mostrou ha pouco: desfolha-se depressa. Aproveite-a. Olhe, amanhã ha festa na casa do senador Guidão...

— Tenho pensado muitas vezes que a sua opposição ao meu casamento com Adda se apoia nessa razão. E seria justa. Sendo um mal hereditario eu posso ser um condemnado... um marido perigoso...

— Que tolice! Não me opponho ao seu casamento... embora não o deseje; elle não faria a felicidade de ninguem... mas creia que os motivos são muito differentes! Na familia de sua mãi a primeira louca foi ella. Loucura accidental... teria ficado boa se vivesse mais alguns mezes... Sabe que nas mulheres essa especie de doença tem varias explicações...

Ruy aspirou com força o ar saturado de salitre que vinha das aguas. Todo o mar parecia coalhado de petalas roxas e aloiradas, que iam boiando mansamente á tona das vagas, como folhas dispersas de arvores no outomno.

Rôla queria fugir do assumpto e aproveitava todas as abertas. Descortinando no extremo do pontal da fortaleza uns pontinhos movediços, perguntou :

— Que é aquillo? gaivotas?

— Sim, são as gaivotas de Copacabana : o Bié e a Nita. A senhora é myope?

— Sou. Que farão aquellas crianças, sózinhas, a esta hora ! E' quasi noite !

— Bem se importam ellas ! Creio que já têm dormido por ahi, em cima dos rochedos. Inda agora estão perto; mas quando se mettem por esses mattos, á procura das orchideas? São destemidas...

— São abandonadas.

— O tio do Bié, sabe? o mudo, faz-me medo...

— Porque? !

— Não sei. Parece-me que lhe vejo a alma em acenos de naufrago nas pupillas esgazeadas. O mysterio daquelle espirito sepultado bastaria para impressionar-me, se ainda o typo do homem não me causasse horror. Que orelhas ! Tem reparado? Talvez pelo esforço de quererem ouvir têm-se tornado tamanhas. E aquella côr, e aquelle cheiro a algas e salsugem, e aquelle grunhido ! Que pensamentos se agitarão naquelle cerebro? !

— Pobre infeliz; bem ou mal o que elle pensa fica

lá com elle. E' como o fundo do mar : ninguem sabe o que ha lá dentro!

A sua voz é mais forte de que a minha : chame aquellas crianças

— Para que?

— Faz-me afflição vêl-as alli... sózinhas.

Ruy gritou com força :

— Nita! Bié!

O pequeno voltou a cabeça, mas não se arredou do lugar. Nita deu uns dois saltos e afundou-se em um tufo de vegetação, como uma patinha no ninho.

— Escute ainda, Rôla. Eu estava morto por lhe fallar e nunca achava occasião. E' um assumpto tão intimo este, que a offenderei se lhe pedir segredo. Meu pai ignora as minhas suspeitas. Deus me livre que elle desconfie que já sei tudo... Acha-me parecido com minha mãi?

— Um pouco...

— Elle não gostaria de ouvir isso. Nunca houve morta mais repellida da lembrança! Era caritativa?

— Muito.

— Nunca se queixava de meu pai?

— Nunca!

— Nunca lhe contou que elle lhe batia, que a arrastava no assoalho e que a prendia pelas tranças aos puxadores da commoda grande do oratorio?!

Rôla perguntou, num arrepio de espanto :

— Como é que você sabe?!

— Ah!...

Houve uma pausa de silencio, em que se ouvia

bater o coração de Ruy. A noite ia cahindo, já as nuvens de fogo se tinham desfeito em cinza e a viração encrespava a infinita superficie das aguas. Na meia sombra, a praia descrevia um semi-circulo alvadio e longuissimo. A voz do mar engrossava, engrossava...

— Vamo-nos embora, Ruy. E' noite...

— Então é verdade! é verdade!

— Não! E' mentira! é mentira! Não foram os máos tratos que puzeram sua mãi no hospicio; foi a sua má sorte: a sua ruim estrella! Quem lhe contou essa historia das tranças? Fosse quem fosse, fez uma má acção!

— Quem me contou não tem nome: foram as minhas conjecturas, foram as sombras do meu quarto, foi uma voz indistincta de queixa e de agonia, que ficou errando pela minha casa... Haverá nisto tambem uma reminiscencia da infancia? Poderá a minha memoria vêr ainda de joelhos, aos pés do oratorio, uma mulher pallida, amarrada pelas tranças, toda retorcida e inundada de lagrimas? Do meu berço, teria eu sentido os gemidos que eternamente sinto cravados no ouvido? Não sei. Nenhuma lingua humana articulou ainda diante de mim accusações que justifiquem esta certeza, que a senhora agora confirmou com o seu espanto e a sua pergunta.

— E' noite, Ruy! Vamo-nos embora! Estou com frio! Que imaginação a sua! Está creando fantasmas para seu martyrio. Eu não confirmei nada... Eu não sei nada. Seu pai ama-o. Seu pai é bom.

Rôla não tivera coragem de olhar para o moço,

mas, mal agora lhe pousou a vista em cima, estremeceu. Elle chorava.

Ao principio ella não atinou com que dizer. A lingua entorpecia-se-lhe; teve desejos de colher com beijos maternaes aquellas lagrimas silenciosas. Na sombra, a lividez de Ruy, os seus grandes olhos escuros illuminando as faces longas e murchas, trazia-lhe á lembrança a figura da pobre D. Angela, nas crises do seu desespero mudo e sem remedio.

— Seria só por ciumes?... perguntou Ruy.

— Talvez... disse Rôla, engasgada e confusa.

— Naturalmente... E hoje meu pai é um homem... bom...

— Perfeito não ha ninguem, Ruy, e quando se é moço o genio é desigual, e faz-se muitas vezes soffrer as pessoas a quem só se desejam felicidades...

— A senhora nunca foi assim...

— Eu sou mulher...

— Mais um momento, Rôla, e não repita a ninguem o que lhe vou dizer! Tenho por meu pai, a par de muito amor... muita aversão!

— Ruy!

— E' a verdade. Isto tem por força origem em um facto remoto, que não posso determinar, mas de que por certo fui testemunha. Arrancado talvez por elle dos braços de minha mãi, assisti inerte a alguma affronta que a humilhou. Não é crivel que eu me lembre della, mas é certo que a sua alma torturada se prolonga na minh'alma e que tenho a convicção de a ter visto soffrer...

— E' impossivel! Você tinha apenas dois annos, quando D. Angela morreu!

— Rôla, a confissão que lhe fiz é tremenda. Ha alguma cousa no fundo da minha consciencia que incessantemente clama por justiça. Dir-se-ia que debaixo da terra os ossos da pobre martyr esperam que se cumpra...

Rôla interrompeu as palavras do moço, tapando-lhe a boca com os dedos gelados, ao mesmo tempo que dizia num timbre de voz alterado pelo espanto:

— Cale-se!... Vamo-nos embora! estou com muito frio... muito frio!...

Elle não respondeu. Aspirava com força o ar, que parecia faltar-lhe.

Sem coragem para repellir com energia as idéas do moço, Rôla disse baixo, na meiguice de um conselho:

— Esses pensamentos insensatos podem cavar a sua sepultura; deixe ao tempo esse serviço e não seja cruel para com seu pai...

— E, afinal, a senhora não me disse nada!

— Que poderia eu dizer?

— A verdade inteira.

— Você é um rapaz intelligente e instruido, eu sou uma ignorante; não acharia palavras que o convencessem... para mim tudo isso são sombras e enredos da imaginação. Hão de passar com o tempo.

Seu pai adora-o, seu pai é um bom pai, o seu melhor amigo; não deve desconfiar delle nunca, e tenha certeza que tudo quanto elle faz é para o seu bem... E' tudo quanto eu posso dizer!

— Diga que é tudo quanto quer dizer. A senhora conhece a historia de minha mai... foi sua amiga intima... porque tem evitado sempre fallar-me della? Por que se oppõe ao meu casamento com Adda, quando diz e eu sinto, que é tão minha amiga?

— Opponho-me ao casamento de Adda porque ella é uma pobre enjeitada, sem dote, sem nome e de uma sociedade muito differente da sua. Seu pai empurra-o para uma situação brilhante. Adda seria um estorvo...

— Que razão!

Começaram a andar, mas logo Rôla, precipitando os passos, tropeçou nas saias. Ruy amparou-a.

— Dê-me o seu braço; conheço bem o caminho e tenho melhor vista... Fui imprudente; eu não lhe deveria dizer nada... mas este segredo era tão grande para mim só!

Supponha que foi um delirio de febre... e não se associe ao meu desespero, para que não ha remedio!

— Ha remedio, sim : o bom-senso. Não procure penetrar num passado que você não conheceu e que foi melhor do que pensa...

— A senhora está tremula... descanse um pouco... e saiba que é mais forte de alma do que eu julgava...

— Por que?

— Odeia meu pai, e defende-o!...

— Está enganado. Eu não odeio ninguem... Mas como ficou escuro depressa!... Emquanto não rompe o luar, as noites na praia são tristes... principalmente as de inverno... Adda deve estar com cuidado em mim...

— Rôla, a senhora quer dar-me uma prova de

que tudo quanto eu lhe disse, não passa, a seu vêr, de imaginação?

— Quero.

— Consinta que Adda seja minha mulher... annuncie amanhã o nosso noivado a toda a gente! As razões que allegou são infundadas...

— Não... que idéa...

— Ah...

— Bem sabe que isso não depende de mim!

Tinham chegado abaixo. Rôla voltou-se para umas casas de pescadores no sopé da colina. Vio luz na do João Sérvulo, e na do Lino alguem afinava um violão. Impulsionada por uma piedade que a entristecia, apertou carinhosamente o braço de Ruy, um braço fragil, magro, em que ella não tinha confiança, e disse:

— Você acredita gostar da Adda, mas não a ama tanto que lhe perdôe os defeitos. E' precizo esperar...

— O que eu não lhe perdôo é a belleza... porque tenho medo!...

— Disso ella não tem culpa!

— Tem. Adda cultiva a sua formosura como uma flôr preciosa! A senhora bem sabe...

Passavam rente ao telheiro do Conceição, quando um vulto se desdobrou lá de dentro e veio atravessar-se diante de Rôla e do moço, olhando-lhes de perto para a cara.

Ruy estremeceu. Rôla sorrio: reconheceram ambos o mudo, com o seu largo carão côr de terra, os seus olhinhos curiosos e aquellas orelhas enormes, amollecidas pelo cansaço de um esforço nunca satisfeito.

III

Eram sete horas da manhã quando Ruy saltou da cama, despertado pelos repiques do sino da Igrejinha. Enfiou-se no seu roupão de banho e sahio para a sala de jantar, gritando pela criada que lhe arranjasse o café. O pai estava alli, sentado perto da janella, lendo um jornal.

O coronel Mangino, que toda a gente das cercanias se contentava de intitular — o pai de Ruy, — era um homem de cincoenta annos, magro e pallido, de olhos gateados, boca séria, orlada de um bigodinho fino e umas barbicas grisalhas que se estendiam desde o queixo até ás orelhas, como uma vegetação de musgo secco, ligeiramente crespo. Tinha a testa quadrada, muito lisa, e uma cabelleira curta, sedosa e farta. A sua expressão habitual era sombria e grave, mas as suas mãos estreitas e macias como mãos de mulher, quebravam-lhe a rigidez da compostura pela assiduidade dos movimentos, que parecia que-

rerem estrangular cousas invisiveis que colhessem no ar...

Quando Ruy se curvou para tomar-lhe a bençam, elle contemplou-o muito demoradamente e depois disse :

— Você passou mal a noite. E' preciso perder esse costume de ler até tão tarde...

— Li até a uma hora, só...

— Até ás duas horas e vinte e tres minutos. Eram duas horas e vinte e tres minutos quando você apagou a vela. Olhei para o relogio — para saber. Não gosto disso; você não tem saude para essas cousas !

— Mas papai, eu passo admiravelmente !

— Sim, parece... mas eu é que vejo como você está magro.

— Isso não quer dizer nada. Tambem o senhor não é gordo...

— Sim... sim ! olhe; esses banhos de chuva tambem não me agradam nada !

— Porquê? pois elles são magnificos. Toda a gente no Rio de Janeiro toma banhos de chuva !

— Pois não são os mais proveitosos. Preferiria que experimentasse os banhos de immersão.

— Esses só quentes.

— Ou mornos. Tome os banhos mornos.

Ruy, para disfarçar a sua impaciencia, gritou de novo pela criada :

— Então, Antonia, o café? e voltando-se para o pai :

— Não sei como o senhor não me prescreve tambem o matte em vez do café !

— E não seria asneira nenhuma. O café é um excitante... Mas agora outra cousa : Você vai logo á festa do senador Guidão?

— Não tive convite.

— O convite está ahi. D. Delfina tambem fallou commigo. E' bom ir. Você não escrupulisa na escolha das companhias. Aquella é uma gente séria, de posição. Não gosto nada de o saber mettido em casa da Rôla ou em passeios, como hontem, só com ella na Igrejinha...

— O senhor é injusto. Rôla é mais estimada do que suppõe. Toda esta pobreza a adora, e os ricos tambem. Aposto em como vou logo encontral-a em casa do Guidão. Eu gosto della porque a acho intelligente, porque se presta a ouvir-me com tolerancia, porque é trabalhadeira e porque é honesta.

— Só lhe faltava essa qualidade. A Rôla honesta ! exclamou rindo o Coronel.

— Que se sabe della? Que trabalha como uma negra para sustentar-se e á filha. Quanto ao seu passado, está tão longe e tão redimido !

— A mácula ficou. Nem sei como o Guidão a recebe. E' das taes facilidades desta terra... Sabe porque lhe puzeram o nome de Rôla, que pegou para sempre? Porque quando o moço que a raptou da casa do tio, fugio... ou morreu... ou fingio que morreu, ella vestio-se impudentemente de lucto, como uma verdadeira viuva. Era a saudade viva e sem recato. Aposto em como ainda chora por elle...

— Ainda. Foi uma grande paixão.

— Qual paixão ! O tio, coitado, educou-a como filha.

— Não; como orphã, por esmola de um collegio. Ella deve a sua instrucção á caridade.

— O pobre homem não tinha meios para pagar-lhe mestres, mas quando a vio mocinha tirou-a do collegio.

— Porque então, ella já lhe poderia prestar serviços em casa.

— Foi ella quem o informou disso? perguntou com ironia o Coronel.

— Não; foi o João Sérvulo. Rôla não allude ao seu passado, nem mesmo quando eu lhe peço que falle de minha mãe... O seu peccado foi talvez uma illusão de criança. Haverá quem não erre na vida? Ainda ella foi castigada. Outros ha que ficam impunes. Então, Antonia, o café!

Lá fóra os sinos repicavam, vibrando no ar limpido da manhã com uma alegria de festa.

O Coronel calara-se, voltando á leitura concentrada do seu jornal, emquanto o filho engulia o café a goles pequenos, com o olhar perdido num pensamento errante :

— Quem teria dito ao pai que elle estivera na vespera sósinho com a Rôla no outeiro da Igrejinha, se a unica pessoa que os vio fôra o mudo? Ah! teria esse homem de lingua emperrada poder de transmittir aos outros os seus pensamentos só pelo olhar? Não era a primeira vez que um facto occorrido só e só diante delle, considerado como *ninguem* por toda a gente, corria de boca em boca num sussurro crescente, até ficar conhecido dos proprios gatos e cães! O mudo... o mudo... aquelle carão de caboclo azinhavrado nas rugas molles, aquellas orelhas enormes...

e aquelle cheiro de salsugem, imprimiam-lhe á alma um arrepio de medo infantil, quasi fantastico!

Tia Antonia, que voltara para a cozinha, batia com as tampas das cassarolas, atabalhoando o serviço, para se fazer sentir em casa. Quando ella vio passar Ruy no seu turco felpudo pelo pateo, a caminho do banheiro, atravessou-se-lhe diante supplicando :

— Nhonhô, peça a papai para almoçar hoje mais cêdo, que sua negra véia qué ia á festa!

— Irás á festa, Antonia; mas agora dize-me: para quê?

— Uê!! p'ra rezá...

Ruy não respondeu e foi pensando : Talvez ella tenha oitenta annos... talvez tenha cem... e ainda espera alguma cousa... rezar é pedir, é o anceio por um bem ambicionado... Aquelle caco humano, cujas fibras me parecem todas despedaçadas, ainda não se deshabituou de desejar... Não haverá então idade em que o supplicio de querer tenha fim? Até á hora da morte viveremos com a alma só voltada para o futuro? Todos? Todos?!

Nesse instante a doce visão de Rôla atravessou-lhe o espirito e elle pensou : — porque terá meu pai tanto odio della?

Quando, duas horas depois, sahio de casa, já pela collina da Igrejinha começava a subir a romaria dos fieis. Foram dos primeiros Flaviano mais a familia da noiva. Maria Adelaide, com um vestido branco em que esvoaçavam fitas solferinas, o cabello suspenso num topete a que não estava affeito, os dedos curtos

enfeitados de anneis de pechisbeque, acompanhava o noivo, como um cãosinho o dono. Atrás della a mãi, a viuva Tobias, gorda e amarellada, marchava, bamboleando-se como uma canôa, entre as outras filhas, duas meninas espigadas, de narizinhos palpitantes e olhos curiosos.

Flaviano comboiava o rancho com a autoridade do unico homem da familia, exercida menos por palavras que por severidade de gestos. Parecia mais escuro, engasgado num collarinho branco e uma gravata côr de papoula, que lhe realçavam as maxillas de onça. Vaidoso da noiva branca, que lhe tinha cahido na rêde como um peixinho inexperiente, elle dava-se ares de superioridade, para retêl-a na sua submissão de mulher, que é a unica verdadeira. Elle não sabia fallar de amor, mas sabia dizer : — eu quero ; faça.

Maria Adelaide conhecia o noivo desde a infancia : tinha se sentado com elle no mesmo banco da escola publica. Elle não passára do segundo livro de leitura ; ella avançára intrepidamente até ao ultimo, mas sempre camaradas, tratando-se por você. Depois de uma temporada de férias, mudaram de caminho e perderam-se de vista.

Quando se tornaram a encontrar, o pai della, carpinteiro, tinha morrido ; a mãi, carregada de filhas, suspirava por um genro que a alliviasse da carga. Flaviano prestou serviços á familia cahida em miseria e apaixonou-se pela antiga condiscipula. Ella não o repellio. Influenciada pela lembrança do mesmo banco do collegio, da licção commum, da igualdade de prin-

cipios, achou natural que as mesmas prerogativas de sêres livres predominassem até ao fim, até á comparticipação do mesmo leito e talvez da mesma sepultura...

As irmãs, mais espertas, com uma pontinha mais viva de independencia, motejavam ás vezes, ás occultas da mãi, daquelle casamento, levantando os beiços em caretinhas de repugnancia. Embora mais velha, Maria Adelaide era mais ingenua que as outras e ia-se deixando levar...

No alto da encosta, ao darem volta á Igreja, esbarraram com o João Sérvulo, de opa côr de tomate fluctuando á viração forte do mar, e a Fortunata em conversa com o Marcos pescador e a mãi, D. Conceição, uma velha portugueza vermelhaça e ruiva, carregada de ouros no pescoço, no peito e nas orelhas.

Flaviano sentio um baque no peito. Desagradava-lhe o encontro, não sabia porquê. Os olhos de Marcos não pararam nelle; foram logo direitinhos a Maria Adelaide; Flaviano voltou-se, mas a noiva, vermelhinha como uma rosa, tinha abaixado os della para a areia do chão.

Bimbalhavam os sinos, voavam no ar limpido os galhardetes e as flammulas festivas. No infinito azul das aguas infinitas não havia nem sequer um ponto de embarcação. O céo sem nuvens arqueava-se sobre o mundo, como uma redoma enorme de turqueza liquida, traspassada de luz.

— Repare, gente, como a Hortensia vem bonita! exclamou Fortunata, acenando para a filha do pescador Lino, que alli ia com o pai a caminho da

Igreja. Elle muito alto, grisalho, ella com os cabellos loiros rutilando ao sol e um alegre brilho nos olhos azues.

Fortunata suspirou alto :

— Eu só queria que você cantasse hoje, Hortensia, para essa gente da cidade ficar toda pateta!

— Uê! coitada de mim... quem sou eu!

— Ruy diz que você é a Bonança!...

— Fantasias do Ruy!

João Sérvulo, com a opa a fluctuar-lhe no corpo magro de ave pernalta, disse que seria bom irem tomando lugar na Igreja. Flaviano não esperou segundo aviso, e mais carrancudo, mordido por ignorada vespa, fez signal á noiva que o seguisse. Ella passou rente ao Marcos que, muito mais alto, todo se curvou para sentir-lhe o cheiro dos cabellos lustrosos.

Com uma voz argentina, de inegualavel timbre, a Hortensia fallava, olhando para o mar :

— Graças que chegou o dia dos peixinhos poderem nadar na beira da praia sem medo nenhum... os remos estão descançados, as rêdes enxutas...

— Do que você se foi lembrar : dos peixes! interrompeu Fortunata rindo; e depois : vamos, que ahi vem o Ruy, e conversa puxa conversa, não se acha depois lugar lá dentro!

Chegado ao alto, Ruy não entrou na Igreja, quedou-se á espera, olhando para o caminho. Vestidos alegres tachonavam a encosta de tons de papoula e boninas campestres. *Ella* ainda não apparecia; caminhou então para a frente, olhando para o horizonte

largo. Que manhã, que doçura! dir-se-ia a infancia do mundo, tal a pureza do mar e do céo sem uma sombra! Por um momento o seu espirito inquieto repousou deleitado naquella grande paz. Pareceia-lhe que se a vida fosse sempre assim, o homem poderia viver mil annos sem sentir jámais o vinco da lagrima, a pulsação do esforço, a agonia do suor ou o amargor da saudade. Maio formoso despejava no ar um fluido de suave repouso, que adormecia na alma o soffrimento. Resoavam fóra os canticos da Igreja, e uma gaivota pairava no ar sobre a sua cabeça, como a glorifical-o na natureza harmoniosa.

A abstracção foi curta. Uma voz chamou-o. Era a de D. Delphina, mulher do senador Guidão, que ia com a filha solteira, a impassivel D. Leonor dos olhos grandes, e pedia a sua companhia para ajudal-as a entrar na igreja, já repleta de povo. Ruy teve de abrir caminho até fazel-as passar para a capella-mór, e, só depois de mal ou bem as ter accommodado, foi que procurou ver a filha adoptiva de Rôla, essa formosa Adda, que não lhe sahia um instante do pensamento.

Não procurou muito tempo. No meio de um bando de véus brancos e de grinaldas de rosas de commungantes, ella rezava de joelhos, com o seu lindo perfil levantado para o altar. Entre o grupo pallido das virgens veladas, a sua figura resaltava num destaque sensual, com o seu vestido escuro degollado mostrando-lhe o pescoço roliço e branco, todo nú, o cabello negro e abundante enrodilhado na nuca num rolo traspassado por um prego doirado e um enorme

ibisco escarlate sangrando-lhe o peito, arredondado, feito para o amor. Parecia uma Venus de joelhos, castigando a sua carne de peccado, e redimindo a sua alma no anceio desesperado das supplicas catholicas.

— Que pedirá ella a Deus? pensou Ruy, sem despregar os olhos do seu bello rosto extatico. Pedirá que eu a ame ainda mais? que os nossos destinos se unam depressa e para sempre? Toda aquella contricção, todo aquelle enlevo nascerão do amor que me tem, este amor que é a nossa tortura e a nossa maior... a nossa unica felicidade?! Nada a avisará de que eu estou aqui? Não... nada... ella percebe só que está linda e deixa-se contemplar naquella attitude, tão em desaccôrdo com o seu typo de deusa pagã... Como meu pai se riria se a visse assim...

O Coronel Mangino costumava dizer que Adda era só artificio, o proprio fingimento em fórma de mulher.

Ouvindo tal, Ruy revoltava-se, rompendo em protestos que a defendiam, mas no fundo do seu espirito ficava alguma cousa dessa accusação : a duvida.

Ninguem em Copacabana sabia de quem era filha essa Adda, enjeitada á porta da Rolinha, em uma triste noite de chuva. Os pescadores antigos do lugar conheciam-n-a de pequenina, quando ainda de gatinhas se arrastava na praia, á vista cautelosa da sua mãi adoptiva. Todos elles tinham sentido nos braços o seu peso, a todos tinham puxado os cabellos as suas mãosinhas trefegas. Todavia, á proporção que ia crescendo, e se ia embellezando, essa creaturinha sem origem, tomava ares de filha de doutor, como

elles diziam com resentimento e desdém. Mesmo as suas companheiras de infancia, nascidas e criadas no mesmo bairro, a Maria Adelaide e a Hortensia, eram agora evitadas por ella, que pendia toda para a D. Leonor, filha do ricaço Guidão... Afinal, a Maria Adelaide, orphã de carpinteiro, era noiva de um pescador mestiço; e a Hortensia fazia rêdes cantando para ajudar o pai! Ella insinuara-se, não se sabia como, em casa do senador Guidão; herdava os vestidos da D. Leonor, que chegava a leval-a ao theatro e a outras festas comsigo. Se Adda fugia dos humildes, Rôla conservava o seu lugar entre elles. Era a medica dos pobres, com a sua caixa de homœopathia sempre prompta; e, quando Deus queria e o tempo lhe sobrava, servia-lhes de enfermeira...

Em baixo do pulpito e encostado á parede, o pescador Marcos não tirava os olhos de cima da Maria Adelaide; por duas vezes a moça o fixara tambem, rapida e furtivamente; mas o noivo estava a seu lado, de sentinella, e ella retrahia-se logo, assustada, apertando os dedos entrelaçados, em que luziam as pedrinhas falsas dos anneis dos turcos. Desfiava Padre-Nossos, sem pensar no que fazia, machinalmente. Por seu gosto, voltar-se-ia de todo para esse pescador branco, que a comia com a vista, e era por certo muito mais interessante do que o Flaviano, seu noivo... Quando se levantou, findo o officio, tinha os joelhos magoados e uma tristeza no coração. O noivo parecia ter adivinhado qualquer cousa e acercou-se della carrancudo. Maria Adelaide teve então vontade de fugir e metteu-se, calada, pelo grupo das mulheres

dos pescadores — a Fortunata, desembaraçada, fallando a toda a gente; a mulher do Rufino, com o seu rancho de creoulinhos, e a filha do Lino, a doce Hortensia, que a acolhia sempre tão bem. A mãi e as irmãs chamavam-n-a para o seu lado e ella fingia-se surda, queria rodear-se de outra gente, fugir do Flaviano, certa de que, dentro do peito delle, roncava trovoada, prompta a desabar sobre ella...

Ao sahirem da igreja, vio Marcos ao pé da porta. O seu vestido roçou nos joelhos delle, os seus olhos de cordeiro manso levantaram-se para o seu rosto queimado do sol e dos ventos do mar. Elle tinha um ar triste e luminoso ao mesmo tempo; ella empallideceu, como se lhe dera uma vertigem.

Fortunata propunha : — Vamos ficar aqui um bocado, para ver as moças de Botafogo?... Vocês estão reparando? Para estar todo o pessoal da *Guanabara* — falta só *seu* Freitas, *seu* Baptista e o Rubião... A gente da *Cruzeiro* tá quasi toda tambem... Só Pedro mudo não deixa os peixes em paz nem em dia sagrado. Está lá sósinho nas pedras... Lá vem Rolinha com a gente do Dr. Guidão...

Flaviano commentou :

— Disseram que hontem ella foi apanhada aqui sósinha com o Ruy...

— Apanhado é peixe; não venha já com malicia, exclamou Fortunata, offendida. Tá vendo, João Sérvulo? ninguem escapa á lingua do mundo... D. Rôla é uma santa !

Flaviano respondeu :

— E' mulher.

— Que novidade, gente! Ser mulher é crime?!

— A mulher é perdição do mundo.

— E o homem é a tentação do diabo!

— Quando a mulher não é séria deve ser morta aos bocadinhos, como tatuhy para iscas de cação!

Houve uma gargalhada. Só Maria Adelaide baixou para o seu vestido branco a vista toldada por uma nuvemsinha triste...

— Sabe que mais, Maria Adelaide? — aconselhou Fortunata, alto, com a sua franqueza sã : Eu se fosse você procurava outro noivo, mais socegado. Flaviano pensa que mulher é sardinha e que é tão facil passar a navalha em uma como em outra. Livra! Até estão fazendo a gente peccar com estas conversas depois da missa! João Sérvulo tá com cara de fome, adeusinho. Até logo de tarde para a procissão!

Voltando-se para um pescador negro que viera á festa com a mulher e os filhos endomingados e tezos, continuou sacudidamente :

— Compadre Rufino, o senhor vai comnosco mais a comadre Rosa. As crianças têm cama, têm leite, tá tudo prevenido.

— D. Maria da Conceição, disse ainda dirigindo-se á mãi do Marcos : — não faça cerimonia! quando quizer descansar, minha casa está ás ordens. Até logo pr'a todos!

A pouco e pouco foram descendo os fieis. Só Maria da Conceição segredou ao filho que ficasse com ella mais tempo alli.

Marcos olhou espantado para a mãi.

— Ficar alli, para que?!

Maria da Conceição não respondeu logo e caminhou para a frente da igreja, postando-se a olhar muito séria e sombria para o mar. O filho tornou a indagar do que lhe quereria ella..

— Quando estivermos sós eu t'o direi ! Espera !

Marcos girou sobre os calcanhares e foi espiar para os lados da praia, a vêr se lobrigaria ainda ao menos um esvoaçar das fitas da Maria Adelaide. Entretanto, os fieis iam descendo e o outeiro em cima ficando deserto. Quando se vio só, Maria da Conceição chamou o filho, fêl-o sentar-se no grammado do chão, a seu lado, e depois de um instante de preparo, fixando nelle os seus olhinhos azues, de ruiva, disse-lhe, com amargura :

— Tu gostas da Maria Adelaide !

O rapaz córou subitamente ; depois, os olhos encheram-se-lhe de agua e elle abaixou a cabeça.

Maria da Conceição, estendeu a sua mão curta e engilhada, mais pelo trabalho do que pela idade, segurou na mão calejada e comprida do filho e ficou-se a contemplal-o, com pena.

Toda ella faiscava ao sol, nos seus ouros bem limpos e abundantes : as arrecadas das orelhas, os cordões do pescoço, os corações enormes de filigrana que se lhe espalmavam no peito sobre a casemira preta de um casaquinho sem abas, até nos cabellos ruivos, enrolados em tranças apertadas na nuca.

Marcos contemplou-lhe o rosto longo, sulcado de rugas e perguntou :

— Como foi que a senhora percebeu?...

— Olhando para ti. Sabes que não olho para mais

ninguem; mas, filho, é precizo mudares de tenção. A pequena tem dono. E que dono!

— Ella não gosta delle.

— Hein?

— Ella não gosta delle.

— Cala-te; é sua noiva, deve querer-lhe bem.

— Teme-o.

— Cala-te. Vem fazer commigo uma promessa a Nossa Senhora. Vamos pedir-lhe, de joelhos, meu filho, que te faça esquecer essa paixão...

— Não quero. Prefiro soffrer. Ella não o ama, ainda poderá ser minha mulher...

— Como sabes tu isso? Ella disse-t-o?

— Adivinhei-o, mãi. Ella nunca me fallou.

— Adeus! adivinhaste! Pensas uma cousa e ella é outra. Se o Flaviano, aquelle bóde excommungado, sabe que lhe cobiças a noiva, mata-te!

— Que mate.

— E eu?

— A senhora é mãi, me perdoará.

— E' o pago que me dás!

— Mas o que é que a senhora quer que eu faça?! respondeu elle quasi gritando.

— Quero que me promettas que nunca mais has de olhar para ella, nem lhe passares á porta, nem andares em companhia da sua gente...

— Que mais?!

— Que venhas commigo fazer na igreja uma promessa, para a esqueceres.

— Prefiro morrer com ella no coração.

— Lembra-te de que o noivo é um pescador como tu!

— Só isso, mãi, só isso é que é a desgraça...

— Um pescador não quer a infelicidade de outro pescador.

— Não, não póde querer!

— Bem vês que tens de mudar de idéa.

— Oh, mãi!

— Já me tens dito que um pescador é como um irmão de outro pescador. Então não has de ser como Caim... Deixa a rapariga em paz...

— Sabe? a senhora não lucrou nada com dizer-me essas cousas... antes ficasse calada. Eu não vou dizer á moça que gosto della... mas gosto... não sei por que... nem como foi... ella tambem gosta de mim... o resto é com Deus!

— Ou com o diabo!

Ao dizer estas palavras, a portugueza sentio bafejar-lhe á nuca um sopro quente, como o halito de um animal. Voltou-se assustada. Atraz della estava o mudo, agachado, de orelhas pendentes, como para guardar lá dentro o que tivesse ouvido.

— Arre! que bruto! exclamou ella com máo humor.

Marcos aproveitou a occasião para levantar-se e depois de sacudir-se, como se quizesse enxotar qualquer bicho importuno de sobre o corpo, disse:

— Vamo-nos embora; voltaremos para a procissão. Lembre-se, mãi, que eu não lhe prometti nada!

— E tu, lembra-te do que eu te disse!

Emquanto os dois desciam, o pescador na frente, com largas passadas, a mãi atraz pensativa, Pedro mudo atirou-se na relva, de bruços, grunhindo como um porco para o azul do mar e do céo.

IV

A procissão vinha descendo pela encosta da igrejinha até á praia. As chammazinhas dos cirios, carregados por irmãos de opa, ladeavam com linhas de reticencias luminosas os anjos apatetados, com azas de pennas pintadas nas espaduas e corôas de pechisbeque na cabeça. Antes e depois do palio, virgens enfastiadas, de saias escorridas e andar molle, levavam sem poesia o mysterio do véo, que lhes escorria dos cabellos chatos até á barra das saias, batidas pelos calcanhares. Na frente, um sacristão de olhinhos redondos, tangia a sineta, emquanto um outro sacristão de faces verdes balançava o thuribulo de que se evolavam pequenas espiraes opalinas e rescendentes.

A tarde, de setim, tinha a serenidade da crença que nenhum argumento abala ou nenhum soffrimento perturba. Era uma dessas lindas horas de Maio, que na sua curta duração infundem na alma o sentimento da eternidade...

De pé, prendendo o filho pela mão, a Fortunata fazia exclamações, chamando a attenção das mulheres dos pescadores para os detálhes da festa :

— Gente ! reparem para o filho do Jeremias, como vai bonito !... D. Rôla tem muito geito; foi ella que fez o vestido da Dudú. Tambem não sei que esperam estes pescadores que não dão um manto novo á Nossa Senhora... caínhas como elles só...

A procissão serpeava agora vagarosamente por um trecho da planicie. As virgens e os anjinhos, de olhar estupidificado, arrastavam-se sem rythmo, num abandono da vontade, e no azul uniforme e suave da tarde as chammazinhas dos cirios tremulavam pallidas, derretendo a cêra que escorria em fios grossos.

Atraz da procissão, a mãi de Marcos caminhava de vagar, reluzindo ao peso dos seus ouros e murmurando orações a meia voz. Ao lado della ia o filho, muito alto, com os cabellos ao vento e os olhos fitos adiante, nas fitas solferinas da Maria Adelaide, fitas que o vento fazia esvoaçar, atirando-lhes as pontas livres para as costas do Flaviano, como para enlaçal-o desde essa hora á noiva, hirta como as imagens dos andores, que não volvem o rosto para lado nenhum... Dir-se-ia que essas fitas vermelhas se reflectiam nas desbotadas pupillas de Marcos como traços de odio sanguinolento... A seu lado a mãi precipitava a alma em rezas e supplicas, offertando corações de cêra ao altar, pela extincção daquelle amor, que ella via nascer com tanto impeto !

Tinham corrido os moradores do lugar a ver a procissão. O pescador Lino, alto, branco e espadaúdo,

seguia a filha de perto, cauteloso. Com o seu ar desanuviado, o vestido de chita muito bem lavado, os cabellos alourados presos no alto, em fórma de diadema, ella daria a quem só attentasse no seu rosto, a impressão da adolescencia mais promissora, desabrochando sem febres nem anceios, como funcção natural da vida.

A familia do Dr. Guidão tambem se dignara vir do Ipanema para acompanhar o cortejo religioso; mas D. Delphina e Rôla tinham-se quedado no alto da igrejinha, emquanto o grupo das moças e dos rapazes seguia a procissão, entre rizadinhas e cochichos, de que não comparticipava a D. Leonor dos olhos grandes, que se conservava silenciosa e séria.

Uma amiga da cidade, a Yayá Serra, de pulseiras tilintantes c quadris postiços, fazia espirito á custa dos pescadores e espicaçava com ditinhos picantes um sobrinho já moço de D. Leonor, fascinado pela belleza de Adda...

Esse sobrinho, neto mais velho do Dr. Guidão, e só um anno mais moço que a tia Leonor, cursava em S. Paulo os seus estudos academicos, e só por acaso se encontrava no Rio. Adda fôra-lhe apresentada nessa tarde e logo a Yayá Serra, com um faro de loba, percebeu que o rapaz ficara impressionado e entretinha-se maliciosamente a provocar-lhe uma declaração... Eduardo Guedes, o Eduardinho, como todos o chamavam, aceitava risonhamente as insinuações, até que Ruy, muito pallido, se approximou do grupo e caminhou ao lado de Adda, a quem fallou, baixinho :

— Por que trazes um vestido assim tão degollado? !
— Porque é moda...
— Mas... na tua idade... nem todas as modas vão bem...
— Pois olha, ha até quem diga que o meu pescoço não é feio...
— Vaidosa!
— Sempre a mesma palavra; até parece que não sabes outra!
— Não é a que mais te tenho dito... Vais logo á casa do Dr. Guidão?
— Por força.
— Dançarás?...
— Tambem não gostas de me ver dançar? !
— Não...
— Mas, Ruy, o nosso amor não é um convento!
— Eu assim o queria! Aposto em como já tens par... E elle olhou de soslaio para o Eduardinho.
— Sim, já tenho, até á terceira quadrilha...
Preferirias que ficassemos conversando num cantinho da sala, como da outra vez? !
— Sim...
— Para teu pai me comer com os olhos e desfeitear-nos, a nós dois?
— Meu pai desta vez não irá á festa...
— E' o que pensas. Elle diz que não; e quando a gente menos o espera é que elle apparece. Faz de proposito... eu tenho um medo delle!
— Pelo amor de Deus, Adda!...
— De mais a mais não tens nada que me dizer que eu não saiba...

— Oh! Adda, tenho sempre tanto que te dizer! por mais que te falle, que te diga tudo quanto pareço sentir a teu lado, vejo sempre que me esqueci de te dizer alguma... muitas cousas, depois de te ter deixado!

Mas olha para mim! nunca olhas para mim!... Toda a gente sabe que te amo e que me amas... Não precizas disfarçar... O nosso amor enche a terra... até as estrellas sabem que nos amamos... Tenho-lhes dito tantas vezes que te adoro! E tu? que lhes dizes? nada... Tu não dizes nada!... Não é assim que eu quero que me olhes. Ha no teu olhar uma distracção qualquer... Em que pensas?

— Qual! isso é sonho...

— Sonho que me alucina e que me mata! Não mordas assim os beiços! elles já são tão vermelhos!

Adda tornou-se séria; elle continuou:

— O que falta para a tua belleza ser perfeita é a serenidade.

— Se gostas de serenidade olha só para Leonor...

Ruy calou-se. Foi ella quem fallou outra vez:

— Até parece que tens raiva de mim...

— Antes tivesse. Soffreria menos.

— Soffres porque queres.

— Soffro porque te amo doidamente!

— Então case-te commigo.

— Tenho medo...

Adda voltou-se com um movimento brusco e contemplou Ruy bem nos olhos. Elle fixou-a sem pestanejar. Estiveram assim um segundo, depois ella rio-se, rematando com ironia:

— Poltrão...

— E' isso mesmo : poltrão. Se eu me casar comtigo viverei jungido ao ciume e ao desespero. Tu não renuncias á tua faccirice; eu não posso renunciar ao ciume que está unido á minha alma como a minha pelle á minha carne. Se é fraqueza não sei, é a verdade. Não te engano. Quando fôres minha mulher nunca mais consentirei que mostres assim o teu corpo a todos os outros homens, com esses decotes indiscretos... sinto que não terei socego... viverei temendo a cubiça de toda a gente, fechar-te-ei a sete chaves, só para mim, só para o meu orgulho e o meu amor!

— Um convento para nós dois!

— Não sorrias. E' assim que eu te amo, Adda... Tu bem o sabes, já t'o tenho dito... e se me amasses, um pouco ao menos, custar-te-ia tão pouco o fazer-me feliz!

— Como, meu Deus?!

— Escondendo... disfarçando a tua belleza... Tens um collo de deusa, nunca o mostres, sóbe as gollas dos teus vestidos, guarda-o só para o teu espelho... A brancura do teu pescoço suggere idéas que me torturam; deves cobril-a...

— Com um habito de freira!

— Não; com um vestido de mulher casta...

— Que mais?

— Procura um penteado mais simples, engrossa essa cintura que tú esmagas, tyranicamente, talha os teus vestidos com menos arrogancia, faze-te modesta, aproxima-te da natureza e approxima-te de

mim, do meu amor eterno, da minha pobreza, da minha quietação!

— Para isso seria precizo...

— Sacrificar o teu corpo á tua alma, a tua vaidade ao teu criterio; mais nada.

— E será pouco?!

— Não, não é; mas comprehende-me, Adda; para poderes ser a minha mulher, a dôce mãi dos meus filhos, a companheira interessada de toda a minha vida de trabalho e de agitação, vida de homem pobre que só em ti acha alento para os seus esforços, deverás ser singela e muito, muito sincera! Oh, se tu me promettesses... se tu me promettesses esse sacrificio!

O olhar de Adda estendeu-se para um ponto indeterminado. Ruy instou:

— Promette-me que farás alguma cousa para conquistar a felicidade futura... sê natural e nunca has de ouvir de mim uma queixa. Tudo se resumirá nisso.

— Mas, Ruy, eu não sei como hei de disfarçar... tornar-me mais feia do que sou...

— Innocente! ah, vaidosa, eu estava esperando essa confissão...

— Não será mais justo eu pedir-te que sejas menos ciumento?

— Não posso...

— Pois eu serei mais forte; tentarei fazer o que me pedes.

— Pensa primeiro.

— Tentarei.

— Pensa ainda mais!

— Mas se eu não conseguir o que desejas?

— Conseguirás se a tua vontade fôr decidida.

— E depois?...

— Casar-nos-emos.

— Sem o consentimento de teu pai?...

— Com o seu consentimento.

— Duvido!

— Não duvides; o essencial é que cumpras o que me prometteste agora... Sei que deve ser doloroso esse sacrificio, mas sei tambem que de tudo é capaz uma mulher que ama. Eu adoro-te, Adda!

— Falla mais baixo!

— Gostaria de o dizer gritando!

— Estão olhando para nós...

— Que te importa?! tu és a minha noiva...

— Ainda não...

Nesse instante a moça dos quadris postiços, fazendo tilintar os seus berloques, voltou-se e enfiando o braço no braço de Adda disse-lhe, rindo, ao ouvido:

— Isso está escandoloso! O Eduardinho não tira os olhos de você e está alli está desafiando o Ruy para um duello!

A procissão voltava com a mesma lentidão. Ao prestito tinham-se incorporado agora o Bié e a Nita, ambos sujinhos, descalços, carregados de orchideas e de bromelias em flôr. Atrás de todos os anjos enguirlandados de rosas de panno e canotilhos, aquellas duas crianças semi-núas punham no artificio da solemnidade uma palpitação viva da natureza. Vinham do mato. Tinham ido buscar orchideas para os andores, mas a caminhada fôra aspera. O Bié escapara de morrer num charco. Nita resvalara por

uma rocha e arranhara-se toda. Quando regressaram, offegantes já o cortejo voltava para a igrejinha.

Que decepção! As suas flôres não figurariam no andor! Sempre mais audaciosa, Nita puxou pelo Bié.

— Vem pr'aqui!

Mas...

Sem attender á hesitação do companheiro, ella postou-se ao lado de um anjinho lentejoulado, de andar contrafeito pelas botinas apertadas, e diadema de plumas sobre a cabelleira encacheada. Mas a audacia foi logo castigada : a um olhar do padre, o sacristão arredou com violencia para longe das sedas baratas do anjinho os velhos frangalhos daquelles garotos destemidos.

— Para trás, cambada!

E elles resignaram-se a caminhar atrás de toda a gente, levando no corpo e nos cabellos um bafo das florestas percorridas. Os seus olhos ardiam numa expressão de deslumbramento, sem rancor.

Quando Rôla, que esperava no alto a procissão, os vio assim isolados, sujinhos, rotos e carregados de pendões de bromelias e de orchideas, sentio as lagrimas subirem-lhe aos olhos.

Constara a Nita que os anjinhos receberiam confeitos na sacristia, e insinuou-se entre elles, morta por merecer igual recompensa...

A mesma mão que a arredara com violencia da procissão, sacudio-a de novo, emquanto uma voz rugia :

— Fóra daqui! não se conhece?!

Rôla interveio, acariciando os pequenos, promet-

tendo-lhes doces melhores, em cartuxos que ella mesma enfeitaria da lacinhos. Que fossem no dia seguinte buscal-os á sua casa. Ella ainda lhes contaria uma historia nova, muito grande e muito bonita!

A pouco e pouco a multidão ia-se desfazendo em grupos ralos. Véos brancos de virgens fluctuavam em ultimos adeuses á tarde mansa, de volta para casa.

Gente da cidade, depois de pasmar os olhos para a immensidade do mar, voltava as costa á igreja e descia a colina á procura do bond. Tinha acabado a festa e Rôla decidia-se tambem a partir, como toda a gente, quando Bié e Nita, trocando um olhar de intelligencia, lhe depuzeram as flôres aos pés e desataram a correr.

Rôla estremeceu áquella homenagem. Pobres crianças, tão pouco affeitas estavam a caricias, que se tinham enternecido á sua piedade. Levantando as flôres do chão, ella pensou na sorte dessas creaturinhas, criadas na absoluta independencia do ar livre.

Que aprenderia o Bié com aquelle tio mudo, tão aspero e impenetravel? Que amor poderia Nita consagrar á mãi, que a sovava como a um polvo, ao menor pretexto, até deixal-a como morta no chão? Ah, ella era bem culpada de não remediar aquelle abandono. O que valia a esses desherdados eram os pescadores. Quando o mar queria, ninguem tinha fome. Os pescadores têm compaixão. Vira mais de uma vez João Sérvulo dar um punhado de paratys ao Bié... Se ella fosse rica... se ella fosse rica!

Sobraçando as flores com os olhos illuminados de sonhos, Rôla desceu, por fim, a encosta, em que fluctuavam as bandeirolas alegres. Era precizo andar depressa. A pateta da Adda não se lembrava que tinha ainda de dar uns pontos no vestido com que devia ir á noite á casa do Dr. Guidão, e lá se fôra passear com as outras e o Eduardinho... Teria ella de correr para fazer esse serviço á filha.

Rôla morava em um chalet de porta e janella, alugado a meias com uma viuva idosa. D. Ricarda, que a auxiliava nas despezas e lhe fazia companhia, garantindo certo respeito á casa, tanto mais que era inimiga de pôr pés na rua, occupada sempre em coser roupa branca para camisarias e particulares. Nessa tarde, vendo entrar Rôla sózinha, com ar atarefado, a viuva perguntou, com extranheza :

— E Adda !?

— Não deve tardar... anda com a gente do Dr. Guidão... o peor é que ainda tem de concertar o vestido...

— Sempre a mesma condescendencia... aposto em como você lhe vai fazer esse serviço ! e ainda por cima não teme a boca do mundo.

— Não temo, não, D. Ricarda. Que nos dá o mundo em troca do que nos rouba? Sempre que não houver maldade nos actos que practicamos, por que havemos de temer as más linguas? Deixe que Adda goze e se distraia agora ; lá virá o tempo de soffrer.

— Emfim, como ella não é minha filha, não tenho nada com isso...

— Tambem não é minha filha, mas a sua felicidade

me interessa mais do que a minha. Na verdade, ella tem o genio um pouco arrebatado e independente; talvez eu devesse contrarial-a. Mas que compensação lhe daria eu depois, D. Ricarda? nenhuma... Creia que se estivesse em minhas mãos, eu daria felicidade a toda a gente... Olhe : ahi vem ella !

Adda entrou estabanadamente, com as faces em fogo, o olhar preoccupado.

— Mamãi ! depressa, vamos concertar meu vestido. Fui vêr o de Leonor. E' lindo. Vim pensando pelo caminho que é melhor cortar as mangas do meu.

— Você deixa tudo para a ultima hora.

— Mesmo que eu chegue um pouco mais tarde não faz mal.

Rôla foi ao armario buscar o vestido de Adda, herança de D. Leonor. Era um vestido de seda amarella com ramagens de ouro antigo e guarnições de gaze já renovadas pela terceira vez.

Percebia-se na molleza do estofo o cançaço de muitas contradanças e de muitas valsas.

— A senhora sabe da tesoura, mamãi?

— Está aqui, toma.

Adda arrebatou a tesoura, febrilmente e, sem um minuto de hesitação, cortou as mangas do vestido.

— Que é isto, menina ! pelo hombro? !

— Pois então? ! os braços devem ficar completamente nús... disfarço as cavas com tufos de gaze... isto arranja-se depressa !

— Mas, minha filha, olha que não é um baile...

— Não faz mal. D. Maria Guedes vai decotada...

— D. Maria Guedes é uma senhora de mais de trinta annos... de mais a mais muito rica...

— Não quero saber. As mangas já estão cortadas... Agora falta decotar o vestido. Elle precizava mesmo disso, porque a gola está muito encardida.

— Não acho... por meu gosto...

Adda não quiz ouvir objecções; pegou de novo na tesoura e, sem trepidar, talhou o corpete no peito e nas costas.

— Sabe o que nos faz muita falta, mamãi? um espelho grande, em que a gente se veja toda!

— Ha cousas que nos fazem mais falta, filha...

— O que?! perguntou Adda.

— O juizo, sentenciou do seu canto Dona Ricarda.

Adda franzio as sobrancelhas. Rôla continuou:

— Meu amor, é precizo comprehender bem isto; nós somos admittidas no sociedade da familia Guidão, por benevolencia; lembra-te que somos humildes, que somos pobres e que não devemos ter a veleidade de nos apresentarmos vistosamente... como não podemos, visto as nossas circumstancias...

— Lá vem mamãi! pobreza não é vergonha.

— Se fosse só a pobreza...

— Que mais, então?

Rôla calou-se, córando até á raiz dos cabellos; mas a moça não deu pelo embaraço.

Tinha quebrado a agulha e desesperava-se: era sempre assim, quando tinha pressa! Meu Deus! como o relogio andava depressa! E ainda queria metter-se toda n'agua, e ahi estava a noite, e ainda

não tinha acabado de concertar o vestido. Aquelle trapo!

Depressa, depressa!

Ao mesmo tempo que cosia ella pensava:

Ruy vai ficar furioso... mas... eu tambem não lhe prometti principiar hoje mesmo a desfigurar-me... é para despedir-me... depois, se se zangar o peor é para elle... a zanga ha de passar, como das outras vezes... tanto mais que hei de procurar fazer-lhe todas as vontades... todas!... Se me disser qualquer cousa, digo-lhe que não tenho outro vestido... Elle hoje estava tão pallido... que linda voz a delle!... Meu marido... meu marido...

A's dez horas Ruy entrou na sala do Dr. Guidão. Dançava-se. Procurou Adda com a vista; não a vio. Quedou-se num vão de porta. Insinuavam-lhe que valsasse; havia falta de pares. Mas a dança aborrecia-o.

Preferiria estar lá fóra, na praia, ouvindo a Hortensia cantar, e o Rubião pescador acompanhal-a á viola.

Elle fizera umas trovas para a Hortensia: — *a Bonança* — morria por ouvil-as!

A sala tinha um ar burguez, familiar. Escassearam pares, cessou a musica. As physionomias tinham uma expressão expectante, quasi aborrecida.

De repente, a attenção de todos voltou-se para a porta, num estremecimento de sorpreza. Adda apparecia, com o collo e os braços nús, em *toilette* de gala. No meio de todos os vestidos afogados que enchiam o salão, o seu assumia ares de petulancia

e de desafio, pelos seus tons flammantes e fórmas impudicas. De mais a mais todas as senhoras conheciam a origem daquella seda amarrotada, e não perdoavam que de tão molles trapos se expandisse tanta formosura. Correram logo rumores por detrás dos leques abertos. Que falta de pudor! Aquelle disparate de um decote tão atrevido numa simples festinha de arrabalde! E havia risinhos de escarneo por aquellas rendas serzidas e aquelles filós engommados!

Adda parecia não perceber essas malevolencias, passeando a sua carne de setim sob os focos mais intensos da luz. No fundo adivinhava tudo, revoltada contra aquella miseria que a sujeitava a tantos commentarios... A verdade era que se as mulheres olhavam para ella de soslaio, os homens abandonavam as outras para a rodearem de perto, como mariposas fascinadas pela luz.

Ruy contemplou-a boquiaberto, numa paralysia de espanto. Que! aquella mulher seria a mesma Adda, que poucas horas antes, nesse mesmo dia de desespero, respondera ás suas supplicas promettendo esconder, disfarçar a sua formosura provocadora, para se approximar assim da felicidade que elle sonhava?! Aquella mulher, cujos cabellos negros se entrelaçavam de pedrarias falsas, e cuja carne moça se ostentava, até á nascente dos seios bem desenhados, a todas as vistas, seria a mesma creatura em que elle encarnava o seu melhor sonho de felicidade? O egoismo da belleza seria nella mais poderoso do que o amor, ou o amor não seria nenhum?!

Ruy, abalado por um accesso de raiva que o fazia tremer, via Adda passar e repassar pelo braço do Eduardinho Guedes, neto dos donos da casa, seguida por outros rapazes, que a disputavam para as valsas, fixando-lhe o collo, sem disfarce. Ella, sim, é que fingia não vêr o Ruy, evitando-lhe o olhar, por temer a censura; até que elle, desesperado, abandonou a festa.

Tinha um soluço preso na garganta, abafava. Andou beirando a praia. O mar estava tranquillo. Tomou por fim o rumo de Copacabana. Na enseada da igrejinha o pessoal das canôas conversava rindo. Prolongavam a fes ta do dia.

Estrangulado pelo desespero, Ruy tinha impetos de caminhar, caminhar para diante, entrando pelo mar sem fim. Sentia bem que aquella mulher o levaria á morte; mais valia precipital-a. Na terra as suas almas não se encontrariam nunca. Não acabara elle de ter disso uma prova definitiva? Tres horas depois de lhe ter promettido fazer-se simples, socegada, modesta, não entrara ella com tanta arrogancia e tão consciente dominio num salão familiar e pacato? Se aquillo era uma manifestação de pouco caso pelo seu amor, tanto peor para ella. Elle agora saberia ser forte e resistir; não tornaria a vel-a nunca mais... nunca mais!

Enterrando os pés na areia, seguia fascinado para a escuridão das aguas, quando a voz da Hortensia se elevou nos ares. A doçura inegualavel daquella voz entrou-lhe nalma. Os humildes, os simples, esses eram a sua familia. Aquella pobre Hortensia abran-

dava-lhe a tormenta do espirito, como um raio de luar a negrura da tempestade...

Ella cantava uma trova feita por elle, affirmando que o coração, como uma barca, muda ás vezes de rumo...

Em vez de caminhar para as ondas, Ruy entrou no grupo dos pescadores. Não se espantaram, affeitos á sua presença.

Estavam reunidos o pessoal da *Cruzeiro*, da *Guanabara* e da *Camponeza*, canôa afamada, vinda novinha das bandas de Sepetiba. Rubião abafou o ultimo accorde; Hortensia suspirou a ultima nota.

Os pescadores conversavam.

— Gente! que fim levou D. Constança?!

— Essa! respondeu Fortunata, sempre falladora, onde estaria! Lembrava-se ainda do tempo (quantos annos, Deus do céo!) em que a via vestida de homem, montada a cavallo, com armas no cinturão e um chapéo desabado sobre os seus lindos cabellos pretos. Alma franca, porta do casarão sempre aberta para os pobres, que enchia das melhores frutas do seu pomar variado e com os melhores bolos dos seus armarios...

Parecia cousa de sonho a figura daquella mulher que passava pelo tempo a galope e não deixava traço senão da sua saudade...

— Boa alma! affirmou Lino com os olhos no espaço todo azulado.

— Ella era a dona de toda esta redondeza, e nem por isso vaidosa. Lembra-se da historia da mendiga, *seu* Lino?

— Não...

— Pois uma vez, a princeza D. Isabel, que aqui estava a arcs, fazendo o seu exercicio, foi parar um dia na porta de D. Constança, e vai esta o que fez? Com aquelle seu modo despachado, convidou a Princeza para tomar café ! A sala de jantar, muito grande, tinha as portas abertas para o jardim. Dè repente appareceu uma mendiga. Dona Constança sabem o que fez? Sentou a mendiga, com licença da Alteza, á mesma mesa e tomaram as tres cafésinho em chicaras iguaes. Esta historia é tão verdadeira como são verdadeiras estas areias c a agua do mar! Olha, *tá* ahi tio Simão, que não me deixa mentir... eu era pequenina. Mas, elle !

Tio Simão era un velho pescador já fóra do scrviço e que vagava agora por casa de filhos e netos, ora no Rio, ora em Angra, ora em Cabo Frio. Pescara lá por fóra, por todas essas praias que elle conhecia a palmos.

O seu desgosto era já não ter força nos dedos gotosos e que lhe davam ás mãos apparencias de aranhões do mar. Vista, graças a Deus, ainda tinha. Ouvido? que nem o do charéo. Pois os oitenta e cinco lá estavam a envolvel-o todo. Quando a Fortunata lh fez a pergunta, elle não respondeu, porque dizia a um outro :

— Ah, *seu* Lino, se vancê lançasse arrastão em praias de Cabo Frio é que havera de vê. O peixe anda lá em cardume na flô da agua, desafiando a gente ! Era lá que eu queria ter vinte annos, boa canôa, boa rêde e muita cabaria ! Nasci num batelão. Estou tão acos-

tumado a olhar para o mar, que mesmo quando olho para terra vejo tudo azul...

— Então Cabo Frio... insistio Lino, querendo colher uma informação.

— Tanto serve para encher a rêde candombe de camarões ou de iscas, como para atulhar as outras com peixe graúdo que nem vancê imagina. E' um mar abençoado e que não nega nada ao pescador, aquelle mar...

Devagar, puxado pela curiosidade do Lino, elle foi dando com a lingua nos raros dentes, vociferando contra os matadores de peixe a dynamite, desleaes e traiçoeiros, que illudem a vigilancia das autoridades e prejudicam os pescadores honestos. Que fossem ver no meio da habia, para os lados de Paquetá... gente sem consciencia!... Por elle, preferiria dormir uma noite na ilha do phantasma a commetter semelhante delicto.

— Mas é verdade mesmo, tio Simão, essa historia do phantasma? indagou Fortunata de olhinhos accesos.

— Se é! A ilha fica dentro da bahia. Todo dia se cruzam barcas e lanchas na frente della, mas ninguem tem coragem de desembarcar... Móra lá um phantasma, que não apparece, mas tem sempre a seu serviço uma mesa que vai daqui até acolá, cheia de tudo quanto ha de bom, comedorias, doces, vinhos e frutas... Os pratos estão todos arrumados, mas nem os passarinhos tocam nelles... Um cão preto, de rabo retorcido, arreganha os dentes para quem quizer se approximar...

O mais decidido fraqueia... é atôa, se tem basofia ha de se arrepender...

Mas do que o tio Simão gostava de fallar era da belleza dessas praias, desde Angra dos Reis, onde as ilhas de areias finas semelham canteiros de jardins, de praias claras, feitas para o banho de fadas, até ás penedias da Pedra do Relogio e a insulsa planicie de Sepetiba, em cujos lodaçaes o caranguejo abunda e se arrasta ao sol desaforadamente! Bem como as praias, elle conhecia a população de cada localidade, e enaltecia a de Paraty, onde os habitantes moram em choças, mas disputam o prazer da hospedagem a quem quer que appareça no lugar! Peixe, farinha e bondade não faltam em casa de pescador! Eu quero morrer na areia, vendo o mar e ouvindo meninas rirem á roda de mim. E hão de ser as minhas netas! Só em Angra tenho dezesseis...

— Hortensia, canta mais... supplicou Ruy.

E ella cantou por despedida as trovas do proprio Ruy, cheias de esperança e de consolação. Quando elle entrou em casa, já tarde, atirou-se na cama a soluçar.

A voz de Hortensia dissolvera-lhe em lagrimas o rancor que o soffocava, e assim não percebeu que o pai abrira a porta e o contemplava hirto, cosido ao canto mais escuro do quarto...

V

Manhã nevoenta. Eram já cinco horas e ainda agora se ia esbranquiçando o céo com uma luz tenue. O ar, salitroso e aspero, cheirava a sargaço; as proprias ondas pareciam ter medo de se estirar na areia, arrepiadas de frio. Pela escala dos pescadores, naquelle dia o lanço da praia pertencia á *Cruzeiro;* por isso a *Guanabara* se aventurava numa viagem ás praias da Gavea e da Tijuca. Ainda era lusco-fusco e já Sérvulo, Lino e mais dois homens embarcavam o arrastão. O diabo era o frio, espantador do peixe e que lhes tirava a esperança do proveito. Iam por ir; sempre é obrigação fazer pela vida; e ás vezes, quando não se espera, ahi é que o peixe se vem offerecer! Afinal, *seu* Freitas empatara na *Guanabara*, contando rêde e tudo, para mais de cinco contos. Haviam de a deixar alli na areia, como um corpo morto? Marcos appareceu cedo, com os olhos pisádos de vigilia. Lino inquirio :

— Você está doente?

— Não. Quem falta?

— Flaviano e Ruy.

— Que é que o Ruy vai fazer com a gente?

— Sei lá... vai ver... mas olhe como o Rubião vem engraçado!

Rubião tossia, enrolado num manto de belbutina azul salpicado de estrellinhas de prata, com que o enteado se fantasiara de rei durante tres carnavaes. Agora que o rapaz andava de soldado lá para os confins de Matto-Grosso, elle ia aproveitando o manto régio em mais util serviço.

— Qualquer dia começo tambem a usar as calças de turco que elle tem lá no bahú, informou elle aos outros. Quem se vai ralar de inveja é o Flaviano... se elle pilhasse este manto para botar nos hombros da Maria Adelaide... hein?!

Marcos estremeceu e ordenou:

— Cala a boca, Rubião!

— Uê gente! calar a boca porquê? Não estou offendendo ninguem... Todo o mundo sabe que Flaviano tá só esperando a pescaria das cavallas para casar. Inda hontem elle disse que se a sogra consentisse em morar junto, nem elle esperava pelo verão! Não caçôo de companheiro nenhum... Pescador é irmão de pescador...

Marcos apertou com raiva a borda da *Guanabara*. Tinha razão o outro. Desde criança decorara os preceitos da classe e os tinha sempre cumprido fielmente. Só agora, que entre um camarada antigo e elle se interpuzera uma mulher, é que o odio por um outro

homem lhe roncava no peito. Maria Adelaide! Elle não via outra cousa no mundo. O que o perturbava ainda mais que o seu amor era adivinhar que através da distancia e do silencio a rapariga pensava nelle, tambem. Seria crivel que se completasse tamanha desventura e que as duas almas se sacrificassem para alegria e triumpho de um terceiro?!

O riso da Fortunata estalou no ar frio da madrugada.

— Gente! Rubião quer fingir de São Pedro!

— E' só pr'as mulheres me adorarem!

— Sahe dahi! Se você não fosse como boto, que persegue todo o peixe, talvez que achasse mesmo alguma tola que rezasse de joelhos a seus pés...

— Entonces não achei? Não tenho companheira?!

— Ha que tempos isso foi. Sabe Deus quanto ella já se arrependeu...

— Pois olhe, não parece. Tá só me pedindo pr'a eu casar com ella!

A mulata rio-se, accrescentando:

— Deixe de prosa, ponha o manto fóra e vá ajudar os outros. Ahi vem Ruy... ahi vem Flaviano.

Vendo approximar-se Ruy, João Sérvulo avisou:

— Moço! ainda está em tempo de se arrepender. Quem vai pr'a o mar não sabe para onde vai.... Depois, afóra o perigo, *seu* coronel póde não gostar... veja bem!

Ruy levantou os hombros.

A's seis horas a canôa largou da praia. Era um doce raiar de dia de Junho, em que as cousas reaes estavam ainda veladas pela immaterialidade de uma

luz indecisa e mudavel. Ainda havia estrellas no céo e já havia claridades brancas de sol; ainda havia silencio na terra alastrada de humidades de relento e já rumorejavam as gaivotas no ar, abrindo as azas em torno ás rochas denegridas, á procura de peixe.

Marcos e Flaviano iam um em face do outro. O mestiço presentia qualquer cousa que o apoquentava. Olhava para o pescoço comprido e o rosto de Marcos, como para uma torre de onde pudesse irromper contra elle uma ave sinistra, que lhe furasse os olhos.

Em vão procurava fixar as pupillas crystalinas do outro, que se volvia para o mar com uma expressão angustiada nas faces longas.

Em frente de Ruy, o carão de Pedro mudo era como um muro de penitenciaria, em cuja porta o lemma dantesco do inferno fulgurasse em lettras de fogo. Mas, nessa hora, Ruy, derreado para trás, olhava só para a ultima estrella da manhã, transluzindo ainda no céo diaphano, como se ella o entendesse melhor. Para esquecer! Aquellas pescarias fóra de horas, as noitadas consumidas agora na cidade, o recrudescimento de attenção nos estudos, toda a agitação a que atirava o seu espirito, só tinham um intuito : esquecer o amor de Adda... Elle refundiria a sua vida, enchel-a-ia de imagens puras e nobres, despojando-se pouco a pouco daquella saudade immensa, daquelle immenso desejo de tornar a vel-a, desespero que lhe curvava os hombros para o chão, como á procura da sepultura... Não a tornara a enxergar desde a noite do baile, e não cessava de vel-a... Ella encarnava-se em todos os seus ideaes, palpitante

de febre, quer surgisse dentre as paginas gloriosas do livro, quer viesse desmaiar em sonhos nos seus braços amorosos...

Naquelle proposito, naquella ancia de esquecer a mulher mais amiga da sua belleza do que do seu namorado, Ruy emmagrecia, tornava-se taciturno, desigual de genio e aborrecido.

O pai redobrava de vigilancia, alarmado por aquelles modos retrahidos. Tinha chaves falsas com que abria as gavetas do filho, querendo entrar-lhe na vida á força, até ao amago. Mal Ruy voltava as costas, elle corria ao seu quarto, e era uma inquirição, uma busca miudinha, incansavel, terrivel, por todos os escaninhos. Não escapava um retalhinho de papel que não fosse lido e relido, nem caderno que não fosse folheado. O nome de Adda surgia alli a cada instante, entre exhortações e maldições, molhado de lagrimas ou rutilando no delirio do desejo.

O pai conhecia agora bem o segredo do filho e exaggerava-lhe os aggravos.

Cada queixa de Ruy contra o Destino, fermentava-lhe no coração o odio por aquella rapariga sem vintem e sem nome, recolhida por esmola por outra mulher igualmente desclassificada.

Com os olhos a arderem-lhe no rosto pallido, como duas brasas num cinzeiro, elle revolvia a vida do filho, lendo-lhe os versos, os clamores das suas noites de insomnia e de paixão.

Aonde levariam o seu rapaz tantos arrebatamentos? E era então que estremecia, como um caniço ao vento. A figura da mulher resuscitava na sua frente, muito

branca, hirta, com os grandes olhos negros dilatados pelo terror de uma visão desconhecida...

A' força de querer espancar da memoria a imagem dessa mulher, elle repetia com frequencia um gesto em que, roçando a mão pela testa, num movimento rapido, parecia querer enxotar alguma cousa da memoria. Essa cousa era a mãi de Ruy, a evocadora de soffrimentos irremediaveis.

Nesse dia, emquanto o filho andava pela pesca com a gentinha que elle abominava, pôde á vontade abrir as suas gavetas mais secretas, ler e reler os seus papeis. Do amontoado daquellas queixas e desvarios surgia um contentamento para o Coronel : o filho procurava livrar-se de Adda. O seu amor debatia-se ainda, como um passaro forte entre varaes de ferro, mas acabaria por triumphar.

A essas mesmas horas, no diluvio da luz que offuscava a terra, entre o mar e o céo, que buscava elle, o seu filho amado, senão o esquecimento? Agora, que estava no amago do segredo de Ruy, ajudal-o-ia a ser forte, a persistir na renuncia.

Fechado por dentro, no quarto do moço, com os cotovellos fincados na mesa coberta de cadernos e de tiras de papel, o Coronel decorava phrases e recapitulava factos passados, em busca da origem daquella engeitada funesta que lhe roubava os carinhos do filho. O ciume, havia tanto tempo adormecido no fundo do seu coração, accordava com mais fome, como se lhe quizesse roer agora até os ossos ! Arrependia-se de mal ter prestado attenção, uma noite, cuja data se lhe perdia na memoria, a certo zumzum de que

haviam posto uma criança á porta de Rôla e que esta, andava num assanhamento exquisito, espalhando a novidade por toda a parte. De quem se teria suspeitado? Nem já lhe occorria isso... e então seria talvez facil pesquizar a origem dessa mal fadada criança... agora era impossivel : parecia mesmo que todos acreditavam que ella tivesse vindo ao mundo, como as meninas da lenda — dentro de uma alface!

Sacudindo as tiras de almaço, como se tentasse fazer cahir dellas as palavras de amor enfileiradas nas suas pautas, o velho espalhava no ar mudo do quarto, com o ruido secco dos papeis, o assombro dos seus gestos nervosos...

Ninguem o via; podia expandir alli dentro a sua alma concentrada. Dera volta á chave; estava bem sósinho. Reunia os papeis que espalhara, tornava a ler os versos do filho, que ardiam nas labaredas da paixão.

As confidencias de Ruy eram completas. Tambem elle estivera bem só ao escrevel-as! Lendo a historia do baile, o Coronel bateu com a mão furioso no nome de Adda, como se quizesse esbofeteal-a. Tal mulher seria a deshonra da sua casa; não consentiria que ella puzesse alli os pés... o filho nascera para flôr mais fina... como a D. Leonor Guidão, por exemplo, com os seus olhos sérios, o seu ar socegado e o seu lindo nome. Essa seria uma esposa!

Lendo e relendo paginas e paginas, desarrumando e arrumando pastas e gavetas, sahindo do quarto para voltar logo, o Coronel consumio horas do dia. Quando á tarde se sentou á mesa do jantar sentia-se

cançado, como se viesse de batalhar no inferno.

Tia Antonia servia-o : de repente elle, voltando-se para ella, perguntou-lhe :

— Você sabe quem poz aquella mocinha Adda na porta da Rôla?

— Uê ! eu não sei, não sinhô...

— Você é moradora antiga do lugar... deve saber !

— Disse que foi Pedro mudo que botou a criança lá... eu não vi nada...

— O mudo... o mudo ! mas quem a deu ao mudo? ! Isso foi uma estupidez... já me não lembrava... o mudo ! Você deve saber... você era lavadeira, entrava nessas casas todas, e nesse tempo havia tão pouca gente por aqui !

— Eu não sei, não sinhô... disse que foi o mudo...

— Disse... disse !... quem foi que disse? !

— Uê ! o povo...

Tia Antonia levou a terrina de sopa para a cozinha, arrastando os pés de oitenta annos !

Disse ! De que corpo sae essa voz, que partindo como um sussurro e circulando em ondas rapidas, vae augmentando as suas sonoridades até ao grito que entra pelos ouvidos mais indifferentes? Ninguem vira o mudo com a criança e todo o mundo dizia que fôra elle quem a tinha posto á porta da costureira...

O Coronel acabava a sua laranja da sobremesa, quando Ruy entrou da pescaria. Vinha ardendo em febre.

Tia Antonia foi logo despachada á procura do medico. O moço abandonava-se. O pai ajudou-o a despir-se e installou-se á sua cabeceira, sem dizer uma

unica palavra, mas só a olhal-o de um modo tão penetrante, que Ruy puxou as coberturas até as orelhas para logo depois agitar-se : começara o delirio. O Coronel encolheu-se aterrorizado deante daquellas phrases sem nexo, de loucura.

Adda entrava pelas janellas, como um ladrão; pelo telhado, com azas de morcego, ou sahia, dançando, das flôres cinzentas do papel das paredes, rutilando no seu vestido de brocado amarello.

Suspeitando, subitamente, que Ruy tivesse tornado a ver Adda, naquelle proprio dia, o Coronel curvou-se todo tremulo, querendo arrancar verdades da inconsciencia do enfermo :

— Conte-me tudo... você tornou a ver essa mulher?... Ella não merece nada... nada... é precizo esquecel-a... socegue... mas onde a vio você?... Hein? !

— Psiu ! ordenava o doente. Pedro mudo está-nos espiando... não quero que elle me veja com Adda... amanhã toda a gente saberia que eu a estive beijando...

— Beijando !... Então... onde estava essa desgraçada, Ruy? !...

Ruy não respondia.

Correu logo por todo o bairro que elle estava com febre perniciosa, e sem esperança de cura. Fortunata foi vel-o duas vezes no mesmo dia e offereceu-se para enfermeira.

D. Delphina mandou-lhe as mais gordas gallinhas do seu gallinheiro e o pessoal da *Guanabara* fez a promessa de distribuir pelos pobres todo o

pescado de uma pescaria, caso elle arribasse da doença...

Girando pelo bairro, entrou essa noticia pela casa de Rôla. A Fortunata, sempre novidadeira, correra a dizer á amiga que o pobresinho estava nas ultimas... Tinha vindo de lá. O pai, mettia dó, mudo que nem peixe, e branco como um papel...

Rôla não quiz ouvir mais : atirou a costura para a banda, traçou um chale sobre os hombros magros e sahio para a rua. Mal tinha dado os primeiros passos, quando sentio Adda atraz de si.

— Eu quero ir tambem, mãisinha, quero pedir perdão ao Ruy!...

A mãi parou, interdicta.

— Mas...

— Estou com um medo, mãisinha!

— Volta para casa! Tudo acabou entre vocês...

— Não quero que elle morra assim... entende?! eu ficaria com remorsos. Deixe-me ir!...

— Não...

— Ruy ha-de gostar de ver-me...

— Porquê?!

— Porque ainda gosta de mim...

— Elle nunca mais te procurou... teve razão de ficar zangado... talvez até a tua visita lhe faça mal. Deixa-o em paz, que elle ha de precisar de socego.

— Eu é que não socego!

— Olha, eu vou só á botica pedir informações certas; lá hão de saber... Quem foi que te disse que elle ainda gosta de ti?...

— Ninguem, mas eu sei.

— Enganas-te... Volta para casa...

— Elle ama-me, ama-me, ama-me! Tão certo como este sol que nos alumia! Pelo amor de Deus!...

— O pae não consentirá que o vejas...

— Na hora da morte não se nega nada a ninguem!

— E' o que pensas... Não chores... Estás sonhando... Meu coração me diz que nem o Ruy está morrendo nem se importa já comtigo... Ha de casar com outra da sua condição... e será feliz!

— E' o que a senhora imagina: não ha forças que me tirem do coração de Ruy... só a morte... e eu nunca me lembrei da morte, mãisinha!

O dia estava ventoso; as ondas rebentavam com fragor na praia.

— Que frio! murmurou Adda tiritando.

— E' nervoso... disse Rôla, fazendo-a parar para aconchegar-lhe a capa ao pescoço. Na botica...

— Não! não vamos á botica; vamos á casa delle!...

— Vaes exporte-te a alguma desfeita...

— Que me importa!

— Filha...

— Eu quero. Se mamãi não fôr lá agora commigo, eu irei sósinha...

— Isso não!

— Então faça-me a vontade.

Seguiram as duas, caladas, até á porta do Coronel. A casa terrea, pequena, baixa, estava completamente fechada. Rôla bateu á porta e esperou. Prestaram ouvido; nenhum rumor lá dentro; tornaram a bater com mais força, e quedaram-se á espera, cosidas aos

humbracs da porta. Os segundos pareciam eternizar-se. Iam bater de novo, quando sentiram um arrastar de chinellos e o barulho da chave na fechadura. Era o Coronel. Ao deparar com as duas mulheres, elle teve um gesto de espanto; mas logo tomando a porta, defendendo-a com o seu corpo magrinho, gritou fóra de si :

— Rua ! rua ! Pensam que eu não sei? ! Meu filho não quer vêl-as. Deixem-o morrer em paz... Rua !

— Senhor !

— Nada, nada ! Nesta casa, só entra gente honrada. Ouviram bem? !

Rôla fizera-se livida. Adda subio de um salto os dois degráos de pedra e com una chamma de odio reluzindo-lhe nos olhos, gritou rente ás faces murchas do velho :

— E' mentira ! é mentira !

Não teve tempo para mais nada. O Coronel poz-lhe as duas mãos no peito e empurrou-a para traz, fechando logo a porta com presteza e brusquidão... Rôla teve apenas forças para evitar que a filha cahisse de costas na rua. Cambalearam as duas pelo impulso do choque, e contemplaram-se depois como assombradas.

— Ouvio, mamãi, o que elle disse? Nesta casa só entra gente honrada ! cachorro ! Elle já se esqueceu que foi elle quem matou a...

Rôla tapou a boca da filha com a mão gelada e puxou-a para si docemente, docemente...

— Vamo-nos embora. Sempre me arrependo de te fazer as vontades...

— Não vou. Agora não saio d'aqui! Quero ver quem póde mais!

— Elle... está claro que ha de ser elle.

Adda, sem prestar attenção ao modo supplice da mãi, sentou-se resolutamente nos degráos da porta, com os cotovellos fincados nos joelhos e o queixo apoiado nas mãos.

— Filhinha, não me obrigues a dizer-te o que eu não quero dizer... Não temos remedio senão soffrer caladas todas as humilhações...

A moça levantou os hombros.

— Vamos...

— Não, não e não!

— Quem passar...

— Póde dizer o que quizer.

— Compromettes-me...

— Pois vá-se embora, e deixe-me só.

Rôla calou-se e ficou.

A casa continuava silenciosa. Dir-se-ia já um tumulo. O vento redobrava de força, uivando em furia brava. Adda cosera-se á casa do Coronel, com o ouvido encostado affoitamente á madeira da porta.

Pelo lado de dentro, o velho permanecia em igual situação. Tambem elle aguçava o ouvido, collando-o á porta; mas de fóra não vinham senão os rumores do vento e o bramido do mar... Comtudo, como se elle auscultasse atravez da madeira pintada o coração de Adda, sentia-lhe o calor e as palpitações... « Ella está ainda ahi... fazendo o que? esperando o que?... quer acabar de matar o meu filho, talvez... »

Elle suspendia a res piração... escutava... escutava..

e nada ouvia... tentava espiar pelo buraco da fechadura, e nada via ! mas a certeza não o abandonava de que ellas estavam alli, furando com a vista as suas paredes, como dois corvos á espera da morte... Como a situação se prolongasse, elle abandonava o posto para ir de vez emquando, em meias, vêr o doente, adormecido na remissão da febre.

Chegou por fim o desanimo; Adda, cedendo a um olhar supplicante da mãi, levantou-se, dirigio-se á veneziana fechada de uma janella, e, unindo a boca ás fasquias, gritou com toda a alma para dentro :

— Ruy ! não querem que eu te veja. Adeus !

A casa estremeceu á vibração daquelle grito. Ruy sentou-se na cama, esgazeando os olhos. Era a voz della, surgindo dentre a confusão do vento e das aguas ! O Coronel, ameaçando com o punho fechado atravéz das paredes mudas as duas mulheres, atirou-se para o quarto do filho, certo de o achar despertado.

Achou-o sentado na cama, com os olhos fulgurando-lhe no rosto livido; logo que o viu, Ruy perguntou-lhe por aquelle grito. Era a voz de Adda, queria vêl-a. Sentia que o perdão lhe subia aos labios. Já perdera a força para o odio... renascia o amor... O pai titubeou :

— Foi sonho... você estava dormindo... descance...

— Era a voz della !

— Era o barulho do vento. Os pescadores, coitados...

— Ella chamou por mim !

— Um restinho de febre... ha de passar. Socegue... durma !

Adda... O Coronel fingiu não vêr duas lagrimas nas faces pallidas do filho e deu-lhe o remedio, aconselhando-o, mais uma vez :

— Durma... socegue !... Foi sonho...

Desde esse instante Ruy não teve um só minuto de solidão, em que pudesse olhar para a sua vida. Os olhos do pai fixavam-se pertinazmente nos delle, impondo retrahimento ás propias idéas. Quando a mulher do João Sérvulo o ia vêr, o coronel não a deixava só, com medo que trouxesse ou levasse algum recado amoroso... Só a D. Delfina foi concedida essa confiança, que Ruy não aproveitou, porque fingiu dormir... A' proporção que melhorava avigorava-se-lhe a convicção de que fôra realmente a voz de Adda que traspassára a sua casa naquella queixa lancinante :

— Ruy, não querem que eu te veja... Adeus !

Punha-se então a pensar : elle pedira demasiado... Que mulher haveria tão forte, que sacrificasse nunca a belleza nem ao seu proprio amor ! De certo nenhuma !...

Ella não fôra vaidosa... o vaidoso fôra elle, pedindo-lhe que por seu capricho renunciasse á sua graça e á sua formosura. Fôra um insensato. Um ciumento. Ella é que estava com a razão. Pobre amor... Doce amor !... querido amor !

Sentindo através das pupillas de Ruy esvoaçar o pensamento de Adda, o Coronel inclinava-se, perguntando com impertinente curiosidade :

— Em que está pensando? Isso faz mal. Deve repousar.

— Não penso em nada... respondia-lhe invariavelmente o filho, com a voz enfraquecida e uma expressão vaga na physionomia. Tomou por fim o alvitre de fechar os olhos; mas, mesmo através das palpebras, o pai presentia o vulto de Adda passando e repassando nos olhos saudosos do filho e procurava interromper o devaneio sob qualquer pretexto futi ou despropositado. O duello estava travado. Sentiam ambos que se guerreavam, temendo-se mutuamente.

Quem mais apparecia a visitar o doente era a Fortunata, sempre risonha e tagarella. Agora já levava na cestinha uma ou outra corocoróca ou curvina, que as pescarias desse frio Agosto era o que davam aos pescadores, para a dieta do doente. O Coronel agradecia seccamente. Ruy estendia-lhe a mão, muito magra e perguntava pelos amigos. Uma vez disse :

— Estou hoje com uma vontade doida de fallar; fez bem em vir e preste-se a ouvir-me... Talvez que os meus pensamentos lhe pareçam confusos... pois saiba que são claros como a agua da fonte. Agora que estou vadio, aqui nesta cama, parece-me que fixo melhor certas impressões que estavam mal definidas. A minha imaginação é como um espelho, em que não se reproduzem só imagens materiaes, mas tambem as sensações mais errantes e mais subtis da vida. Creio que vou fazer um romance, *Fortunata!* um grande romance em que cada creatura será um symbolo.

— Não sou gente para entender d'essas historias...

— Não faz mal; nem todos que ouvem historias sabem entendel-as; ha até pouco quem as entenda... O que eu ia dizer-lhe é isto : nas minhas horas de insomnia eu via a vocês todos mais com a expressão espiritual do que com a corporal. Olhe, por exemplo, a Hortensia. No espelho da minhha imaginação a Hortensia anda sempre vestida de azul, como a flor do seu nome. Um céu de Maio! Hei-de-lhe fazer versos; muitos versos novos. Os pequenos, sabe, o Bié e a Nita, mal fecho os olhos, transformam-se logo em gaivotas. Ella é uma devotada, elle é um poeta... não conhecerão a felicidade. Agora, a impressão mais original, e portanto a mais exacta, é a de Rôla. Essa é a Saudade — a superficie intermina do oceano á hora crepuscular, uma doçura infinita, em que alveje a vela branca de um barco de salvação... Agora, a outra... a outra é a Onda, que ora se ergue como uma torre, ora se desfaz como uma renda... Ella mata... ella enleia, ella seduz... Mas de todos os symbolos, sabe qual é o mais perfeito? E' o Pedro.

— O mudo?!

— Sim. Esse é o fundo do Mar, o que todos ignoram. Os seus cabellos são algas, as suas unhas conchas, o ruido dos seus grunhidos — musica de caramujos...

O Coronel, que ouvia tudo com as sobrancelhas contrahidas, cortou as palavras do filho, resmungando:

— Fantasias... tolices... Trate de descançar!

Fortunata sahio aturdida, e nessa tarde segredou a João Sérvulo que o pobre do Ruy ficara soffrendo da cabeça.

VI

A resaca durava havia uma semana. Com a tempestade viera o frio. Os pescadores aproveitavam os lazeres forçados, para remendar velas ou apanhar malhas cahidas dos arrastões. A' tardinha reunia-se um grupo á porta do João Sérvulo. Para não perder horas. Rubião movia uma lançadeira de páo nos fios de tucum de uma tarrafa destinada ás suas manhãs de domingo na praia de fóra. João Sérvulo fumava e a mulher provocava a conversa dos outros com ditinhos e risadas.

— Flaviano tá hoje de cara á banda, que nem linguado... que assucedeu?

— Tou amolado lá com a baleia...

Todos sabiam que a baleia era a viuva Tobias, mãi da Maria Adelaide.

— Uê, gente ! por quê?

— Tá se fazendo agora de manto de seda, toda cheia de não prestas... Maria já não tem licença de vir fallar commigo na cerca, nem nada ; anda esquiva

como a sardinha no inverno... Se minha mãi quizesse me ajudar...mas não quer!

— E Marcos? que fim levou, que não tem apparecido, hein? indagou Fortunata.

— Por que é que a senhora foi se lembrar de Marcos? replicou Flaviano com vivacidade.

— A tôa... é um companheiro.

Não foi á tôa. A senhora teve um pensamento...

— Eu não...

— Diga porque.

— Sei lá! Ora essa!

— Nunca briguei com pescador... mas...

João Sérvulo interveio :

— Nem brigará. A pessoa de um pescador, haja o que houver, é sagrada para um companheiro. Não seja desconfiado. Marcos é seu amigo.

— Será...

— E'.

— A's vezes os olhos delle cahem em cima de mim como o arpão; parece mesmo que querem arrancar, puxar qualquer cousa de dentro do meu peito... Outras vezes sinto que me rodeia, como se me quizesse contar uma historia, mas mal procuro prestar attenção, onde é que elle está?! arrependeu-se... fugio!... A modos...

— A modos o quê, homem de Deus?!

— Cá me entendo. Tá hi porque eu ando com cara de linguado...

Rubião soltou uma gargalhada e concluio :

— O diabo tá scismado mesmo!

A tarde cahia rapidamente. Fortunata, sem se le

vantar da soleira da porta, onde estava sentada, provocando conversas, chamou o filho, o Antonio e agazalhou-o nas dobras da saia. Entretanto não cessava de fallar :

— Bem diz João Sérvulo que pescador tem pelle de cortiça, tanto faz que haja vento como que haja sol, para elle tudo é o mesmo ; o que quer é o ar livre...

Hortensia ajudava o pai a desembaraçar uma meada de linha hamburgueza, ella sentada num caixote, com as mãos estendidas parallelamente, elle de pé, enrolando o novello. Fortunata animava a roda :

— Conta um caso, Rubião ! historia de verdade, ouvio? não venha com as suas mentiras, que eu já estou farta de caraminholas... E desembuche, que *seu* Clarindo quer ir dormir cedo para vêr amanhã a briga de gallos e Flaviano tá morto p'ra ir conversar com Maria Adelaide. Que signal você dá para ella apparecer?

— P'ra que é que a senhora quer saber?

— Ora, p'ra me lembrar dos meus tempos, quando João Sérvulo andava rondando a casa de minha mãi... aquillo era cada trillo que nem os do Baptista annunciando peixe... elle está fingindo que não escuta... depois de velho ficou sonso...

— O meu signal é um assobio imitante ao da graúna, informou Flaviano.

— Ella vem logo correndo?

— Qual ! antigamente era assim, mas a baleia agora não deixa ; tá com luxos...

Rubião pigarreou : ia começar o conto, mas Fortunata interrompeu ainda, com um gesto vivo :

— Espera um pouco, deixa chamar a visinha; ella gosta de ouvir tudo desde o principio.

Detrás de uma canôa surgiram as duas sombrinhas do Bié e da Nita, que se approximaram correndo e se deixaram cahir na areia, perto dos pescadores. A vizinha acudio ao chamado. Fortunata ordenou :

— Pôde contar, Rubião.

— « Conheço esse littoral todo, como a palma de minha mão. Nasci mesmo na areia de uma praia do norte e a bem dizer pelas areias vim, de pé no chão, parando aqui, parando acolá, comendo do que pescava, ajudando uns, pedindo a ajuda de outros, té perto de vocemecês. O caminho é comprido, mas meu pensamento não cessa de correr por elle todo com muito gosto e um pouco de saudade... Não sei para que choupana de pescador tem porta! Mal eu batia era só ouvir dizer : — entre! e se havia fartura logo me davam uma cuia de farinha e um bocado de peixe e toca a conversar até a hora de dormir... Alma de pescador é mesmo aberta como rancho de tropeiro; não esconde nada de ninguem. O que ha para um, ha para todos; extranhos ou filhos de casa todos são como um só! Não têm conta as pousadas que fiz e os dias que passei com este, com aquelle, ou com outros mais. Em toda a parte vi sempre a mesma paciencia e a mesma franqueza; sómente, ellas foram tantas, as familias por onde andei, que sempre ha um ou outro caso dellas para contar... Vancês querem um caso de pescaria, ou querem um caso de amor?...

— Um caso de amor! optaram as mulheres.

— Pois lá vai um caso de amor! Siá Hortensia, abra bem os ouvidos... Olhe que não é mentira nenhuma!

— Anda com isso, Rubião! exclamou Fortunata já impaciente.

— Lá vai: — Um dia eu andava lenhando lá para o extremo sul da Ilha de Marambaia, perto da Pedra do Sino, quando topei com uma caboclinha sentada num páo de mangue derrubado na praia. Ella estava tão séria olhando para o mar, que nem estremecia quando o vento fazia vibrar a pedra num dobre tão forte como uma badalada de bronze. Era tão bonitinha, o diabo da pequena, que nem sei que fraqueza me deu nos joelhos, que assentei de andar devagar com o serviço, como se quizesse tar espiando a coitadinha da moça... A pobre devia estar beirando os seus quinze annos... era espigadinha e estava se vendo bem que pobre como a mim; não tinha meias nem sapatos e a saia de chita parecia ter mais idade do que a dona... Eu andei... eu tossi... e nada da menina me prestar attenção... Vai senão quando, aponta lá longe na praia um mocinho todo esbaforido, estudante da cidade ou cousa assim, e ella volta logo a cabeça, treme como uma canna no vento e atira-se para os lados delle, como uma veadinha contente. Abri a boca. O boneco não dera signal de si, nem assobio, nem palmas, nem nada. Como foi que ella adivinhou que elle vinha chegando?! Andaram por alli de mãos dadas. Pareciam feitos um para o outro... O meu feixe de lenha nunca ficava completo... O amor sempre accende a curiosidade na

gente... O que elles diziam não sei; vieram outros lenhadores, pelos modos conhecidos della, e o casalzinho se separou, foi cada um para seu lado. Nessa noite indaguei no arraial quem era a pequena e me disseram que era a unica filha do pescador Roberto, um magricella barbudo, melhor que um santo...

O rapaz viera da cidade tomar ares numa chacara de um tio... Elle era bonitinho, ella era linda; não havia nada que admirar! Mas Satanaz não descança, e atiçou num primo da caboclinha, meio aluado, uma grande paixão por ella. Tambem não admirava... a mocidade ia raiando para os tres na mesma hora... Tá facil de perceber : ditos miudinhos como manjubas começaram a ferver em roda da mocinha.

O primo, já se sabe, tóca que tóca avisando o tio, assanhando o tio : que a prima fazia isto, que a prima fazia aquillo, um inferno. De maneiras que o velho pegou e prohibio a filha de ir com as outras meninas buscar agua santa na lagôa do Pico da Marambaia, uma aguasinha pura que vem debaixo do mar, vara todo o monte e se despeja lá em cima em cascatinhas frescas, que matam a sêde melhor que todas as aguas e curam as doenças melhor que todos os remedios.

A pequena costumava ir de longe em longe pescar na lagôa vermelha com outras camaradas; pois tambem isso elle prohibio, e para maior segurança da filha não pôr pé fóra de casa, pespegou uma comadre velha e muito braba na porta. A menina, coitada, calou a boca muito bem calada, e o que se passou lá dentro do seu coraçãosinho nem eu, nem vancês, nem

ninguem sabe. O mocinho tambem deixou de apparecer, curtindo saudades dentro da chacara do tio. Agora o primo, esse é que andava saltando, como sapo quando adivinha chuva... A caboclinha não sabia lêr... não sabia escrever... a velha tinha tanto cuidado que nem um gato ou cachorro deixava entrar na porta da cabana... vão vendo só! Pois uma tarde, o pescador Roberto amarrou a sua canôa num recovão da praia e foi p'ra casa dormir.

Não sei que sonhou a caboclinha, que ás tantas da noite, quando a velha dormia, sae da cabana com uma saia pela cabeça e, pé cá, pé lá, vai até ao recovão onde estava amarrada a canoinha do pai. A noite estava escura como breu. A menina mesmo se espantava dos passos que ia dando; era a primeira vez em sua vida que sahia sosinha áquella hora! Roberto tinha levado os remos para casa; vai a filha sungou as saias, entrou na agua até aos joelhos e já achou dentro da canôa quem lhe desse as mãos e a suspendesse...

O mocinho estava lá dentro esperando por ella!...

Mas agora me digam: quem levou a combinação dessa entrevista, se não entrava viv'alma na choupana do pescador?! Só se fosse o diabo, nas suas artes que os velhos já não entendem... Assim, fôra satanaz, que tinha puxado todos pela mão para aquelle sitio... queria levar tres almas de uma assentada para o inferno, por isso, mal a caboclinha entrou na canôa e cahio nos braços do dito mocinho, o primo, que estava espreitando tudo, cortou com uma navalha muito afiada a espia da canôa, para que o

primeiro beijo de amor dos namorados fosse trocado no caminho da morte... A canôa foi-se embora. Não se ouvio uma queixa... mas o vento zunio com furia e então a Pedra do Sino dobrou a finados. Não se espantem, não; lá na Marambaia ha um rochedo que tange como um sino grande, quando o vento passa... Deitado de bruços na orla do mar, tapando os ouvidos para não ouvir essas vozes da pedra bruta, que fallavam na noite como uma alma christã, com o peito enxarcado de agua e salsugem, os olhos em sangue e a boca cheia de espuma, o assassino urrava como um bicho immundo. Quem o tinha avisado tambem?! O odio. O odio ás vezes é como o amor: adivinha!

Pois ainda era escuro quando o velho Roberto abrio a porta da sua cabana e logo todo se impertigou, muito pasmado. No fundo do horizonte, onde o mar beija o céo, que foi que elle vio? Até fico arrepiado!... Vio a sua canôa vogando... vogando... toda illuminada... com a filha dentro, vestida de noiva... com o mocinho vestido de noivo... e as portas do céo abertas para os receber... E a Pedra do Sino vibrando... vibrando... Foi por isso que elle não chorou a morte da filha, nem extranhou que ninguem, por mais que procurassem, pudesse nunca encontrar vestigios da embarcação nem dos namorados... O amor tinha seguido o seu destino. O odio, esse foi para o inferno na alma do assassino, que escabujou no lodo e morreu como um cão damnado, mordendo as mãos... »

Rubião fallava ainda, quando João Sérvulo se

ergueu de repente, apontando com um gesto tremulo uma luzinha que apparecia e desapparecia na negridão do mar.

— Um navio em perigo!

Levantaram-se todos, impellidos pela mesma anciedade, e correram alvoroçados bem para a orla do mar, onde só alvejavam os brancos pennachos da espuma dos vagalhões.

— Se a *Guanabara* aguentasse... aventurou João Sérvulo; mas antes que elle concluisse a phrase, a mulher acudio :

— Não vê que eu deixava!

— Nem eu esperava pela licença de ninguem. Seria a minha obrigação.

— Então a obrigação do pescador é se matar pelos outros? E o que fazem os outros por vocês!?

Reboou no espaço o tiro de soccorro. Apertando o braço de Rubião, nervosamente, João Sérvulo exclamou :

— E' uma vergonha a gente não fazer nada diante de uma desgraça...

— Isso é...

— Quem sabe se a *Guanabara*...

— Deixe-se de historias. Aquelle navio está longe... quando é que uma canôa havéra de chegar lá?!

A luz mudava de tamanho e de côr; parecia afogar-se e logo emergia mais intensa do fundo da agua. O pharol da Rasa piscava a pupilla rutila em frente áquella estrellinha louca com que as ondas brincavam e que agonizava em lampejos, pedindo nos ultimos esforços que a salvassem.

Commovidos na sua inercia, os pescadores olhavam afflictos para aquellas aguas tumultuosas, que uivavam de incomprehensivel desespero, encrespando-se, alteando dorsos monstruosos, rebentando na praia num estrondo que abalava os ares frios da noite. No céo escuro, entre nuvens flocosas, de crépe, a lua ia surgindo, sem irradiação.

— O mar já esteve peor... comentou Flaviano.

Apparecendo e desapparecendo, a estrellinha doida vinha aos arrancos em demanda da barra. Tinha partido de terra o aviso de soccorro, mas a lucta com os vagalhões não lhe daria talvez tempo de esperar... Os pescadores subiram á collina da Igrejinha para vêr melhor.

Partiam foguetes de bordo. João Sérvulo conhecia os signaes e traduzia-os gaguejadamente ao mulherio assustado, que lamentava a sina das mãis das crianças que estavam naufragando...

— E' uma vergonha, Rubião! é uma vergonha, nós não fazermos nada, exclamava ainda o mestre da *Guanabara*, concluindo que seria impossivel resistir um navio desarvorado a tamanhos embates.

Foi então que Hortensia, afastando os cabellos que o vento lhe espalhava sobre o rosto, rompeu o côro das lamentações, cantando uma ladainha que sabia de cór :

— « Nossa Senhora da Copacabana, tende misericordia de quem anda por sobre as aguas do mar! »

— « Nossa Senhora du Copacabana, tende misericordia de quem anda por sobre as aguas do mar ! »

A' voz argentina e moça de Hortensia respondia a toada monotona dos pescadores, numa melopéa magoada e implorativa, que se diria sahida da propria boca da noite...

— « Estrella do Céo, Virgem Maria, trazei a porto de salvamento quem periga no mar! »

— « Estrella do Céo, Virgem Maria, trazei a porto de salvamento quem periga no mar! »

Apezar da humidade, apezar do frio, os homens traziam os chapéos na mão, seguindo Hortensia que, com a sua doce voz molhada de lagrimas, descia a collina, para espalhar pela praia junto á furia das aguas os canticos da sua supplica.

E era como um largo sopro de bonança o timbre daquella voz virginal, ungida de piedade :

— « S. Pedro, bom pescador, guiai a barca desarvorada! »

— « S. Pedro, bom pescador, guiai a barca desarvorada! »

Pouco a pouco, parecia a todos que a tempestade ia amainando. Hortensia não cessava de cantar, com o olhar sumido na amplidão trevosa das aguas...

No cerebro dolorido e confuso da mulher de João Sérvulo resuscitavam as palavras de Ruy :

— « A voz de Hortensia tem o mysterioso poder de acalmar as tempestades; ella é o espirito do Mar que representa a Bonança! »

Quando isso ouvira, ella, pobre ignorante, julgara taes expressões filhas da loucura ou da febre... Certamente que ella nunca saberia definir daquelle modo coisas tão afastadas da sua comprehensão, mas como

tinha tido quem lhe abrisse os olhos, via-as muito bem agora... Eram lindas. Bem se via que Ruy era poeta. Seria então bem verdade que só os poetas entendem todas as vozes da natureza? E ella, que espalhara por toda a parte que elle tinha ficado soffrendo da cabeça, quando, ao contrario, era elle quem via e conhecia tudo no mundo, por dentro e por fóra!

As ondas já não eram tão impetuosas; a estrellinha doida parecia orientar-se nas aguas.

Hortensia continuou :

— « Lua de prata, Candeia dos Santos, illuminai os caminhos do mar!

E os pescadores :

— « Lua de prata, Candeia dos Santos, illuminai os caminhos do mar!

VII

Flaviano interrompeu a ladainha, seguindo em direcção á casa de Maria Adelaide, com o sentido de a vêr, bem que por poucos minutos.

Cortou caminho por um atalho novo. Os pés ardiam-lhe nos sapatões sem meias. Escuridão em cima, escuridão em derredor; tudo negro e cheio pela voz formidavel do mar iracundo.

Maria Adelaide ia ter uma sorpreza; ella não esperaria que elle a chamasse á cerca por aquelle tempo tão feio... Ainda se a peste da mãi a deixasse vir! mas o mais provavel era que a prendesse lá dentro, como das ultimas vezes...

No fundo da sua consciencia elle suppunha saber a razão por que a familia da noiva começava a aborrecer-se delle. Era porque o via muito parado, esperando que o destino por si só se encarregasse de lhe ageitar a vida.

Queriam talvez que elle se matasse procurando outro emprego, ou mettesse hombros á sorte, forçando-a a dar-lhe o que ella lhe negava! mas nada

se faz sem tempo, e elle havia de mostrar para o que servia. O que não podia admittir era que o enganassem ou se divertissem á sua custa... Lá por serem brancas, nem as marrequinhas das cunhadas nem a baleia da sogra haviam de poder mais do que elle...

Percebia bem que a propria Maria Adelaide já andava tambem um tanto arredia, com um arsinho de enfado... Talvez fosse scisma; fosse ou não, já agora, se ella não quizesse casar por vontade cederia á força. Com elle não se brincava... Ella que tivesse cuidado. Agora mesmo ia por ir, quasi sem esperança de a vêr, só para vigiar... Adivinhava que alguma cousa puxava Maria Adelaide para trás, depois della estar já quasi nos seus braços... Haviam de ser obras da mãi, que por já não precizar dos seus obsequios, atiçava o aborrecimento por elle no coraçãozinho da noiva.

Sentia-se ameaçado, queria adivinhar o motivo verdadeiro dessa ameaça.

Sahindo da treva densa da mataria do atalho, Flaviano entrou na estradinha das pitangueiras, a poucos metros do sitio em que morava a moça. Depois de uma curva de caminho, onde um velho cajueiro retorcia convulsivamente os braços, havia uma cancellinha de páo da velha chacara arruinada, cercada de postes carunchosos e fios de arame farpado, comidos de ferrugem. Era alli. A escuridão da noite não lhe permittira atinar tão bem com aquelle local abandonado, se o instincto e o amor o não tivessem guiado.

Um pé de jasmim-manga plantado rente á cancella

aturdia o ar ennegrecido com o seu perfume voluptuoso.

Antes de assobiar como a graúna, elle ergueu a vista, como a procurar no céo uma estrellinha que pudesse guiar até elle os passos da mulher amada. Mas o céo escondia-se, a noite fechára a terra, cobrindo-a com uma tampa negra, oppressora, que parecia pesar-lhe sobre a cabeça.

Na casa, abarracada ao centro do terreno vasto, havia uma claridade frouxa, de luz de kerozene. Flaviano não queria ir lá dentro affrontar a sógra e as cunhadas, e esperou um bocado antes de trilar com assobio de mestre o seu canto de graúna... Estava assim, na espectativa, quando sentiu um rumor indistincto, para os lados do coradouro.

— Os cães... pensou elle, e assobiou alto, na cantilena do estylo. Calou-se á espera, de ouvido attento, com as narinas dilatadas, farejando no ar outro cheiro mais entontecedor que o dos jasmins-mangas, que estrellejavam na noite as suas flôres de fogo. O que elle sentia, nem o sabia comprehender... Era como um fremito de amor atravessando a negrura do espaço, sahindo da terra brava de areaes e cactus para o céo isolado...

O cheiro de Maria Adelaide, aquelle cheiro inconfundivel de oleo de côco e alecrim, que ella costumava pôr nos cabellos, parecia impregnado em todo o ambiente da chacara. Flaviano estremeceu de susto. Estaria a moça conversando com alguem naquella hora da noite?! Trilou de novo o seu canto de graúna e estendeu o pescoço, curioso. Houve um far-

falhar de pannos que se arrastam, no coradouro e logo depois uns passos de velludo caminhando para elle.

— Não seja tão impaciente, Flaviano, eu não sou surda !

— Quem é que estava alli com você? !

— Ninguem...

— Não minta.

— Ninguem. Eu tinha-me esquecido da roupa no coradouro e estava ajuntando tudo, quando você assobiou.

Não torne a fazer isso; já sabe que mamãi não quer que eu venha aqui sósinha !

— Ella não sabe. Porque é que você está só olhando para traz? Nunca teve medo e agora é que chegam os sustos? !

A moça retrahia-se, recuando, a cada movimento do pescador, como a preparar uma fugida rápida para entrar em casa. Elle preferia aquellas entrevistas, a ter de affrontar lá dentro da casa da noiva a cara feia da sogra, que se tornava implacavel para com a sua indolencia, estimulando-lhe os brios com remoques e conselhos... Mas Maria Adelaide, cada vez mais fria, respondia apenas ás perguntas que elle lhe fazia, com vibrações impacientes e, ao mesmo tempo, timidas de voz. Chegou um momento em que, desesperado, Flaviano estendeu o braço procurando segurar-lhe as mãos; mas a moça, furtando o corpo áquelle gesto, correu aterrorizada para casa. Flaviano abrio a boca, espantado. A noiva creara medo delle ! Já as ultimas vezes que lhe tinha apertado a mão sentira-a tremer como uma ovelhinha entre as patas de um

lobo. Porque? Ser temido alegrava-o; queria que a fraqueza daquella mulher vivesse acorrentada e arrastada pela sua força dominadora; mas tanto assim, tambem não. Sentia-se agora offendido e mais desconfiado.

Hirto, junto á cancella tosca da cerca, o pescador olhava para a chacara, em que as arvores farfalhavam, sem poder descortinar senão lá dentro a luzinha pallida da casa de moradia, ainda aberta.

Porque seria aquella mudança assim tão brusca? Teria ella presentido os passos da mãi?

Voltando o seu caminho, picado por um despeito que o atordoava, Flaviano parou de repente com um movimento de sorpreza : a figura de Marcos desenhava-se nitidamente em seu espirito. Seria o filho da gallega que se andava misturando nos seus negocios? !

Porque lhe saltava assim na memoria a lembrança do seu companheiro de trabalho no mar?

Se havia entre ambos uma pontinha de desconfiança, era cousa sem fundamento, de official do mesmo officio... Agora mesmo sabia muito bem que o Marcos andava dentro da bahia, pescando nas chalanas com os portuguezes de Santa Luzia. Rubião tinha-o visto dias antes estendendo uma rêde em frente ao hospital da Misericordia; todo o pessoal da *Guanabara* estava sciente disso. O homem não era milagroso, para estar ao mesmo tempo em dois lugares differentes... em todo o caso, seria por influencia delle que Maria ia mudando de sentimentos? Seria isso possivel? Quem sabe mesmo se o Marcos

não simulava trabalhar para outros lados e não estaria fechado em casa de dia, para andar de noite rondando por alli, como uma alma penada? Hein? Se elle tivesse certeza... um fio da verdade... mas as suas desconfianças eram vagas como um sonho... Ninguem lhe dissera nada de positivo, nem sabia por que desconfiar do Marcos; mas a verdade é que desconfiava delle. Lembrou-se então do caso de amor, contado poucas horas antes pelo Rubião. Ha segredos com azas. Na historia da ilha de Marambaia ninguem se tinha fallado e todos se reuniam, sem combinação, para o mesmo fim do goso e da vingança. Amor e odio são duas forças propheticas!

Ai do Marcos, se elle se mettesse com a sua vida! Não era crivel. Pescador não engana a pescador. Daquelle não sahiria acto de deslealdade... O tolo era elle, em pensar essas asneiras... Marcos talvez estivesse naquella hora vendo matar peixe á dynamite, lá para as ilhas vizinhas de Paquetá... havia de vir cheio de historias para contar aos companheiros na porta do João Sérvulo... Todavia... já afagava o projecto de apertar no dia seguinte a mãi de Marcos até vêl-a espirrar a verdade.

Internando-se pelo atalho, ouvindo o rastejar das cobras, lembrou-se do avô, o pai da mãi, apanhador de viboras, fabricador de philtros e contravenenos. Fôra aquelle velho que lhe ensinara a fazer pouco caso dos homens e dos animaes. Parecia vêl-o mover-se nas trevas, com os seus olhinhos vermelhos de velho, de onde se irradiavam dois raiosinhos malignos, e o busto semi-nú enrolado pelas serpentes movediças,

que da cintura ao pescoço o cingiam como um adorno vivo.

Não nascera para a vida do mar. O homem lá fóra não tem casa nem patria; tudo é instavel, movediço, sujeito ao vento e á luz, dois elementos que se não podem dominar, nem apalpar, nem vencer! Elle gostava de ver na terra o fundo signal da sua pégada, queria, olhando para traz, no mato, perceber, pelos galhos quebrados, o caminho aberto pelo seu corpo robusto e destruidor.

Pescava hoje como amanhã faria outra qualquer cousa, sem amor á profissão. Estava no officio de emprestimo; gostaria muito mais de caçar animaes de sangue quente, que espadanasse em terras asperas. O peixe enfadava-o. Tinha saudades de andar como o avô, rastejando nos capinzaes atraz das cobras...

Quando entrou em casa encontrou a mãi pitando cachimbo, agachada a um canto. Ella resmungou qualquer phrase em um ruido cusparento e inintelligivel. Era uma velha magra, muito considerada pelos pobres, porque soubera fazer dinheiro com taboleiros de doces e de angú. Mas desse presumido dinheiro não dava um real ao filho e oppunha-se a que elle se casasse com mulher branca, certa de desgraça...

No dia seguinte, pelas onze horas, Flaviano sahio de casa em direcção á de Marcos.

O dia endireitara; o céo estava de um azul cálido, marchetado de raras nuvensinhas brancas. O mar roncava ainda. Flaviano deu volta pela praia, com o sentido em uma indagação.

João Sérvulo e Rubião, acocorados na areia, punham fogo embaixo da *Guanabara* suspensa sobre estivas, besuntando-lhe com cebo derretido a parte inferior do casco. Feita essa limpeza, pintal-a-iam ás riscas, da linha dagua para cima. Tão entretidos estavam os dois pescadores, que mal corresponderam ás palavras do Flaviano. Queriam aproveitar o sol e o descanso para rejuvenccerem a canôa.

Depois de pequena demora, Flaviano perguntou, simulando pouco caso :

— Vocês não teriam visto o Marcos por ahi?

— Homem, elle disse que ia pescar na bahia, mas o Bié e a Nita contaram á Fortunata que elle anda por ahi...

Flaviano pensou : então era certo; o demonio fugia da praia e andava pelos matos cocando enredos... O mais acertado era ir procural-o de uma vez e acabar com essa historia.

Marcos morava a curta distancia de um cortiço, onde a mãi passava o dia lavando roupa com outras mulheres. Flaviano sabia disso; vendo a casa do companheiro fechada, foi direito ao portão da estalagem. Effectivamente lá estava a Conceição estendendo lençóes, toda curvada, mostrando as pernas núas e os tamancos de páo.

Ouvindo o seu nome, voltou-se, e de vermelha fez-se livida ao deparar com o mestiço.

Flaviano esperou-a encostado ás grades, mas reparando que ella não se movia, perguntou-lhe alto pelo Marcos.

— Marcos? respondeu a lavadeira, como se não

tivesse ouvido bem, e andando devagar, para dar tempo ao cerebro de formular uma resposta. Que quereria aquelle animal? matar-lhe o filho? Teria elle já descoberto os amores de Marcos pela assanhadinha da Maria Adelaide? Certamente que elle não procuraria o outro para bom fim.

Já impaciente, Flaviano pôz a mão no ferrolho para abrir o portão; ella então apressou-se com um sorriso desbotado, disfarçando angustias :

— Que deseja o senhor?

— Fallar com seu filho.

— Meu filho?!

Flaviano fez com a cabeça que sim.

— Elle não está... anda por fóra.

— Máo, máo. Eu sei que elle está em casa.

Basta de fingimento; é melhor ir dizer a Marcos que appareça de uma vez, se é homem e não tem medo de mim.

— Medo do senhor? ora essa! porque?

Meu filho não tem de que ter medo de ninguem, que não é ladrão nem assassino; vive do seu trabalho e não pensa na vida alheia. Se quer deixar algum recado, deixe; quando elle vier eu lhe direi que o senhor cá esteve e o mais.

Ella agora fallava alto, com atrevimento, sacudindo as falripas côr de fogo do cabello em desalinho e a enrodilhar com as mãos curtas e vermelhas o avental de zuarte empapado d'agua.

— Historias! resmungou Flaviano.

— Historias não! veja lá como falla!

Eu já lhe disse o que tinha a dizer : Marcos não é vagabundo, anda ao trabalho.

Se tem algum recado a deixar-lhe, deixe-o; se não tem : viva !

Como a portugueza fallava muito alto, de um modo aspero, acudiram as moradoras do cortiço, curiosamente. O que ella queria era chamar para si toda a raiva do Flaviano e desvial-o do filho : por isso accrescentou : — Se quer a chave da minha porta, tome-a. Olhe, é aquella casa acolá. Vá vêr por seus olhos se Marcos tem medo de alguem.

Desaforo !

O mestiço medio-a de alto a baixo, com desprezo; não queria saber de negocios com mulheres. E depois :

— Pois se elle tem coragem, que continue a rondar minha noiva, que ha de se vêr commigo !

— Sua noiva? ! Para que a quer o meu filho? Ora a belleza ! A estrada é livre : se elle passa por lá é por que lhe faz caminho ! Fresca figura, a da tal Maria Adelaide !

Flaviano cresceu. A ira fuzilou-lhe nos olhos fundos, prompto para avançar; mas já um grupo de mulheres rodeava a lavadeira, que não recuou, muito vermelha, na refulgente aureola dos seus cabellos ruivos. Elle dominou-se :

— A minha conversa é com seu filho. Elle sabe bem do que eu sou capaz !

Tal a expressão com que elle fallou, que todas as mulheres se entreolharam com medo. Só a portugueza deu um impulso ao corpo ao vêl-o afastar-se,

como para retêl-o. As outras seguraram-n-a num circulo estreito, até que, vencida, ella se sentou arrepellando os cabellos crespos, imprecando os céos, e supplicando ás amigas que nada dissessem ao filho quando elle voltasse para casa... Se o Marcos soubesse de tal afronta, teriam de chorar grandes desgraças...

Nesse dia Nita e Bié andavam á cata de ovos e de orchideas pelo mato. Tinham sahido cedo de casa, elle com pedaços de pão duro nos bolsos sujos, ella com umas bolachas mofadas escondidas no seio. As primeiras horas foram sem proveito. Se deparavam com algum ninho, elle estava vazio e flôres não as encontravam senão em petalas soltas, esparsas pela ventania da noite anterior. Mas, como se divertiam pelo caminho, isso não lhes causava decepções nem cuidados. O céo estava azul; o sol dourado, voavam as camaxilras pela galharia reluzente e as pitangueiras salpicadas de frutas pretas ou vermelhas offereciam-lhes os braços macios, emquanto uma viração deliciosa fazia voar os trapinhos da saia e os cabellos despenteados de Nita. Que mais seria precizo para se ser feliz? A certeza de que áquella liberdade não chegava o olhar do tio, bastava para alegrar Bié; e Nita, com a sua philosophia alegre de criança, sentia-se á vontade correndo assim descalça pelas restingas ou pelo mato, galgando rochedos só pelo prazer de affrontar difficuldades, ou deixando-se adormecer em qualquer canto, sem pensar nas horas nem ter medo de nada. No Bié juntava-se ao amor da liberdade uma curiosidade intensa por cousas da natureza,

que o impellia a collecionar conchas, estrellas do mar, insectos e ovos de passarinhos. A seu lado, Nita era como uma cabritinha selvagem, roedora e lépida. Fruta que ella agarrasse, levava-a á bocca immediatamente; vallo que visse, saltava-o logo a pés juntos, sempre prompta a consumar as acções mais arriscadas ou mais problematicas.

Parando aqui, alli, acolá, por causa de uma flôr, das raízes de uma arvore, ou de um insecto, elles chegaram á clareira onde um velho pedregulho de dois metros de altura emergia da terra para amparo das baunilhas cheirosas que o abraçavam mollemente, ondulosamente. No topo chato da pedra uma bromelia erguia um bello pennacho côr de fogo, e á roda della, no chão, sobre um grammado leve, salpicado de flôrinhas, pairava, como um véo alvo e movediço, um enxame de borboletas brancas, quasi microscopicas. Nita tratou de espantar as borboletas, correndo entre ellas; Bié parou, absorto, olhando. Cançada de correr, a menina propoz :

— Vamos subir na pedra, Bié? Olha, ella tem uma escadinha.

Nita chamava assim a umas ligeiras anfractuosidades, onde mal lhe caberiam os dedos dos pés.

— Você cae...

— Eu não...

Com as pontas dos pés e das mãos Nita subio pela pedra, como uma lagartixa. Bié seguio-a. Em cima havia pequeninos lagos feitos pela agua da chuva, cercados de limo.

— Não parece um jardim de bonecas?

Bié respondeu :

— E' o nosso jardim.

Nita deitou-se de bruços e occupou-se em esvasiar um dos lagozinhos, remexendo-o com a mão rapidamente.

— Deixe essa agua.

— Pr'a que?

— Pr'os passarinhos.

Ella fez un muchocho e continuou.

— E' verdade mesmo que seu sabiá morreu?

— E' sim.

— Pensei que fosse de brinquedo

— Tio Pedro torceu o pescoço delle..

— Você vio?

— Vi.

— Então porque é que você deixou?

— Uê... eu gritei... corri... mas elle não fez caso.

— D'ahi?

— D'ahi eu chorei muito. Pois então?

— Porque é que *seu* Pedro mudo tinha raiva do passarinho?

— Elle não gosta de nada. E' por isso que eu escondo as minhas conchas e os ovos da collecção...

— Eu tenho medo delle...

Com a sua fanfarronice de rapaz, Bié affirmou :

— Eu não. Se elle não fosse meu tio, eu dava uma bofetada nelle !

Calaram-se ambos, ouvindo cantar um bemtevi. Depois, Nita tirou do seio umas bolachas e repartio-as

com o companheiro. Bié tirou araçás do bolso e deu-os a Nita...

— Você sabe uma cousa, Bié?

— Não...

— Estou com um somno!

— Dorme.

— E você?

— Eu fico aqui mesmo... D. Adda disse que amã nhã D. Rôla faz annos. Se a gente achasse uma parasita bonita!

— Você sabe como é que a gente faz annos? perguntou Nita com uma faisca de curiosidade nos olhinhos já amortecidos pelo somno.

— Fazendo

— Eu gostava de saber fazer annos, para ganhar presentes...

— Bôba! Pois você tambem faz annos!

— Eu?! Quando?!

— No dia em que você nasceu...

— Eu nasci no dia de meus annos?!

A explicação do Bié foi confusa e pouco adiantou á Nita, entretanto foi demorada. Ainda elle fallava quando ouviram cantar um sabiá. Calaram-se para o ouvir. Bié estendera-se ao lado de Nita e ouvindo o sabiá adormeceram os dois.

Por entre as palmas flabelladas dos coqueiros o passaro cantou ainda embaladoramente por largo tempo. Vespas zumbiam num tronco velho, trazendo á sua colmeia o mel das flores douradas e o perfume das resinas que exsudavam das arvores benignas.

Com o seu vôo fulgurante, uma enorme borboleta azul agitou as azas lentamente sobre as cabeças das crianças, como um pedacinho de céo que se desprendesse para vir abençoar tanta innocencia, e sumiu-se por entre os cipoaes, para reapparecer de vez emquando luminosa e grande.

Era a hora clara do dia, hora do seu maior triumpho, em que a luz que vinha do firmamento cahia sobre o rochedo como um manto de ouro. Os pequenos dormiram por uma larga hora, sem sonhos, respirando o aroma da baunilha, aquecidos pelo sol do inverno, sem pensamentos que embaraçam a vida, e sem os terrores que a amesquinham.

Dir-se-ia que respiravam pela mesma alma das plantas...

Tal era o somno, que não sentiram alguem approximar-se; e só acordaram a um violento puxão que lhes davam nas pernas. Sentaram-se. Deante delles estava o Flaviano, de má catadura.

— Bié, diga a verdade; onde é que você hoje vio Marcos? inquirio logo o mestiço.

Bié, extremunhado, respondeu :

— Eu não sei... eu não vi Marcos nenhum !

Mas Nita, com a memoria mais clara e perfeitamente desperta, atalhou :

— Vimos, sim ! Eu o vi na estrada velha, lá para os lados da casa de Maria Adelaide.

Foi tal a expressão de odio na cara de Flaviano, que as crianças estremeceram, aparvalhadas, sem comprehenderem nada.

— Venha me mostrar o lugar em que você vio elle, ande!

Bié retrucou :

— Ella não vio nada...

— Vi, sim! elle estava parado ao pé...

Bié fez signal a Nita para que se calasse. Era tarde; ella, já muito atrapalhada, concluia a phrase :

...ao pé da cerca da Maria Adelaide

VIII

Chereletes... enxovas... corocorocas... curvinas... a rêde trouxera peixe de varios tamanhos e differentes feitios. Setembro não nega lanço a pescador, embora não seja de tantas farturas como o verão.

Quando a *Guanabarà* manobrou, era muito cedinho e já havia gente no banho. A maré descia; o céo muito algodoado tinha uma luz pallida que permittia descanço á vista e arrefecêra bruscamente o tempo, que fôra de extremos em Agosto. A quéda de temperatura fizera crer ao João Sérvulo que perderiam atôa as suas horas no mar. Quando nessa madrugada o Baptista assobiou do alto annunciando o peixe, elle puzera os pés na canôa sem enthusiasmo. Agora, vendo estorcer-se no chão aquelle amontoado de corpos vivos que saltitavam, arqueavam-se, cahiam uns sobre os outros em embates desesperados, dizia lá comsigo que a natureza tem caprichos de mulher: dá quando se não espera, recusa quando se supplica...

Rubião, agachado, roçava o peixe com as barbas.

Um saltou-lhe na cara. Fortunata, que acudia sempre a vêr o pescado, deu uma gargalhada sonora.

— A sororoca queria já entrar para a sua boca. Que pena comer um bicho tão esperto, que até parece cavalla.

— Vancê tá se lembrando disso, porque ella não está no seu prato...

— Palavra que no dia em que eu vejo pescar não tenho vontade de comer... olha só pr'as tainhas, coitadas, estão como doidas... até os animaes têm medo da morte.

— Só o pescador não pensa nisso...

— Vocês são de cortiça.

Entretanto, *seu* Freitas distribuia peixes por alguns curiosos que o tinham ajudado a puxar o arrastão e mais ao Bié e á Nita, surgidos como que por encanto naquella parte da praia.

O pequeno não corrêra até alli com o sentido nos magros paratys ou nas chatas corocorocas que lhe cahissem por esmola nas mãos. Acudia pressurosamente até á beira d'agua, sempre que via ou sabia de alguma pescaria, a observar se no fim, ao sacudir da rêde, cahiam das malhas miudas do *copio* alguma estrella do mar, alga, concha ou caramujo.

Nita, mais gulosa, mal recebia o seu quinhão pensava logo no melhor modo de o preparar, na sua cozinha improvizada no bosque dos cajueiros, entre as pedras e as bromelias. Nesse dia não curtiriam fome.

— Uma estrella do mar!... Um caramujo azul!

A exclamação partira do Bié, que se atirara de

bruços na areia, com uma fulguração luminosa nas pupillas negras. Era precizo esconder depressa no seio aquelle lindo caramujo de tão rara côr, antes que o tio mudo o quebrasse ás pedradas até ver-lhe lagrimas nos olhos. Tambem elle, o Bié pensou no bosque dos cajueiros, onde escondia agora os seus thesouros numa tóca abandonada, entre um tronco retorcido e cupinado de arvore velha e um penedo rachado pelo raio.

O pessoal da *Camponeza* tinha combinado que se a noite fosse escura haveria um lanço de caracas (*) Teria elle a fortuna de alcançar então outra cousa com que andava sonhando: uma arvore do mar?

João Servulo empurrou-o.

— Sae daqui, pequeno... Você está como tatuhy, querendo entrar na areia!... Olhe, seu tio ahi vem...

Bié ergueu-se de um salto e olhou para trás. O mudo vinha perto, com um samburá enfiado no braço esquerdo, um caniço na mão direita. As calças arregaçadas até ao joelho, mostravam-lhe as pernas finas desprovidas de pellos, quasi luzidias. O chapéo de palha de côco, de copa alta e largas abas, ensombrava-lhe o rosto molle, côr de cêra suja, onde mal se desenhavam os fios castanhos de um bigode ralo, descahido nas pontas.

O mudo tinha percebido o gesto do sobrinho e caminhando para os outros fixava nelle com inda-

(*) Madreporas.

gações curiosas os seus olhinhos estreitos, côr de café fraco.

— Seu tio tá zangado, Bié... notou um pescador, rindo; alguma você lhe fez...

Nita acudio em defesa do amigo, sacudindo no ar os peixes que tinha pendurados das mãos :

— Qual fez, qual nada ! Seu Pedro tá furioso porque Bié escondeu no cajueiral a collecção dos ovos e das conchas... Elle é ruim como cobra !

O mudo voltou-se para a pequena com ar tão vivo, que se diria tivesse ouvido tudo.

Rubião deu uma gargalhada, concluindo :

— A modo que elle percebeu...

— Que me importa ! Elle é máo mesmo... affirmou Nita.

Pedro retomara a sua placidez.

Rubião indagou ainda :

— Em que cajueiral você estava fallando?

— Perto da pedra rachada, junto do morro da Babylonia...

— Quem é que mora lá?

— Ninguem... a gente fez armario dentro da bocca da pedra... ao menos lá o malvado não escangalha nada...

Na certeza de que o mudo não ouvia nem o estampido da fortaleza, nem os ribombos do trovão, toda a gente dizia delle o que bem lhe parecesse, mesmo á sua beira.

João Sérvulo indagou com a vista o que o mudo trazia no samburá. Peixe de pedra : uma salema de prata riscadinha de ouro, duas corocorocas bocca de

fogo e um sardo de marimbá. A pesca fôra proveitosa; entretanto, João Sérvulo atirou para o balaio do mudo um cherelete gordo, com pena do desgraçado que tinha lingua e não podia contar as suas desventuras; tinha ouvidos e não podia ouvir as cantigas da Hortensia.

— Seu João, indagou um pescador, o peixe vai por terra na carroça, ou vai mesmo na canôa para a praça?

— Homem... tanto por tanto, embora o dia esteja fresco, que vá mesmo na canôa... a corrente está de feição...

Para os quatro remos foram logo designados quatro homens. Seu Freitas iria com elles negociar no mercado.

João Sérvulo e o compadre Lino ficaram na praia, enrolando a cabaria branca e a preta de cipó imbê.

— Amanhã a escala é da *Camponeza*... Em lua nova e em lua cheia a agua corre para léste... amanhã é lua nova... a *Camponeza* vai ter bom pescado...

— Quem sabe? Foi num quarto de lua, com agua correndo para o sul, que a gente vio aquelle negró de corocorocas...

— Pr'ahi umas trinta mil...

— Nem sei como a rêde velha não arrebentou... E o Marcos, que não apparece!

— Está nas chalanas dos portuguezes, pescando peixe grande na bahia... A mãi foi hoje á minha porta... parece que o Flaviano disse qualquer cousa que a incommodou...

— Asneiras... cada um que se metta com a sua vida... estão ameaçadores que nem vento oeste.

Porque? para que? Você pensa? se não fossem pescadores já se teriam atracado ahi... Quando fôr tempo da garôpeira, então é que hão de fazer as pazes. Lá fóra : longe da vista, longe do coração!... O vento livre varre os máos pensamentos...

Sem interromper o trabalho, Lino indagou, distrahidamente :

— Afinal, por que é que elles estão zangados?

— Rabo de saia...

— Hum...

— Zangados, zangados não... Não declararam guerra porque as cousas não passam de desconfiança... Fortunata tem faro de tainha, não sei como percebeu a historia... Mulher é o diabo! Foi ella que me contou. Parece que o Marcos foi iscado pela songamonga da Maria Adelaide. Elle anda cozinhando a paixão dentro do peito; como é leal, fugio para a cidade... a moça está promettida a um companheiro : é sagrada. Por elle eu ponho as mãos no fogo; agora pela moça... não; porque é sonsa, e mulher sonsa é mais perigosa numa casa, que baiacú numa rêde... Que isto fique entre nós, compadre.

Fortunata, que viera vêr o pescado na praia, escolhera duas gordas sororocas, que era ver duas cavallas, para mandar levar de presente á Rolinha, que não lhe quizera levar nem um vintem pela sua ultima costura. Ao mesmo tempo tinha com isso pretexto para um bocado de prosa e desabafo de certas novidades.

Apezar de pobre, Rôla tinha sempre uns cinco mil réis guardados para acudir nas crises de miseria á

algum pescador menos previdente ou mais cançado, como ao velho Tiburcio, inutilizado desde um naufragio; ou mesmo a Fortunata Sérvulo, que lhe pedia recursos a titulo de emprestimo, na ignorancia do marido, segundo affirmava.

Nesse mesmo dia, após a visita de Fortunata, estava Rôla cosendo á machina, ao lado da viuva D. Ricarda, quando bateram á porta.

A viuva disse de si para si :

— Ahi vem peditorio...

Rôla levantou-se sorrindo, certa, talvez por suggestão, de que chegara a hora de fazer bem a algum necessitado; mas logo ao abrir a porta recuou sorprendida. Ruy estava deante della, muito abatido, com a golla do sobretudo erguida até ás orelhas e os olhos engrandecidos, brilhando na palidez do rosto.

— Ruy !

— Eu mesmo... Não me manda entrar?

— Que imprudencia...

— Já estou bom, não tenha cuidado...

— Sente-se aqui, neste cantinho mais agazalhado...

— Estou bem... Lá em casa sentia-me mal... muito triste...

Ruy percorreu com a vista os angulos da sala, procurando alguem. Rôla tinha um ar constrangido...

— Sabe o que vim fazer, Rolinha?

— Não... e...

— Agradecer-lhe a sua visita e a de Adda e ao mesmo tempo pedir-lhes desculpa pelo modo por que foram tratadas...

Comprehendo que meu pai estivesse fóra de si... julgava que eu morresse...

— Perfeitamente; não fallemos mais nisso; em todo caso, diga-me : como soube?

— Pela Antonia... a preta velha lá de casa... ella vio tudo... contou-me tudo...

— A casa estava fechada!

— Olhou através das venezianas... Eu ainda duvidava... vejo que ella não me mentio!

— Talvez tivesse exagerado... não se afflija. O que nós pediamos ao céo era que você não morresse. O mais!...

Ella encolheu os hombros.

Ruy perguntou :

— Onde está Adda?

— Dormindo. Toma agora banhos de mar... levanta-se cedo, ao meio-dia tem somno...

— Com franqueza : ella soffreu por minha causa?

— Nós todos tivemos muito cuidado...

— Não é isso. Sei que são meus amigos; pergunto pela especie de preoccupação que porventura lhe causei, *a ella*... Não me responde?... Nenhuma?!

— Eu não disse nada... suppuz que os sentimentos de minha filha lhe fossem já indifferentes... Estavam afastados... imaginei um rompimento...

— Que a alegrou!

— Não digo que não... cada vez esse casamento se torna mais impossivel...

— Não ha nada impossivel entre dois corações que se amam... e ella ainda me ama!

— Quem lhe disse?

— Aquelle grito! A voz de Adda não me sae do ouvido. Ficou gravada no meu cerebro. Chame-a; quero pedir-lhe perdão... fui um vaidoso... penitenciar-me-ei...

— Ruy... fuja... faça a vontade a seu pai... não insista numa idéa que...

A porta da alcova abrio-se e Adda appareceu com os olhos espantados e a face vincada por uma dobra da fronha. Trazia o calor da cama na pelle rosada e ainda como que um mysterio de sonho na fronte mal encoberta por uma onda molle do cabello escuro.

O rosto do moço illuminou-se ao vel-a. Ella approximou-se calada, empurrou um banquinho de costura para a frente da cadeira de Ruy e sentou-se, quasi unida aos seus joelhos, erguendo para os olhos delle os seus lindos olhos impenetraveis. Elle tremia. Ella disse :

— Se você não viesse, eu tornaria a ir á sua casa, embora seu pai me botasse outra vez as mãos no peito para me fazer cahir de costas na rua!

Livido, tremulo, o moço curvava-se para ella, de quem se evolava o calor do corpo repousado.

Vestida com uma saia de lã usada, de tom escuro, e um casaco de casemira alvadio, mal abotoado sobre uma blusa de chita desbotada, num desalinho caseiro de menina pobre, ella parecia-lhe a elle mais intima, mais *sua*...

— Tenho tido noticias suas todos os dias... A Fortunata transmitte-nos o que sabe... Foi segunda-feira que o medico lhe deu alta... Quarta que deu a sua

primeira volta no jardim... Bem vê que estou informada.

Sim... era isso mesmo. Elle sorrio, morto por acariciar-lhe os cabellos macios e despenteados; ella continuava :

— Aquella pescaria fez-lhe mal... Meu Deus como as suas mãos estão frias! Mamãi! arranje uma chicara de leite quente para elle...

Rôla olhou para D. Ricarda, que ageitava os oculos para recomeçar a costura, e sahio.

Adda e Ruy ficaram no mesmo cantinho, elle embevecido, ella fallando sem alludir nunca ao desgosto do baile, como se o não tivesse percebido e a ausencia de Ruy datasse unicamente do periodo da doença. Assim, não tinha de que se arguir. Se havia alli alguem arrependido e humilhado era elle... Para distrahil-o, chamal-o ao presente, ella desfiou um rosario de banalidades, respeitando a presença de D. Ricarda, toda sorridente. Mas a elle pouco importava agora o sentido das palavras, o que elle amava nella era a musica da voz.

A's vezes Adda fazia-lhe perguntas que ficavam sem resposta; Ruy ouvia-a como a um passarinho, deleitando-se sem procurar entendel-a. Se ella se queixava da sua falta de attenção, elle replicava :

— Não era isso que eu esperava que você me dissesse... mas falle, falle sempre!

Ella enchia os olhos de inconsciencia, como se não comprehendesse o sentido daquella queixa... Toda ella agora exhalava ternura e felicidade. Elle voltava ao seu amor voltando á vida; elle corria para os seus

braços amorosos em busca da felicidade, da gotta de agua indispensavel á sua sêde insoffrivel! Era isso que ella percebia com um vislumbre de triumpho irradiando-lhe entre as meiguices do olhar e da voz. Ah! o velho tonto, o velho orgulhoso, abrir-lhe-ia um dia por suas proprias mãos, para recebel-a como filha, a porta de que a expulsára com tão criminosa brutalidade! Esse desafio ella o atirava agora ao destino, do fundo da sua alma, na certeza de vencer. A belleza assegurava-lhe a victoria, a vontade atiçava-lhe o animo.

Foi no fim da visita que Rolinha, sentando-se ao pé de Ruy, lhe disse com modo grave, em que fluctuava a sombra de uma grande tristeza:

— Tive muita alegria em vêl-o hoje; mas peço-lhe que não volte a minha casa...

Adda ergueu-se de um salto.

— Oh! mamãi, não diga isso!

Rôla repetio, calcando as palavras:

— Não volte a minha casa. Seu pai considera-nos como inimigas. Não deve contrarial-o. E' cedo para resistir á sua vontade. Espere.

— Meu pai convencer-se-á de que não tem razão...

— Mas elle tem razão; conhece a minha historia e sabe que esta menina não tem nem origem nem fortuna. Não é a noiva que lhe convém.

Adda avançou, com os labios tremulos e as sobrancelhas contrahidas.

— A senhora está louca?! exclamou ella com raiva.

— Não, filha, não estou louca. Escute, Ruy. Pense bem : frequentar a minha casa é comprometter esta menina, com quem você não casará nunca.

Adda ergueu a cabeça com um sorriso de profunda ironia.

Ruy balbuciou muito pallido :

— Meu pai terá de submetter a sua vontade á minha... A senhora verá como ha de ser elle quem lhe venha pedir a mão de Adda...

Rôla teve um gesto de incredulidade.

— Pois só depois desse dia você poderá voltar a esta casa.

— Assim... despede-me?...

— Despeço-o... com muito desgosto. Bem sabe quanto sou sua amiga... como se fosse meu filho... Isto não quer dizer que não nos fallemos em qualquer parte onde nos vejamos...

Adda continha a custo uma grande revolta e antes que Ruy sahisse ella murmurou-lhe rente ao hombro, rapidamente :

— Amanhã á tarde, em casa do João Sérvulo...

Foi ella quem lhe fechou a porta desabridamente, voltando-se logo para a mãi, numa furia :

— Como a senhora gosta de me humilhar! Não tenho origem ! e a delle ? ! Parece que tem prazer em lembrar a todo o mundo que sou uma engeitada ! Antes a senhora não me tivesse apanhado da rua, e me deixasse á chuva, para os cães famintos !

— Adda !

— E' isto mesmo. Seria mais caritativo deixar-me na lama para onde me atiraram, do que recolher-me

para isto! Para quem me destina a senhora? Para algum filho engeitado, como eu? Procure-o então já, para se ver livre desta peste!

— Adda!

— Eu não tenho culpa do crime de meus pais· para arrastar toda a vida a sua responsabilidade, Tenho jús a viver e a ser amada, como as outras mulheres. Sou bonita, sou moça! E' o principal.

— Você não faria a felicidade de Ruy...

— Mas elle fará a minha.

— Não basta. E' precizo que ambos sejam felizes. Você é dominadora e amiga do luxo. Deve procurar um homem rico.

— Não tenho origem.

— Tem belleza, é o principal. Ruy é um nervoso e um ciumento. Tudo nelle é espirito. Vocês não se entenderiam.

— Mas que tem a senhora com isso?

— Tudo, visto que sou sua mãi. Se Ruy conseguir que o pai venha pedir-me a sua mão, você me agradecerá esta acção.

— Elle não virá.

— Quem sabe?...

— A senhora, que parece ter interesse em não me casar com Ruy.

— Ah! ingrata...

Adda sahio da sala, batendo com a porta.

— Ahi está a recompensa de se criarem filhos alheios... criticou a viuva, do canto em que permanecera como espectadora.

— Cale-se, D. Ricarda, cale-se! supplicou Rôla, com os olhos rasos de agua.

— Sim, agora não ha outro remedio; é aguentar... Aquella menina... aquella menina tem pinta; eu nunca me enganei... Deus queira que...

D. Ricarda resmungava, muito indignada. Rôla, fincando o queixo na palma da mão, procurou encaminhar seus pensamentos para uma solução definitiva. Era ella, afinal, quem tinha a obrigação moral de esclarecer, de dirigir... A cada resolução, o seu passado saltava para diante della, como uma barreira insuperavel. Só via um meio: tentar ainda, fosse como fosse, uma entrevista com o pai do Ruy, supplicar-lhe misericordia a affirmar-lhe que desappareceria daquelle lugar para sempre no proprio dia do casamento de Adda. Se a sua pessoa era o que servia de embaraço, esse embaraço sumir-se-ia como por encanto...

Lá fóra erguera-se bruscamente uma forte ventania, que fazia tremer os caixilhos das janellas, como se tambem a casa comparticipasse da crise que fazia estremecer as moradoras.

Fôra no meio de uma confusão igual, a que se juntára o barulho calamitoso de grandes vagalhões, que uma certa noite, havia dezenove annos, ella ouvira quasi indistinctamente os vagidos de uma criança junto á sua porta. Abrira apressada. Na soleira estava uma menina recemnascida, enrolada em flanellas usadas. Rôla erguera-se espantada, aconchegando a pequenina ao seio magro; depois tornou

a fechar a porta, muito calada, transida de frio e de piedade.

— Que é isso?! inquirira a viuva, já então sua companheira.

— Uma filha, D. Ricarda; veja!

A viuva, mais pratica, menos sentimental, revoltára-se.

— Que! era urgente ir fallar á policia. Que não fosse tola. Adoptar a pequena seria comprometter-se. Todos sabiam da historia ainda recente dos seus amores, e de como o amante lhe fugira dos braços; julgariam a criança fructo dessa ligação transitoria, que era precizo esquecer. A criança lembral-a-hia eternamente. Que não fosse idiota. Que ia fazer?

— Dar-lhe leite e cuidar della. Fôra a sua resposta. Com a criança no regaço, já aquecida no seu chale, já confortada por umas colherinhas de leite, ella reconstruia o seu passado, em que o abandono predominava em tudo. O Destino fizera-a para a tristeza. Ficára orphã cedo e como orphã fôra educada num collegio de Irmãs, em que a Caridade não dissimulava a esmola... Depois, o tio recolhera-a e cubiçara para si a esbelteza do seu corpo de lirio... fôra então que ella vivera na visinhança dos pais de Ruy, vendo soffrer a D. Angela, fugindo da casa do tio para o quintal da visinha, onde passava os dias com o pequenito no collo, já toda maternal e carinhosa. Depois... depois o seu amor pelo guarda-marinha que morava defronte, aquella paixão embriagadora, a sua fuga com elle numa noite escura...

Depois... o abandono *d'elle*, a sua partida para uma

viagem de que nunca mais voltou, e os dias sem fim que ella passára voltada para o mar, numa esperança irrealizada, numa saudade tão dolorida e tão longa... que a cobrira de lucto como a das viuvas... Vinha-lhe dahi uma grande sympathia pelos desherdados da ventura. A criança atirada á sua porta trazia o nome cosido aos cueiros:

— *Adda.* — Era pouco, mas era alguma cousa. Com o rosto cheio de lagrimas, Rôla ergueu a criança á altura do rosto e beijou-a longamente. O vento reunia as sementes da mesma planta — o abandono; não era uma filha que lhe vinha para o regaço: era uma irmã!

Desde essa hora, nada faltára á linda creaturinha, que foi crescendo a seu lado, como uma rosa junto a uma sepultura. De que lar tinha vindo aquella menina? Diziam uns terem-n-a visto como um embrulho nas mãos do Pedro mudo. Em vão Rôla lhe supplicou que lhe aclarasse o mysterio. A cada um dos seus rogos elle uivava como um cão, relanceando olhares intraduziveis.

Diziam outros que a pequena era filha de uma italiana de theatro, ave de arribação que alli tinha pousado por alguns mezes e que fugira deixando a filha fóra do seu caminho. Mas o pai... quem seria o pai, indagava agora Rôla de si para si, morta por ir pedir-lhe como soccorro para a felicidade da filha — o seu nome... A idéa dessa exigencia do Coronel, fel-a sorrir de ironia. No meio da sociedade contradictoria, desordenada em que viviam, aquella imposição não representava um escrupulo, mas uma arma.

— Chegou o dia que eu esperava com medo, mas que era inevitavel, suspirou D. Ricarda do seu canto.

Rôla voltou para ella um olhar transfigurado, muito pallida, numa inquirição muda.

— O dia da ingratidão, affirmou a velha, dando o nó á linha da costura.

IX

Assim que vio Flaviano na cancellinha do quintal, Maria Adelaide fugio para os fundos da casa e foi esconder-se atrás do gallinheiro.

— Maria Augusta ! supplicou ella á irmã, diga que eu estou na cidade.

O mestiço recebeu o recado, mas teimou por entrar, mal convencido, affirmando não vir vêr a moça, mas fallar com a mãi a seu respeito.

A viuva andava desconfiada com a tristeza da filha e attribuia-a a arrufos com o noivo. Com os braços enterrados na gomma até aos cotovellos, gritou da janella ao rapaz que entrasse. Não era de cerimonias ; ella não podia interromper o trabalho.

Elle entrou, relanceando a vista pelos cantos.

— Que novidade.... gentes ! por aqui a estas horas !...

Flaviano desabafou logo ; vinha decidido a uma deliberação : marcar o dia do casamento e acabar com essa historia de uma vez. Até já tinha vergonha; toda a gente lhe perguntava : — quando

casa?... você casa mesmo? Parecia caçoada... Pedia urgencia.

A viuva tornou-se séria, chamou a outra filha, Maria Aurora, para continuar o seu serviço, que não devia ser interrompido e, enxugando as mãos e os braços rosados pelo calor da gomma cozida, veio sentar-se diante do pescador.

Houve uns momentos de silencio, em que só se ouviam o chapinhar das mãos de Maria Aurora na bacia da gomma e o cacarejar das gallinhas fóra, no quintal. A viuva começou pausadamente, fixando com penetração os olhos de Flaviano:

— No dia em que o senhor veio me pedir a mão de Maria Adelaide, se alembra do que eu lhe respondi?... Respondi que ella havia de sahir de casa de sua mãi para entrar na casa de seu marido.

Quando o senhor tivesse com que sustentar familia, então casasse. Só assim. Sabe que eu sou pobre, não posso com mais ninguem. Deus sabe já o que me custa carregar com o meu fardo.

Sua mãi tem muito dinheiro, mas não dá nada; quer o seu socego... e não atura nem o ouvir fallar no nome da minha filha...

— Todo o mundo diz que minha mãi tem muito dinheiro, mas ninguem vio o dinheiro della...

— Não fui eu que inventei essa riqueza.

Só sei que este casamento não ata nem desata; a culpa é sua, e quem mais soffre é minha filha, que emquanto espera póde perder outro casamento, — que ella não é nenhum peixe podre...

Os olhos de Flaviano fuzilaram de raiva. Elle julgara perceber a intenção das ultimas palavras.

Já se pensava em outro casamento e era isso que elle queria obstar! Com todo o corpo a tremer-lhe, protestou :

— Isso não! Ella é minha noiva, é o mesmo que ser minha mulher. Ninguem póde voltar com a palavra atraz...

— O mesmo do que ser sua mulher... não... Ha muita differença...

A observação fez explodir o ciume do mestiço. Queria vêr só, se tinham coragem para romper um pacto tão sério. Veriam que desgraça succederia, se tal se desse. A verdade é que eram todos egoistas e contra elle.

Se, casado com Maria Adelaide, viesse morar com a sogra e as cunhadas, seria um elemento de prosperidade no lar. Elle ajudaria a manter a casa, com o seu trabalho.

A viuva a isso é que não queria ceder, conhecia as pessoas e não se fiava em promessas.

Confessava ter aceitado a proposta do casamento, pensando que elle se realizasse cedo e estar nesse tempo desanimada e com dividas deixadas ainda por seu defunto marido. A vida apavorava-a. Mas o caso mudara de figura. Com a ajuda de Nossa Senhora, já pagara tudo e agora, mais desafogada, não se precipitaria numa resolução tão grave... Era prudente era pratica, e não queria criar embaraços futuros... Elle que montasse casa, e então lhe fallasse!

E que não perdesse tempo em conversas; ella

tinha um montão de camisas na gomma e queria aproveitar o sol; era natural que elle tambem quizesse aproveitar as horas...

As cousas eram ditas clara e chatamente, sem reticencias nem rodeios.

Se quer é assim, se não quer vá-se embora!

Flaviano farejava o ar com o sentido na noiva, adivinhando perfidia. Por vèzes como que aspirava o cheiro de lima e oleo de côco com que ella amollecia os cabellos, e lhe ouvia o ruido das chinellinhas no chão arenoso do quintal. Do canto da sala, perto da janella, Maria Aurora espreitava o pescador, disfarçando a custo a vontade de rir.

Era bem feito. Por seu gosto a irmã não se casaria nunca com tal sujeito. Só a idéa de um sobrinho mulato!...

Quando elle por fim sahio, com assomos mal-criados, ella correu a avizar Maria Adelaide, que podia entrar, que o *cabra* já se tinha ido embora.

Maria Adelaide é que não ria. Estava livida. Entrou pela porta da cozinha, onde a outra irmã preparava o feijão e foi para o quarto sentar-se calada no seu bahú, aos pés da cama. Não saberia explicar o que sentia nem por que se transformara em medo a confiança que desde os tempos da escola depositara em Flaviano! A sua presença agora aterrorizava-a, como se delle tivesse recebido alguma offensa grave. A sua imagem tomava proporções grotescas e a sua pelle, a cuja côr se habituara desde menina, repugnava-lhe agora... não saberia tampouco explicar

porque o pescador Marcos lhe occupava com tanta insisténcia o espirito.

Querendo pensar em Flaviano, só pensava nelle. Marcos enxotava o outro, occupando já todo o seu coração. Seria um grande crime aquillo? Parecia-lhe que sim;

Com elle nunca fallára, só tinha trocado olhares; mas pelo Flaviano... até se deixara beijar uma vez, na volta da estrada, á sombra do cajueiro...

A' lembrança desse beijo torpe, toda arrepiada e enojada, a moça esfregou a face no hombro, em movimentos consecutivos, até sentil-a arder.

Seria crivel que só o olhar do Marcos lhe tivesse posto n'alma aquella inquietação?

Que rumo daria agora á sua vida? Casar com Flaviano, nunca, antes morrer... um pouco de kerozene nas saias, um phosphoro aceso, e o fogo purificaria a traição nas chammas, a carne nas cinzas e só della ficariam fluctuando na memoria dos outros as syllabas doces do seu nome... No turbilhão de angustias em que se agitava luzia a ventura de uma esperança... Amal-a-ia Marcos? Sim. Diziam que elle era brincalhão, voluvel com as outras, mas percebera, com o seu instincto de mulher, que por ella o sentimento era outro, muito verdadeiro, muito dolorido... Como havia de ser?! Flaviano era vingativo... Marcos não teria coragem de se declarar... sabia-a noiva do outro... Demais a mais, eram ambos pescadores...

Com os olhos parados, fixos na nudez do quarto, Maria Adelaide voltava a pensar em cousas já bem pensadas, morta por fugir dos braços do Flaviano,

doida por alcançar com a sua boca fremente de virgem amorosa, a boca do pescador branco...

A irmã espreitou-a duas vezes, sem ser percebida. Na meia obscuridade da alcova, o rosto comprido de Maria Adelaide parecia feito de pedra branca, varada de luar... O seu corpo delgado, apenas coberto com uma saia e um paletósinho de chita desbotada, torcia-se sobre o bahú em contorsões lentas e nervosas.

Toda a familia se entreolhava com certo espanto, sem poder penetrar no segredo daquella afflicção. Que teria dito o Flaviano á noiva, para fazel-a zangar assim? Ella era sempre de um natural tão calado, que ninguem se gabava em casa das suas confidencias. O tempo esclareceria o caso; já agora que a situação se modificara para melhor, ninguem se entristeceria se o casamento fosse desmanchado.

Nesse dia Maria Adelaide não quiz jantar. A mãi zangou-se : — que não fosse tola de se matar por um homem. Bem se importam elles! Com o alvoroço da chegada do noivo e aquelles amuos idiotas de sinhásinha rica, até se esquecera dentro do tanque de um grande naco de sabão que se teria derretido todo se não fosse ella! Aquillo era o mesmo que pôr dinheiro fóra. Alli estava a negra para o ganhar. Tomasse juizo. Ella tambem fôra moça, tambem namorara e casara, mas nunca fizera semelhante figura! Pobre não tem luxos!

Maria Adelaide parecia surda. Estava agora como se talhada em granito. As palavras da mãi vinham em ondas, sem lhe causarem o menor abalo. Nem uma resposta, nem um estremecimento...

Constara-lhe que estava combinada para essa noite uma pescaria entre o pessoal da *Guanabara*.

E de repente, acudio-lhe a idéa de ir á praia provocar um encontro com o Marcos... Já uma grande saudade a impellia para esse desejo e uma absoluta necessidade de o ver... Era a ultima prova; queria sentir os olhos delle nos seus olhos, lêr-lhe a alma na expressão do seu rosto. Decidiria tudo depois... bem podia ser que ella estivesse enganada e que o Marcos fizesse tanto caso della como da primeira camisa que tivesse vestido... Se nessa noite percebesse isso, apressaria no dia seguinte o casamento com o outro, para castigar o coração maluco e fugir daquelle pensamento. Ao anceio de ver Marcos, juntava-se o pavor de um encontro com o noivo, que havia de estar tambem na pescaria e talvez abandonasse o trabalho para vir pela noite escura acompanhal-as até a casa... Acontecesse o que acontecesse. ella veria o Marcos.

A' noite influio toda a gente para o passeio; calçou meias e sapatinhos amarellos; tirou do bahú a saia nova, pôz fitas no cabello e Agua Flórida no lenço...

— Uê ! como Maria se enfeitou ! exclamou attonita uma das irmãs, acostumada a vêl-a mais singela nos seus passeios nocturnos; e concluio :

— Mal empregados sapatinhos... agora que ninguem vê ! Eu cá, vou com as botinas rôtas...

A noite estava calada e cheirosa. Os cajueiros começavam a florir e o seu aroma de mel aveludava a atmosphera mórbida. Pyrilampos verdes abriam pon-

tos de luz errante ás margens do carreiro sinuoso, beirado de carrapichos e cabeças de frade em flor. As irmãs de Maria Adelaide, cochichavam rindo, acompanhadas pela mãi e um tio velho que tropeçava a cada instante desafiando a hilaridade das raparigas e mesmo da matrona pesada mas firme.

Maria Adelaide não murmurou em toda a estrada nem um monosyllabo. Só ao passar junto ás faldas do morro dos Cabritos, ouvindo tremular no ar um berro de cabra, longinquo e longo, sentio uma grande piedade por aquella voz isolada, que parecia queixar-se á natureza de um desgosto irremediavel.

Corria em todo o bairro da Copacabana que esse alto morro, que ellas iam ladeando, era habitado por um fato de cabras selvagens, que nenhum caçador se atreveria nunca a perturbar.

Ellas viveriam alli ignoradas, se de longe em longe um ou outro cabrito se não despenhasse, resvalando de penhasco em penhasco pelas ribanceiras mais resvaladiças, até cahir em baixo, trahido pelas sorprezas do terreno numa das suas correrias, ou empurrado na luta por um dos seus irmãos. Ensanguentado, arfante, morria então de olhos voltados para a penedia abrupta onde ficavam os seus...

O berro traspassava o ar sereno da noite, como um gemido de orphão supplicando misericordia. Maria Adelaide sentio que as lagrimas lhe subiam aos olhos, predisposta por uma sensibilidade que as irmãs não comparticipavam. Ellas continuavam a espicaçar a paciencia do tio velho, com risinhos e chufas. Ao desembocarem na praia, Maria Adelaide puxou vio-

lentamente pelas duas irmãs e dando-lhes os braços poz-se entre ambas, defendendo-se de um possivel encontro com o Flaviano. A sua carne tremia. O seu olhar ia como uma lanterna alluminando o caminho, a vêr se encontraria Marcos.

Dirigiram-se para a enseada da Igrejinha, onde as canôas dos pescadores dormem encalhadas em colchões de areia té a hora em que o fado as faz ir ás suas aventuras do mar. Se não houvesse lanço conversariam ao menos um bocado com a Fortunata, sempre novidadeira e interessante e que morava alli mesmo, perto da Arrecadação...

Não as tinham enganado. A *Guanabara* aprestava-se para a pesca e com ella a *Cruzeiro* e a *Camponeza*, combinadas para uma funcção em commum, pelos seus mestres. Ao approximar-se do grupo dos pescadores na praia, Maria Adelaide inteiriçou-se nos braços das irmãs, que se voltaram para ella assustadas; mas não passou aquillo de um movimento em que os seus nervos de aço readiquiriram logo a flexibilidade natural. Ella conhecera a voz de Marcos e o distinguira entre os outros, alto como uma torre. Quando se approximaram, Fortunata acolheu-as rindo :

— Ahi, meu povo ! Senta aqui mesmo na areia, comadre, ella é mais fôfa que um sofá de mollas... Ih ! como Maria Adelaide está cheirosa !

Ouvindo aquelle nome, Marcos voltou rapidamente a cabeça para o lado das mulheres. Maria Adelaide percebeu o movimento e estremeceu de alegria. Elle recuou um passo, ella avançou outro. Olhavam-se.

— Que milagre foi esse? inquiriu a Fortunata, obrigando a viuva a sentar-se na areia.

— Idéa de Maria Adelaide, que deu na mania de querer vir por força vêr a pescaria...

— Fez ella muito bem... mas olhe, o Flaviano ainda não está ahi...

Emquanto as outras mulheres conversavam, Maria Adelaide olhava para Marcos.

Elle voltara nessa mesma tarde das chalanas dos portuguezes, cheio de saudades deste mar largo, de outra côr e outro sopro.

Alguns metros afastada da ultima canôa, fervia sobre tres pedras, em cima de um brazido, uma taxada de cascas de aroeira para a tintura da linha de algodão.

Para não perder tempo, como não teria logar na canôa, Rubião tirara um punhado de cascas do taxo e esfregava com ellas uma meada do fio branco, para o tornar imputrecivel e excellente para a fabricação de uma nova rêde.

Ninguem sabia manejar tão ligeiramente a lançadeira, nem com tamanha certeza como elle. Quem quizesse boas linhas de tucum ou de algodão impermeavel, era só fallar-lhe. Gostava de conversar com as mulheres e trabalhar ao lado dellas, sentado sobre os calcanhares descalços, provocando historias ou relatando os seus contos do Norte... Já ensinara á Hortensia varias cantigas e chegava a chorar quando as ouvia desdobradas pela linda voz da moça, que acabava de chegar com uma cestinha cheia de cama-

rões vivos, trazidos pelo pai de uma pescaria na Lagôa, e muito risonha, annunciava :

— *Seu* João Sérvulo ! Camarões para iscas !

João não gostava de pescar ao anzol, mas entrara na combinação entre os mestres que, se não percebessem manta de peixe, se pacientassem na pesca á linha. Sujeitava-se.

Fortunata dizia já estar lambendo os beiços com a idéa do bello bijupirá que lhe trariam de presente, ou do gordo badejo, que ella não era tola para comer sororoca por cavalla, nem se contentava com as tainhas magras da primavera...

Rubião caçoava :

— Mulher de pescador lá sabe o gosto de peixe fino ! Para ella cação, para as outras linguado ou mérote ! Que a bem dizer, mulher não sabe distinguir o sabor de peixe nenhum ! O paladar dos homens, mais acostumados com iguarias finas, sim, é apreciador...

Ha sujeitinho que vê o peixe retalhado no prato, já sem rabo e sem cabeça, sem escama e sem côr de pelle, com folhas de alface por baixo e môlhos amarellos por cima e diz logo : isto é tal ou tal pescado ! E acerta.

Parece mentira... E' precizo ter muita pratica de comer... Tambem o Rio de Janeiro devora mais de tres mil contos de peixe por anno...

Pareceu a todos exagerada a somma. Elle affirmou que não, sabia pelo Pipa, do mercado. Era a cifra.

— Então, se é assim, por que diabo vocês são tão pobres? indagou a Fortunata entre risonha e incredula.

— Uê! porque somos nós que trabalhamos. O dinheiro fica sempre nas mãos do que se esforça menos...

— Injustiças da sorte.

Maria Adelaide e Marcos não podiam resistir á tentação: voltavam-se um para o outro embevecidos e calados, em momentos furtivos e eternos. Elle iria na canôa com *seu* Freitas, o Sérvulo, o Baptista e o Pedro mudo, que supplicara por gestos tal favor.

Flaviano não tinha apparecido em todo o longo dia e o Lino voltava cançado da pescaria com outros camaradas na Lagôa.

O mar parecia dormir um somno leve. As ondas suspiravam apenas, como um offego natural de corpo sem febre. O céo, sombrio mas limpido na escuridão, arqueava-se pontilhado de estrellas amorosas. A areia branquejava, como um diadema enorme de prata polida, cingindo a orla escura das aguas.

Iam sahir as canôas, já de lanterninhas acesas. As mulheres levantaram-se, sacudindo-se, e caminharam para os ultimos adeuses. A *Guanabara* foi a primeira a balançar-se na onda mansa, logo depois a *Cruzeiro* e por fim a *Camponeza* e todas tres vogaram com o seu pharolsinho reproduzido no reflexo do mar para a aventura do acaso.

Maria Adelaide, hirta, entre as duas irmãs, olhava, adivinhando o rosto de Marcos todo voltado da canôa para ella, e aspirava com força o ar suave da noite morna, como para sorver os beijos que elle lhe mandasse e que ella sentia sobre a sua carne amorosa!

Nem uma palavra, nem um aperto de mão — e

tinham-se dito tudo! Emquanto pôde distinguir o vultosinho negro da canôa na escuridão do mar e o seu pharolsinho, cada vez mais pequeno, como a luz de vagalume perdido nas aguas, a moça nem se moveu nem pensou em mais nada, até que as irmãs puxaram por ella. Não haviam de ficar alli até a meia-noite, á espera!

Lino estendera-se na areia, com a cabeça sobre os joelhos da filha e os olhos pasmados para as estrellas.

Fortunata contava ás outras mulheres que ás vezes nessas pescarias de acaso, em noites de quarto crescente, como aquella, os pescadores colhem tantos peixes, que até, por amor do peso, tem de rejeitar a metade delles, atirando-os outra vez á agua.

O grupo foi se desmanchando; em pouco tempo só o Rubião continuava a preparar a linha, ao lado do Lino e da Hortensia, que cantava versos do Ruy, num fio de voz crystallina.

Maria Adelaide e a familia tinham retomado o caminho de casa, acompanhadas pelo tio velho que, já de cançado, mal arrastava os pés. Um estirão!

Agora estavam todos mortos por chegar. Maria Adelaide parecia ter azas. Ia com uma alvorada na alma e já nem se lembrava de que em qualquer volta da estrada pudesse esbarrar com o Flaviano...

As irmãs scismavam :

— Que diabo de historia será esta! Maria vestio-se que nem para a missa... agarrou-se á gente que nem uma ostra e agora vai como um passarinho!

A felicidade illuminava o rosto da moça. Voltava convencida do amor de Marcos. Flaviano poderia

rezar pela alma do seu. Batia-lhe o coração : os olhos procuravam com deleite as estrellas do céo. Apressou o passo, caminhando na frente, como se tivesse pressa de correr para o futuro; mas de repente pareceu-lhe divisar um homem, immovel junto á cancellinha do terreno. O sangue coagulou-se-lhe nas veias, ella estacou subitamente e a sua bocca, até então muito calada, desferio um grito agudissimo :

— Flaviano !

A mãi precipitou-se : o que a filha suppuzera ser o noivo era um velho tronco arrimado á cerca desde essa manhã : as irmãs acudiram-lhe, tambem, mas já ella cahia para traz inteiriçada.

Quando accordou estava dentro de casa, coroada de pannos embebidos em vinagre. A mãi aquecia um prato de sopa, sentenciando :

— Foi fraqueza... Ella não jantou... Brigam lá com os namorados e depois sou eu que tenho de aturar os chiliques. Estou vendo que o Flaviano tem razão e que o melhor é casar de uma vez.

X

Fôra para essa noite de pescaria á linha que o Marcos tinha voltado das bángulas dos portuguezes. Quando entrou em casa, a mãi começou logo a rodeal-o, como se tivesse novidade para lhe dizer.

— Que é que a senhora tem? Está doente?

— Não tenho nada. Tu é que estás mais magro.

— Qual; isso é sonho!

— Estás, sim. E' por causa dessa consumição.

— Adeus, adeus!

Marcos fez um gesto de aborrecimento e a mãi começou a desabafar em suspiros. Elle não extranhou; a mãi tinha a queixa facil, mas o excesso de lamurias impacientou-o e indagou por fim, já irritado:

— Se a senhora não tem nada de mais, por quê está só suspirando?!

— Eu cá me entendo...

Marcos levantou os hombros e foi procurar uma caixa na prateleira em que tinha guardado uns anzóes. Se a mãi não queria dizer, que não dissesse!

Ella, porém, sentio-se como que offendida por aquella falta de curiosidade e já não podendo resistir ao desejo de fallar, resolveu relatar a visita do Flaviano, procurando attenuar-lhe os aggravos, para não exacerbar o filho. No fim supplicou-lhe que tivesse prudencia e foi quando Marcos se precipitou para fóra da porta, na provocação de um encontro.

Melhor seria que o outro o matasse, do que andar com a Maria Adelaide no pensamento dia e noite, tirando-lhe o animo para trabalhar e cuidar na sua vida. Aquella obsessão era um tormento. Se Flaviano a percebera, tanto melhor, não tinha genio para traição.

Perseguido pela imagem da moça, fugira para as chalanas dos portuguezes de Santa Luzia, mas lá a saudade crescera-lhe tanto no peito, que o suffocaria se não viesse de noite rondar o terreno de Maria, com a esperança de a vêr sem ser visto, só para acalmar a febre do coração...

Passara duas vezes, sem bater, pela porta da mãi, para quem elle era a propria luz do dia, com o sentido de espreitar, na cêrca da estradinha velha, as paredes núas da casinha da moça... Como da primeira vez estivesse muito escuro, da segunda viera ao lusco-fusco, cortando por atalhos da Babylonia. Nunca vira ninguem, a não ser, na ultima tarde, o Bié e a Nita, que andavam na colheita de pitangas e mal teriam dado fé da sua pessoa.

Fôra melhor assim. Se a moça lhe tivesse apparecido naquella solidão, teria elle tido coragem para suster a palavra que a todo o instante lhe queria irromper da boca?...

Comprehendia agora que o perigo estava em vêl-a. Deveria evital-a. Ella era o diabo em figura de mulher, vindo ao mundo só para tental-o. Já tivera outros amores, nenhum o perturbara assim, nem lhe tirara dias de alegria e horas de somno... Até já pensava em se fazer embarcadiço, fugir para sempre daquelle fructo prohibido, que cada vez mais lhe atiçava a gula. Mal empregado nos dentes do Flaviano!

Quem lhe diria, um anno antes, que elle se havia de apaixonar pela noiva de um companheiro, um pescador como elle! Era esse o grande crime.

Se a mãi o tivesse zurzido em pequeno todas as vezes que elle faltava á escola e não o deixasse á solta na praia atraz dos pescadores, talvez que elle nunca tivesse posto os olhos naquella maldita Maria Adelaide, e vivesse tranquillo por outras bandas, com mais capacidade para ganhar a vida. Agora era fazer-se de forte e cumprir calado o seu destino. A *Guanabara* lá estava á beira da onda, á sua espera; toda pintadinha de novo, alegre como uma noiva. Ella, o trabalho e o tempo, ajudariam a sarar a chaga daquella paixão criminosa. Fizera mal em não rezar com a mãi naquelle domingo de festa. Que especie de carne era a sua, tão transparente, que todos lhe liam na cara os segredos do coração? Já a mãi adivinhara tudo, logo no principio. E agora era o proprio Flaviano que desconfiava. Como? Porque?!

Atirando as pernas compridas nas suas largas passadas, Marcos procurou o caminho mais sinuoso e longo, passando por varios pontos onde haveria probabilidade de encontrar o noivo de Maria Adelaide,

morto por enfrental-o, sem provocação, só para saber. Não usava armas comsigo; nem mesmo um canivete. Tinha os braços fortes, de bom nadador e musculos flexiveis. Não pensara nunca em defender-se, nem em atacar ninguem. Nascido e criado naquellas areias brancas, não havia um palmo de terreno que não lhe fosse familiar, nem creatura humana que não contasse como amiga. O seu destino agora era a casa do João Sérvulo; contava lá chegar com o peito alliviado e a consciencia tranquillizada pelo encontro e explicações com o Flaviano; mas não o vira em todo o longo caminho.

Quando elle transpoz a porta do mestre Sérvulo, Fortunata exclamou muito alto, toda rizonha :

— Quem é vivo sempre apparece; mas assim mesmo foi precizo que meu *velho* lhe mandasse chamar, hein? !

— Mesmo que elle não mandasse eu vinha, Já estava com saudades...

— Mas não de mim...

— Sim, da senhora e de todos...

— Hum !... Antonico ! gritou ella para o filho : olha só como seu Marcos veio bonito !

A differença é que, em vez de chapéo de palha de côco, elle trazia uma boina azul, condizente com a camisa de meia do mesmo tom escuro, que lhe adoçava o ardor da pelle queimada, côr de tijolo.

Com os seus olhos observadores de mulher, Fortunata extranhára a mudança de vestuario do pescador.

— Você copiou a moda do Baptista; sómente o

gorro delle é preto. Agora só falta a cinta; ponha uma cinta para completar. D. Conceição é que havera de ficar contente quando visse você assim, que nem um portuguez... Ella outro dia esteve ahi na porta fallando com Sérvulo. Você deve ser muito amigo della.

— Pois então não sou?! Mas que foi que ella veio fazer?

— Pergunte ao Sérvulo. Só sei que vinha com os olhos que nem duas pitangas, só de chorar.

— Chorar porque? Palavra que não entendo...

— Pois nanas! Olhe, eu fallo como amiga, já se sabe que não tenho papas na lingua. Brinca-brincando póde-se chegar a um caso muito sério.

— Cada vez entendo menos...

— Quer mais claro? pois então tá hi : — cada qual com o que é seu. E finja agora que não percebe.

— E não percebo.

— Então você deixou a sua intelligencia lá nas chalanas dos portuguezes.

— Póde ser.

— Nesse caso, lá vai a verdade bem escarrapachada : Flaviano foi procurar você para uma explicação, em casa da sua mãi; ella então veio cá...

— Mas que é que o Flaviano tem que se metter na minha vida?!

— Uê, elle pensa que você quer lhe armar uma peça... mas não faça isso. Se alembre sempre que pescadores são como irmãos. Fallo para seu bem, mas já fallei de mais. Se João Sérvulo estivesse aqui eu

não diria metade... Só quero que me prometta uma coisa.

— Qual é?

— Não brigar com Flaviano...

— Eu não quero brigar com ninguem. Nem tenho motivo...

— Morda aqui, respondeu a mulata, mostrando o dedo minimo, carnudinho e curto, de unha achatada. Ella continuou :

— Você estava bom pr'a casar sabe com quem? Com Hortensia. Mas os homens são tolos, passam perto da fortuna e viram a cabeça p'ra o outro lado...

— Eu não quero casar.

— Porque não póde.

— Minha noiva é a *Guanabara!...*

— Essa é noiva de muita gente...

Pensa que meu marido gosta menos della que você? Pois sim! Eu até chego a ter ciumes... com franqueza... nunca vi paixão mais forte...

Marcos ouvia apenas a voz da mulata, sem attentar na significação das palavras que soavam perto delle como zumbir de abelhas ou chiar de cigarras. Toda a attenção se lhe prendera nas meias declarações do principio da conversa. Receiava que a mãi fosse indiscreta e tivesse trazido para aquelle lar feliz a sombra do seu coração desgraçado. De mais a mais, exasperava-o aquella humilhação de vêr que toda a gente sabia do seu amor... A unica pessoa a quem confiara tudo fôra a mãi... Revendo a scena dessa luminosa manhã de domingo, quando depois da missa ficára a sós com ella no alto da Igrejinha,

acudiu-lhe á idéa a cara do Pedro mudo, surgindo como por encanto entre o seu hombro curvado e o hombro estreito da mãi, no justo momento das confidencias dolorosas... Mas desse, coitado! nada tinha a recear. Era o fundo de um poço. Melhor : o fundo do mar, como dizia Ruy.

A pouco e pouco chegaram os outros pescadores. Ia-se reunindo o pessoal da *Guanabara*. Marcos tomára a sua resolução. Desfaria as suspeitas do Flaviano. Seria leal. Fazia de si para si o juramento de nunca mais em sua vida trocar um olhar com a Maria Adelaide. Quando a visse de longe, ou a adivinhasse apenas, voltar-lhe-ia as costas e fugiria. Chegára a hora de experimentar a sua coragem. Seria forte. Ella estava promettida ao outro, era do outro, acabou-se!

O pessoal da *Camponeza* e da *Cruzeiro* rodeava as suas canôas. Estavam agora todos na praia e já Rubião se installára, ora vigiando a tachada de cascas de aroeira que fervia no lume, ora preparando as linhas de meada, junto das mulheres que vinham á praia por curiosidade e desejo de palestrar.

O dia morria sem sobresaltos. Estava tudo tão calmo que, na expressão da Hortensia, até a agua do mar parecia dôce.

Nada faltava ás tres canôas que iam de parceria pescar á linha no mar.

Era quasi a hora da partida; Marcos, de pé entre os companheiros, olhava de face para o mar, quando sentiu atraz de si o farfalhar de saias engommadas e logo, como uma setta passando rente aos seus

ouvidos, a voz da Fortunata, dizendo o nome da Maria Adelaide.

Foi como se o mar tivesse recuado diante delle infinitamente e a terra o elevasse para tornar a baixal-o a outra superficie. Perdeu a noção de tudo, esqueceu o juramento e voltou-se com sofreguidão. Na sombra da noite só divisou Maria Adelaide, vestida de branco, com os olhos luzindo, a traspassal-o, como a quererem ver-lhe o coração! As outras pessoas formavam como que uma massa compacta, mal distincta. Só ella existia, ardendo num clarão forte que o offuscava.

Olharam-se mais uma, mais outra vez e todos os projectos de fortaleza se desmoronavam no espirito do pescador. Quando as canôas partiram, no silencio pacifico das aguas, elle remava na *Guanabara*, com os olhos postos nessa amaldiçoada, que parecia ter correntes que o enleavam e puxavam para si... Quando já a manchinha alvadia do vulto de Maria Adelaide se confundia com as sombras, Marcos sentio que lagrimas grossas lhe desciam em fio pelas faces e teve um grande desejo de correr para a mãi, como quando era pequenino, e pedir-lhe soccorro!

Em todo o tempo que durou a pescaria, o seu trabalho, outr'ora ligeiro e energico, foi frouxo e distrahido. Houve mesmo um instante em que João Sérvulo, pondo-lhe a mão no hombro, disse com timidez:

— Você parece outro homem!

Foi como uma bofetada. Elle estava tão fraco, tão submettido ao seu soffrimento, que já até o mestre lhe notava a moleza e a indifferença! Reagio, forçou

a vista a penetrar na agua negra, forçou o pulso a apressar os movimentos da mão habil e corajosa; mas passados curtos minutos só via no seu horizonte uma coisa : um vestido branco cheirando a flôr de pomar e a luz de uns olhos cortando a escuridão, como dois raios!

« Se fosse eu só a gostar della... pensava o pescador; mas afinal ella tambem gosta de mim... Não é por maldade que me olha daquelle geito... O que eu sinto, ella sente! »

No meio do seu desespero essa idéa irradiava como um sol de felicidade. Amar sósinho é que seria triste. Aquella comparticipação de soffrimento enchia-o de gloria. Tinha pena della, mas preferia assim...

A pescaria foi pobre. Algumas garoupas pescadas á linha animaram um pouco os outros, que tinham o pensamento alli, no seu trabalho. Cada vez que Marcos fixava Pedro mudo, sentia impetos de o segurar com força e obrigal-o a declarar se ouvira a confissão do seu amor por Maria Adelaide á mãi e se fôra elle que andara espalhando por descampados e reconcavos o segredo do seu martyrio. A cara molle e chata de Pedro alterava-se agora nas commoções da pescaria. Os seus olhinhos fuzilavam a cada empuxão do anzol e se fisgava peixe a larga bocca se lhe distendia num riso calado, arreganhando os beiços, a mostrar as gengivas roxeadas e os dentes curtos e ponteagudos, como os dentes dás serras.

A' superficie da agua ennegrecida, corriam em levissimas fluctuações, ora aqui, ora além, retalhos de faixas luminosas, como escomilhas de baile lente-

joladas de prata... No céo velludoso os astros parecia corresponderem-se com as phosphorescencias do mar. Tremeluziam as estrellas no espaço limpo, emquanto os ventos dormiam e as ondas mal esboçavam o arredondado dos flancos.

Todo o vasto seio da noite se abria ás amarguras do pescador Marcos, cuja mão nem sentia a trepidação da linha ao agarrar o peixe na isca, a ponto do mestre tornar a avizal-o :

— Que diabo, você esta cada vez mais distrahido, homem !

Marcos não respondeu. Pouco se importava elle com o pescado nem com a fortuna. Para elle só havia no mundo uma coisa digna de interesse : a Maria Adelaide, calada, cheirosa, de saias engommadas, alvejando entre os vultos esguios das irmãs vestidas de escuro, como um anjo tumular entre dois cyprestes... Nem calculou o tempo que esteve no mar. Agora o relogio da sua vida era o amor. Inutilizava-se para o resto. Na sua comparação, era como uma barca desarvorada; seguiria o destino que os ventos e as correntezas quizessem. Toda a sua energia, toda a sua vontade de homem, que elle julgava inflexiveis, se quebravam como vidro fragil diante do olhar daquella triste rapariga.

Que mais poderia elle esperar do destino?

Acabada a pescaria, ao voltarem para terra, alta noite, os outros cantavam. Elle remava calado, em frente de Pedro. Por vezes os seus olhos se encontravam e era departe a parte uma interrogação. Dir-se-ia que o mudo lhe extranhava o silencio e ardia por in-

dagar da causa de tamanha tristeza. Marcos desejaria descer á alma do outro, como o seu anzol descera ao seio das aguas, e trazer de lá a certeza de uma duvida que o affligia. Porque a verdade é que, a não ser á mãi e ao mudo, que se interpuzera entre elles na hora da confissão, não dissera a ninguem que morria de amores por Maria Adelaide, e todavia toda a gente lhe lançava em rosto esse segredo!

A *Guanabara* escorregava no mar como se elle fôra de azeite. Os pescadores cantavam. Estava uma noite linda!

XI

Setembro expirava entre brumas e borrascas e os primeiros dias de Outubro diluiam-se em claridades doces, de primavera. O ar, cortado de azas, tinha transparencias lavadas, em que fluctuavam apenas pennugens brancas de pequenissimas nuvens. E' o mez das aves no Rio de Janeiro, das andorinhas viajoras, de vôo rapido, que mal dão tempo aos olhos curiosos de lhes admirarem o dorso azul-ferrete e o papinho alvadio. Os tico-ticos, as camaxilras, os bem-te-vi, os chan-chão côr de folha secca, os canarios côr de musgo e mesmo os gaturamos de cabeça azul, têm audacias nunca observadas noutra estação.

Nas faldas do Corcovado, nas florestas da Tijuca, da Gavea, do Leme, as pombas-rôlas vêm aninhar-se á beira dos caminhos e lindas sahyras de esmeralda fartam desassombradamente a sua fome nos cachos das bananeiras. A' noite as corujas assaltam os pomares, e ao romper d'alva irrompem das penedias á beira-mar gaivotas, fragatas e mergulhões, em vôos

frementes, cheios de alegria, emquanto que nas praias do Imbuhy e da fortaleza de S. João as garças brancas abrem os leques deslumbrantes das suas grandes azas.

Se em outras quadras o ardor do sol e a atonia da atmosphera suffocam a voz dos passaros, na primavera todo o espaço vibra á harmonia dos pipillos e gorgeios. Os ninhos transbordam. Dos proprios espinheiros surgem cabecitas ainda desplumadas, mas que já escutam a alma errante do som, e já espreitam o céo lindo, na anciedade do vôo. O mez de Outubro é a adolescencia do anno, em que tudo desperta e confia, alma milagrosa da terra, nadando no lago azul de uma esperança alacre. As abelhas zumbem mais delicadamente sobre a cheirosa flôr da laranjeira, e o seu mel será por isso mais puro e mais perfumado. Não ha nem as sombras da morte entristecendo os vallados ou os montes num galho secco de arvore ou no dispersar das folhas; tudo é verde, macio e novo; ignora tudo o seu destino ephemero e parece esperar um bem eterno! A inexperiencia gera a confiança; os pobres passarinhos, tão sacrificados sempre, approximam-se do homem com mais affoiteza. O tiro assassino não os amedronta. Vêm pousar nos muros e nas ramarias dos quintaes, saltitar pelas telhas dos telhados ou depenicar nos terraços e nos pateos migalhinhas de pão das toalhas sacudidas. Ainda não conhecem a perfidia que bem depressa as afastará para longe...

Colleiros cantadores voejam pelos capinzaes, onde a arapuca os espera de boca aberta; e nas grandes

folhas flabelladas das palmeiras os sabiás cantam as suas melopéas inconfundiveis. Ar e céo só têm promessas; a natureza espera; a natureza ri.

Bié e Nita sabiam admiravelmente bem os segredos dos passaros e distinguiam no ar até os minusculos bico-de-lacre, salpicados de poeira argentea e de biquinho da côr que o nome indica; os tiês de papo encarnado, os pichanchão pardacentos, e os ceira-beija-flor, maiores que os colibris do verão, azues e negros, de pésinhos rubros, brilhantes como joias; os gallos-da-serra, assetinados, com uma penna escarlate, á guiza de pennacho, luzindo como uma chamma num punhadinho de cinzas, e o luctuoso vira-bosta, ou a negra graúna luzidia, ou o alegre e vistoso azulão!

O pequeno arremedava tão bem os cantos das aves, que eram ás vezes concertos de horas e horas a que Nita assistia, deitada de bruços, com os cotovellos fincados na relva, o queixo magro nas mãos e os olhares scismadores perdidos na atmosphera verde da mata. Ao lado della, sentado ou de joelhos, com os dedos na boca o Bié silvava, imitando ora uma ora outra das aves, que respondiam succesivamente, ao principio com timidez, depois confiantes e desembaraçadas.

Os dois pequenos vagabundos tinham penetrado bem na alma da mata. Os arroios, as pedras, os troncos, tinham expressões vivas de sêres conscientes, que os acolhiam mais ternamente do que os homens. Elles sabiam quaes as arvores mais procuradas pelo passaredo e as lagôas onde se iam dessalterar e tomar

banho as pombas bravas e as sahyras luminosas. Quando as ramagens farfalhavam, o Bié obrigava a Nita a estar calada, querendo interpretar os segredos das folhas agitadas pelo vento. Não se sentiam sós : rochas e plantas, aguas e areias, luz e sombras, cousas impassiveis ou animadas, palpitavam numa viva expressão protectora ante os seus olhos innocentes. Elles sentiam, sem reflectir, comprehendiam, sem procurar entender, as afinidades de todos os sêres creados e de apparencia inerte ou muda. Havia sobre tudo num recanto da planicie, rente ao morro da Babylonia, um trecho de que tinham resolvido fazer o seu ponto de parada.

O terreno formava nesse logar uma bacia de vegetação variada. As aguas, descidas da montanha, encontravam alli a resistencia de uma grande pedra rachada, erriçada de bromelias e piteiras selvagens e formavam um pequeno lago, já frequentado por marrequinhas alegres. Sobre esta rocha truncada pelo raio, extendiam-se galhadas côr de cobre doirado de cajueiros antigos, de troncos ondulados e copas espreguiçadas e tortas. Ao redor da agua, limos e avencas cresciam como orlas de pellucia, de um verde lindo que circumdava a lagôa, bordava a pedra na sua face posterior e sorvendo as humidades do solo subia ainda a aba do morro e desapparecia entre a negrura do cipoal e dos bambús em tousseiras espessas e impenetraveis. Cercando embaixo os cajueiros, alguns coqueiros estrellavam as suas copas, de um verde carregado, sobre outras mais pequenas. Mas a devoção do sitio fôra inspirada pela pedra silenciosa,

descançando de um lado na agua da lagôa, do outro lado em terra enxuta, de onde subia, serpeando por ella acima, como um reptil de grandes vertebras, um forte pé de baunilha. Voltado para o céo o seu perfil rude, lembrava uma cabeça de gigante, que decepada na hora de um sonho extatico, nelle se tivesse eternizado. Faziam-lhe cabelleira hirsutas bromelias, e uma larga cavidade simulava a boca, paralysada num bocejo ou num grito de admiração.

Era nessa abertura, bem no fundo, sobre as pellucias de limos, que o Bié guardava os seus thesouros: azas de insectos matizados de açafrão e de azul-persa, de rosa velha e de nankim; casulos suspensos de galhinhos seccos, ou casas velhas de maribondos, de um pardo escuro. Mas a sua gloria maior eram os ovos, ovos de andorinha do mar, côr de musgo secco, com manchinhas acastanhadas; ovos de sabiá-laranjeira, côr de mostarda; de canarios da terra, côr de ferrugem e brancos; de gavião, de fundo verde tachonados de cacáu; de coruja, côr de perola; de tico-tico, pequenos, côr de marfim velho, salpicados de rôxo antigo; ou de pica-páo, brilhantes como alabastro polido. Ovos pedrentos, ovos salpicados de poeira rubra ou de cinza, uns pequenos como amendoas, outros grandes, como um de avestruz do Rio Grande do Norte, que Rubião lhe offerecêra num dia de felicidade...

A par da collecção de ovos e de insectos, havia ouriços do mar, chatos como pequenas placas de cimento, em que se desenhava uma flor francamente desabrochada; ou redondas e estufadas como bonets,

ornamentados de missangas do mesmo tom pardacento : estrellas do mar, brancas como se fossem de gesso, e fungias semelhando boynas de bonecos, todas pregueadas...

O thesouro era completado por um punhado de conchas; umas microscopicas, côr de ambar, côr de leite, côr de nacar, outras maiores, em riscos espiralados ou circulares, sombreadas de ardozia, de pinhão, de violeta, com reflexos de aço ou fundos assetinados roseos, crême ou anil aguado. Algumas daquellas conchas tinham historia : para apanhar a maior, de que não havia outra igual, argentea com gravaduras carmezim, alaranjada nos rebordos e que lembrava a petala de uma magnolia em que a mão caprichosa de uma fada artista tivesse desenhado inconfundiveis motivos ornamentaes, custara ao Bié quasi a vida, na Praia de Fóra, quando para a desencravar da areia tivera de saltar como um doido pelo fraguedo bruto, de pedra em pedra, escorregando em declives sobre frestas em que a agua espumava.

Uma das fascinações do menino agora era o ultimo caramujo azul, colhido pelo arrastão da *Guanabara*, e que brilhava como uma luz no meio dos outros : por fóra côr de mel, cingido por cordões de veias annelladas de um tom de carne, por dentro de um azul de turqueza vidrada e uniforme. Chegado bem perto do ouvido, que de segredos tumultuosos sussurravam dentro desse buzio luminoso! Bié não se cansava de escutar aquellas vozes, sorrindo para o vacuo, com os olhos chammejantes, como se as entendesse!

Entre os caramujos havia dois, pequenos, escuros como kagados, todos salpicados de manchas côr de café, a que a Nita chamava « nossas tartaruguinhas ». Havia um outro esborcinado no bocal, côr de manteiga por fóra, côr de gemma de ovo em gradações esbatidas, por dentro, que elles denominavam : — *Vovô;* outro arredondado, com estrias cinzentas e dedadas pretas, que era a *mamãi*, e um pequeno, em fórma de fuzo, branco e côr de morango, que era o *filhinho*.

Compunham assim familias, cujas vozes ouviam com recolhimento.

— Escuta, Nita...

— Se a gente pudesse entender...

— Escuta, Bié...

Trocavam sorrindo os buzios que tinham nas mãos, logo os approximavam do ouvido e quedavam-se silenciosos até que Nita commentasse :

— Este tem a voz do seu tio Pedro.

— Cala a boca.

— Tem, sim; e ronca tal e qual como elle.

Nita desertava primeiro: não era contemplativa como o outro. Estava alli e estava pensando nas suas obrigações domesticas : ir cortar vassourinha para varrer o seu salão e ajuntar gravetos para accender o fogo na cozinha.

Aquella casa dava-lhe um trabalho, era tão grande, com as suas paredes feitas de columnas e as suas abobadas de esmeralda !...

Emquanto o Bié, como um sacerdote diante de um altar, se quedava junto á pedra do seu relicario, em

adoração ás azas das borboletas, ás estrellas do mar e ás algas disseccadas por elle entre folhas de papel fornecido por Adda, ella, como uma formiguinha, ia e vinha apressada, fingindo-se uma rica senhora no exercicio de todas as obrigações do lar, ora na cópa, ora na sala, ora no jardim...

As horas voavam sem que elles percebessem como. Nita sabia de cór os lugares onde encontrar as melhores goiabas e as pitangas mais maduras. Junto da cerca da Maria Adelaide, uma grande tousseira de bananeiras fornecia-lhes alimento precioso para os seus jantares, e do mesmo sitio não raro traziam mamões, de que tasquinhavam até a casca. Iam-se fazendo uns bandidosinhos, assaltando a propriedade alheia, como se fôra essa a acção mais natural do mundo.

Nita affrontava o perigo e era quem atiçava na alma do Bié o desejo dessas emprezas temerarias. Se os mamões e as bananas nasciam á beira da estrada, era para que elles os aproveitassem de sucia com os passarinhos. As corujas não iam tambem saciar-se nas frutas? E havia codigo criminal para as corujas? Nem a gente da Maria Adelaide parecia importar-se com aquellas arvores que se offereciam a quem passasse na estrada, como a pedir por misericordia que lhe provassem os fructos!

Apezar disso, elles tomavam as suas precauções no assalto...

Nessa maravilhosa manhã de Outubro as crianças caminharam radiantes para o lugar da pedra rachada. *Seu* Pedro do restaurante tinha offerecido ao Bié, na

vespera, á noitinha, cinco bellas pennas de pavão, trazidas do parque de um ministro por um seu afilhado da Tijuca.

A mania colleccionadora do pequeno era conhecida de toda a gente. *Seu* Pedro aproveitára a criança num recado e pagara-lhe daquelle geito. Fôra uma paga principesca. Bié não desfitava o olhar das pennas maravilhosas, fazendo-as rutilar ao sol, obrigando Nita a observar que, vistas de certo modo, ellas eram verdes, de outro modo azues, com reflexos de ouro. Se a menina desviava o olhar, elle dizia que visse bem aquelles desenhos, abertos como iris de pupillas luminosas... e tão bem feitos que nem pareciam naturaes...

Oh, como o seu thesouro se enriqueceria com esse feixe de luz dardejando no seio frio da pedra, entre as petalas roseas das conchas e os corpos inertes de besouros esmaltados...

Mal tinham almoçado. Bié fugira antes que o tio e o pai precizassem delle para qualquer trabalho, como ir catar tatuhis para iscas, ou ir levar cestas e anzóes ás pedras. Comera apressadamente um punhado de farinha escaldada e peixe ensopado e fugira com o seu ramalhete de pennas até rente á casinhola de Nita, que mal engulio o café e se engasgou com o pedaço de pão, ao ouvil-o assobiar o signal convencionado da partida. A menina ergueu-se sem socego. A mãi mandara-a ajuntar roupas sujas pelos cantos e levar-lh'as á tina; ella achou preferivel partir, mal engulido o ultimo gole de café, da sua tijelinha de pó de pedra...

Fugio para a estrada, deixando a porta aberta. O dia estava resplandecente, e era tanta a viração que a sua saia de chita, rente ao corpo, teimava em querer subir-lhe para os hombros, como um guarda-sol, que se virasse do avesso.

Bié mostrou-lhe as pennas.

— Oh!...

Ella nunca tinha visto semelhante belleza.

— Vamos depressa... antes que o tio Pedro dê pela minha falta e me persiga...

Entranhados na espessura do mato, andaram mais vadiamente. Ella queria levar provisões para a sua casa, araçás e côcos baba-de-boi, que havia em abundancia por aquellas bandas.

Elle estacava de vez em quando, arregalando os olhos:

— Escuta, Nita, é um sabiá... tá vendo só?! é aquelle de papo amarello... no ramo da aroeira...

— Se a gente pudesse apanhar...

— Deixa o pobre... D. Rôla não gosta que a gente apanhe passarinhos...

— Que me importa; ella não é minha mãi! Você, Bié, tudo é D. Rôla, D. Rôla!

— Ella hontem esteve-me contando que as andorinhas são os passarinhos que voam mais depressa; comem, bebem, juntam cousas para fazer o ninho, sempre voando; só param de noite, no escuro...

— E você acreditou nessas bobagens?

Como é que D. Rôla póde saber disso, se as andorinhas não fallam?

Pergunte então a ella onde é que as andorinhas se escondem quando faz frio ou quando faz calor!

— Pois ella contou isso tambem:

As andorinhas diz que voam uma milha em um minuto...

— Que é uma milha?

— Não sei... e que adivinham os lugares bonitos no tempo das flôres... Eu gostava de ser andorinha...

— Eu tambem... ao menos mamãi não me batia...

— Nem tio Pedro me maltratava...

— Maltrata porque você é tolo. Se fosse eu, fugia.

— Qual... Escuta agora!

— E' um periquito.

— Bôba! periquito não canta: é como tio Pedro. Aquillo é um colleirinho macho.

Nita foi encaminhando o companheiro para os lados de um velho sitio abandonado, onde existiam apenas quatro pilares arruinados de tijolos, sustentaculos talvez de algum telheiro destruido pelo tempo, e uma ou outra arvore de pomar, embaraçada pelas lianas da herva de passarinho ou do cipó-chumbo.

— Você ha de me dar seu chapéo para eu botar as amoras dentro, ouvio Bié?

— Sim...

Tinham alcançado um ponto de repouso, de vegetação baixa e um ou outro pedregulho encravado no solo. Um fervilhar de sons de azas e pios enchia o espaço limpido. Nunca os olhos do Bié se tinham maravilhado ante tamanha variedade de passarinhos.

Andorinhas voltejavam em delirio, mais baixo,

mais alto, despedindo reflexos de lapis-lazuli das pennas dos dorsos, numa vertigem entontecedora. Tico-ticos e camaxilras côr de greda saltitavam airosamente, petulantemente, entre canarinhos da terra e viuvinhas escuras.

Outubro regia a sua orchestra, tendo por batuta um galho de laranjeira em flôr. As aves que mais alegravam as crianças eram as sahyras, faiscantes como se fossem feitas de saphiras.

Nita, sempre mais activa, marinhou depressa pela amoreira, de grossas varas carregadas.

Havia abundancia : poderia fartar-se e ainda levar muitas amoras para o templo da pedra rachada...

— Apára com o chapéo, Bié... gritou ella de cima, alvoroçando o passaredo. Mas o pequeno, que estava morto por poder reunir as radiosas pennas de pavão, que lhe aqueciam os dedos, ás outras preciosidades de que não desviava o sentido, zangou-se por fim. Que maçada ! havia já quatro dias que não via nem apalpava as suas collecções e a gulosa da Nita nada de querer descer dos galhos, toda encarrapitada como um macaco !

— Fingir que eu sou a cozinheira, gritava ella rindo. Estou fazendo as compras para o jantar...

E simulava dialogos com a arvore : — isso é muito caro !... não dou mais de dez mil réis pelo frango... Tome duzentos réis pelo queijo... e dois mil réis pelas laranjas !...

Mas Bié impacientou-se e ella teve de descer. Elle fizera entretanto uma gaitinha de taquara e ensaiava o canto do jacú...

Quando chegaram ao bosque da pedra, perceberam logo á entrada que alli tinha estado alguem...

Havia agora no chão, estendido sobre o tapete de folhas de cajueiros, um tronco de arvore cortado a machadadas, e ramos lascados á mão.

Nita sorrio, apontando para o tronco :

— E' o meu sofá !...

Mas Bié saltou, com um presentimento horrivel no coração, e, colando o rosto á abertura da pedra, olhou para o esconderijo do seu thesouro.

Nada ! tudo vazio, o proprio limo da pedra fôra raspado por unhas ávidas. O pequeno voltou-se livido, com a bocca aberta, sem poder, suffocado de espanto, articular uma unica syllaba ! mas quando por fim a voz lhe irrompeu da garganta, foi num grito tão estridente e tão doloroso, que toda a mata pareceu estremecer á vibração daquelle espanto.

Nita acercou-se com medo, acreditando que o companheiro tivesse sido mordido por alguma cobra.

— Que foi... Bié... que bicho te mordeu? Falla !... Vamos embora d'aqui...

O menino, apontando com a mãozinha tremula para a concavidade da pedra, desatou num pranto sem consolação. Ella olhou receosa e, percebendo tudo, atirou os bracinhos magros ao pescoço do companheiro, affectuosamente :

— Não chora, Bié... eu sei onde estão muitas conchas bonitas... mais bonitas do que as outras... Sei tambem de ninhos que você ainda não vio... eu vou procurar tudo... não chora... quem roubou as suas collecções ha de ir p'ra o inferno... D. Rôla me

prometteu uma estrella do mar... é p'ra você... Eu tenho uma cigarra lá em casa... Não chora assim... era tudo tão bonito... Quem seria?!

Bié arrepellou-se, atirando-se no chão, num choro convulso, como se lamentasse a morte de um ente amado. O seu thesouro representava grandes sacrificios, sustos, investidas pelo mato a dentro, horas de fome, quédas, arranhões, trabalhos atrevidos, pertinazes, de mezes e mezes consecutivos, por montes, praias e restingas.

A seu lado, magrinha, morena, desgrenhada, a infeliz Nita repetia afflictivamente promessas sobre promessas de lindas dadivas preciosas, como se bastara a vontade do seu coraçãozinho para fazer cahir nas mãos do camarada as mais raras preciosidades do mundo.

Elle parecia surdo; ella recomeçava, ameigando-lhe o hombro com pancadinhas leves :

— Escuta, amanhã cedinho eu saio; na Praia de Fóra, bem lá no fim, eu vi uma concha de ouro... *seu* Flaviano vai-me dar um periquito... Rubião me prometteu uma arvore do mar... Tudo é para você... não chora... eu sei de um besouro verde... escuta... em vez de chorar não era melhor a gente ir procurar o ladrão? Eu cá não tenho medo. Aposto que foi o Antonico! Elle é mais pequeno do que nós, com um tapa eu derrubo elle no chão...

Bié sentou-se; as lagrimas seccaram-se, como por encanto, e elle, voltando-se para a companheira, murmurou aterrorizado :

— Foi tio Pedro!

Nita encolheu-se, como uma ostra sob uma gotta de limão.

— Foi tio Pedro, sim!... você outro dia disse na vista delle onde a gente escondia o thesouro...

— Elle não escuta!

— A culpa é sua!

— *Seu* Pedro... não escuta... repetia ella engasgada, já toda trémula.

— Foi elle! foi elle!... foi elle!! Bié levantou-se resolutamente e deitou a correr como um louco. Nita seguia-o apavorada.

XII

Era a hora do plenilunio. A praia do Arpoador estatia-se em claridades brancas. A agua, recamada de florões argenteos e movediços, distendia-se em dobras fundas e marulhosas. A maré vasava, espalhando plumas de neve por toda a beira do mar. Entre o céo alvadio, que as estrellas pontilhavam fervilhando, e as ondas illuminadas, fluctuava um nevoeiro delicado, escumilha de prata diluida, que envolvia os montes da Tijuca e da Gavea e mal velava além o olho inquieto, ora azul, ora rubro, do pharol da Rasa.

Entre a estrada do Ipanema e a orla inclinada do mar, cipós negros, vassourinhas e cactus rasteiros punham no chão tapetes mosqueados como pelles de tigres.

Sózinho no meio daquella immensidade, Ruy ia e vinha, á espera de Adda, que lhe promettera dar volta pela praia, quando viesse de casa do Dr. Guidão. Ella tardava. Talvez se tivesse esquecido da promessa, embebida na palestra do Eduardinho... porque era

provavel que esse enfatuado estivesse lá. Não se podia esquecer dos seus olhares atrevidos, escorregando pelos braços e os hombros nús de Adda, naquella maldicta noite do baile, e tremia á idéa da intimidade que já por certo se teria feito entre ambos, conquistada pela audacia de um e a condescendencia da outra...

A seus pés o ervaçal rasteiro, eriçado de cardos espinhentos, cipós e cabeças-de-frade, desenhavam sombras exquisitas, de animaes fantasticos, aranhas negras, tarantulas formidaveis, polvos estendidos sobre o leito frio do chão... A cada passada, Ruy julgava vêr moverem-se á roda de seus pés esses seres extranhos, numa ameaça silenciosa e terrivel.

De longe em longe, detritos trazidos pela enchente da ultima maré desprendiam um cheiro forte, de salsugem. Parando de vez em quando para desenrolar com a ponta da bengala as fitas enovelladas de algas ou traçar na areia molhada, distrahidamente, um arabesco qualquer, Ruy pensava obstinadamente nos olhares que talvez estivessem trocando entre si naquella hora a sua noiva e o neto do Dr. Guidão. Desesperado, subia então até á beira da estrada, para espreitar para os lados do Ipanema, e tornava logo a descer, na ancia do minuto que tardava.

Desde que Rôla o prohibira de visitar Adda, elle vivia naquella consumição, vendo-a fugitivamente, em encontros de acaso simulado, em que mal tinham tempo ás vezes de articular novas combinações... Ruy scismava em como poderia o pai ter já percebido isso mesmo. Ainda poucas horas antes, durante todo

o jantar, a conversa, testemunhada pela tia Antonia, fôra toda de indirectas. Por entre meias palavras e reticencias, o coronel tinha affirmado que Adda não era mulher talhada para esposa, para os sacrificios de um lar de pobre e as grandes abnegações da maternidade. Toda ella era leviandade, um canteiro de flôres que rescendia veneno... E repisara na grande culpa: ella era a incognita, sahida de um ventre impuro e atirada como um sobejo para a porta de uma mulher deshonesta. Ruy sentia ainda arrepiado a voz do pai, apresentando taes idéas em termos curtos, por entre goles de agua e um impertinente barulho de mastigação. Oh, como se lhe escaldava o sangue nesses instantes de brutalidade, que elle não podia reprimir... Agora sózinho procurava justificar todas as attitudes da acusada. Se ella fosse a mulher puramente vaidosa e de máos instinctos, como dizia o pai, não se sujeitaria a viver tão pobremente, usando vestidos já aproveitados por dona Leonor e concertados todos pelas suas proprias mãos... Submettia-se sem queixa ao seu destino e não era responsavel pela belleza daquelles olhos tenebrosos e daquella pelle de setim. A verdade, que elle sentia, é que voltara para ella definitivamente. Agora era para sempre. Resistira por longos dias; se não fôra a doença... se ella o não tivesse procurado e o pai não a tratara tão brutalmente... tudo pareceria extincto, embora no fundo do seu coração o fogo ardesse sempre. Ella não tinha culpa de ser bella, não tinha culpa de ser pobre, não tinha culpa de não ter familia... Com o seu grande amor elle redimiria um passado in-

grato e injusto. Os terrores do pai, que o tinham contagiado um dia, eram um insulto para a moça, que elle defenderia a todo o custo, com o seu nome, com o seu corpo, com o seu sangue. Aperfeiçoaria o coração de Adda com a constancia da sua supplica e do seu amor... Ella era uma alma generosa... por que não havia de crêl-o?

Na areia pallida as nodoas negras do ervaçal cada vez se moviam mais sob o clarão das estrellas. A onda estendia-se num suspiro lento e Ruy sentia-se feliz em sonhar com a mais formosa das mulheres naquella noite formosissima...

Quando divisou um grupo de pessoas na praia, caminhou ao seu encontro. Adda, distanciada dos outros, vinha muito na frente, sobraçando um embrulho. Os outros eram Rôla e um velho, cunhado do Dr. Guidão, que a caminho da propria casa se promptificara a acompanhar as senhoras á sua e que satisfazia o capricho da moça, perdendo passos por aquellas areias.

— Por que te demoraste tanto, Adda? Indagou Ruy, já com uma pontinha de censura.

— Estavamos conversando. As horas passaram tão depressa!...

— Se me amasses como eu te amo as horas de ausencia te pareceriam infindaveis, como me parecem a mim! Não sei que feitiçaria me fizeste, que não cesso de pensar em ti. Chega a ser um martyrio!

Ella sorrio, volvendo para elle um olhar apaixonado.

— Amas-me? tu nunca dizes que me amas, Adda !... Estava morto de saudades !

— Eu tambem. E a prova é que vim correndo adiante de mamãi por este caminho todo, só para estarmos juntos mais um bocadinho... Nem queriam vir por aqui. Pudera ! Mas eu não me importei e vim andando...

— Meu amor !

Rôla e o velhote alcançaram-n-os. Ruy affirmou que andava por alli admirando a noite.

Rôla disfarçou um sorriso triste e disse :

— Sabe do que eu me espanto? é de não ter lido ainda versos seus nos jornaes. Você sempre foi poeta. Olha para a natureza com uns olhos tão apaixonados...

O velhote interveio, affirmando que o sentimento poetico nem sempre se revelava na forma estreita do verso. Ha espiritos rebeldes á metrica e que são todavia de verdadeiros poetas, assim como ha outros de menos imaginação e menos pensamento para quem essa cousa é familiar e até espontanea. Como elle se voltasse para Rôla e começasse a proposito a contar a historia de um amigo seu da mocidade que não conseguira nunca fazer uma estrophe, apezar de ter sempre o cerebro escaldado por grandes ideaes, Ruy, caminhando ao lado de Adda, recomeçou baixinho o dialogo interrompido :

— O Eduardo estava lá?

— O Eduardinho? Esteve, mas sahio cedo... tinha um compromisso.

— Elle está apaixonado por ti...

Ella não disse que não. Ruy tirou-lhe o embrulho

das mãos e continuou baixinho : — Elle ainda não te disse nada?

— ...Não... A voz della escorregou numa negativa molle.

— Dize a verdade, elle já se deve ter declarado, que não tem nada de timido nem de respeitoso; bem vejo pelo modo por que te aperta as mãos, por que te olha, por que falla comtigo. Chega a ser insolente. Não sei como toleras.

— Que culpa tenho eu que elle goste de mim?!

— Isso tens...

— Como, meu Deus do céo?!

— Bem o sabes. Eu não queria repetir-te o que já uma vez te disse; mas se finges não te lembrar, a culpa será tua...

— Cada vez entendo menos...

— E' isto : o Eduardo ama-te porque tu provocas a sua admiração.

— Que idéa!

— Idéa bem justa; não serias tão linda se não quizesses ser bonita, não atrahirias a attenção de ninguem se fosses simples e modesta... Lembras-te agora de que já te pedi, já te suppliquei que te fizesses feia, feia para os outros, bella só para mim?

— Mas, Ruy, eu não me pinto, não finjo o que não sou. Não sei se sou bonita, sei que não posso ser outra cousa.

— Pódes, porque a tua perfeição não é só do corpo : vem de dentro, da tua vontade. E's pobre e vestes-te como uma mulher de sociedade; o teu penteado, o teu sorriso, o teu andar, o decote dos teus vestidos,

o polimento das tuas unhas, denotam a preoccupação de seduzir. Desejava que fosses mais simples, mais socegada, porque tenho ciumes... sim, tenho ciumes, porque tenho medo e sobretudo porque te quero para minha mulher.

— Então casa-te commigo. O que eu te prometto é depois não sahir de casa...

— Mas eu não quero isso!

— Nesse caso não te entendo. Dizes que tenho a preoccupação de agradar e que me visto como uma moça rica! Sabes o que vai nesse embrulho? Um vestido velho de Leonor, que ella me deu para eu ir ao baile do Dr. Guedes!

— Um vestido de seda?

— Um vestido de seda que ella fez o anno passado e com que já foi a tres ou quatro festas! Parece mais rico do que é; vou fazel-o para mim. Ahi está a minha vaidade!

Ruy tremia.

— Adda, tu não vestirás este vestido...

— Por que? Se eu não aceitasse favores das amigas, que seria de mim?

— Não irias aos bailes...

— Nem sahiria de casa!

— Para sahir de casa ha sempre uma saia de lã ou um casaco modesto... mas quem não tem fortuna para vestir velludos e rendas, não as veste de favor!

— Ora, quem poderá imaginar que o vestido de seda que vir em meu corpo já pertenceu a outra pessoa!

— Tanto peor. Todos sabem que és uma moça

pobre; se te virem coberta de setins vistosos, darão ao teu vestido uma origem ainda menos digna.

— Com o que os outros pensam é que eu não me importo.

— Adda!

— Que é?

— Promette-me que mandarás amanhã outra vez este vestido a D. Leonor...

— Não posso fazer semelhante desfeita... depois, já prometti a D. Mariquinhas Guedes ir ao baile... não devo faltar... precisas ser razoavel; amor não é escravidão. Eu sou moça, gosto de me divertir, não tenho fortuna para comprar vestidos, mas desde que uma amiga generosa me offereça um, não sei porque não hei de acceitar. Não sou pobre soberba...

— Adda, tu bem me entendes! D. Leonor não te presenteou com um vestido, dá-te os seus vestidos velhos. Tu, pobre e como pobre devendo usar roupas modestas, ostentas sêdas amarrotadas por outro corpo e que pela magia da tua habilidade parecem novas no teu. Sei o que dizem por ahi... A lingua do Rio de Janeiro é perfida e eu quero-te acima de toda suspeita e de todo commentario, porque te amo e desejo dar-te o meu nome. Entendes agora?

— Se me amasses deverias desejar a minha felicidade; mas a verdade é que só pensas em ti. E's um ciumento.

— Sou, e queria que o fosses tambem e que renunciasses a tudo só para seres minha!

— Mas eu não sou de mais ninguem!

— E's de toda a gente...

— Ruy!

— Porque desejas agradar a toda gente. E' isso que me desespera, não te bastar o meu amor e a minha admiração. Nunca me esquecerei do desgosto que me causaste no dia da procissão, a que alludi agora. Lembras-te? Pedi-te para disfarçares a tua belleza, pedi-te que não andasses com o pescoço descoberto, como andavas nesse dia, até na igreja! E tu prometteste-me que farias tudo que eu pedi, para nessa mesma noite appareceres decotada e de braços nús em uma reunião familiar e onde todas as senhoras estavam de vestidos afogados! Como hei de eu agora acreditar nas tuas promessas?!

— Eu não tinha outro vestido...

— O que não tinhas era coragem para cumprir o sacrificio que te pedi. Talvez não tenhas culpa. A tua natureza exige homenagens de todo o mundo. Nem todos podem ser modestos...

— Pois se não tenho culpa, não me censurem. E' preciso acostumares-te. Eu gosto de dansar.

— E eu não quero que danses...

— Gosto de bailes, gosto de andar bem vestida, e não tenho vergonha de vestir os restos de uma amiga bôa e discreta como Leonor, já que não tenho dinheiro para comprar vestidos. Quando eu me casar comtigo, cessarei de receber... esmolas; por emquanto preciso dellas.

— Adda! és má! bem sabes que não depende de mim casar-me agora... Vê que não te quero offender, o que eu quero é que me ames, e que renuncies a tudo pelo meu amor; o que eu quero é que ninguem

ouse balbuciar o teu nome senão com adoração e respeito; penetra no meu pensamento, comprehende-me, Adda!

— Jâ comprehendi. Amo-te mais do que tu a mim, porque só desejo a tua felicidade!

— Prova-me isso, não indo a esse baile, devolvendo este vestido a D. Leonor!

— Não posso, Ruy... já prometti...

— Não queres então devolver este vestido?

— Não...

— Pois não irás com elle ao baile!

— Ruy!

Era tarde: com um movimento rapido e nervoso o moço atirara o embrulho das sêdas ao mar.

Teias de prata boiavam á flor das aguas e a areia crystalizada fulgurava ao luar. Uma onda que recuava levou para longe o lindo vestido de D. Leonor.

Adda estacou, gritando, com os braços estendidos e os olhos arregalados de espanto. Ruy, arrependido já da sua brutalidade, disse-lhe baixo:

— Perdôa, perdôa; dar te-ei outro vestido, novo... mais bonito... escolhido por ti!...

Rôla, que se deixara para trás, a conversar com o cunhado do Dr. Guidão, approximou-se assustada:

— Que foi? Que foi? !

Adda, suffocada, não podia fallar; Ruy murmurou:

— Não foi nada. Adda, cuidando vêr um bicho naquellas algas, atirou-lhe o embrulho que trazia na mão.

— Oh! e agora?!

— Agora, acabou-se. O mar levou-o.

Rôla percebeu a verdade, de relance, e calou-se. O velhote teria percebido tambem qualquer cousa, mas, por isso mesmo, não commentou o caso. Adda recomeçou a andar com mais pressa, doida por chegar a casa. Ruy seguio-a de perto, supplicando-lhe perdão por aquelle acto de desespero. Ella não respondeu nada ao principio; por fim, desesperada, disse :

— Procure outra mulher, Ruy, que o comprehenda Eu sou imperfeita e adoro a minha imperfeição, para poder emendar-me. Não nasci para freira, nem tampouco para mulher de um homem capaz de me deixar presa em casa pelas tranças... como... como... alguns ciumentos que ha por ahi. E agora fique sabendo que hei de ir ao baile seja como for e que hei de dansar até á madrugada !

Ruy tremeu, todo transtornado com a allusão á mãi. Aquella mulher capaz de ficar presa em casa pelas tranças, era o espectro que enluctava a sua mocidade. A pobre doida parecia surgir diante delle, pallida como as areias, como se fôra feita daquella claridade fluidica e velludosa que enchia todo o espaço e illuminava o mar... Ella explicava tudo; era a origem de tudo. Vinha della aquella febre que o alimentava, aquelles arrebatamentos que não sabia conter... A mulher capaz de ficar presa pelas tranças, arrastava-o atravéz da vida, como uma coisa inerte... Adda sabia de tudo ! Fôra cruel ! para que lembrar uma historia tão dolorosa? Bem certo é que a vingança não escolhe armas quando quer ferir ! Ella vin-

gara-se; devia estar acalmada. Um soluço desprendeu-se involuntariamente da garganta opprimida de Ruy.

Adda voltou-se e observando a pallidez do noivo, disse com mais condoimento que paixão :

— Afinal, é precizo que me comprehendas tambem.

— Tens rasão... fui um bruto. Mas fica certa de que o meu ciume nunca chegaria ao desatino de te maltratar... Arrependo-me... Não te affligirei nunca mais!

Adda parecia reflectir. A sua physionomia adoçou-se e ella murmurou por entre dentes, como num esforço :

— Procurarei fazer as tuas vontades...

— Não promettas...

— Mas quando eu não souber cumpril-as, aceita-me como sou. Se eu não te amasse tanto nunca mais te fallaria... nunca mais!

— Tens razão; fui um bruto. Perdôa-me... já que te soubeste vingar tão bem...

Olharam-se demoradamente em silencio.

— Amo-te, Adda, adoro-te, apezar de tudo!

Ella calou-se, voltando o rosto para o mar, a vêr se distinguia ainda o vestido de Leonor boiando nas aguas de prata. Não vio nada; suspirou.

Ruy, muito commovido, tirou do dedo um annel de ouro e pol-o na mão da moça.

— E' uma alliança : symbolo da inquebrantavel cadeia que me liga a ti!

Ella tirou do peito uma rosa meia murcha e disse :

— Lembrança de pobre, é o que tenho; toma.

Elle beijou a rosa, ella olhou para o annel.

Atraz delles o velhote ia dizendo a Rôla :

— Esta sua pergunta faz-me considerar no vão sentido das cousas que me pareciam eternas na mocidade, quando não ha nada de estavel e tudo muda, se não na sua origem, ao menos no seu aspecto... Quando eu disse á primeira mulher que amei, que a adorava e que a adoraria até á morte com o mesmo ardor impetuoso e extatico, disse-o com sinceridade. Foi a primeira mentira inconsciente. Encontrei depois essa senhora varias vezes na vida, sem a menor commoção, casada com outro homem, mãi de filhos que nem sequer se pareciam commigo, — e nem por isso lhe guardei rancor... Eu tambem já amára outras, já colhera em outras bocas o mel do beijo e já a outros ouvidos sussurrara a mesma mentira, que era para mim uma verdade purissima : amar-te-ei até á morte, meu unico amor! meu grande amor! Ah, como estas coisas agora me fazem rir!...

Rôla voltou-se espantada. Na clara luz do luar, cuja doçura ella sentia penetrar-lhe até ao fundo do coração, a cara daquelle homem metteu-lhe medo. Era um rosto largo, redondo, de queixo sumido pela falta de dentes, todo sulcado pelos vincos das rugas que se uniam umas ás outras, franzidas por um riso de ironia, que o desfigurava; um riso doloroso de impotencia e de rebellião.

Sem responder, ella penetrou no verdadeiro sentido daquellas palavras de desdem : a saudade! a inveja!

A magia do luar, o som baloiçado das ondas, o ár

tépido da noite em que fluctuavam amorosos segredos de seres invisiveis, aquelles namorados moços que iam alli apaixonados e unidos, tinham despertado na alma da velhice a saudade da juventude, do unico bem perfeito da vida e que jamais se póde renovar...

Todas as coisas mudam... não ha nada estavel... Que vaidade a do homem, quando só elle se transforma e passa diante das coisas impassiveis e eternas!

A ella a approximação do mar á noite apavorava-a. Parecia-lhe a todo o momento que uma onda lhe levaria a filha imprudente, como levara o vestido da D. Leonor... Tinha percebido o manejo; estava explicada a insistencia da filha por virem pela praia. Eram irreflectidos; não se lembravam que no dia seguinte já o coronel saberia de tudo, julgando-a cumplice nessa entrevista. Que deveria fazer para sahir daquella situação? Emquanto o velho recitava uns versos tropegos da sua juventude, occorreu-lhe a ella explicar-se directamente com o pai de Ruy... Como... quando... onde?... isso não sabia, mas era absolutamente imprescindivel uma explicação entre ambos. Receava não ter coragem... mas, mesmo que elle lhe batesse, ella deveria fallar-lhe.

XIII

Encostada á canôa *Cruzeiro* — com um enxugador felpudo no braço, Rôla esperava que a filha sahisse do banho. Não tirava della os olhos um momento, sempre medrosa de alguma traição das ondas. Adda ria-se, batia com as mãos na agua como uma criança, assustava a mãi com mergulhos repetidos e gritinhos terminados em escala de risos.

Rôla percebia a razão daquelle alvoroço : havia na praia gente nova; moços que tinham vindo em um automovel e que terminavam talvez, naquella hora matinal da praia, uma noite de orgia ou de jogo...

Adda divertia-os. Achavam-n-a bonita, apezar da touca de oleado que lhe cobria a testa até ás sobrancelhas. Os braços eram lindos, nús desde a raiz dos hombros até aos pulsos, ora arqueados sobre a cabeça, ora distendidos sobre as aguas mansas, em gestos que davam tempo ás admirações.

A mãi tentara inutilmente evitar o exagero daquella blusa sem mangas, mas tivera de ceder ante a pertinacia da filha. O pescoço livre surgia muito

branco da flanella preta da roupa, aberta sobre o peito em um largo collarinho á marinheira, e ella derreava a cabeça para traz, como para mostrar ao céo a belleza do collo admiravel... Em um desses gestos mais prolongados, os pés subiram-lhe á flôr do mar e ella boiou, com os braços abertos, os pés nús e as pernas, de que a agua arregaçava os calções até aos joelhos, desenhando-se muito brancas na superficie trémula das aguas.

Aquillo era uma imprudencia : a moça não sabia nadar.

Rôla bracejou, zangada. A praia era de perigos. Como obrigar aquella creaturinha a ter juizo?! Ella parecia não ouvir as supplicas da mãi; com os olhos cerrados, o corpo abandonado, deixava-se embalar pelas vagas mansas... Quando se quiz pôr em pé a agua batia-lhe pèlo queixo e a areia parecia fugir-lhe. Então teve medo, a consciencia do perigo abrio-lhe os olhos numa afflicção, a voz sumio-se-lhe e foi num esforço instinctivo que ella conseguio approximar-se de terra e recuperar o ponto que perdera. Durara tudo um segundo, mas o pavòr augmentara-lhe a sensação do tempo. Receou que tivessem percebido o seu embaraço, envergonhada por não saber nadar. Disfarçando o arrepio, arrancou da cabeça a touca de oleado e sacudio os cabellos, fazendo fluctuar na superficie da agua as pontas das madeixas.

Tinha certeza de que os seus cabellos eram lindos e que ninguem ousaria rir-se agora della. Sahio do banho gottejante, com a flanella da roupa unida ao corpo, e os labios entreabertos num sorriso.

Rôla atirou-lhe para os hombros o lençol felpudo e ella, aconchegando-o a si, passou rente aos moços, que se voltaram para vêl-a passar.

Em casa a mãi admoestou-a :

— Se Ruy soubesse...

— La vem mamãi com Ruy... saber o que? que é que eu fiz !?

D. Ricarda ria-se, o que exasperava a moça. Ella não era escrava das opiniões dos outros... Ruy ainda não era seu marido. E que fôsse ! Todos a aborreciam. O que ella deveria ter feito era não ter sahido do banho e ir boiando, boiando, para o mar largo...

Rôla contrahio-se numa angustia. Não sabia que julgar. Ainda na vespera, em casa do Dr. Guidão, o Eduardo Guedes permittira-se certas familiaridades que lhe tinham desagradado. Amando Ruy, a filha aceitava a côrte do outro... Ouvira que tinham combinado um passeio de automovel para o domingo... Adda queria um véo branco, um véo grande e fino que lhe cobrisse o chapéo e a envolvesse. Certamente que uma cousa de luxo não haveria de custar uma ninharia.

Ella via ás vezes á noite, á porta dos hoteis, certas mulheres elegantes, que se apeavam dos automoveis com véos assim...

Ainda se a occasião fôsse boa... mas tinha o dinheirinho certo para o aluguel da casa e a conta do armazem... graças a D. Ricarda, que era pontualissima nos pagamentos... O mez fôra máo para costuras !...

Adda desencantara um vestido branco do fundo da mala, o vestido das occasiões, e que estivera reco-

lhido durante o inverno, depois de ter trabalhado valentemente em dois estios. Ideou logo um novo cabeção de rendas, para tapar as miserias da blusa já serzida.

Ella mesma lavaria o vestido e o engommaria, para o passeio de automovel no domingo com D. Leonor e o sobrinho...

As rendas para o cabeção ella as arranjaria tambem de qualquer modo, tiraria as do vestido amarello com que fôra ao baile do Dr. Guidão... O jardim do visinho forneceria um ramo de dhalias-cactus côr de sangue, para o cinto... não lhe faltavam tambem as luvas, nem o chapéo, embora velho... só lhe faltava o véo... Se fôsse outra, dizia ella, precizaria de tudo, e nem tornaria a pôr na cabeça a fôrma deformada daquella tampa de cajús... ella porém, resignava-se ás difficuldades da situação.

D. Ricarda protestava :

— Se você fosse outra, regeitaria o convite...

— Se eu tivesse a sua idade... respondia a moça com um amúo.

Rôla intervinha, apasiguava, achando explicações para tudo.

D. Leonor queria a companhia da moça e ella, que devia tamanhos favores áquella familia, não lhe podia negar cousa nenhuma... Além do dinheiro, para a compra do véo seria necessario ir á cidade, o que representava um dia perdido de trabalho... mas já que era indispensavel um véo para andar em automovel, far-se-ia um sacrificio... Afinal, Adda não a ajudava tanto nas costuras?

Era ella por ventura indolente e imprestavel? Não. A propria D. Ricarda lhe gabava a habilidade e a presteza. Tinha uns dedos, o diabinho da pequena, que nem os de uma pariziense amestrada! Agora mesmo lá estava ella na tina, lavando o seu vestidinho branco, esgarçado e fino como a pelle de um ovo. Outras mãos menos cuidadosas rasgal-o-iam todo...

Como os véos não se compram só com palavras e boas intenções, já Rolinha não pensava em fazer a vontade á filha, quando esta lhe perguntou um dia no tom mais natural do mundo :

— Mamãi, se eu empenhasse o annel que Ruy me deu, chegaria o dinheiro para comprar o véo branco?

A mãi advertio-a :

— Filha, o annel que o Ruy te deu não deves tiral-o do dedo senão para o dares a elle mesmo, se não mudares de idéas... olha : agora me lembro que a pobre da Maria Adelaide ainda me está devendo um resto de dinheiro do vestido branco.... Vou fallar com ella. Tem paciencia.

Dahi a poucos minutos Rôla caminhava pelo atalho da tóca para a casa de Maria Adelaide. Não tinha andado muitos passos quando Bié passou por ella como uma flecha, e logo atraz Nita, arfando, numa afflicção. Chamou-os; mas as crianças não ouviram. Iam como o vento. Rôla parou e seguio-as com a vista. Ellas sumiram-se, ella suspirou :

— Pobres crianças... afinal passam-se os dias e eu não faço nada por ellas...

A maior amargura da sua pobreza era essa, de não poder chamar a si todos os desherdados da vida...

Agora, lá ia ella muito contrafeita reclamar uma divida que por seu gosto esqueceria. Era sempre um constrangimento, quando tinha de cobrar dinheiro de alguem. Se o véo não fosse cousa indispensavel! mas afinal, ninguem podia passear de automovel sem esse adorno... bem via as outras. O que pedia a Deus era que daquelle convite não sahisse embrulhada. D. Ricarda começava a incutir-lhe um certo terror das cousas; o seu criterio limitava-lhe o caminho da vida. Um passo para um lado ou para o outro já lhe parecia uma ameaça. Era levar muito longe o medo do mundo!

Maria Adelaide estava no tanque, lavando roupa; foi a irmã, Maria Aurora, quem veio á cancellinha do terreno livrar Rôla das investidas dos cães, e fazel-a entrar na sala, onde a mãi lustrava os collarinhos do senador Guidão.

Foi um espanto.

— A senhora cá em casa! Maria Aurora, repica os sinos! que milagre, gente! Senta ahi, comadrinha! Rôla era madrinha de chrisma da terceira filha da viuva. Fizeram roda; foi abandonado o serviço. Havia muita cousa a contar.

Teria Rôla conhecimento de que o Flaviano destroncára um pé no proprio dia em que alli fôra aprazar o casamento com a filha? Não?! Pois estava ha que dias de perna estendida, numa esteira. Elle já mandára recado a Maria Adelaide, mas a moça teimava em não querer ir visital-o... Ella tambem andava soffrendo dos nervos; já tivera dois ataques e só fallava em morrer... E' para que se criam os

filhos. E continuava : A mãi do Flaviano cheirava a sarro de pito e talvez tambem um pouco a paraty... Vicio de negra velha. E' o diabo! de mais a mais, diziam por ahi que o filho já não se contentava com a briga de gallos nos domingos, nem com a bisca no barracão da arrecadação, e entrava a jogar tambem no bicho, como um damnado! Ella via compromettido o futuro de Maria Adelaide, mas não sabia como fazer para desligar a promessa com o Flaviano, que perseguia a noiva como o cação a enxova! Pedia conselho.

Rôla não atinou com o que dizer. A viuva continuava :

Já imaginara que Maria Adelaide tinha o diabo no corpo. Estava com vontade de leval-a á menina santa do Leme... Uma benzedura faz mais que mil remedios. Felizmente, tinha bons freguezes e já não pensava em casar as filhas para alliviar-se. Ao contrario, qualquer dellas lhe faria falta. Vinha cada trouxa de roupa, que só vista! Voltava a fallar do Flaviano, de quem tinha certo medo, que não escondia. Do contrario, já lhe teria fechado a porta na cara. Começava a acreditar que a mãi do mestiço era tão rica como qualquer das duas, que alli estavam sem vintem... Pois era possivel que uma mulher com dinheiro dormisse no chão, entre trapos e não désse ao filho nem um tostão para cigarros? Tinham inventado aquellas historias de riquezas da quitandeira só para decidil-a a deixar a filha casar... cahira na mentira, como uma sardinha na tarrafa. E agora?!

E concluio :

— Olhe : ahi vem Maria Adelaide; veja se parece a mesma!

A moça, muito emmagrecida, tinha o rosto pallido invadido por dois circulos roxos das olheiras. As saias escorregavam-lhe pelos quadris estreitos; via-se-lhe a camisa entre a blusa e o cos da saia. Não teve um sorriso. Pagou a sua divida com modo distrahido e sumio-se de novo pela mesma porta por onde tinha entrado.

— Que acha, comadre Rôla?

— Que é precizo ter cuidado...

— Com que? eu não obriguei ella a casar nem fui eu que escolhi o tal Flaviano. Era amor do collegio. Gostavam-se desde crianças... eu só cedi pelas circumstancias. Bem que me arrependo! Muita falta faz um pai, é só o que eu lhe digo...

A' sahida, Rola decidio dar volta pela estrada velha e passar pela casa do pescador doente, de quem não tinha queixas.

E era ainda uma caminhada, entre arbustos contorcidos e cardos de areaes quentes.

Aquelles sitios eram-lhe familiares desde a infancia; prazos destacados da antiga fazenda de D. Constança, onde ella brincara o — esconde-esconde e a cabra-céga — em pequena. Depois, já mocinha, andara tambem muitas vezes por alli, com Ruy ao collo, acompanhando a pobre D. Angela, que ia na frente, abstracta, aos suspiros. Eram os unicos passeios que o marido lhe permittia, de longe em longe... Uma vez, que essa distracção fôra procurada sem sciencia sua, a mãi de Ruy fôra esbofeteada por elle, em plena

face, em casa. Rôla assistira á offensa retrahindo-se de encontro a uma parede e apertando Ruy ao coração. Ella sabia muito bem, agora, que ha antipathias inexplicaveis, odios sem causa, de almas doentias, mas attribuia a origem da raiva do coronel áquella scena, em que elle se sentira humilhado por aquella testemunha de quinze annos, começando desde ahi a tratal-a mal. Discreta por natureza, ella calara-se muito bem calada, mas guardava nitidamente na memoria a lembrança daquella mão pequena e secca, com que as mãos de Ruy se pareciam, batendo brutalmente no rosto pallido da mulher. Um bruto, aquelle homem magro e calado, de quem ella sempre tivera um medo instinctivo. Entretanto, via que elle era bemquisto por toda a gente e que não faltava quem o lamentasse como uma victima do destino... E' que a sociedade perdôa o mal, mesmo a quem ella sabe que procura illudil-a com as apparencias do bem... O que a espantava agora, depois de tantos annos de silencio, era saber pela propria boca de Ruy que os soffrimentos da pobre D. Angela não tinham ficado enterrados com ella no cemiterio, depois de terem gemido sob os varões de um carcere de hospicio... Ruy reflectia-lhe as queixas, adivinhara a alma dolorosa da que morrêra com o seu nome entre os labios desamados... Esse sahira á mãi no genio : era um sincero e um crédulo... conhecia-o desde criancinha, nunca elle lhe mostrara duas caras, como o pai, que era um em casa e outro na rua ! Achava exquisito que o moço se preoccupasse tanto com um passado extincto, e não acreditava que o pai receasse vêl-o her-

dar a molestia da mãi... aquillo eram fantasias do Ruy! Bem sabia o coronel que o cerebro da mulher adoecera pelos martyrios que elle lhe infligira e mal diria ella que havia de chegar um dia, em que tivesse necessidade de provocar uma entrevista com aquelle homem, que jurara evitar a todo o transe. E desde que tinha concebido essa idéa, já não pensava em outra cousa. Só via um meio para obter do coronel uma meia hora de conferencia : a intervenção da mulher do senador Guidão. Esse velho, que era um bruto para toda a gente, desmanchava-se em formalidades e delicadezas para com a Sra. D. Delfina e não se negaria a um pedido seu... Mas em Rôla a coragem dessa resolução embaraçava-se num medo quasi invencivel e ella reflectia, procurando orientar-se melhor e acabando sempre por entender que teria de affrontar essa hora de imprevistos e de desgostos.. A felicidade da filha e de Ruy exigiam-lhe tal sacrificio... Atravez dos sapatos rotos, que tinha forrado em casa com palmilhas de papel, sentia a areia do chão escaldante e aspera. Contava justamente com o dinheiro da Maria Adelaide para um par de botinas e eis que elle ia servir para um véo... Quem tem filhos é assim, suspirava ella, accrescentando que se a alegria tambem se pudesse comprar com dinheiro, acharia talvez geito de a comprar para Adda...

A casa de Flaviano ficava retirada do caminho, pegada a outra igual, do Mamede carroceiro; ambas acalcanhadas pelo uso do tempo e cercadas de um terreiro, onde duas carroças repouzavam nos varaes, á sombra de uma grande amendoeira. Era assim : os

pescadores queixavam-se de que a gente da cidade lhes ia invadindo o bairro, tomando-lhes as casinhas da praia, obrigando-os a afastarem-se do mar para tocas rusticas do mato, menos caras... emquanto das suas antigas habitações ella fazia chalets e palacetes.

O pescador estava sentado numa esteira, ao pé da porta escancarada, trançando cipó cerejeira para uma tampa de mercado. Sabia do officio desde mocinho, quando por morte do avô, pegador de cobras, a mãi o entregára á madrinha, moradora no Curral de Fóra. Vivêra alli, no municipio de S. Gonçalo, ora de facão em punho, abatendo cipó-una no mato, para fabrico de tampas de camarão e cestas, ora vadiando pelas restingas abrazadas ou atolado até ao pescoço nos brejos, cortando o páo molle de tabebuia, para boias de rêdes e para tamancos, que era uma das industrias do lugar. Aprendera depressa a fazer esteiras de tiririca para cangalhas e de tabúa para forrar barcos e tapar mercadorias que vinham para o mercado, nas canoas; reunia, brincando, grandes feixes de junco e distinguia de relance o cipó-una preto, reputado o melhor, do cipó-una branco, do *carneiro*, ou de qualquer outro. Tinha sido isso dos doze aos dezeseis annos, entre o tempo da escola ao lado da Maria Adelaide e o dia de lançar a primeira tarrafa na praia do Leme.

Rôla quiz saber quem o tratava e o que dizia o medico; se elle voltaria depressa a andar e se ficaria sem defeito.

Confiando pouco na habilidade da mãi do Flaviano, ella fôra até alli com a intenção de prestar algum ser-

viço e indagou logo do doente se elle carecia de alguma cousa. Elle explicou que o vizinho Mamede tinha remediado tudo. Um homem valente, aquelle! Tendo-o encontrado a gemer, sentado sem alento na beira do caminho, tinha-o carregado ao collo e posto dentro de uma carroça de areia, que ia conduzindo para a cidade. Por amor disso tivera de voltar pela estrada velha e atrazar o seu trabalho... Fôra ainda o Mamede quem chamára o doutor e incumbira a mulher, sua vizinha, de velar por elle, quando a mãi sahia para as suas voltas... O que vale é que no mundo ha muita gente boa. Rôla estava alli, dando uma prova disso. João Sérvulo tambem estivera de manhã. Desesperava-se por não poder sahir... exactamente agora que o Marcos voltára da cidade e que elle estava morto por abordal-o! Parecia um castigo do céo! Sahira da casa da noiva um pouco arreliado, porque ella não lhe apparecera e tão distrahido vinha com um pensamento máo na cabeça, que ao passar rente á tóca do Machado, não déra fé num buraco do chão e bumba! destroncára alli um pé! Queixava-se ainda; tinha mandado pelo Mamede varios recados á noiva, contando o desastre, e nem ella nem nenhum dos diabos da casa vinham vel-o... Desconfiava que Maria Adelaide não se quizesse encontrar com a velha... quem lhe podia valer agora era Rôla, que intercedendo pelos namorados, abrandasse o coração da mãi e procurasse uma solução feliz... Elle amava Maria Adelaide como um doido!

Muito constrangida, Rôla procurou desviar a conversa para outro assumpto. Onde estava a mãi?

Sahira, mal lhe déra de almoçar... nunca dizia para onde ia, nem quando voltaria... e se estava em casa era para fallar sózinha... Se elle tivesse dinheiro, prescindiria da acquiescencia da mãi, mulher teimosa e impertinente, apezar de que a noiva se oppunha a casar contra a vontade de alguem! Queixava-se da sorte. Se em vez de o terem mandado rapazinho para as restingas do Curral de Fóra, o tivessem apertado num trabalho duro, elle teria tomado outra direcção e não dependeria de ninguem... Só para que elle não casasse, a mãi negava-lhe até os tostões para cigarros... mas o tempo não passa atôa, ella havia de vêr!

Ao despedir-se, Rôla offereceu-se:

— Você disse que queria fallar ao Marcos; se quer algum recado para elle eu vejo-o todos os dias...

Flaviano mudou de aspecto.

— Não. O que eu tenho para dizer a elle não póde ser dito por mais ninguem...

— Elle é um bom rapaz...

— Será, será. Adeus, D. Rôla. Lembranças a D. Adda.

XIV

Chovia a cantaros e Ruy ainda não entrára da rua. Sahira mal agazalhado de casa nessa tristonha manhã de segunda-feira. O pai pensava nisso, passeando no corredor da saleta á cozinha. Era uma das suas manias andar, calado, pela casa, horas inteiras, de cá para lá, num abominavel arrastar de chinellos. O filho chegava a entontecer com a monotonia regular daquelle movimento. Tia Antonia mesmo, mais indifferente, impacientava-se ás vezes de vêr o patrão naquellas idas e vindas continuadas.

Nesse dia a agitação era maior. Ruy deveria estar como um pinto! Se adivinhasse onde encontral-o... Quem sabe? Talvez em casa daquella peste de rapariga, que ainda na vespera, á tarde, passára por alli de automovel, toda enfeitada, como uma filha de doutor! Não fóra tão tolo que não percebesse que Ruy tivera um abalo fortissimo ao vel-a sentada ao lado do Guedes, como se fosse sua mulher ou sua irmã. Por si, tinha gostado; tomára elle vêl-a casada

com o outro... mas tal milagre não o podia esperar. Espantava-o comtudo a aceitação que aquella moça e a mãi tinham na casa do senador, um homem tão rigoroso e tão sensato... emfim, era das taes facilidades do Rio de Janeiro, que o revoltavam até á medula. Se não tivesse medo de ser descoberto, escreveria uma carta anonyma ao Dr. Guidão, abrindo-lhe os olhos, para que elle fechasse para sempre a porta da sua casa honesta áquellas duas especuladoras... Desgraçadamente, o filho não se poderia ter engraçado por cousa peor!

Como sempre, as suas locubrações acabavam por fixar-se na filiação de Adda, de quem toda a gente cantava a belleza em prosa e verso e que no seu odio elle chegava a achar feia. Daria alguns annos da sua vida para saber de quem tinha nascido essa creatura e desesperava-se por não ter tido a mesma curiosidade no dia em que se tinha espalhado por toda a Copacabana que apparecera uma criancinha na porta da Rôla. Então talvez não tivesse sido difficil saber a verdade...

A figura de Adda passava-lhe e repassava-lhe agora pela cabeça, tal e qual como a vira na vespera de tarde : com o seu véo branco ao vento e o rosto voltado para as suas janellas, em ar de provocação, ao mesmo tempo que parecia sentir ainda o movimento de espanto e de desgosto do filho, todo inclinado e sorprendido para o automovel que ia correndo... voando!

Prouvéra a Deus que nunca mais voltasse...

Tanto a tarde da vespera fóra linda e luminosa,

quanto a manhã desse dia apparecera escura e tempestuosa... e Ruy lá se demorava sob a chuva grossa! Se ao menos lhe pudesse mandar pela Antonia o sobretudo e as galochas...

Mas a preta, interrogada, não soube dizer onde estaria áquella hora o moço, e o coronel, contrariado, coçando a cabeça grisalha, recomeçou no seu passeio silencioso, enfadonho, interminavel. O seu terror era que o filho adoecesse, mal precavido sob o aguaceiro. Achava-o cada dia mais indifferente e distrahido... O que o impressionava mais que tudo era um certo modo que aprendera agora de mover a cabeça numa oscillação quasi imperceptivel e que reproduzia absolutamente um gesto preferido da mãi... Como estas cousas se transmittem através do tempo, senhor!

Na solidão daquella casa, entre o rumor da chuva continuada e a bulha rythmada de seus passos, o coronel fazia e desmanchava planos de futuro, com que pudesse salvar e defender o filho das garras de duas ameaças terriveis: a loucura da mãi e o amôr de Adda...

Magro, com os olhos claros pequenos, de um azul que tomava differentes gradações, conforme o pensamento que lhe atravessasse o cerebro; de fartos cabellos finos e grisalhos e uma barbinha espumosa e leve cercando-lhe o queixo em ponta, elle tinha um aspecto concentrado de homem triste.

Fôra assim toda a vida. Em pequeno martyrisava os amigos, zangando-se por cousa nenhuma. O pae morrera de um desastre, deixando-o com treze annos e

pouca instrucção. Aos dezoito annos já elle era empregado publico. Aos vinte, o padrinho puzera-o na Guarda Nacional, de que tinha hoje o posto de coronel... A imagem mais viva do seu passado era Angela... achara-a linda, com o seu rosto pallido, os seus negros olhos avelludados, os seus cabellos setinosos e tão longos que lhe serviriam de corda, se se quizesse enforcar!... A sua consciencia accusava-o de ter maltratado aquella mulher submissa, que o amára ao principio, que o tolerára depois, e que dos seus braços sahira aos gritos, numa explosão de cansaço que lhe alterára por fim o cerebro. Julgára elle que a historia do seu ciume tivesse acabado nessa hora triste, e eis que ella continuava agora no filho, que elle amava mais do que julgára possivel poder-se na vida amar a alguem, mais do que amára a mãi, o pai, a Angela, a todos juntos!

Quando ás cinco horas Ruy bateu, o coronel simulou com esforço serenidade e foi abrir-lhe a porta.

— Muito molhado, hein?

— Um pouco...

O coronel não se contentou com a resposta: passou as mãos nervosas pelo fato enxarcado do filho.

— As botinas devem estar cheias d'agua... vai para o quarto... já lá está um par de meias em cima da cama e a roupa branca... a Antonia arranjou tudo.. A humidade nos pés é uma cousa terrivel... talvez seja melhor calçar meias de lã...

— Não...

Ruy furtou-se ás mãos do pai, que lhe examinava até o collarinho, e fechou-se dentro do quarto. Estava

bem certo de que não fôra Antonia quem lhe preparara a roupa, bem se importaria ella! Sentia-se fatigado, cheio de tristeza. Adda passeara-lhe o dia inteiro, de automovel, ao lado do Eduardinho Guedes, pela imaginação. Que idéa absurda fôra aquella! Arrependia-se da sua fraqueza : melhor seria não ter tornado a vêl-a e deixal-a definitivamente com o outro...

Mudada a roupa branca, estirou-se na cama. Sahira para a cidade, para a sua aula de Deirito e nem puzera pés na Escola. O seu amor absorvia-o de tal modo, que tudo o mais perdia para elle o interesse... A propria carreira, escolhida com enthusiasmo, pezava-lhe agora como uma aborrecida obrigação. Se fosse rico voltaria as costas ao estudo das leis e, casado com Adda, iria estudar todo este bello littoral do Brasil, armando tendas aqui e além, sondando aguas, examinando areias, sorprendendo na alma viva do oceano os seus mysterios mais deslumbrantes ou mais tenebrosos. Longe da sociedade perturbadora, Adda seria unicamente sua. As gentes simples das povoações praianas com que convivesse e que observasse, completar-lhe-iam as alegrias do coração. De praia em praia, ora numa barraca de lona, ora numa cabana de sapé, colleccionando os productos do oceano ou descrevendo as paizagens maritimas, procurando interpretar todos os segredos das aguas e das terras ribeirinhas, tão lindas umas, tão desconhecidas outras, elle iria espalhando a gloria da sua felicidade e Adda o esplandor da sua formosura!

Tinham ambos nascido á beira-mar. O mar era um pouco a sua patria. Elle não poderia adormecer sem ouvir o marulho das ondas. Fôra essa a cantiga que lhe embalára o somno desde o berço. Adda já lhe dissera a mesma cousa... Tivera elle fortuna e se aperceberia para essa vida independente e errante, com bons livros, bons apparelhos e commodidades para a companheira que desejava isolar sem sacrificar. Emquanto a imaginação tecia a tela dourada desses sonhos, o seu criterio ia-os atirando para o ridiculo. O dinheiro era escasso. Com medo de estravagancias e desperdicios, o pai contava os tostões que lhe punha no bolso. Elle submettia-se sem queixa, sabendo que não eram ricos, mas irritava-se. A vida affigurava-se-lhe cousa bem mesquinha.

O coronel, já inquieto e cansado de esperar pelo filho, bateu á porta :

— Ruy?

— Senhor? !

— Vem tomar um prato de sopa.

— Não tenho vontade.

— Embora. Eu não quero jantar sózinho.

Ruy levantou-se amuado, vestio-se ás pressas e foi para a mesa com olhos de somno e de aborrecimento.

O pai inspeccionou-o da cabeça aos pés :

— Não seria bom vestir um sobretudo?

— Não estou com frio.

— O ar está muito humido...

— Se chove !... mas o senhor tambem não está agazalhado !...

— Ah! eu!... não andei pela chuva nem estive doente ha pouco tempo...

Os olhos do coronel mediram a quantidade de vinho que o filho vasou no copo. Contrariava-o que Ruy não dispensasse vinho ao jantar; e não se cohibia de aconselhar que misturasse agua, para quebrar effeitos nocivos.

O alcool é o maior inimigo dos nervos excitaveis, dissera-lhe um dia o medico da sua confiança; desde então, para evitar que o filho tomasse vinho, elle mesmo se abstivera delle ao almoço, consentindo em servir-se ao jantar parcimoniosamente. Ruy percebia-lhe a vigilancia e constrangia-se.

O coronel obstinava-se em fazer-lhe o prato. Dir-se-ia que os quinhões vinham pesados, como se se tratasse de um doente.

Chegada a hora da sobremesa sim, elle empurrava a fruteira para perto do filho e fechava os olhos. Folheara almanaks e livros de medicina e capacitara-se de que a alimentação do filho devia ser constituida de um certo modo de que nunca mais se afastou. Ruy aceitava algumas cousas com modo distrahido, mas regeitava diariamente varios copos de leite que a diversas horas o pai queria obrigal-o a ingerir.

O coronel não desanimava, e todas as noites a Antonia deitava na pia leite azedo, resmungando contra o desperdicio.

O barulho da chuva era agora ensurdecedor.

Na pequena sala de jantar, de janellas fechadas, os dois homens sentiam-se morrer de aborrecimento. Os cigarros eram permittidos com avareza. A refeição

terminara entre uma ou outra phrase curta, que vagava sem interesse no ambiente melancolico.

Foi já ao accender do gaz que o coronel disse, olhando de soslaio, como se temesse contemplar o filho de face :

— D. Delfina Guidão mandou-me pedir ainda agora pelo padeiro para eu ir lá amanhã. Saberás do que se trata?

— Não... E' exquisito...

— Supponho que precize de alguma informação...

— Informação de que?!

— Não sei... naturalmente da Rôla...

— Ella sabe muito bem quem é a Rôla.

— Talvez não saiba...

— Mas que vai o senhor dizer?

— A verdade.

— A verdade é que ella é uma mulher digna de respeito...

O coronel rio-se e levantou-se para o seu passeio no corredor.

Ruy tremeu de raiva, percebendo a ironia do pai e amarfanhou a ponta da toalha que a Antonia, relaxada, ainda não viera tirar da mesa. Mil pensamentos cruzavam-se-lhe no espirito.

A approximação de Adda com o Eduardinho Guedes acabara de convencêl-o de que eram elles dois o assumpto da entrevista solicitada por D. Delfina Guidão ao Coronel.

Toda a gente alli sabia do seu amor pela moça; a bôa senhora quereria incumbir talvez o pai de desvanecer nelle esse sentimento, solicitada pelo neto...

Adda passeara com elle de automovel... dançava com elle nas suas salas... elle era rico... audacioso... elegante...

Cada vez que o coronel chegava á porta da sala, lançava ao filho um olhar rapido e timido. Arrependia-se de o fazer soffrer e não sabia como remediar a sua imprudencia. O moço parecia abstracto. Só as narinas lhe arfavam e os olhos chispavam como se tivessem fogo.

Nessa noite elle não dormio. Sentou-se á secretária e escreveu a Adda uma carta de vinte paginas. Da sua alcova entreaberta, o coronel desesperava-se, olhando para a bandeira de vidro illuminada do quarto do filho.

A's duas horas não se conteve : foi-lhe bater á porta. A penna de Ruy rangia no papel.

— Já são duas horas !

— Eu sei...

— Então?!

— Vou-me deitar...

— As noites são para dormir... isso faz mal...

Ruy não respondeu. A penna corria desesperada, nervosamente. O pai voltou suspirando para o quarto, mas só se deitou quando ás tres horas o filho apagou a luz.

A chuva diminuia ; a casa estava agazalhada no torpor do silencio. Tudo seria doce se o pensamento maldito não perturbasse a paz dos homens. O coronel revolvia na mente as attitudes do filho ; suas palavras, a expressão do seu olhar ardente de moço apaixonado... Que fim teria aquillo tudo?

D. Delfina vinha por sua vez perturbal-o com aquelle recado secco transmittido pela boca do padeiro commum nessa feia tarde de chuva. Que lhe quereria ella? Era evidente que se tratava de Adda...

Passou-lhe então pela cabeça que o Dr. Guidão e a sua gente soubessem alguma cousa sobre o passado d'aquella moça faceira e sem vintem, e o mandassem chamar para o persuadirem de que devia consentir no casamento della com o filho... Que se ninassem!

Talvez elles entendessem que o Ruy não merecia nada superior, por ser filho de um homem solitario e sem outra fortuna que a aposentadoria do seu emprego... Mas elle punha o filho em mais altas esperanças. Se o que queriam delle era isso, estavam bem enganados; diria mesmo que dava a Adda de presente ao Eduardinho Guedes e reservaria o Ruy para mulher de outra ordem. A sua vontade não recuaria; saberia mantêl-a. Arrastado pelas suas idéas obcecantes tornou a cogitar nos moradores antigos de Copacabana pelo tempo do nascimento de Adda, a vêr se á força de investigar descobriria quem eram os pais della.

Nesses dias aquelle sitio era apenas uma praia de pescadores, sem ruas, sem chalets, sem os palacetes e sem a população variada de agora... comtudo, a tarefa só teve um resultado : prolongar-lhe a insomnia. Oh, se elle pudesse arrancar a lingua inutil áquell bruto do Pedro mudo, e espiar-lhe no coração a verdade daquelle segredo que o torturava! Fôra Pedro, diziam todos, quem depuzera na porta da Rôla a engeitada... Mas quem vira isso, para poder

affirmal-o? E d'ahi, filha de rico ou de pobre, de criminoso ou de innocente, elle não deixava por isso de ser quem era : a preferida de Ruy, o grande amor de Ruy. O ciume que lhe tinha escaldado a alma na mocidade, reacendeu-lhe as brasas no fundo do peito desde o dia em que verificou já não ser elle, mas essa mulher, o idolo do filho. Jurou então que a guerrearia a ferro e a fogo, incessantemente.

Se ao menos ella fosse rica, se tivesse um nome, se se apresentasse na sociedade como alguem !

Logo que se fez dia o coronel levantou-se. Cessara a chuva ; a madrugada promettia um bom dia.

Ruy tinha o quarto fechado por dentro ; o pai atravessou o corredor em pontas de pés e foi para o quintal tratar dos pombos. Aquelle homem rancoroso e calado tinha um sentimento amavel : proteger as aves...

XV

No dia do anniversario de João Sérvulo, Fortunata tinha combinado que Rubião trouxesse a sanfona e o compadre Rufino o violão. Hortensia cantaria modinhas. *Seu* Freitas emprestava para a festa o telheiro da arrecadação. Maria Adelaide e as irmãs viriam dançar com os pescadores da *Guanabara* e da *Camponeza* e Rôla não deixaria de comparecer á brincadeira com a formosa Adda.

A's dez horas estaria tudo acabado. Um pão de lot e uns kilos de biscoitos da padaria contentariam os convidados.

Fortunata era alegre e fazia a vida facil. Arranjou tudo de relance. Queria festejar o marido.

— Pescador tambem é gente! costumava ella dizer com arrogancia. Na vespera do folguedo quiz o tempo contrarial-a. Vendo cahir as bátegas de chuva grossa, a mulata olhava enfurecida para o céo que lhe transtornava os projectos. Mas nem todos os dias são

iguaes; no dos annos do pescador o sol reappareceu radiante.

Ajudada por Hortensia e Pedro mudo, Fortunata desatravancou o barracão dos remos, cabaria e velas que se accumulavam nelle, arredando tudo para um canto do fundo. Depois encheu as vigas de festões de lanternas de papel e galhos de pitangueira e folhagens do mato. Bié e Nita, que andavam arredios, appareceram como por encanto, carregados de flôres.

A menina tinha agora no olhar uma expressão pensativa.

A mãi, cançada das suas vagabundagens por montes e valles, determinara leval-a para uma costureira da cidade, onde ella iria servir de copeira e aprender officios domesticos.

Nita não se resignava, mas curtia em silencio o pavor da proxima separação do seu camarada. Bié emmagrecera tambem; trazia pontos falsos na testa, de uma pancada do Pedro mudo, quando, no desespero de ser roubado, o pequeno o interrogava sobre o paradeiro do seu thesouro. Percebendo a impertinencia e a raiva do sobrinho, o mudo atirara-lhe com o tamanco, abrindo-lhe um golpe fundo na fronte. Bié cahira desmaiado. Quando acordou vio-se nos braços de Rôla, dentro de uma pharmacia. Não sabia explicar aquillo: a sua memoria fixara-se no desgosto inolvidavel do seu lindo thesouro, para sempre perdido. A presença do tio irritava-o; já não podia toleral-o, certo de que elle era o causador da sua desgraça, e exactamente agora obrigavam-n-o a mais demo-

radas estadias a seu lado, sob o pretexto de apprender a fabricar rêdes e tarrafas, para ajudar a viver os outros de casa. Com o ter emmagrecido, parecia tambem ter crescido muito em poucos dias, o que ajudava a familia a sobrecarregal-o de responsabilidades. Como o olhar de Nita, o seu turbara-se pela sombra do irremediavel e incomprehendido desgosto, como o de vêr fugir para sempre a alegre quadra da infancia. O homem e a mulher eram nelles chamados antes do tempo para as rudezas do trabalho sacrificador.

Nesse dia de Novembro, que a grande chuva da vespera adoçara numa frescura de Abril, elles tinham corrido ao barracão, a chamado da Fortunata, que sabia aproveitar serviços e favores e escolher com geito os seus auxiliares dentro de uma classe tanto ou ainda mais modesta do que a sua. Mal a mulata lhes disse :

— Crianças, vocês vão buscar flôres no mato para mim; elles, que por prohibição dos pais viviam afastados desde a catastrophe do Bié, atiraram-se como flechas para as sombras da sua predilecção. Sem se consultarem, correndo ao lado um do outro, foram até ao lugar da pedra rachada, que intitulavam ainda : — *nossa casa*.

Desde o dia maldito do roubo que lá não tinham posto os pés e este agora seria o da ultima visita, pois que já estava marcada a hora da partida da menina para a cidade, para uma casa, como lhe dissera a mãi, onde não havia quintal para as suas cabritadas e onde a janellinha do seu quarto se abria entre grades de ferro sobre as telhas negras de um telhado velho...

Chegaram anhelantes ao recinto da pedra. Nita, de relance, notava o abandono do seu famoso salão de columnas, encimado pela larga cupula de ouro, de bronze e de esmeraldas dos cajueiros ainda em flôr. A sua vassourinha de *ménagere* lépida desapparecera abafada pela espessura das folhas, largas, cahidas com a tempestade; e o fogãozinho de pedras alli estava desabado pela ponta de algum pé irreverente ou de alguma pata. Nas sombras azues e côr de ouro velho, projectadas pelos cajueiros, voavam borboletinhas brancas e a agua da montanha, engrossada pelas chuvas da vespera, rumurejava com mais força, lambendo os cordões de avencas e de musgos que desciam do mysterio de um cipoal e vinham pela encosta rodear a lagôazinha e emmoldurar a pedra côr de violeta, laivada de negro e de branco. Num dos ramos mais baixos do cajueiro, Nita amarrara um trapinho á guiza de rêde, que representava o berço da filhinha na modesta pessoa de uma bruxa de pannos. A rêde pendia, presa por um lado só, como um lenço cançado, empapado pelas lagrimas de um ultimo adeus. A filha, essa desapparecera enterrada na lama e no humus espesso do chão.

Bié olhava em redor, attonito, como um sacerdote poderia olhar para o templo de que tivesse sido banido.

Nunca a belleza casta daquelle lugar lhe parecera tão enternecedora. As largas folhas metallicas dos cajueiros incrustavam o sólo aqui de ouro, alli de granadas, acolá de ferro oxidado; e as enormes plumas dos bambuaes agitavam-se docemente, vagarosa-

mente, fazendo dançar sombras suaves sobre esse tapete polichromo.

Bié caminhou calado para a pedra e olhou para a cavidade onde tanto tempo escondera o seu thesouro adorado. Uma largatixa correu ao presentil-o, subindo rapidamente pela rocha.

Nada mais; a mão criminosa não se arrependera.

Nem uma simples concha... nem uma aza de insecto, nem uma esquirola sequer das suas pedras e dos seus caramujos...

Estoicas, as duas crianças continuavam caladas, pequeninas, attonitas, para a belleza inperturbavel daquelle canto de flôresta, onde a sua infancia e a liberdade do seu pensamento ficavam para sempre sepultados.

A vida reclamava-as, tinham de obedecer á vida.

Nita, sempre mais atrevida, sacudio o torpor que lhe amollecia os hombros sem ella perceber porque, e incitou o amigo a fugirem dalli para sempre, sem voltar a cabeça para trás.

Era precizo apanhar as flôres para a mulher do pescador...

Como as cigarras chiavam! Dizia a mãi que na cidade não havia cigarras... Que se lembrasse tambem o Bié que ainda tinham de ir, por mandado da mesma Fortunata, visitar Flaviano...

Emquanto andavam, elle mais contemplativo, ella mais viva, confidenciavam um ao outro as amarguras daquelles dias passados. Ella ficara presa pela mãi, depois de ter levado uma surra de vara de marmello, como cumplice das diabruras do Bié e

causa indirecta do ferimento que lhe fizera o tio. A logica determinara que, sem o concurso de Nita, o pequeno teria sido um santo, e que era assim o diabo, merecedor do castigo que soffrera. Bié sentia-se incompatibilizado com o tio; affirmava que não dava um passo sem sentir a sua vigilancia e que os olhos do mudo escarneciam delle...

Era crença sua que o ladrão escondera o thesouro em outro sitio qualquer, na areia ou na montanha, e que o segredo morreria com elle... A partida de Nita enchia-o de saudades. Não via nada no futuro. Até ás vezes sentia vontade de morrer...

Fallando assim, chegaram á casa do Flaviano, que estava ainda de perna estendida, sentado na esteira, entrançando cipó-una.

— D. Fortunata mandou perguntar se o senhor está melhor... Se já puder andar, para ir lá, que ella dá uma festa no barracão de *seu* Freitas...

Flaviano levantou a cabeça admirado. Uma festa! Que festa?

— Um baile, logo de noite...

Era impossivel. Elle não podia andar ainda. Mas que esperassem os pequenos; queria mais informações. Quem ia á festa?

— Todos...

As figuras de Marcos e de Maria Adelaide apresentaram-se, enleadas na dança, á imaginação esquentada do mestiço. Atirou os cipós para longe, num arremesso de raiva e quiz levantar-se; mas os ossos do tarso causaram-lhe uma dôr horrivel e elle recahio na esteira, banhado em suor.

— Sabiam se Maria Adelaide ia tambem?

Os pequenos encolheram os hombros, na ignorancia. O pescador desentranhou um nickel do fundo do bolso e, entregando-o a Bié, supplicou :

— Você corra e vá pedir a Maria Adelaide que não vá logo de noite dançar... que seu noivo está morrendo numa esteira, abandonado... que se ella fôr, se arrepende... Escutou bem? !

Os pequenos sahiram assustados pela expressão angustiosa do mestiço, que repetia em voz alta atraz dos seus hombros :

— Você escutou bem, Bié?

Era mais uma volta : ir á casa de Maria Adelaide, passar pelo mais querido trecho da estrada velha, ora ao sopé do morro dos Cabritos, ora ensombrada pelas jaqueiras da fazenda abandonada de D. Constança, entre penhascos, piteiras e cercas de arame arrebentadas, naquelles verdes caminhos, onde a voz do mar chegava e onde se ouvia tambem a voz dos passarinhos !

Nita olhava para tudo com o olhar da saudade de que não tinha consciencia, mas que a fazia soffrer. Bié estava como alguem condemnado a uma operação inevitavel, que lhe ha de decepar um membro e alterar as funcções do organismo. Continuaria a viver, mas de outro modo, menos intenso e menos livre !

— Nosso mamoeiro tem um mamão maduro. Olha lá !

Bié olhou. Elles chamavam suas todas as arvores fructiferas de terrenos incultos e sem dono conhecido. Seriam os senhores absolutos de toda a mata de

Copacabana, se não considerassem os passaros e os insectos como seus socios. Colheram e comeram a fruta em silencio. Depois espalharam as sementes ao redor da planta, para que nascessem outras e ficasse uma lembrança do seu ultimo repasto em commum.

Não passavam como ingratos através da alma adorada do mato tranquillo. Como os insectos e as aves transportam pollen de flôres ou sementes de frutas que enfeitam montes e campos solitarios, elles espalhavam com as suas mãozinhas trefegas, o germen das arvores que tantas vezes lhes mataram a fome.

Maria Adelaide estava engommando perto da janella. Preparava o seu vestido branco de laços côr de rosa para a festa da Fortunata. As saias das irmãs já resplandeciam, brunidas, no quintal, penduradas ao sol, para seccar e endurecer a gomma.

Maria Aurora cantava alto, prelibando o gozo do baile. A mãi estendia roupa na corda.

Logo que souberam que os pequenos traziam um recado do Flaviano, correram todas a rodeal-os.

— Pois sim! se a gente deixava de aceitar um convite por amor delle! exclamou a mãi de Maria Adelaide, indignada. Se elle está doente que se trate. Não foi minha filha que lhe quebrou o pé! Depois conversaremos. Vão embora. E voltando-se para as filhas :

— Amanhã eu vou explicar tudo a Flaviano... não tenho mesmo remedio senão fazer-lhe uma visita!

Ora se Maria Adelaide havia de ficar sózinha em casa!

Maria Adelaide não dissera nem uma palavra. Levantara os hombros e depois de uma ligeira interrupção no serviço, recomeçara a engommar. Tinha uma expressão abstracta: com a magreza o seu rosto parecia mais longo e os olhos maiores. O convite da Fortunata alvoroçara-lhe o coração. Marcos estaria lá, com certeza. Talvez dançasse com ella! A idéa de que a mão grande e calosa do pescador tocasse na sua mão, que o seu braço enlaçasse a sua cintura delicada e os seus olhos se fixassem demoradamente nos seus, dava-lhe desmaios de gozo. Flaviano estava doente, estava longe, não veria nada. Era um ausente, um morto. Se elle morresse daquella torcedura do pé... ella ficaria livre, como aquelles passarinhos que andavam voando diante da janella!

Após uma longa concentração, indagou:

— Que é que a senhora vai dizer amanhã a Flaviano, mamãi?

— Ué! que você não podia ficar sózinha de noite em casa! Era o que faltava, que elle te désse leis antes do casamento... Cruzes!

As horas daquella tarde voaram ligeiras.

Fortunata rabiava de casa para o barracão e do barracão para casa, varrendo, limpando, enfeitando. Para cumulo de felicidade, João Sérvulo viera dizer que o arrastão da *Guanabara* colhera mais de mil cavallas, fóra um cardume de pescadinhas bicudas, tão apreciadas no mercado. Chegava o tempo da fartura, o abençoado tempo das cavallas, que vão

á mesa de toda a gente! Pois admirava, com aquella temperatura suave, que mais parecia de Abril que de Novembro... Que fosse ver na praia como os peixes se debatiam num montão, reluzindo ao sol!...

Fortunata achou geito de interromper o trabalho e correr até á beira do mar. Uns pescadores, agachados contavam o pescado. João Baptista, em pé, na canôa, ao lado do Lino, que segurava os remos, colhia a rêde vasia para leval-a a estender nas pedras da Igrejinha. Os seus movimentos eram rythmados e harmoniosos. Com a boina achatada sobre os cabellos crespos, a camisa preta de meia degollada até á raiz do pescoço e as calças enroladas pelos joelhos, elle desenhava-se na luz forte do dia, como uma figura creada de proposito para completar a belleza e a poesia do quadro.

Uma viração branda, impregnada do cheiro de maresia, parecia desplumar com mão leve o flanco das ondas mansas e espalhar pennugens brancas pela orla do mar. Na linha do horizonte, muito ao longe, uma facha de luz polvilhada de ouro e de violeta unia as aguas ao céo.

Os pescadores acolheram a mulata com immenso agrado.

— Então vamos ter festa? Que milagre!

Ella, cada vez mais risonha, affirmava que sim; que daria uma festa de estrondo; e recommendava-lhes que se lavassem com muito sabonete e umas gottas de Agua Flórida, porque o diabo do cheiro do peixe entra na pelle e ella não queria saber de morrinha de pescado em seu salão.

Fossem dispostos a brincar até á meia noite. Não queria casmurros ao pé de si... já tinha mandado chamar as moças... Rubião que requebrasse a viola e a sanfona; Rufino tocaria tambem. Até se haveria de ajuntar gente da cidade na porta, só para espiar...

Era pena que o pobre Flaviano não pudesse vir; mas a Maria Adelaide não faltaria.

Fallando na noiva do outro, ella olhou para o Marcos. Os seus olhares trocaram-se rapidamente; houve um estremecimento entre ambos e logo a Fortunata se apressou em mudar de assumpto, pedindo ao marido que não fosse sovina e lhe levasse peixe bom para casa; ella ia dalli arranjar uns caixotes vazios com *seu* Pedro do restaurante, para representarem de sofás no barracão... mandara chamar Rolinha, que era a mãi dos afflictos, para ajudal-a, e o Bié e Nita lá andavam pelo mato colhendo flôres... Que não faltasse ninguem.

A figura musculosa do vigia João Baptista gravara-se na imaginação da Fortunata, a ponto que, mesmo entretida com os preparativos da sua festa, ella pensava que assim bonito e desembaraçado seria um esplendido marido para Hortensia, sempre tão serviçal e bondosa. Admirava-se de não ter pensado nisso ha mais tempo. Que faziam os tolos, que se não namoravam? Resolveu de si para si fazel-os dançar juntos nessa noite e dizer uma pilheria que atiçasse o fogo... A's vezes está em tão pouca cousa a gente gostar de alguem... olhassem para o Marcos, pensava ella, como se apaixonara pela molenga da

Maria, uma mulher já com dono... e como Ruy bebia os ares pela Adda, sem vintem, elle que podia aspirar até a D. Leonor, ou outra qualquer assim!... E' verdade! e ella que ainda não tinha avizado o Ruy, tão condescendente e amigo dos pescadores! Elle não deixaria de vir, e... quem sabe? talvez até recitasse alguns versos, que não tinha orgulho nenhum! um anjo, aquelle mocinho...

Havia pouco, quando fôra combinar as compras na padaria, vira passar o coronel para o Ipanema, todo recostado e pensativo no banco de um bond. Que iria fazer áquella hora para aquelles lados o magricella do velhote?... Esse é que não mostrava os dentes a ninguem. Talvez pensasse que ser coronel da Guarda Nacional, fosse o mesmo, pouco mais ou menos, que ser imperador! Até parecia mentira que aquelle branco atrevido fosse o pai de Ruy!...

Toda a vizinhança da Fortunata ardeu naquelle dia na fogueira do seu enthusiasmo. Não só a gente do lugar, a Hortensia, que nem tempo teve de comer socegada um escaldado e uma posta de cavalla, como tambem uma familia que alli estava a banhos e que morava ao pé da Igrejinha, puderam tratar de outra cousa que não fosse a festa do João Sérvulo! Nita e Bié, vermelhinhos, suados, iam e vinham do mato, carregando grandes feixes de plantas — bromelias, lianas, gramineas empenachadas, hastes de murtha agreste, galhos de pitangueiras salpicados de frutas. A mulata corria a recebêl-os, enchia-lhes as mãos de biscoitos, passava-lhes carinhosamente os dedos pelos cabellos sujos de folhas seccas e de pó dos vege-

taes, e induzia-os a novas caminhadas, apontando-lhes com a grave recompensa de um tostão! Gostava da balburdia, de vêr gente correndo com medo das horas que não esperam. As suas gargalhadas fariam estremecer as ondas, se o mar não estivesse já um tanto crespo; e confessava que, de tanto gesticular para o Pedro, na intenção de se fazer comprehendida, já os hombros lhe doiam que não era graça!

O barracão, illuminado por dentro com lanternas de papel e velas de cebo, entre festões de folhagens, suspensas das traves, pareceu-lhe a ella como a imagem do proprio paraizo. Cobertos com colxas e cortinas de chita e alinhados junto ás paredes, os caixotes emprestados pelo restaurante esperavam os convidados... Ao fundo, a canôa *Sereia* — já velha e pr'alli á espera de concerto, servia de corêto, na alegre expressão da mulata, aos violeiros e ao mestre da sanfona.

— Até Pedro mudo há de dançá o maxixe, affirmava ella rebolando os quadris. Mas nisso é que não consentiria o João Sérvulo, homem de moral rigida e costumes severos, todo cheio de praxes...

A's oito horas estava armada a primeira quadrilha. Fortunata juntara as mãos do João Baptista com as da Hortensia, piscando para o marido, a quem já fizera as suas confidencias... Maria Aurora e Maria Augusta, todas empavezadas de fitas e cassas bem engommadas, dansavam com pescadores da *Camponeza* — Fortunata e o marido tomavam a cabeceira, para dar o exemplo aos convidados; velhos e moços tinham de entrar na folgança. Sentados só ficaram

Maria Adelaide a um canto, que resistio a todas as supplicas e investidas, e de outro lado, ao fundo, a mãi de Marcos, fazendo rutilar na sombra os lampejos dos seus ouros e dos seus cabellos fulvos.

Para não dançar, Marcos escondera-se dentro da *Guanabara*, na praia, e só appareceu no barracão ao ir a contradança em meio.

Os seus olhos ardentes acertaram logo com a figura pallida da Maria Adelaide, encolhida, sózinha, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. Já ella o vira. Era como uma chamma escondida em um blóco de neve, a traspassal-o sem o dissolver, devorando-se, consumindo-se... Elle desviou a vista. Ella tambem. Os outros pulavam, riam, faziam roda, obedeciam á voz de *seu* Freitas, que era o mestre-sala. Até a mãi de Maria Adelaide saracoteava em uma alegre illusão de mocidade!

Torcendo e destorcendo a ponta do lenço, nervosamente, a moça levantou de novo os olhos do chão e fixou-os em Marcos. Elle tremeu. As palpebras bateram-lhe como para proteger a retina offuscada...

Entre os lampejos dos ouros do pescoço e das orelhas, a mãi do pescador procurava em vão cortar com o dominio da sua vontade aquella troca de olhares que ardiam e cada vez com mais intensidade.

Um grande odio crescia-lhe no coração contra aquella rapariga, que não valia dois vintens de gente, pamonha amarellada, e que sem dizer sim nem não, estava a dar voltas ao juizo do filho! Tambem que

fazia o estupido do Flaviano, que não arranjava nunca dinheiro para casar?!

A sanfona do compadre Rufino fazia prodigios. Valia uma orchestra. Todo o barracão vibrava ao estrepito da musica e do sapateado.

Pedro mudo mesmo, sentado dentro da *Sereia*, ao lado dos tocadores, franzia o largo carão em um riso, pasmado para os que dançavam.

— Coitado! Dizia a Fortunata, sempre que relanceava os olhos por elle — Pedro não escuta nada e está gostando... que diria se escutasse! A's nove horas Rôla entrou, esgueirando-se rente á parede té perto da Conceição, que faiscava... Adda não viera; e Ruy, que já tinha chegado, veio sentar-se entre ella e a mãi de Marcos.

— Adda não quiz vir?...

— Está adoentada...

— A verdade não é essa. Ella não quiz vir á festa dos pescadores...

— Falle baixo...

— Para ir á casa do Dr. Guidão..

— Não a comprometta... Realmente, D. Leonor não a dispensa...

— Nem o Eduardinho tampouco... Demais a mais esta gente humilde não mereceria a sua presenca... nem eu!...

— Que tolice!...

— Quer saber uma novidade? Meu pai foi hoje ao Ipanema, a chamado de D. Delfina...

— Eu sei...

— Ah! Já?! e para que? saberá tambem para que?

— Como não hei de saber, se foi a pedido meu? Precizo muito conversar com seu pai; queria fazer isso em segredo, mas vejo que não é possivel e vou dizendo já... Mas que fique isto entre nós...

— Por força. Mas que lhe vai dizer, Rôla?!

— Quero fallar-lhe a respeito de vocês dois. O coronel não permittiria nunca que eu entrasse em sua casa, não é assim? pedi por isso a intervenção da D. Delfina, que elle considera muito e ficou resolvido que nos encontrassemos amanhã, ás duas horas, no chalet do Ipanema... Adeus! é uma cartada... Não arregale assim os olhos, eu não tenho medo, nem quero que você se impressione com isto...

— Rôla, a senhora bem sabe que meu pai é um homem violento... por vezes injusto...

— Estou preparada para tudo.

— E' tempo ainda de evitar um desgosto...

— Mas, filho, nós precizamos sahir desta situação...

— Elle cedeu facilmente?

— Não; ao principio relutou; mas Dona Delfina conseguio convencel-o... Ella é uma santa.

— A senhora precizará armar-se de paciencia...

— Ninguem a tem mais do que eu...

A sanfona antes de terminar o ultimo som da quadrilha transformara o compasso para o de uma valsa, o que fez rir muito os pares. Mas João Sérvulo, que se prestara por cortezia á contradança, não se submetteu á valsa. A mãi de Maria Adelaide tambem não. O enthusiasmo parecia arrefecer e era isso o que não queria a Fortunata, que, relanceando a vista pelos cantos, vio Maria Adelaide isolada e, na boca do

barracão, o Marcos, hypnotizado e mudo, como se fôra um homem de pedra. Antes que elle lhe percebesse os movimentos, ella agarrou-o por um braço e levou-o até á moça.

— Tenham santa paciencia, é só uma voltinha, que isto não é cemiterio nenhum...

Maria Adelaide disse que não com a cabeça, mas o corpo suspendia-se-lhe para o par.

— Uê! tudo isso é tristeza por amor do pé de Flaviano?! exclamou rindo a mulata.

Então Maria Adelaide levantou-se córando, como se tivesse recebido uma chicotada na face, e estendeu os braços para Marcos, que a recebeu calado. As mãos delle estavam frias que nem a agua do mar no verão. O corpo della tremia...

Foi no instante de elles darem os primeiros passos que a Fortunata se lembrou que acabava de commetter uma imprudencia...

Elles não se fallavam; iam e vinham num rythmo incerto; ella pendida como um lirio, elle direito como uma torre. No fim elle levou-a para o seu lugar, ella deixou-se cahir e nem se olharam. Mas ambos vibravam da felicidade daquelle instante rapido de contacto e de silencio...

XVI

No fundo da cozinha, com as mãos atoladas na agua gordurosa da pia em que lavava as panellas, ti'Antonia revoltava-se em silencio contra o negregado fadario que a obrigava a supportar aquelles passeios do patrão no corredor! Naquella manhã, o delirio das caminhadas entre paredes chegava a dar-lhe nauseas.

O coronel ia e vinha, com olhos preoccupados por visões interiores. Os chinellos batiam rythmadamente nas taboas do assoalho, numa cadencia regular, nunca interrompida. Elle não fallava, ou, se tinha urgencia de dizer alguma cousa, dizia-a por monosyllabos, sem diminuir o movimento da sua marcha. Nem as aves tinham conseguido chamal-o ao quintal nesse dia, em que mal se sentara á mesa do almoço para mastigar, á pressa, a carne secca da *roupa-velha*. Ruy sahira cedo, sobraçando livros. Elle ficara só, nos seus passeios de penitenciaria.

De cá para lá, de lá para cá, o coronel ruminava

pensamentos já pensados, esforçando-se por penetrar a fundo nos planos da senhora D. Delfina para aquella singular entrevista... Procurando abroquellar-se contra os ataques da Rolinha, julgava perceber em que consistia o interesse da mulher do senador em approximal-o da outra...

Saltava aos olhos de toda a gente que o Eduardinho Guedes fazia a côrte a Adda... era preciso afastar de casa o perigo de uma paixão idiota, atirando o embaraço para os braços sentimentaes do Ruy.. Depois... toda a responsabilidade seria do filho... D. Delfina fazia obra de diplomata; só mesmo a sua argucia lhe poderia descobrir a intenção. No fundo, bem se importaria ella que Adda casasse ou não casasse com Ruy, se não temesse vêl-a antes embaraçando a carreira e a felicidade do neto! Ah! como as mulheres ardilosas o queriam envolver nas malhas da sua rêde, a elle, menos tolo do que todos julgavam!... Rôla solicitava-lhe, pela boca de D. Delfina, uma entrevista para interesse de seus filhos... Ora! como se elle precizasse de ouvir alguma cousa dos labios daquella desgraçada sem nome, sem eira nem beira e cujos pensamentos podia pesar todos juntos na concha da sua mão! O seu primeiro impulso fôra dizer immediatamente que não. Conhecia os designios de Rôla, que passasse por lá muito bem! Mas o rosto macio e calmo da senhora D. Delfina, tão aristocratica, tão importante, intimidou-o e por delicadeza consentio numa approximação que lhe repugnava. Para com a gente do Guidão elle queria parecer sempre um modelo vivo de cortezia; era

uma familia respeitavel, influente na politica e no commercio, a essa gostava de dizer a tudo que sim, e suppunha que não tinham razão de queixa... Desejavam uma entrevista com a Rôla, com todas as solemnidades do alto estylo? Pois concedia uma entrevista á Rôla. Com esta, porém, outro gallo cantaria; fal-a-ia recuar para o seu lugar... Mas que diabo lhe quereria dizer a estupida? Commovel-o com as suas lérias? Estava bem aviada!... Lembrar-lhe... sim... lembrar-lhe scenas passadas...? Talvez nem ella já se lembrasse... Fosse o que fosse, o resultado estava previsto. Rôla ia supplicar-lhe que consentisse no casamento de Ruy com Adda, essa Adda sem pai nem mãi, surgida da lama e revolvendo na lama o seu lindo corpo de creatura impura, feita e creada para a devassidão. Estava bem com o Eduardinho... que ficasse com o Eduardinho e não atordoassem o espirito fraco de um estudante pobre e fantasista. Se o filho não se sabia defender, defendel-o-ia elle até á ultima gotta do seu sangue...

No fundo do seu espirito a figura de Rôla passava e repassava em varias quadras da sua vida. Via-a menina, fazendo todo o pesado serviço da casa do tio, sem um queixume e sem consideração... via-a partir como orphã para o collegio e voltar moça do collegio para a sua visinhança, achegando-se com sympathia á sua mulher, para ajudal-a desinteressadamente a cuidar do Ruy... Elle não lhe déra nunca um vintem por esses serviços e revoltava-se agora contra aquella antiga avareza que o privára de atirar ás mãos da rapariga pobre e serviçal um ordenado

qualquer, embora mesquinho. Como faria agora retinir esse dinheiro aos ouvidos della!... Por aquelle tempo amaldiçoado, por vezes Rôla fôra testemunha de certas brutalidades que elle não pudera reprimir... Angela fizera della a sua confidente... era essa uma das razões do seu odio... Já a mulher estava no Hospicio quando correra a noticia de ter a Rolinha fugido com o official de Marinha, de quem elle tanto suspeitara com a mulher. Indirectamente, Angela fôra victima de Rôla. Vendo o moço rondar as duas mulheres, quasi sempre juntas, elle não podia suppôr que fosse á outra e não á sua que elle pretendesse. As soluções do destino vêm ás vezes tarde de mais; essa chegára quando a mulher estava já no Hospicio, entalada na camisola de força, onde morreu. Desde essa hora a loucura de Angela parecia estar sempre viva a seu lado, prompta para saltar sobre o Ruy.

Era quasi uma hora quando o coronel deixou de passear no corredor, para se ir vestir. Por ironia, mais que por consideração á senhora D. Delfina, em cuja casa seria a entrevista, enfiou o seu fato solemne : sobre-casaca, calças escuras e a sua gravata de mais preço. Um sorrisinho sardonico, desenrugava-lhe a boca rasgada, de beiços pallidos. A senhora D. Rolinha mereceria luvas de pellica e cartolla, mas as luvas ficariam na intenção, visto que as não tinha.

Lembrou-se, porém, de ter visto umas cinzentas no Ruy, no dia em que o estudante fôra com os collegas numa commissão fallar ao Presidente da Republica, e foi-lhe revolver as gavetas. Lá as encontrou;

estavam imprestaveis, já cobertas de môfo e resequidas. Mas se as luvas não valiam nada, alli estavam os papeis de Ruy, que o ajudariam a esperar a hora do bond para o Ipanema. Tinha ainda o tempo necessario para a tia Antonia lhe preparar o café e elle passar os olhos por aquellas paginas de cadernos, atirados a esmo por entre collarinhos e gravatas. Gostava de sorprender os segredos do filho; pois alli os tinha. Abrio o primeiro caderno e leu :

« Uma pagina de Ernesto Renan, para a minha Adda lêr :

NOEMI.

« ...aos vinte annos Noemi era uma maravilha; os seus cabellos, que ella em vão aprisionava sob uma pesada touca, escapavam-se-lhe das tranças torcidas como feixes de trigo maduro. Ella fazia tudo quanto podia para esconder a sua belleza. A cintura admiravel dissimulava-a com uma capinha; as suas mãos longas e brancas perdiam-se dentro de *mitaines*. Mas isso não valia de nada; á Igreja formavam-se grupos de moços para vel-a rezar. Ella era bella demais para a nossa terra e tão ajuizada quanto bella. » — (*Souvenirs d'enfance et de jeunesse.)*

« Noemi... Adda... que abysmo entre ambas ! »

HORTENSIA

« Ella symbolisa o mar nos dias de primavera, o céo sem nuvens, a felicidade. Quando a oiço, a dôr ador-

mece no meu coração. Ella veio á terra só para cantar e fazer esquecer a maldade dos homens. Affigura-se-me que a sua alma é como um cysne immaculado num lago azul... azul como o seu nome. »

PEDRO

« Todas as vezes que encontro o mudo sinto um arrepio agitar todo o meu ser. Os seus olhos dizem-me segredos que eu não decifro; a sua pelle, que cheira a salsugem, parece repellir contactos humanos; os seus membros bambos acordam-me a idéa de algas colossaes de uma flora desconhecida e animada. Elle é o que se não vê e mal se adivinha; elle é só superficie, nunca varada pela percepção mais aguda. Os rugidos mal articulados da sua voz fazem-me crer que elle sirva de jaula a uma féra. Não é homem; é um abysmo. Symbolisará no meu poema — o ignoto, o fundo do mar... »

RÔLA

« Esta mulher piedosa será intitulada nos meus canticos : — Barca de salvação. Ella tem o poder evocativo de imagens lendarias de oppostas significações. A's vezes, vendo-a entre os pescadores, ameigando crianças descalças, penso nas mulheres da Biblia ; outras vezes ella como que se immaterializa, até parecer feita só de luz crepuscular. Mas a imagem que melhor a caracteriza é a primeira : — barca humilde

em mar de escolhos, acolhendo naufragos abandonados. »

FORTUNATA

« Risonha e tagarela, Fortunata é a imagem da onda mansa, que vai e que vem, sempre no mesmo caminho, sem deixar traços de si; agua que se desfaz em agua e cujo trabalho não consiste senão em avançar para retroceder. O seu riso tem a espontaneidade das hervas nativas, que brotam em qualquer terreno mas nunca chegam a dar nem flôr nem fructo. »

BIÉ E NITA

« Encontrei-os no Leme, deitados de bruços na praia, rabiscando com os dedinhos na areia. Estavam quasi nús. Approximei-me. Não percebi os desenhos que faziam. Perguntei-lhes o que era aquillo, responderam sorrindo : — cartas. Eu não entendi nada, mas elles entendiam tudo; diziam-se que se amavam. Assim as gaivotas, quando vôam umas após outras, vão traçando com as pennas das azas no ar e na onda as expressões do seu amor... »

FLAVIANO

« O olhar deste mestiço tem reflexos de punhal na sombra... Será suggestão de Othelo? Talvez. Realmente, sempre que o vejo com a Maria Adelaide, acodem-me á idéa o mouro de Veneza e Desdemona.

Mas o que possa haver no outro de franqueza, traduzo neste por perfidia... Flaviano é como uma corrente viva, redemoinhando na agua sobre um unico ponto...

MARCOS

« Alto como um mastro, rijo como um penedo, elle tem nos olhos claros lealdades de pharol. »

ADDA

« Em vão tento estudal-a e mais em vão entendel-a! Ella é bonança, tempestade, luz de raio e luz de estrella, onda que mata e porto de salvamento; voluvel como o vento, poderosa como o destino! Nas suas mãos pequeninas *serei. bem o sinto, o que ella quizer que eu seja...* »

As mãos do coronel tremiam; elle releu :

Serei o que ella quizer que eu seja!... Ah ! maldita, e era assim ! O seu filho comprehendera-o já e não reagia contra tal predominio?! Onde estava então o juizo, a previdencia, a vontade do homem? !

Num desespero frenetico, revolveu mais papeis, escolhendo só os que fallavam de Adda, em periodos avulsos e entrecortados. Leu ainda : — « Como o primeiro amor de Renan, *la petite Noemi, qui mourut parce qu'elle était trop belle*, eu quereria, não que a minha Adda morresse, mas que occultasse a sua belleza, disfarçando-a de tal modo que só eu a notasse. Ah! mas a vaidosa ama-se mais do que me ama a mim.

Em todo o mundo nunca houve senão uma Noemi... »

Ainda numa outra folha, já amarrotada, o coronel leu :

« Eu tinha jurado não tornar a vêr Adda; mas de que serve jurar o que se não póde cumprir? ! As promessas que faço a mim mesmo desfazem-se como bolhas de sabão, pela alegria — se a vejo, ou pela saudade — se deixo de a vêr... »

Bastava. O coronel atirou raivosamente a papelada para dentro da gaveta e sahío para a rua. Fôra bom aquillo. Afiara-lhe os nervos. Se Ruy se deixava assim prender de corpo e alma nas mãos de Adda, elle saberia arrancal-o dellas.

A's duas horas em ponto entrou cerimoniosamente no salão de visitas do senador Guidão; não consentio em ocupar a cadeira que o criado lhe apontou e fez timbre em ficar de pé, com a tartola na mão, na attitude do mais profundo respeito... Poucos segundos esteve sózinho. Abrio-se uma porta do interior e Rôla entrou.

Ella vinha extremamente pallida. Os cabellos, de um castanho cobreado, emolduravam-lhe a fronte alta em dois bandós lisos, rematados por um rolo forte na nuca. Os seus passos não faziam bulha; ella deslizava contrafeita sobre o assoalho encerado, como puxada por um ser invisivel. Caminhou assim até se deixar cahir numa poltrona, ao lado do sofá. Vinha com uma saia de lã preta escorrida e uma blusa verde-garrafa de setineta. Entre o negror da saia e o tom sombrio das mangas, as mãos alvejavam, longas

e pallidas, como procurando afflictamente os gestos convenientes que não encontravam...

O coronel não se moveu uma linha do lugar em que estava; apenas um sorrisinho lhe encrespou subtilmente os pellos curtos do bigode. Zumbia uma abelha, debatendo-se contra os vidros da janella fechada. Nenhum sussurro mais.

Estiveram assim uns minutos. Rôla percebeu que seria ella quem houvesse de fallar primeiro, mas a timidez daquelle momento angustioso fêl-a esquecer as palavras que ensaiára desde a vespera, em casa, e que viéra repetindo mentalmente pelo caminho... Disse outras, com esforço, começando baixinho, em tom de queixa :

— Desde que morreu D. Angela, toda a gente me diz que o senhor tem raiva de mim... D'antes... confesso, isso não me atormentava muito, porque suppunha que pudessemos viver muito bem cada um para seu lado... mas... ha tempos, as cousas mudaram, como o senhor sabe... e agora, achei que era precisa uma explicação...

O coronel não indagou nem respondeu. Continuou imperturbavel. Aspirando com força o ar que a oprimia, Rôla proseguio, já com um timbre mais vibrante de voz :

— Pedi-lhe esta entrevista, só para saber uma cousa : se sou eu a causa da sua opposição ao casamento de Adda com Ruy...

O coronel deu á physionomia uma expressão quasi comica de fingida sorpreza e de interrogação.

Esperando em vão uma resposta, e córando até á raiz dos cabellos, Rôla continuou :

— Ruy gosta de Adda... o senhor não o ignora... todo mundo o sabe. Minha filha é uma moça sem familia, é verdade, mas honesta, trabalhadeira e de bom coração... Não acredito que o senhor, que é pai, vote odio á pobre menina, por faltas de que ella não é culpada... Suspeito por isso que o motivo da sua antipathia esteja em mim...

O coronel sorrio com desdem.

— Nesse caso o que lhe posso empenhar para a felicidade de seu filho é a minha palavra de que no dia em que Adda se casar com elle... eu desapparecerei para sempre !

Desta vez o coronel sahio do seu mutismo, com um risinho de escarneo, logo reprimido. Como a abelha continuasse a debater-se de encontro aos vidros da janella, doida pela liberdade lá de fóra, elle condoidamente abandonou a rigida posição em que se conservava desde a entrada e foi abrir a folha da vidraça, para felicidade do insecto. Depois, tornando a fechar a janella, volou até junto de Rôla, que olhava para elle attonita, e perguntou-lhe então num fio de voz de que reçumava a ironia :

— E quem me affiançaria a sua palavra?

Ella tornou-se livida; elle sorria sempre.

— Oh, o senhor é terrivel, exclamou Rôla, com vivacidade. Comprehendo o seu pensamento; quer dizer que uma fraca mulher, só porque errou uma vez na vida, não póde ser acreditada nem...

— Nem? interrompeu elle com um relampago de curiosidade a fuzilar-lhe nos olhos.

— Nem attendida... concluiu ella mais baixo.

Na verdade o seu pensamento fôra outro. Ella ia concluir : — quer dizer que uma fraca mulher, só porque errou uma vez na vida, não póde ser acreditada nem por um assassino de mulheres. O coronel, muito desconfiado, percebera a intenção e fixava agora nella com raiva as suas pupillas côr de aço.

— O senhor cavará a sepultura de Ruy, se o contrariar. Não digo isto para commovel-o; é a minha convicção. Se eu tivesse menos coragem já teria sahido por aquella porta; mas jurei ir até ao fim. Repito a proposta que lhe fiz e a que o senhor não respondeu; se é a minha pessoa que o impede de consentir no casamento de Adda, eu desapparecerei para sempre.

— A sua pessoa !... que me importa a mim a sua pessoa !

— Então...

— Ora essa, acho muita graça no seu espanto, como se se não lembrasse de que essa moça é uma engeitada.

Foi tão perversa a expressão do coronel ao dizer estas palavras, que Rôla, vibrando de indignação da cabeça aos pés, replicou, soerguendo-se precepitadamente :

— Se é por isso, antes ser engeitada do que ser filho de louca !

O coronel avançou para Rôla, que, já arrependida,

punha as mãos num gesto de supplica, fallando com doçura :

— Para que me obriga a dizer cousas que eu não quero dizer? ! Seu filho adora minha filha, elle é todo sentimento, todo bondade e intelligencia... é a imagem viva da mãi, que o senhor tão mal comprehendeu ! Se o contrariar não teme que lhe venha a acontecer o mesmo que succedeu a D. Angela? Diga ! Adda é engeitada, mas tem saude, tem alegria, tem belleza.

— Prefiro vêl-o morto.

— Oh !

— Prefiro vêl-o morto; ouviu bem? insistio o coronel, approximando o rosto duro do rosto espantado de Rôla ; antes morto que marido dessa...

— Não a insulte ! atalhou Rôla quasi num grito.

— Falle baixo, ordenou elle, e curvando-se continuou : — volte para a sua casa e diga á outra que o filho de uma louca só se deve casar com uma mulher de juizo.

— O senhor não me entendeu. Eu tenho medo do futuro e quiz evitar o mal. Fique certo de que Ruy saberá dispensar o seu consentimento; mais alguns mezes e elle será maior. Eu não queria que fosse assim ; mas o senhor quer, lavo-dahi as minhas mãos.

O coronel estacou, pela sorpreza daquella idéa, que lhe não occorrera, e procurando repellir tal ameaça retrucou num gesto decisivo :

— A senhora não sabe o que diz. Esse casamento é impossivel.

— Mas impossivel por que? !

— Basta o que affirmei. Não posso dizer mais nada.

— Não basta; não me aventurei a este sacrilicio para respeitar razões occultas. Quero saber porque é que Ruy não se póde casar com Adda...

— Ora porque... porque Adda é...

O coronel susteve-se, procurando os termos para completar a sua phrase, ao mesmo tempo que uma idéa diabolica feria repentinamente o cerebro de Rôla. Seria Adda filha do coronel? O espanto augmentou-lhe o tamanho dos olhos; um arrepio gélido, nervoso, percorreu-lhe o corpo, dos calcanhares á nuca. Elle observava-a agora, um pouco espantado do effeito produzido pelas suas meias palavras... mas era tão clara a expressão daquelles olhos e daquellas faces descahidas pelo assombro, que elle, num relance, comprehendeu a suspeita que se debatia naquella pobre alma. O espirito de um communicára-se ao do outro, sem que fosse proferida a ultima confidencia. Como aquella suspeita fosse uma arma, o velho apoderou-se della sem relutancia; por isso, quando Rôla, ainda suffocada, indagou :

— Diga a verdade; só isso o desculpará. Adda é?...

Elle apressou-se em cortar-lhe o fim da phrase, fazendo um gesto affirmativo.

E continuou firme de pé. Rôla deixou-se cahir como um trapo sobre o espaldar da cadeira. As lagrimas corriam-lhe agora em fio pelas faces pallidas. Toda ella era amargura, toda ella era alma ! O coronel sacudio-se. Retomou o chapéo que em um momento atirara para o sofá e, com um brilho de inquietação

a tremeluzir-lhe nas pupillas, esperava que passasse aquella crise de choro para se ir embora.

Depois de um largo espaço de prostração, ella murmurou :

— Porque não declarou isso desde o principio?! Se Ruy soubesse que Adda era sua irmã, tel-a-ia amado de outra maneira... Pobres crianças... que vai ser dellas!

— Não lhes diga nada. Ordenou o coronel, muito agitado.

— Como não?! mas é indispensavel que todos, todos saibam quem é o pai da minha pobre Adda, para que a não acusem de leviana... Ninguem ignora que ella é a namorada de Ruy; quero que saibam porque não será sua mulher! Não a engeite mais uma vez! Como o senhor é máo!

Elle, confuso, girou em silencio pela sala; depois sentou-se bem perto de Rôla e fallou-lhe rente aos ouvidos :

— E' que não tenho a certeza... sabe? suspeito apenas... a mãi era casada... Adda tanto póde ser minha filha... como não ser...

Rôla afastara o corpo e olhava de face para o rosto transtornado do pai de Ruy. Os seus olhos tinham-se-lhe seccado de repente e mergulhavam agora, ávidos, agudos, nas pupillas turvas do coronel.

— Pouco importa; será precizo declarar isso mesmo a seu filho...

— Não.

— Sim!

— Não!

— Nesse caso, elle esperará a maioridade e casar-se-á com Adda, quer ella seja ou não sua irmã !

— Isso seria um crime !

— Não será o primeiro commettido na familia...

— A responsabilidade será sua !

— Será nossa, visto que o senhor não se declara...

— Nem me declararei nunca !

Rôla apertou a cabeça com as mãos; não podia comprehender aquillo.

— Nem a senhora dirá nada a ninguem ! a ninguem, ouvio? Prometta que isto ficará entre nós dois só...

— Não prometto. Os seus segredos pesam demais... O meu interesse é espalhar este por toda a parte !... Basta-me o outro ! O senhor esqueceu-se...

Elle fez um gesto que se calasse. E com voz prudente :

— A senhora falla muito alto. Lembre-se de que não estamos em nossa casa... Por hoje basta. Pense no que lhe vou dizer : Ruy é excessivamente sensivel; a declaração deste segredo causar-lhe-ia um mal horrivel... um mal irremediavel. E' prudente agir de um outro modo; empenhemo-nos de preferencia em separar esses namorados... elle exactamente agora preciza de muita calma para os seus estudos...

— O senhor só pensa no Ruy... e ella? !

Elle fez irreflectidamente um gesto de indifferença, rematando, com um sorrisinho :

— Case-a com outro... talvez não seja precizo procurar muito... heim? !

Rôla levantou-se indignada. Uma onda de sangue coloria-lhe agora o rosto, até então livido.

— Mas que especie de homem é o senhor, que...

— Não perca tempo com palavras inuteis. A nossa comedia dura ha quasi uma hora... e começo a sentir-me fatigado. Supponha que eu lhe menti, e resigne-se. Isto de entrevistas... só de amor, e em outras idades... Não tenho mais nada a dizer, e passe muito bem.

Petrificada, no meio da sala, Rôla não fez sequer um gesto. Elle voltou-lhe as costas com indifferença e sahio. No patamar da escada do jardim encontrou D. Delfina, que subia com as mãos carregadas de flores. Elle gabou-lhe as rosas e offereceu-lhe um casal de pombos brancos, que lhe mandaria nessa mesma tarde.

— Aqui está um homem bem delicado... pensou de si para si a esposa do senador Guidão.

XVII

D. Ricarda cosia á machina no seu cantinho costumado, quando Rôla entrou em casa. A viuva abaixou a cabeça, para contemplar a amiga por sobre os oculos e indagou :

— Você está doente? !

— Não, D. Ricarda, estou triste... Que é de Adda?

— Sahio. Foi á cidade. Disse que era dia de dentista... Eu nem sabia que ella estava tratando dos dentes !...

Rôla parecia já não ter forças para fallar, mas murmurou ainda :

— Sózinha? !

— Não... parece que já tinha combinado tudo com a filha da vizinha, alli defronte. Foram juntas. De chapéo, de véo... umas pimponas !

Rôla sentou-se ao lado da viuva, com ar abatido, sem coragem de ir mudar de roupa.

— Sabe quem veio cá, logo que você sahio? o Flaviano. Trouxe uma tampa de cajus e pedio empres-

tados cinco mil réis... Sahem sempre caros os presentes do Flaviano.

— Coitado, elle tem estado doente...

— Hum...

Houve um momento de silencio, em que a viuva teve de prestar a maior attenção á costura. Extranhando depois a prostração de Rôla, perguntou :

— Mas, por que é que você está assim?

D. Ricarda era uma amiga segura, grandemente criteriosa e boa conselheira. Sem sahir do angulo mais illuminado da sua saleta de costuras brancas, onde trabalhava para camisarias e particulares, ella criticava com acerto acções alheias e as suas sentenças eram tão exactas, que Adda costumava chamar-lhe com antipathia — bocca de praga. Rôla tinha por ella um grande respeito. Fôra D. Ricarda quem lhe dera a mão para transpôr o passo mais penoso da sua existencia e que a auxiliava ainda a viver. Della só lhe tinha vindo beneficio e consolação. Assim, contou-lhe ponto por ponto todos os episodios da sua entrevista com o coronel. Acabou chorando.

— Você foi tola em se approximar de um homem que tantas vezes nos tem desfeiteado, e que a estas horas se está rindo da sua credulidade.

Depois, para quê? Estou certa que elle é tão pai de Adda como eu sou a mãi; mas tambem isso pouco importa. Ella já não gosta do Ruy...

— Não diga isso, D. Ricarda !...

— Foram passos no ar. E' o que lhe digo. Ainda hontem de tarde, Adda estava alli no banquinho polindo as unhas, quando Ruy passou e deu o signal

do costume... Ella nem se moveu. O rapaz andou ahi fóra para tráz e para diante, repetindo os assobios. E ella indifferente... Por fim, com pena delle, ainda a avisei : — parece que é o Ruy !... ella levantou os hombros, com pouco caso.

— Algum arrufo...

— Pois sim !

— Afinal?

— Afinal, elle cançou-se e foi-se embora.

Um dia irá de todo e o pai ficará contente. Vocês andam no mundo da lua e não percebem o que se passa embaixo do seu telhado ! Adda não é a mesma ; está alvoroçada, mais faceira ainda... e mais bonita...

— E' por causa dos banhos de mar...

— Qual o que ! é por causa do Eduardinho, isso sim. Cá por mim de quem tenho pena é do Ruy, que nem estuda direito, anda com a cabeça á roda. O que vale é que tudo passa neste mundo, e que por maior que seja um primeiro amor, vem outro depois... Por um lado o pai tem razão. O rapaz terá por força de mudar de idéas...

Desde esse dia Rôla começou a observar a filha com redobrada attenção. Não queria crêr na advertencia da viuva. Ella sabia bem que Adda não era extremamente sentimental; mas julgava conhecer a fundo o seu caracter sincero. Se tivesse deixado de amar o Ruy, ella não o entreteria com promessas e sorrisos vãos, nem lhe leria as cartas... Se ella dava um bocadinho de corda á côrte do Eduardinho, era por faceirice e sem a menor intenção de um desenlace positivo ; bem sabia que esse moço voltaria em breve para os

seus estudos em S. Paulo, e que faria então della tanto caso, como da primeira camisa que vestio. Adda era mais innocente do que os outros suppunham e era a sua propria ingenuidade que a compromettia. A gente maliciosa estraga pelos seus máos pensamentos os actos da mais sincera confiança. Se Adda fosse uma hypocrita, uma sonsa, todo o mundo a acharia um anjo; como era alegre, expansiva e franca, todos desconfiavam della. Pobre da sua filha!

Defendendo Adda diante dos seus pensamentos, Rôla debatia-se ao mesmo tempo na idéa de declarar ou não a Ruy tudo o que lhe tinha dito o coronel na malfadada entrevista de Ipanema. Previa que o rapaz lhe haveria de perguntar por tudo, e ella não teria coragem para dizer a verdade! Toda se arrepiava revendo a expressão do coronel e o sentido das suas palavras. Quando teria elle mentido? na hora em que affirmava, ou naquella em que tinha negado uma paternidade que era um estorvo á felicidade daquellas pobres crianças?!

Para não ouvir conceitos injustos a respeito de Adda, Rôla deixou de fallar á viuva nos enredos que a consumiam. Cada dia que principiava era para ella um martyrio, pensando nos assaltos de Ruy, que não cessava de pedir que lhe repetisse as palavras do pai. Na porta do João Sérvulo, uma vez a insistencia fôra tamanha, que ella, atrapalhada e nervosa, respondeu que o coronel tinha tido razão no que dissera. Ruy devia cuidar da sua saude e dos seus estudos. Não lhe podia dizer mais nada.

O moço presentia a mentira, e desesperado por saber

pormenores por que anciava, desatava a queixar-se de Adda, que ora lhe escrevia cartas enormes cheias de paixão, que o alvoroçavam, ora bilhetes laconicos... ou cousa nenhuma!

Rôla voltava seismando para as suas costuras. O raio ha de cahir, pensava ella, sentindo a tempestade sobre a cabeça da filha e do Ruy; mas como cahirá elle, Senhor?!

Uma manhã, em que exactamente tinha acordado mais tranquilla, acompanhando Adda ao banho, encontrou, junto á *Guanabara*, o Eduardinho Guedes, já em trajes de banho, prompto para o mergulho. O coração bateu-lhe com uma suspeita. Por que viria o estudante á enseada da Igrejinha, quando tinha ás portas da casa do avô a praia do Ipanema? Num impeto, que a prudencia susteve a tempo, esteve quasi a indagar o motivo daquella extravagancia. Approximando-se de ambas, com um riso largo em que os dentes brilhavam muito brancos, elle cumprimentou Rolinha, olhando para Adda.

A moça atirou o enxugador felpudo que a envolvia para o rebordo da *Guanabara* e estendeu ambas as mãos ao estudante, para entrarem juntos na agua. Elle fixou-lhe os braços nús, os pés, de que ella sacudira as sandalias, e o collo, emergindo muito branco da flanella preta, e foi-a puxando docemente, vagarosamente, para o mar.

Petrificada de espanto por aquella scena inesperada e vexada pela humilhação de se vêr alli como a mais reles das criadas, Rôla encostou-se á canôa para aguen-

tar o corpo que desfallecia. Que fazer agora senão esperar o fim daquella entrevista, que ella não cortaria sem escandalo nem offensa? Sim, porque aquillo era uma entrevista... houvera, com certeza, combinação.

Na agua mansa, o Eduardinho ensinava agora Adda a nadar. As suas mãos magras, de longos dedos, tacteavam-lhe o corpo esbelto e lindo, suspendendo-o sobre a agua molle, fazendo-o ir e vir de um a outro ponto. Ella agitava-se, ria-se, ou, obedecendo por momentos ao conselho do mestre, deixava-se levar por elle passivamente, executando os movimentos da natação, para logo os interromper.

Soavam então alto as suas gargalhadas; punha-se em pé, desapparecia num mergulho, voltava a apparecer e deixava-se deitar de costas, boiando, com os olhos para o céo, os braços brancos abertos, como uma linda cruz de mocidade, em extase para o azul do céo. O Eduardinho ia a seu lado, em pé, com o rosto curvado para a carne núa do seu collo, dos seus braços, dos seus artelhos e dos seus pés... até que, reagindo, e debatendo-se na onda, ella procurava levantar-se, sacudindo sobre elle as madeixas dos cabellos empapados... A agua espreguiçava-se numa volupiá molle, deitando-se na areia em ondas cansadas. Toda a manhã era como um suspiro de amor...

Rôla impacientava-se. Aquelle banho parecia não ter fim. Quando o julgava acabado, eis que recomeçavam os exercicios natatorios. Eduardo movia os braços compridos em gestos exaggerados, como se se quizesse fazer comprehendido de longe e só parava

para, segurando o cinto da moça, obrigal-a a executar mais uma vez os mesmos movimentos.

Assim iam e vinham, juntos e semi-nús, no mysterio da onda. Houve um momento mesmo em que o Eduardinho se curvou tanto sobre a cabeça de Adda, que pareceu a Rôla querer beijal-a; sacudida então pela indignação, ella ia gritar, quando ouvio um grunhido de animal atrás de si, na *Guanabara*, rente do seu pescoço. Voltou-se sobresaltada. Pedro mudo estava dentro da canôa, sentado sobre um rolo de cabaria, com os cotovellos fincados nos joelhos, o queixo pousado nas mãos e os olhos luzindo, luzindo para o grupo de banhistas. A sua pelle molle, côr de tabaco fresco, toda se engelhava nas faces arrepanhadas pelos dedos; as orelhas largas arfavam como agitadas pelo vento; elle ria-se, e aquelle riso vinha como um sopro do deserto, cheio de cousas ignotas...

Pela primeira vez em sua vida, Rolinha teve medo daquelle homem. Nas suas pupillas pequenas brilhava um fio de intelligencia maldosa; elle exprimia bem agora uma velha definição do Ruy : — a malicia de um satyro numa sepultura de carne.

Vencendo a commoção que a abalava e ainda mais com o sentido de desviar o olhar atrevido do caboclo de cima daquelle quadro que tanto o deleitava, a costureira pousou-lhe a mão no hombro e chamou-o. Elle não fez caso della. Rôla então postou-se bem defronte delle, interceptando-lhe a vista, para obrigal-o a pensar noutra cousa. Elle grunhio como um porco e inclinando-se todo continuou a olhar para os banhistas.

Desesperada, Rôla avançou até á borda d'agua e gritou para a filha que sahisse.

Nunca a sua voz fôra tão imperativa.

Regressando a casa, Adda apressava-se na frente da mãi, toda enrolada no enxugador, sem consentir em observações. Só depois de mudada a roupa e alizado o cabello, confessou que fôra a pedido seu que o Eduardinho começara os banhos na enseada da Igrejinha, com o fim de ensinal-a a nadar... Rôla declarou-lhe então, peremptoriamente, que aquelle fôra o ultimo banho. Avisasse D. Leonor para communicar isso mesmo ao sobrinho. Adda amuou. Queria continuar; estava anemica... defendia a sua saude e não daria satisfação aos papalvos de Copacabana. Que mal havia em que o Eduardinho a ensinasse a nadar? Ella não era peixe, para saber tal prenda sem ter um mestre... Fizessem como ella, que não se importava com a vida dos outros. Demais a mais não vira conhecidos na praia... Só o mudo. Mas esse ou ninguem, era a mesma cousa. Que a mãi se deixasse de fantasmagorias!

Mas a mãi desta vez persistio no seu proposito. Aquelle fôra o ultimo banho. A responsabilidade afinal era sua. Conhecia a lingua do mundo.

Do seu canto, emergindo entre os morins das roupas brancas, D. Ricarda assistia á contenda, sem dizer sim nem não.

Por vezes os seus olhos se encontravam em relances significativos com os olhos de Rôla, mas logo se desviavam para o caseado das camisas...

Adda sacudia-se, espalhava no ar a humidade dos

seus cabellos negros e abundantes, excitava-se, fallando com vivacidade nervosa. Apostava em como todos aquelles medos eram por causa do Ruy, que não atava nem desatava, com receio do pai! O velho implicante, que teimava em viver, quando morria tanta gente bôa!

Se a apoquentassem muito ella acabaria com tudo, logo de uma vez!

Rôla atalhou :

— Por força : se você já não gosta de Ruy, deve ser franca, e não entreter o pobre rapaz com esperanças mentirosas!

Adda empallideceu e estacou. Não. Ella queria muito bem ao Ruy, desde mocinha... Vêl-o soffrer seria para ella a cousa mais horrivel deste mundo; mas elle exigia della sacrificios sobrehumanos... Julgaria alguem possivel que elle consentisse em desobedecer ao pai para casar-se com ella?! Não.

Elle era um fraco. Só obstinado no ciume... Sómente ella, Adda, não teria a passividade de uma D. Angela...

— Você não compare Ruy ao pai! protestou Rôla.

— O sangue é o sangue, mamãi!

— E' pena que você não se tivesse lembrado disso ha mais tempo... em todo caso, ainda não é tarde. Onde está o annel que elle lhe deu? Eu mesma o levarei hoje com as suas despedidas, porque eu não quero que elle viva enganado. Acredite mesmo que o unico desgosto que tenho com este rompimento é a certeza do que elle vai soffrer.

— A senhora sempre gostou mais delle que de mim...

— Isso é uma tolice. Mande-lhe o annel e nunca mais fallarei nesta historia. Mesmo porque ella não me dá satisfação nenhuma...

Mas não houve palavras capazes de decidirem Adda a entregar o annel nem a desenganar o namorado. Queixava-se de que a não comprehendiam, que a atormentavam; accusava os outros, debatia-se num grande desespero. Concedeu interromper os banhos; deixou de ir uns dias á casa do senador Guidão, pôz-se a escrever cartas ao Ruy, a correr á janella mal lhe ouvia o signal. Apezar de ser indifferente aos versos, decorou os ultimos mandados por elle; toda ella arfava, empallidecia num ardor concentrado, que lhe pisava os olhos, fazendo-os mais sombrios e mais lindos.

O seu aspecto tornara-se meditativo, o seu andar mais pesado. Sahia menos. Esquecia-se ás vezes o dia inteiro com o mesmo vestidinho velho, desde pela manhã.

E foi por essa semana de socego que chegou aos ouvidos de Ruy que o Eduardinho Guedes passara uma vez uma longa hora mettido n'agua a fazer Adda nadar.

E aquella noticia fêl-o escrever immediatamente á moça, num desatino : « com outro qualquer não se importaria... mas conhecia o caracter e as intenções do Eduardinho... já a tinha avisado; para que insistir numa convivencia perigosa? Elle não via no mundo outra mulher, ella era a sua idéa fixa, a sua estrella,

a razão unica da sua vida, e era assim que correspondia a tanto e tão longo amor? ! »

A sua carta não tinha ameaças, como as dos outros tempos; tinha supplicas.

Elle entregava-se como um escravo nas mãos de Adda. Ah ! se fosse rico, depositaria a seus pés, para realce da sua formosura, todos os seus thesouros... Já não lhe pedia que se fizesse feia, como a doce Noemi de Renan, por amor delle; no seu egoismo de homem insuflava-lhe a chamma da vaidade, perguntando-lhe do fundo da sua anciedade que desejaria ella além dos seus beijos e do seu amor em extase... Offerecer-lhe-ia a lua, as estrellas, o firmamento constellado, todos os seus sonhos de poeta amoroso, todas as suas ambições, para que ella não pensasse, nem fugitivamente, em mais ninguem, e soubesse esperar até o dia em que, maior, assente na vida, elle a fosse buscar para a doçura do seu lar !

Desatava então em phrases apaixonadas a descripção dessas horas honestas de amor consagrado, numa habitação pequena como um ninho, em que ambos trabalhassem e amassem como as aves... A febre alastrava-se incendiando outros periodos em que elle affirmava que depois de formado tambem elle a levaria a passeios vertiginosos em automoveis, através das avenidas chammejantes... tambem elle a levaria aos theatros e aos cassinos, onde a sua belleza refulgisse como um astro. Propunha tudo, offerecia tudo, comprehendia afinal que a mocidade de Adda tinha exigencias differentes da sua mocidade de sonhador; penitenciava-se arrependido do seu

rigor antigo, daquella absurda imposição de a fazer disfarçar a sua belleza, justo motivo do seu orgulho. Ella que lhe perdoasse uma, muitas vezes. Promettia trabalhar como um doido, só para poder leval-a a bailes com vestidos sumptuosos, que se arrastassem rugindo no chão; cobril-a-ia de joias e de flôres raras, — mas que, pelo amor de tudo o que mais quizesse, o amasse a elle só, só, só!

A carta palpitava nas mãos tremulas de Adda. Um grande espanto mesclado de piedade invadia-lhe a alma a cada letra. Ruy a offerecer-lhe passeios vertiginosos... sedas de bailes... noites de theatro... com que dinheiro?! Elle, tão modesto, sem haveres, eternamente distrahido e eternamente observado pela vigilancia de um pai sovina e pobre, onde iria, senão em imaginação, buscar esse luxo tentador que lhe offerecia como premio de um amor de que exigira dantes tantos sacrificios?! O vulto de Ruy, com os seus ternos de casemira baratos, as suas gravatinhas de linho, os seus chapéos inferiores, passou-lhe pela mente, num contraste ridiculo com aquella linguagem recamada e opulenta... Teve ao mesmo tempo vontade de chorar e vontade de rir...

Nessa noite mal dormio. Repetia em sonhos o sentido da carta de Ruy, vestindo-o com a pelle e as roupas do Eduardinho... Aquella confusão pôl-a nervosa. Não sabia como responder áquellas palavras de fogo; suspirava pela morte.

Nesse mesmo dia, á tarde, um criado do Dr. Guidão levou-lhe um bilhete. Era de D. Leonor, chamando-a para ajudal-a a vestir-se para uma festa.

Adda não vacillou; os pedidos da amiga constituiam ordens para ella. Como deixar de obedecer promptamente á vontade de uma pessoa que lhe dava vestidos de seda e a fazia passear a seu lado de automovel pelas ruas da cidade? Tinha determinado responder naquelle momento á carta delirante de Ruy, mas já então adiaria isso para depois... afinal, adviera-lhe com a experiencia de certos factos a certeza de que o amor delle parecia augmentar a cada provação. Assim, mais uma, menos uma, que importava?

Alinhavando em mente as ponderações e affirmativas que tencionava escrever no dia seguinte ao Ruy, numa carta séria e carinhosa, ella foi caminhando para a casa do senador. Logo á entrada, no patamar da escada exterior, deu de rosto com o Eduardinho, refestellado numa cadeira de vime, apreciando um havana... A' sua vista, ella não percebeu se era contrariedade ou alegria o que sentia. Elle estava só; ao sentil-a perto, levantou-se e puxou-a suavemente para si, num aperto de mão lento e amoroso.

O criado que a tinha acompanhado sumira-se por uma portinha do porão. Adda vio-se sózinha ao lado do homem de quem determinara fugir... Elle envolveu-a toda num olhar que ardia mais que a ponta em brasa do seu charuto. Todo elle rescendia a tabaco fino e a um discreto aroma de agua de *toilette.* As casemiras inglezas, bem talhadas, do seu terno claro, realçavam-lhe a elegancia das linhas. Adda observou tudo num relance, com vaidade, satisfeita de ser querida por um rapaz assim...

Todo o corpo lhe tremeu no momento em que,

fixando os seus olhos de velludo nos olhos delle, ouvio Eduardinho murmurar soffregamente :

— Adoro-te !

Adda não teve tempo de responder. D. Delfina, fazendo ranger com força a porta de vidro, appareceu no limiar.

Que entrasse, Leonor esperava por ella ; já que a puzera naquelle costume, que a fosse pentear e vestir... Sempre estava ficando uma exquisita, aquella Leonor!

Através das suas palavras sentia-se o travo de um aborrecimento. Nem permittio á moça o apertar-lhe a mão, disfarçando com uma volta subita o gesto de cortezia que desmanchou. Adda seguio-a embaraçada, e o Eduardinho, que adivinhara o motivo do máo humor da avó, levantou os hombros, sacudindo a cinza do charuto sobre as trepadeiras do gradil...

De que valeriam aquellas zangas, se já tinha resolvido que Adda havia de ser sua !

Emquanto no quarto, picando-se em alfinetes, enfiando e desenfiando agulhas, a moça se arrastava de joelhos no chão, corrigindo os defeitos do vestido da amiga, cuja imagem se reproduzia impassivel no crystal do espelho, lá fóra o estudante, de olhos semicerrados, antegozava num devaneio o prazer de a cingir nos seus braços... Não sahiria dalli sem tornar a vel-a, sem lhe dizer de um modo ainda mais expressivo que a amava. A avó que tivesse paciencia... Persuadia-se de que Adda nascera para uma das melhores horas da sua existencia e não se resignaria a perdel-a...

Uma sombra veio contrarial-o. Rôla appareceu, enrolada num chaile. Vinha doente, buscar a filha

que lhe tardava... A sua voz era como um suspiro.

Desde essa tarde a inquietação de Adda era tamanha, que toda a gente a notava. As costuras, frequentemente interrompidas, arrastavam-se por sobre a mesa e a cama, sem terem fim. A carta do Ruy ficara sem resposta; não atinava com os termos para escrever-lhe. A's vezes, ouvindo-lhe o signal e sentindo-o perto da janella, corria para abril-a, mas logo recuava, toda vermelha, escondendo o rosto nas mãos geladas.

Entretanto, Eduardinho tivera a habilidade de arranjar um novo passeio de automovel, uma noite. Para que a avó, já desconfiada, se não oppuzesse, elle sahira de casa só com a tia, a D. Leonor, ainda ignorante da astucia, e fora affoitamente parar á porta de Rôla.

Percebendo o estratagema do sobrinho, a moça retrahiu-se, muito severa, como offendida pelo papel que a faziam representar á força. O Eduardinho era muito demonstrativo para que o não comprehendessem; ella voltou para elle um olhar de reprehensão, recebido com absoluta indifferença.

Rôla acudio a desculpar a filha, que era forçada nessa noite a fazer serão para acabar umas costuras... agradecia muito o convite, mas não podia acceder...

A' relutancia de Rôla em consentir no passeio, Eduardo pretextava que seria esse o ultimo e duraria curtos instantes. Era uma noite de illuminação na cidade e a bôa titia Leonor só consentiria em ir na companhia de Adda!

Lèonor não esboçou nem um gesto com que respondesse a um olhar interrogativo de Rôla.

Sem attender á recusa da mãi, Adda gritava de dentro que esperassem, e mudava ás pressas, febrilmente, uma blusa de cassa, apertava sobre a saia de lã um cinto velho de seda, colhido ao acaso, na atribulação da azafama e punha sobre as ondas negras dos seus cabellos maravilhosos um chapéo de palha puida em que uns ramos de papoulas rubras descahiam amarrotados e encardidos sobre os filós das abas. Quando appareceu no limiar da porta, o Eduardinho estremeceu de alegria. Rôla gaguejava ainda um não timido, e já a filha saltava para o automovel com um movimento decidido.

Na certeza de que as mulheres preferem os audaciosos, o Eduardinho sentou-se ao lado da moça e comeu-a com olhos de faminto. O automovel rodava, como se fosse levado pelo vento.

As ruas de Copacabana e de Botafogo desappareciam numa vertigem. D. Leonor, sentada de face para o sobrinho, parecia uma esphinge. Nem um musculo do seu rosto pallido se contrahia e os seus grandes olhos sérios pareciam ainda mais tenebrosos. Por ironia ou por querer fugir ao contacto da amiga, ella tinha-lhe cedido o seu lugar sem dizer uma unica palavra. Adda acceitára inconscientemente o favor, sem notar mesmo o amúo da outra. Pouco a pouco o Eduardinho apoderava-se da sua mão, disfarçadamente, esmagando-a em pressões repetidas e doces, e fallando-lhe baixo, quasi rente ao ouvido.

Elle dizia banalidades, que a titia alli em frente

poderia ouvir sem extranheza se quizesse prestar attenção, e não era o sentido das palavras, mas o tom amoroso da voz em que ellas eram ditas que significava tudo. O seu corpo ardia como uma fogueira ao lado da moça...

Quando entraram no fervilhamento de luzes da Avenida Central, Adda sentia-se desmaiar. Ia como num sonho. Toda a rua tumultuava, palpitava, sob a onda movediça do povo, dos carros e dos automoveis cheios. Até do asphalto e das pedras inanimadas das calçadas irrompia a animação da febre. Olhando por entre as palpebras alquebradas para as tres enormes filas de luzes, Adda tinha como que a sensação extravagante de que ellas teriam sido acendidas em seu louvor! Nunca a certeza da sua formosura lhe suggerira uma idéa tão clara do seu prestigio na terra; affigurava-se-lhe que toda a gente voltava para ella os olhos, como para uma rainha que passasse numa procissão.

Outros automoveis se cruzavam com o seu; alguns conduziam mulheres menos bellas do que ella, mas refulgindo de luxo e de pedrarias. O Eduardinho commentava o gosto e a elegancia de certas mulheres. Ah, elle detestava a fita amarrotada... os leques de papel... os vestidos baratos... o calçado inferior... A mulher que fosse sua só trajaria sedas e rendas e exhalaria o odor das mais raras essencias... Elle adorava as esmeraldas, cada vez mais preciosas... o fulgor dessa pedra fazia-o devanear cousas divinas. Comprehendia o monoculo de Nero. Daria á sũa noiva um collar rutilante de esmeraldas quando se casasse...

mais tarde, ao sentir-se triste, bastaria repousar a cabeça sobre os hombros da amada e ver-lhe a carne moça atravéz do lampejar verde das pedras, para julgar-se num astro...

Toda a rua fulgurava nas lampadas electricas e combustores de gaz. Adda tinha a sensação de estar vivendo dentro de chammas.

O passeio na avenida não tinha termo. Em cada fim de volta o Eduardinho ordenava logo outra volta, lenta, que desse vagar a contemplações.

Quando, por fim, tomaram a avenida Beira-mar, a aragem fresca e salitrada da bahia despertou a moça de um sonho magnifico, de tentação. Nas aguas tremulas bailavam reflexos de luzes disseminadas como estrellinhas fluctuantes e modestas. Vinha dalli outro sentimento menos ficticio e mais amargo. Era o mar, o seu velho amigo da infancia, que lhe mostrava o seu grande seio inquieto, para a despertar daquelle sonho de virgem peccadora... era o mar que punha de pé, diante dos seus olhos ainda deslumbrados, o phantasma da sua origem e da sua pobreza, para onde o automovel a levava de novo rapidamente.

D. Leonor tambem voltava o rosto para as aguas escuras. O seu perfil sereno e austero desenhava-se na noite, como um medalhão de alabastro sobre um fundo de velludo preto. Iam ha largo tempo calados, quando Eduardinho, num gesto flexuoso, disfarçado sob a capa de Adda, lhe enlaçou a cintura com o braço, atrevidamente.

A moça estremeceu, mas não o repelliu, e quedou-se

vencida dentro daquelle meio circulo poderoso e inflexivel.

Quando chegou á porta de casa, Leonor mal lhe deu a apertar as pontas dos dedos frios. Os seus olhos ardiam-lhe, como se a devorasse extranha febre. Eduardinho ajudou Adda a descer e disse-lhe rapidamente ao ouvido :

— Quer ir amanhã só commigo?

Ella cambaleou; elle amparou-a sorrindo. Rôla estava já diante delles.

XVIII

Tinha rompido um Janeiro aguacento. Os pescadores, aborrecidos e sem vintem, maldiziam da sorte. Se havia uma estiada aproveitavam-n-a logo, num açodamento; mas a maior parte dos dias as chuvas eram continuadas e tão fortes que lhes não permittiam o lançamento de uma simples tarrafa. Demais a mais o diabo da gente rica ia invadindo a praia, transformando as antigas e pobres habitações em casas confortaveis, empurrando para longe da orla do mar os pobres que do mar viviam e careciam a todo o instante de estar junto delle. Os felizardos eram o João Sérvulo e o Lino, que tinham sabido bem guardar o seu ninho no sopé da Igrejinha, alli mesmo de sentinella ás canôas, mais *seu* Clarindo da *Camponeza* e o vigia da arrecadação. Os mais viviam espalhados aqui e acolá, longe da musica embaladora das ondas e da vista adorada do oceano sem fim.

Para não morrerem de aborrecimento nos seus quartos, os pescadores reuniam-se ás vezes para jogar

a bisca, no telheiro da arrecadação, ou na tóca de um outro pescador já meio aposentado do trabalho — o tenente do Leme. Nessa casa, occulta por dois rochedos que lhe faziam uma especie de portico, havia logo á entrada uma grande sala tosca, sem assoalho, onde os homens se reuniam para jogar ou para o fabrico de rêdes e mais utensilios de pesca.

Da gente da *Guanabara* só o Rubião frequentava este pescador, seu conterraneo e tambem como elle grande conhecedor de todo este littoral, que era fechar os olhos e ver inteirinho, com os seus brandos recortes e as suas linhas estiradas e brancas, que parecia não terem fim.

O tenente, muito gabarola, desafiava o outro, asseverando conhecer mais praias do que ninguem. Rompia assim o tiroteio de affirmações e negações, que durava horas.

Se o Rubião dissesse que as melhores ostras eram as criadas no páo do mangue, branco ou vermelho, em aguas de mar socegado, logo o outro pulava, dizendo que não, que tal julgamento era de quem não tinha paladar ou não entendia das cousas — as melhores ostras eram as criadas nos reconcavos, em pedregulhos e rochedos. Se era o tenente que elogiava o sabor dos camarões grandes, de aguas claras, o Rubião ria-se da ignorancia, asseverando que o gosto do camarãozinho do cisco de agua baixa era mais accentuado. Elle queria ter de contos de réis como de vezes tinha pescado de uns e de outros camarões, com a rêde — cai-cai — ou de noite escura, com archotes que punham na agua manchas tremu-

las, côr de sangue... O tenente contrapunha áquellas pescas banaes e sem perigo as que elle fizera ás cavallas, não de arrastão, como os pescadores medrosos de Copacabana fazem, mas de curriculo. Depois de ter deitado da canôa para a agua a corda erriçada de anzóes com as competentes iscas, aquillo é que era remar, *seu* Rubião, deslizando na onda como um socó pelos ares! Ora, ora! como se o Rubião não tivesse conhecimento de pescaria de curriculo, elle que até já ajudara a arpoar a baleia, na Bahia! Poderia alguem ter mais sabedoria, mais coragem do que elle é que não! Bastava dizer que desde pequenote sabia apanhar a braço o polvo, virando-lhe a carapuça com tamanha destreza, que o bicho não lhe escapara nem da primeira vez. Aquillo era pôr o joelho em terra, enfiar o braço pelas fendas das pedras, deixar o ladrão do polvo agarrar-se-lhe á carne e logo, numa volta habil e inesperada, torcer-lhe o corpo para que a posição da carapuça invertida o cegasse: o animal afrouxava, vencido. Se o tenente affirmava que quem quizesse ver bellas conchas fosse a Cabo Frio, o Rubião negava a informação, dizendo que esse alguem deveria ir de preferencia á linda lagôa de Araruama.

De vez em quando, porém, por fadiga ou por enthusiasmo, concordavam em como não havia em todo o Brasil pescado delicioso como o de uma certa praia, nem mar tão bello como o do seu arraial. Estavam tambem de accôrdo em que a arte dos pescadores de Copacabana era limitada, e que elles eram timidos.

O largo mar batido não lhes permittia usar de todos os recursos dos outros pescadores do interior da bahia. João Sérvulo mesmo, que era o sabichão do lugar, talvez não soubesse fazer num remanso um curral bem feito de esteira de pindoba e corda de imbé, como esses que a gente de Sepetiba arranja para apanhar corvinas...

Se voltavam a contradizer-se, o recurso esmagador do Rubião era appellar para a coherencia do seu passado. Que tinha elle sido, desde que se conhecia neste mundo? Pescador, só pescador. Não acontecera o mesmo ao outro, que estivera annos no Exercito, de que lhe adviera o titulo de tenente, quando em boa verdade nunca tinha passado de soldado raso...

O certo é que tinham vindo ambos, de praia em praia, do Norte ao Sul; parando aqui, parando alli, em pousadas sob telheiros ou choças de sapê, ajudando uns, ajudando outros, contentando-se com um pedaço de peixe e meia cuia de farinha durante o dia e uns harpejos de violão á noite, com modas inventadas ou repetidas...

Para chegar á casa do tenente era preciso transpor areaes em que os pés se afundavam. Alli se reuniam, na grande sala terrea, onde havia por unica mobilia dois bancos compridos de páo ladeando uma mesa de pinho, coberta por novellos de linha hamburgueza, lançadeiras de páo, chumbos de arrastão, cartas de jogar e um tinteiro quebrado com bôrra de tinta secca no fundo.

Embora essa habitação fosse longe, no sopé da montanha, o Rubião ia de Copacabana até lá num

folego. A's vezes encontrava no caminho a mãi do Flaviano, de andar molle, cachimbo na boca, chaile nos hombros, á chuva ou ao sol, sem resguardo, na sua philosophia de preta velha. Ella ia quasi sempre para o mesmo destino : a palestra em casa do tenente, de cuja mulher era amiga. Alli chegada, com as roupas empapadas, reaccendia o cachimbo meio apagado, agachava-se com a outra, igualmente feia e suja, a um canto e, ou ficava em longos silencios cortados apenas pelas chupadelas saliventas no tubo do cachimbo, ou em phrases curtas ia informando á mulher do tenente do que se passava lá fóra. A's vezes Rubião prestava o ouvido e pasmava. Como podia aquella mulher, de cuja convivencia tão poucos se gabavam, saber tanta cousa? ! Os seus olhos, de globulos compactos como a clara de ovos cozidos, viam através das paredes, conheciam minucias do interior de certas casas. Tal homem engravatado especulava com a mulher, mantendo luxo á custa della... tal outro recolhia-se da jogatina ás tantas da madrugada... esta senhora escrevia cartas anonymas intrigando os vizinhos; aquella outra senhora consumia os ordenados dos empregados e o dinheiro das compras diarias en bilhetes de loteria; e ainda outra sahia diariamente para sabe Deus aonde, deixando as crianças sem vigilancia e a casa á matróca. Um certo coronel espiava os passos do filho através dos escriptos que lhe ia remexer na gaveta. Esse era um homem miudinho, calado, que não se esquecia de assentar todas as manhãs as despezas da quitanda e da venda e de contar os ovos que tirava

do armario para dar á cosinheira. A verdade é que tudo andava limpo em sua casa; elle passava as mãos sobre as colchas, a ver se os lençóes teriam rugas e ia á cozinha cheirar as panellas. A sua mania era caminhar no corredor horas consecutivas, para tráz e para diante, como um maluco sério, e indagar da criada quem seria o pai de uma mocinha costureira, que andava a tentar-lhe o filho!

A mulher do tenente abria os ouvidos com a avidez de quem vivia como o caracol, sempre em casa, longe do bulicio e das commoções da vida. Essa, era uma mulher magra, desgrenhada, em cujo corpo varias raças pareciam debater-se.

O marido tinha-a presa ao seu lado, fazendo-a compartilhar de vez em quando, á guiza de consolação, de um calice de paraty...

A mãi do Flaviano conhecia a vida alheia por palestras nas esquinas ou na soleira da sua porta com as parceiras, criadas de servir que extravasavam nella as suas confidencias e as suas queixas, de mistura com os ridiculos e as fraquezas dos patrões... De si raramente fallava; mas um dia em que, por mais empapada de chuva, a amiga lhe fez beber mais de um copo, ella expandio-se numa lamuria.

— O filho queria casar com a peste de uma songa-monga que fingia de branca e haveria de mais tarde pôr-lhe o pé no cangóte! O bôbo estava pelo beiço, mas emquanto ella vivesse tal casamento não se realizaria. Elles *tudo* pensavam que ella era rica, que das suas quitandas tinham ficado moedas de toda a qualidade, e fôra por isso que a mãi da tal Maria

Adelaide, de má sorte, atiçára a paixão do Flaviano... Ella, quanto a isso, só achava graça... teria que rir no fim !

A mocinha, se não casasse com outro ficaria solteira toda a vida; Flaviano não ganhava nada e tinha genio desperdiçador; ella mesma alimentava a indolencia do filho, com o sentido de prolongar aquella situação. Depois, quando não tivesse outro recurso, teria ainda o da feitiçaria... Não queria saber de nóras que se puzessem nas suas tamanquinhas e se julgassem mais e melhor do que ella !...

— O que tem de ser tem muita força... commentava a outra.

Ao que a negra redarguia :

— Certo, só a morte... e quedava-se agachada no seu canto, com os olhos fixos numa idéa e os grossos beiços franzidos no cachimbo fétido.

No centro da sala, o tenente saltava, batendo um murro na mesa :

— Quê? ! As ostras de Santos serem as melhores ! E' porque o Rubião não conhecia as de Santa Catharina, de um sabor a mar accentuadissimo e de uma frescura que pareciam sahir de agua gelada.

As de Santos talvez não houvesse no mundo outras tão grandes, mas esse tamanho mesmo, affirmara-lhe um capitão de navio costeiro, homem entendido dessas cousas, era devido a uma doença que atacava os molluscos como a hydropisia ataca os homens...

Rubião achou graça naquella doença, que não poupava uma unica ostra e as tornava tão saborosas !

— E saiba você, affirmava o tenente, que em toda

a costa do Brasil não ha ostreiras, como na Europa, porque nós não sabemos apreciar o que é bom!...

Outra gargalhada do Rubião.

— Homem, você já esteve na Europa?

— Não; mas esse mesmo sujeito que me contou da tal doença das ostras de Santos, foi que me disse isso. Que necessidade tinha elle de mentir?... é Brasileiro como nós!

— Basofias! Se eu fosse acreditar no que os outros dizem, haveria de imaginar que o gosto do bagre gordo é, bem preparado, tal e qual como o do bacalháo!

— E é. Fique você sabendo que é!

— Qual nada! João Baptista inventou essa caraminhola e você acreditou.

— Uê! pois entonces eu nunca comi bagre e nunca vi bacalháo?!

Rubião torceu-se de riso, e depois:

— E' como a historia da corvina chorar alto que nem criança...

— Oh! desgraçado, pois se você nunca ouvio corvina encurralada chorar, então não é pescador! E tanto chora a corvina, que os pescadores, quando ellas entram no curral, não as pescam todas, — deixam sempre algumas para attrahirem outras com o seu alarido... O charéo ouve, a tainha tem faro, a corvina chora... E' o que lhe digo. Bem pensado, não ha nada que não sinta, neste mundo! Direitamente, nem a gente deveria pescar tainhas nem corvinas, quando vêm nas mantas para desovar na beira dos rios ou dos mangaes. E é ahi que o pescador se as-

sanha. Veja quanto pescado se perde em cada ova dessas tainhas de Junho!

— Se nós não pescassemos senão cassacas (1) estavamos bem servidos com o mercado...

A's vezes, mais enternecidos por um gollinho de paraty, devaneavam :

« Ah! quem conhecesse palmo a palmo todo este littoral, onde ha praias que dividem com uma só linha branca a terra do mar, e outras que circumdam rochedos e montanhas, mudando de côr e de feitio em cada sinuosidade! O Rubião tinha reflectido nas retinas o verde claro das ondas em que se banhara em pequeno.

Achava ennegrecido, turvo, o mar do Sul. E fallando do mar, lamentavam ambos a gente serrana, a triste gente do interior, que vive com a alma abafada na mataria escura, sem aquella grande e luminosa liberdade das aguas movediças.

As aventuras da pesca entretinham-os largas horas, esquecidos do baralho da bisca e da monotonia da chuva; e a conversa, começada em contradicções e querellas, morria heroicamente no meio de descripções de valentias.

Rubião contava o modo tragico por que, tendo-se virado uma canôa no mar, elle matara um dia, á faca, dois formidaveis tubarões; ao que o outro annotava, sardonico :

— Havera de ser jamantas... Por si tinha proezas de outra qualidade : as caçadas ao jacaré, nos igarapés do Amazonas...

(1) Tainhas desovadas.

Apezar de lhe subir o sangue á cabeça quando questionava, o Rubião, ao sahir da casa do amigo, sentia a alma alliviada, como se tivesse voltado de uma viagem ás paragens onde vivêra na sua mocidade.

Na arrecadação, em Copacabana, as conversas eram outras. As mulheres intervinham; Fortunata embarafustava com opiniões e risadas sobre isto ou sobre aquillo, e a Hortensia, com a magia da sua voz, interrompia a zanga dos homens, que, instinctivamente, paravam de fallar para ouvil-a.

— O diabinho da moça a modos que tem uma sereia na garganta, dizia o Rubião, accrescentando que se elle fosse solteiro e tivesse menos uns dez annos, seria aquella doce mulherzinha que elle escolheria para companheira de toda a sua vida, porque ella curava melhor os desgostos dos outros, do que a raiz do mangue vermelho cura os ataques de asthma. E olhassem que não havia remedio para asthma comparavel á raiz de mangue!

Assim, em ocios e conversas, se passou a primeira quinzena de Janeiro; ainda ella não estava bem extincta quando houve uns dias de estiada.

Pela escala, cabia a primeira pescaria á canôa *Cruzeiro*, mas o pessoal das outras, saudoso do trabalho e do bom tempo, reunio-se de manhã cedo na praia, para vêr o lanço e apreciar as manobras dos collegas.

O céo, côr de perola rosada, tinha uma claridade fôsca. As aguas acinzentadas, golpeadas de cortes verdes, estendiam-se chatamente na areia pallida. Vinha de terra, das matas, das montanhas, já como

uma debil musica delicada, a chilreada ciciante das cigarras.

Voltava o calor de Dezembro, que a chuva tinha interrompido. As aguas, sujas pelas enxurradas, tornariam os peixes mais confiantes, favorecendo as pescarias.

Attrahido pelo bom tempo, Ruy tinha feito madrugada e observava o movimento da praia, encostado á quilha da *Camponeza*. Ao vêl-o, Fortunata não conteve uma exclamação, achando-o côr de cidra.

Elle explicou : era cançaço dos estudos; approximava-se o dia dos exames... e depois, procurando rodeios, indagou se Adda e Rôla tinham apparecido por alli... Fortunata cortou logo o embaraço com decisão : Adda fugia da gente pobre como de leprosos. Só vinha á praia para o banho. Suas preferencias estavam todas voltadas para os lados do Ipanema, com as familias que roncavam sedas, dos senadores e dos doutores ! Agora, meu amiguinho, eram passeios de automovel... chapéos de flôres... até luvas ! Rôla matava-se em cima da agulha para a soberba da filha olhar os da sua igualha por cima do hombro ! Gostava mesmo de ter occasião de dizer estas cousas ao Ruy, porque não era falsa e desejava que soubessem todas as suas opiniões.

Se ella fosse o Ruy, mudava de idéas; mas os homens são tolos e correm pâra o perigo. Elle que desculpasse, mas estava morta por dizer aquillo, custasse o que custasse ! Já lhe constara que o coronel tivera uma entrevista com a Rolinha em casa do senador. Para que? Seria isso verdade?

Ruy encolheu os hombros. Fortunata deixou entrevêr que já se murmurava da assiduidade do Eduardinho na casa do avô, onde outr'ora só vinha de longe em longe, e dos seus passeios com a tia silenciosa e a Adda faceira... Quem bem me avisa meu amigo é, concluio ella resolutamente.

Ruy defendeu Adda das antipathias da outra. A boca do mundo é perversa, não acreditasse em metade do que se dizia... Achava natural que o Eduardinho rodeasse a moça de cortezias, mas essas cortezias cahiriam no chão. Estava tão certo do amor de Adda como de estar alli em pé na praia... Elle dizia taes cousas com uma voz differente da costumada, em um timbre falso.

A verdade é que a sua ultima carta, tão apaixonada e tão longa, ficara largos dias sem resposta, para só vir na vespera um bilhete numa calligraphia apressada e num sentido obscuro. Suppondo que ella aproveitasse a manhã bonançosa para o banho, elle viera até á praia na esperança de vêl-a e, em vez disso, a Fortunata desenganava-o daquelle modo...

— Escute, continuava a mulata, Rôla prohibio á filha a vinda á praia, só por causa do Eduardinho, que se mettera a ensinal-a a nadar! Não fallava por ter visto, mas por ter ouvido dizer... olhasse : alli estava quem assistira a tudo. Ruy olhou.

Pedro mudo, com um balaio enfiado no braço, as calças de algodão arregaçadas, o chapéo de palha de côco desabado sobre as orelhas enormes, passava a caminho das pedras da Igrejinha.

Atrás delle, carregando uma tarrafa e dois ca-

niços, ia o Bié, crescido, magrinho, com ar triste.

De que serviria ao Ruy o testemunho daquelle homem? Deixou-o passar sem fazer um gesto, mas foi-o acompanhando com a vista, como se quizesse ler-lhe através do corpo, no coração...

— Bié está magrinho, commentou Fortunata. E' o crescimento. Está alli, está um homem. Como as crianças mudam em poucos mezes!... A cabritinha da Nita já está ganhando a vida na cidade...

Ruy interrogou a mulata, com espanto. Ella respondeu :

— Está de copeira em casa de uma modista... imagine que de louça ha de quebrar...

— Tão criança, coitadinha!

— Pobre não tem idade. E' assim mesmo. A mãi teve razão. Nita só podia aprender maldades, quando andava solta por ahi...

— São capazes de bater-lhe...

— Ah! por força. Quem dá o pão dá o ensino... a mãi recommendou isso mesmo á modista...

Os olhos de Ruy encheram-se de agua. Pobres gaivotinhas da praia, bem cedo a vida lhes cortava as azas; e seria para sempre... para sempre!

Ao redór delle, na amplidão dos céos, das areias e das aguas sem fim, tudo parecia creado para a liberdade. Com o rosto vincado por sulcos de tristeza, o estudante comparava esse immenso quadro cheio de luz, onde a pequenita trefega costumava mover-se como no seu elemento, com a estreita cozinha onde ella estaria agora apertada, entre panellas engorduradas, esfregões sujos e paredes cobertas de fumo. Que

saudades teriam os doces olhinhos da Nita, creada á solta como os bem-te-vis, quando, da janellinha do seu presidio, sobre os telhados da casaria velha, procurassem traçar, no espaço limitado da sua nesga de céo, o caminho daquelles morros e daquellas areias tão amadas!... A sua sympathia corria ao encontro daquella anciedade: só se entendem as almas que soffrem, mas a delle era de homem, já com envergadura para a luta; a da outra, coitadinha, não saberia ainda senão chorar!

A conquista do dinheiro nunca se lhe afigurou tão brutal. A pequena ia trabalhar como uma besta, sob a chuva de pancadas e de repellões. Conhecia essa historia; a negregada exploração da criança... afinal, para que tão duro sacrificio, se ella nem tinha noção do valor do dinheiro, e tanto peor se a tivesse, porque elle tão cedo não lhe cahiria nas mãos... Era doloroso pensar que tambem para essa pobre creaturinha selvagem e innocente a vida já fosse um duro esforço. Oh! quem pudesse esbofetear essa Justiça impassivel, que preside a tão varios destinos sem se inclinar para os mais fracos e os mais infelizes!

— Que idade tem a Nita?

— Dez annos...

— Uma bella idade, não é verdade, Fortunata, para se brincar com bonecas e aprender a ler...

— Se todos nascessem para a mesma cousa!... objectou a mulata.

— Seriamos todos irmãos, concluio Ruy. A outra rio-se do disparate. Elle olhou melancolicamente para as ondas, que se desmanchavam em espumas...

XIX

Adda não tornara a voltar á casa do senador Guidão, receosa de ter desagradado á D. Leonor. Esperava que a chamassem; havia de chegar a hora em que no chalet do Ipanema precizassem que ella fosse pregar os alfinetes ou pentear os cabellos da amiga desageitada. No fundo da sua consciencia não achava motivo para o amúo da outra, de quem revia a todo o instante, na memoria, a expressão rancorosa dos seus grandes olhos, d'antes sempre postos nella com tamanha ternura. Percebêra que toda a velha amizade de Leonor se transmudara em aborrecimento naquella noite tão singularmente perturbadora do passeio em automovel! Porque? Ella não tinha culpa de que o Eduardinho a amasse, nem de que fosse tão audacioso; tampouco fôra ella quem inventara o passeio nem quem desinquictara ninguem para sahir. Se em vez de a comer com os olhos, a Leonor fallasse, ella lhe diria isso mesmo. Estava bem socegadinha em casa, ia até escrever ao Ruy, quando a foram tentar com ro-

gatorios para o passeio! Não soubera resistir, fôra esse o seu crime, — mais nenhum! E a cada hora que passava, ia-se sentindo mais fraca, mais dominada pela seducção d'aquella noite de vertigem.

O olhar do Eduardinho crestava-lhe na alma todos os sonhos antigos; as contracções amorosas e lentas das suas mãos faziam-lhe vibrar todas as fibras do seu corpo; era uma outra mulher. O grande amor de Ruy, tão arrebatado e ao mesmo tempo tão extactico, dava-lhe a sensação de ser ella um idolo cuja adoração impunha reverencias; elle vivia a maldizel-a e a adoral-a de longe, de joelhos, rugindo anathemas ou cobrindo-a de louvores! Pensando nelle, o seu coração enchia-se de lagrimas. Ruy era o seu amor, desde menina; o seu primeiro segredo; fôra o seu pensamento que a ensinara a olhar para as estrellas, a ouvir o murmurio das ondas, a querer penetrar os doces mysterios da natureza... Diante dessa grande paixão, ella começava a sentir-se humilhada e pequenina. Por vezes Rôla encontrou-a abstracta, a costura cahida nos joelhos, o olhar espalhado numa vaga de sonho.

As semanas passavam assim naquella inquietação. D. Leonor não a mandava chamar, quando antes não passava dois dias sem a vêr! Ruy andava ás voltas com os exames; recebia d'elle cartas preoccupadas, quasi dolorosas. Eduardinho não lhe deixava a porta, sempre elegante, sempre correcto nos seus trajes inglezes, suavemente impregnado de uma essencia subtil.

Uma manhã, antes de saltar da cama, com os olhos

parados para as taboas brancas do tecto, Adda, em quem o somno aquietara os nervos, começou mais serenamente a comparar as figuras dos dois rapazes, imaginando o futuro que cada um delles lhe poderia offerecer.

Casando com Ruy, ella, jungida para sempre á pobreza, iria compartilhar as magras sopas do velho implicante, o inimigo feroz de toda a sua mocidade, eternamente vestida de chitas e algodões, espiada pelo ciume do marido e o rancor vingativo do sogro...

Casando com Eduardinho, deixaria de usar os restos da Leonor, para sortir-se na mesma modista; moraria em casa aparte, ajardinada, sem dar satisfações dos seus actos a sogros antipathicos e máos... Teria sedas, joias, cruzaria as ruas da cidade em automoveis e carros elegantes; a sua belleza resplandeceria como um astro no céo. Teria ella o direito de sacrificar tanta felicidade ao cumprimento de uma promessa quasi infantil? Ruy fôra o seu primeiro amor... ella era o primeiro amor de Ruy... e daria tudo por consolal-o e fazel-o feliz... porque a expressão do seu olhar, o timbre da sua voz, o sentido das suas phrases, o calor das suas mãos, a doçura do seu sorriso, tudo que era delle, que vinha delle, estava fundamente gravado, eternamente gravado no seu coração. Ella amava-o ainda... sentia que o amaria sempre, mas sem frenesi, com um sentimento que envolvia a saudade e a piedade..

Ardia agora em desejos de ir á casa do senador Guidão, abreviar com a sua presença o desenlace de uma situação difficil de sustentar. Afinal, ella assim enco-

lhida em casa, pareceria aos olhos dos outros ter medos de criminosa.

Não via razão para odios. Se Leonor passara do extremo dos seus abraços para aquella sequidão, gostaria de fazer-lhe comprehender que a culpa não era sua.

De resto, estava convencida de que, desde que a amiga precizasse della, não tardaria em mandal-a chamar; mas corriam as horas sem que viesse o esperado convite.

Teria D. Leonor deixado de frequentar espectaculos e bailes? O Eduardinho, sempre que ia ou voltava da casa do avô, lentava os passos á sua porta e não podia haver olhares mais significativos do que os seus... Uma tarde elle ousou mesmo, com o maior desembaraço, encostar-se á janella da salinha da frente Ella cosia rente ao peitoril. D. Ricarda, no seu canto, entre um mar encapellado de morins, rodava a machina silenciosamente.

— Por que não tem apparecido lá em casa, perguntou-lhe elle. Tem-se notado a sua falta...

— Não tenho podido... muito trabalho...

— Másinha !... essas lindas mãos não foram feitas para o trabalho... mas agora reparo... usa um annel de casada ! que é isso, tão feio? !

Adda corou.

— Foi um presente...

— Delle?...

— Não...

— Bote-o fóra... Achei outro dia um com um bri-

lhante e não sei o que hei de fazer delle... trago-lh'o qualquer dia...

— Não!

— Sim... Vá amanhã de tarde ao Ipanema; precizo fallar-lhe...

Rôla appareceu; não houve tempo para explicações.

Dentro da cabeça de Adda ficaram girando idéas e imagens num movimento estonteador. Estavam notando já a sua falta... logo, a Leonor não estaria zangada... talvez que a propria D. Delfina a considerasse como uma ingrata...

Deveria acreditar no que lhe dissera Eduardo? Como a receberiam no chalet do Ipanema? Admirava-se de que Rolinha não tivesse ainda percebido aquelle arrufo... seria mesmo prudente acabar com aquillo, antes que a mãi soubesse... mas que pretexto arranjaria ella para se apresentar assim espontaneamente, depois de tantos dias de ausencia? Ao mesmo tempo, as figuras de Ruy e de Eduardo alternavam-se, perseguindo-se, uma risonha e desdenhosa, outra pallida e afflicta... E como seria o annel?... talvez parecido com o de Leonor, que lhe illuminava os gestos e poetisava as mãos...

Nessa noite veio uma nova carta de Ruy. Era um grito; era um soluço. Sabia já do outro passeio em automovel, rente ao Eduardo... da sua convivencia... lembrava-lhe a reputação de estroina do outro, que se não fiasse em promessas, quem a amava para a vida e para a morte era elle! Tivesse cuidado! O outro era só vaidade, mentira, e demais astucioso como um

caçador! Se era pelo amor do luxo que ella se deixava tentar, elle faria tudo por dar-lhe luxo igual, já o jurara em outra carta, tornava a jural-o agora. O seu amor era puro, era toda a sua vida passada e era a unica esperança do seu futuro; não lhe fugisse, não o abandonasse, não o enlouquecesse!

As promessas de Ruy enterneciam Adda, sem convencel-a. Onde iria o pobre buscar dinheiro para as offertas de luxo que fazia? Por aquelle caminho, poderia ir até ao crime... Arrepiou-se com a idéa de que elle, tão bom, chegasse a qualquer desatino só por amor della! Molhou a carta de lagrimas, reflectio que era ao lado deste grande coração que ella encontraria a felicidade. Eduardo era o desvario; Ruy era o amor. Ficaria para sempre nos braços do seu amor antigo...

Durante toda a noite revolveu-se na cama, sem poder dormir, fixando-se na resolução de fugir para sempre do Eduardinho e da familia Guidão. Toda ella devia ser de Ruy, a quem já se promettera desde o lindo raiar da sua mocidade. Voltaria para elle, modestamente, honestamente. Elle fizera bem em escrever-lhe aquella carta tão sentida, tão profundamente verdadeira. Pensando bem, o Eduardinho desgostára-a com a sua grosseira offerta de joias; vinha-lhe o arrepio do arrependimento. Voltava para o seu amor antigo, como uma andorinha para a primavera! Sabia bem o que a esperava: sacrificio e pobreza; mas a sinceridade de Ruy merecia-lhe aquella abnegação. Depois, se os outros esperavam humilhal-a perderiam bem o seu tempo. Seria ella quem se afastaria

primeiro. Como o dia tardava ! Ella anciava por correr ao lindo chalet do Ipanema, onde tantas vezes se arrastara de joelhos pregando os alfinetes nas saias da amiga egoista, para lhe dizer um adeus altivo e dissuadir o Eduardinho. Comprehendia emfim que só a tinham estimado por carecerem dos seus favores, mas que todos se impertigavam agora, só com a simples idéa de que ella pudesse vir a ser da familia... A sua dignidade revoltava-se. Decidio fazer ponto naquelle capitulo de faceirice voluptuosa que a ia enredando.

No dia seguinte pedio ao filho de um vizinho que a acompanhasse até á porta do chalet Guidão, recommendando antes a Rôla que a fosse buscar uma hora depois, e sahio com um ar tão grave e tão firme, que D. Ricarda commentou com extranheza :

— Que terá ella hoje, que está tão differente? !

Sim, ia differente, resolvida a dar um golpe mortal num dos mais risonhos periodos da sua existencia. Aquella visita era uma despedida; diria isso mesmo a D. Leonor. Adeus bailes do Ipanema, vestidos de seda, embora já usados por outro corpo mais feliz, passeios alegres em automoveis, através das noites velludosas e perfumadas... O seu destino ingrato obrigava-a a permanecer na sua cadeira de costura, picando os dedos, esperdiçando a belleza de que tinha tão nitida consciencia... Ia por suas mãos enterrar a flôr da sua mocidade, pôr a pá de terra pesada sobre o corpo alado da esperança feiticeira...

Quando abrio o portão do jardim e despedio o pequeno que a tinha acompanhado, teve impetos de

correr para trás e voltar, sem dizer uma unica palavra, para junto da mãi; mas áquelle movimento subito de timidez succedeu outro de resolução. Ouvia a voz de Eduardinho discutindo alto na sala com outra voz masculina, mais baixa e escorregadia. A presença do moço reaccendeu-lhe a coragem quasi extincta, subio correndo os degráos de pedra da escada exterior e vibrou com dedo firme a campainha electrica. Nesse instante vio através dos vidros da porta passar lentamente, do salão para a sala de jantar, a figura impassivel de Leonor, que voltou para ella o rosto pallido, em que os olhos pareciam ainda mais sérios e mais frios, e sumio-se sem dar um passo ao seu encontro. Adda sentio impetos de quebrar os vidros e ir lá dentro sacudir pelos hombros a amiga. Os labios tremeram-lhe de raiva, affoguearam-se-lhe as faces, collada pelo espanto ao patamar da escada, morta por que o Eduardinho a visse e corrigisse a má creação da outra.

Uns segundos de espera pareceram-lhe uma eternidade; vibrou de novo, desaforadamente, a campainha electrica, no accesso da raiva que lhe entumecia as arterias e queimava as pupillas. Veio por fim o criado dizer-lhe, por uma frincha da porta mal aberta, que as senhoras não estavam em casa... E, bem instruido, mal acabou essas palavras, fechou a porta e voltou-lhe as costas.

Um frio de neve envolveu Adda da cabeça aos pés, paralysando-lhe momentaneamente a acção. Diante della pareciam multiplicar-se as portas e os hombros chatos de criados desattenciosos... Segurou-se ao

corrimão de ferro, comprehendeu que precisava fugir, desceu a escada, cambaleante e trémula. Ao sahir para a rua levantou ainda os olhos para as janellas da sala, na esperança de vêr assomar a uma dellas o Eduardinho; mas em vez delle foi a cara escarninha do coronel que ella vio inclinar-se lá de cima sobre a sua miseria... Elle ria-se. Adda fugio... A sua consciencia confundia a realidade com um pesadelo. A figura odiada do pai de Ruy acabára de a desorientar. Tinha-lhe odio e medo. Um medo de criança por papão negro de telhado, que lhe haveria de comer a carne e ainda chupar os ossos...

Que fazia o malvado naquella casa, onde antes nunca ia? fazia intriga... urdia a sua desgraça... Não tendo azas para voar, Adda queria correr, mas os seus passos tornavam-se cada vez mais pesados, recuando na areia quando pretendiam avançar. Receava agora encontrar algum conhecido pelo caminho, suppunha levar estampada no rosto a sua vergonha... A confusão augmentou ao sentir que alguem vinha apressadamente no seu encalço. Esperou a punhalada nas costas, vibrada pela mão secca do pai de Ruy... mas não era elle, — era o Eduardinho!

O moço vinha indignado, pedia perdão por todos, e com os olhos fuzilando lumes, propoz-lhe a fuga nessa mesma noite. Elle esperaria de automovel na esquina da rua da Nossa Senhora, ás nove horas : só saltando por sobre o escandalo ella seria um dia sua mulher... E ella seria sua mulher! Queria então ver se a tia Leonor não a viria receber á porta, cada vez que pelo seu braço entrasse em casa do avô!

Adda não repellio a proposta, tão acceso estava nella o sentimento da vingança. Elle repetia, sinceramente commovido :

— Esta noite, ás nove horas, na esquina da rua de Nossa Senhora, perto daquelle terreno que fica aos fundos da sua casa... não me faça esperar em vão! Amo-a... adeus!

Adda não respondeu e entrou em casa com a cabeça em fogo.

D. Ricarda e Rôla pasmaram de a ver :

— Que é isso, você já voltou !?

— Não é nada!

E fechou-se no quarto, batendo com a porta.

— Que lhe teriam feito, meu Deus! sabe, D. Ricarda? Eu ando desconfiada que abri a porta da casa do Dr. Guidão ao coronel... só me faltava essa desgraça!

— Porque? !

— D. Delfina disse-me que elle tinha promettido voltar lá, levando um casalzinho de pombos... e hontem Ruy me contou que o pai andava escolhendo um terreno no Ipanema, por ordem de um amigo... foi uma mentira que elle pregou ao filho; o terreno que elle procura é intrigar-nos com a gente do senador...

— Não duvido...

— Sabe que elles nos protegem e quer ter o gostinho de tirar-nos até a ultima migalha da boca... hontem estive vai não vai para dizer tudo a Ruy... elle anda amofinado... pensa que Adda já não gosta tanto delle como gostava antigamente... e eu talvez devesse mesmo ter aproveitado a occasião para re-

velar o segredo do pai... mas tive pena e fiquei quieta... Elle tem uma paixão doida por ella... tenho tanta amizade ao Ruy, dona Ricarda, que, se penso nestas cousas, até sinto vontade de chorar!... coitado, tantas vezes o adormeci em pequenino e o passeei em meus braços! Era uma criança adoravel, mas sempre um pouco pensativa... ninguem ha de dizer que é filho daquelle homem... fico toda arrepiada quando imagino que Adda tambem possa ser filha do coronel...

— Qual o quê! ainda outro dia aquella velha, cozinheira delles, esteve aqui dizendo que o patrão lhe tem perguntado, nem sabe já quantas vezes, se conhecerá a mãe de Adda... Aquillo foi manha, só para perturbar a sua ingenuidade... Havia de ser commigo!

— Quem sabe!...

— Sei eu!

— Não se brinca assim com uma questão tão seria..

— Não se brinca quando se tem consciencia... Olhe: elle lá vai!... disse D. Ricarda apontando para a rua, pela janella aberta. Rôla olhou. O coronel parecia levado pelo vento: ia atirando as pernas em longas passadas. Vinha dos lados do Ipanema e corria naturalmente para casa.

— Vai salvar o pai da forca... exclamou D. Ricarda rindo.

Certamente que o coronel não ia salvar o pai da forca, mas ardia na impaciencia da perversidade, por contar ao filho a desfeita por que Adda tinha acabado de passar. Os olhos fulguravam-lhe de alegria.

Nunca os seus pés se tinham movido mais depressa, nem menos cansaço sentira o seu peito de quasi sessenta annos...

Mal entrou em casa gritou para a Antonia :

— Onde está meu filho?

Ao que a velha respondeu, entre resmungos :

— Ainda não veio, não sinhô.

Começaram logo os passeios pelo corredor, chegadas á janella, aborrecimentos.

Onde estaria o menino?! A'quella hora, em vesperas de exames o seu lugar devia ser alli, á mesa, inclinado sobre os livros abertos... Ia apostar que elle abalara para a praia, a ver a pescaria das cavallas, em palestras e intimidades com os pescadores! Aquelles malditos pescadores!

Cahia para a noite a tarde, quando em uma das idas á janella o coronel vio a curta distancia o filho a conversar com o Marcos. Pareciam muito interessados. O pescador, muito alto, inclinava-se todo para Ruy, que a seu lado affigurou-se ao pai mais franzino.

Que diria o diabo do Marcos, aquella torre de campanario pobre, que assim prendia o moço estudante, talhado para outras convivencias.

Chegou, emfim, o momento de se separarem, e Ruy entrou em casa. O pai embaraçou-se, tentando disfarçar a sua vontade de desabafo. Queria dizer o que sabia, sob um pretexto natural, que empurrasse a confidencia, sem que transparecesse o proposito que tinha de a revelar; mas, como tal pretexto não lhe acudisse, elle disse sem já poder conter a sua impaciencia nem procurar rodeios :

— A filha da Rôla passou hoje por uma boa vergonha...

Ruy suspendeu-se numa interrogação muda e afflicta; o pai continou, desviando o olhar para um lado :

— Foi expulsa da casa do Dr. Guidão.

— E' impossivel !

— Eu estava lá. Eu vi.

— Mas porque, porque? !

— Ora, que grande admiração ! Porque o comportamento daquella moça tem-se tornado de tal modo escandaloso com o Eduardinho, que a D. Leonor, muito sensata, resolveu pôl-a na rua, para sempre ! Hoje ella foi lá... D. Leonor atravessou a saleta, bem de vagar, diante dos olhos della, encarou-a de face, e mandou dizer pelo criado que não estava em casa !

— Oh !

— Dizem que ella tem tão pouca vergonha que ainda é capaz de fingir que não percebeu nada e voltar lá... Sempre lhe hão de fazer falta os vestidos velhos de D. Leonor... mas se isso acontecer, será despedida ainda mais rudemente. E' bem feito, para a gente séria não admittir canalhas na sua convivencia...

Ruy já não ouvia nada. Latejavam-lhe as fontes, as faces ardiam-lhe ao influxo do sangue revoltado. Levantou-se de chofre, tomou o chapéo no cabide e fugio para a rua, sem que o pai tivesse tempo de formular um juizo ou siquer uma hypothese do que se ia passar. Elle estendera a mão para reter o filho, dissera ainda uma phrase de supplica, que não foi attendida, porque Ruy partia como uma flexa, com a

respiração zunindo e os olhos accesos. Seria prudente correr atrás delle, até a casa de Rôla e trazel-o por uma orelha, como a um rapazinho de escola? Atormentado, e arrependido de ter dito tudo assim de repente, o coronel deu alguns passos na rua, mas voltou logo para trás Era tarde; Ruy já não era uma criança, a sua intervenção agora talvez ainda fosse mais desastrosa; limitou-se a esperar. Entrou de novo em casa, remoendo rancores contra a peste daquella rapariga, emquanto o filho, anhelante da carreira, entrava como um doido em casa della.

Como as costuras eram com pressa, Rolinha e D. Ricarda estavam ainda, toca que toca, a puxar pela agulha. Vendo o moço, interromperam o trabalho, assustadas.

Elle perguntou logo por Adda, espantado da calma das duas mulheres. Rôla explicou :

— Deve estar deitada... Ella entrou da rua com ar de doente a fechou-se no quarto... Já fui lá duas vezes bater, não me quiz abrir a porta... pedio-me pelo amor de Deus que a deixasse socegada... está com dores de cabeça... Mas você agora põe-me tonta! Diga depressa, porque é que veio cá!... E tão alterado!

Ao mesmo tempo que fallava, Rôla levantava-se, espalhando no assoalho agulha, dedal e carreteis. O rosto ficara-lhe branco como as camisas que estava caseando.

Ruy explicou tudo o que ouvira do pai, nervosamente. Vinha affirmar a Adda, mais uma vez, o seu amor e consolal-a da brutalidade dos outros. A offensa

doera-lhe como um golpe mortal... Se ella o tivesse ouvido, não passaria nunca por aquella humilhação... Que a chamassem, que a chamassem depressa... Faltavam só dois mezes para a sua maioridade... elle redobraria de esforços no estudo, para fazer a sua independencia e casar-se. Não bastaria a Adda o seu amor, e não estaria ella ouvindo lá dentro a sua voz?!

— Talvez seu pai tivesse exagerado um pouco... observou D. Ricarda do seu canto; sabe que elle é nosso desaffeiçoado e não perde as occasiões de nos deprimir... Rolinha, eu acho bom você ir fallar com Adda... O senhor acalme-se.. afinal em tudo isto póde haver um pouco de confusão... Ha intrigas que ferem... que matam. E afinal o que são?... mentiras...

Rôla sentira o sangue transformar-se em gelo quando ao bater na porta do quarto da filha, a porta cedeu. Dentro não havia luz, mas a janellinha aberta para o terreno inculto da vizinhança deixava entrar a claridade tenuissima de fóra. Adda não estava lá, e como não tivesse sahido pela porta que dava para a saleta de costura, era logico que tivesse saltado pela janella sobre a galharia das pitangueiras anãs e dos cactos espinhentos...

Rôla correu á janella, com um presentimento horrivel, e quiz gritar pelo nome da filha, mas a voz prendeu-se-lhe na garganta. Olhou; só vio a escuridão. Cantavam grilos nos hervaçaes e estrelinhas luziam longe, no céo profundo... Voltou para dentro, tacteou com as mãos tremulas as roupas da cama e os vestidos pendurados no cabide, em baixo de uma colcha de ra-

malhões azues... Nem junto da parede, nem em cima do colchão encontrou Adda. Com a mão a tremer-lhe cada vez mais, riscou um phosphoro e accendeu a vela do castiçal em cima da mesa, e logo os seus olhos viram uma folha de papel almaço em que Adda traçara, no seu corsivo regular :

« Mamãi.

Perdôe-me e diga ao Ruy que eu não era digna delle. Não me negue a sua bençam quando eu vier bater na sua porta... Sigo o meu Destino !

Adda. »

Rolinha apertou as mãos na boca, para não gritar; os cabellos erriçaram-se-lhe, arregalou os olhos para o espaço silencioso, mas logo, vibrando de desespero, voltou espavorida á saleta, sacudindo no ar o papel escripto pela filha. Era precizo correr, alcançal-a, trazel-a para casa. Ella ia illudida, era uma criança... tivessem pena, perdoassem... Mas onde ir buscal-a, Senhor!

Ruy arrebatou-lhe o papel das mãos; leu-o e tornou a lel-o, sem comprehender uma palavra, de tal modo as letras dançavam diante dos seus olhos. Que era aquillo? que quereria dizer aquillo?! Foi preciso que D. Ricarda, impondo silencio ás exclamações de Rôla, que se debatia pela casa revistando os cantos, ainda duvidosa da verdade, explicasse ao moço :

— O que o senhor não quer entender é isto: Adda fugio com o Eduardinho. A sua dignidade saberá aconselhal-o melhor do que eu. Só lhe digo que seu

pai é um homem forte; sabe fazer as cousas. Console-se com a idéa de que, a crêr no que elle disse a Rôla, o seu casamento com Adda era impossivel. Chegou a hora de dizer as verdades.

Ruy tornou-se livido; os joelhos vergaram-se-lhe e deixou-se cahir, inerte, numa cadeira. Já Rôla, completamente desilludida de encontrar a filha, corria para a rua, quando ainda D. Ricarda a agarrou pelos hombros, fortemente :

— Fique aqui; quanto menos barulho melhor... Eu vou á delegacia. Ha só um mal para que não ha remedio — a morte. Tratemos agora de casal-os e não augmente o escandalo com os seus alaridos.

Acostumada sempre a ser dirigida pela amiga, Rôla não reagio e entrou para casa lavada em lagrimas. Confessava não ter cabeça para nada e só ter um desejo : o de se atirar ao mar, das pedras da Igrejinha. Deparando com Ruy, ella estremeceu e os olhos seccaram-se-lhe como por encanto. Acudia-lhe a energia para defender a filha. D. Ricarda atirara uma mantilha ás pressas sobre os cabellos brancos e partira. Elles estavam agora sózinhos, em face um do outro.

— Perdôe, Ruy... Adda é uma criança... ella ha de arrepender-se...

— Será tarde...

— Bem me adivinhava o coração que vocês não poderiam ser felizes...

— Fui cégo...

— Não... você conhecia-lhe os defeitos... não os perdoava até... a natureza tem muita força !

O amor tem mais.

— Acredite que ella o amava a você mais do que ao Eduardinho...

Os labios de Ruy franziram-se num sorriso, e elle disse com profunda ironia :

— Ella deu agora uma prova disso...

— Se você soubesse, meu filho, se você soubesse !

Mas em Ruy a propria curiosidade parecia morta. O seu orgulho de homem, sacudido por aquelle formidavel golpe, não o fazia pensar senão em si. Tinha vergonha. Deu um passo para a porta. Rôla agarrou-lhe as mãos :

— Escute : é precizo que você saiba de tudo para poder perdoar. Não ouvio ainda agora D. Ricarda dizer que chegou a hora das verdades? !

Elle voltou para ella um rosto estupido, como o de um bebedo. Ella continuou, segurando com as mãos agitadas a sua mão gelada e inerte :

— Sabe o que seu pae me disse naquella entrevista amaldiçoada? que você e Adda são irmãos. Irmãos, ouvio? !

Ruy abrio a boca, num espanto mudo; Rôla continuou, fazendo rolar as palavras umas sobre outras, como pedras que se despenhassem fragorosamente das alturas :

— Era mentira delle, era um embuste, mas eu contei tudo em casa... contei tudo aqui, nesta sala ; Adda ouvio... com certeza acreditou... como eu tinha acreditado... pobre de minha filha ! Ah, eu estou vendo nos seus olhos que você não acredita nas minhas palavras; pois corra á casa de seu pai, pergunte-lhe se

estou mentindo, pergunte-lhe em nome de sua mãi, pergunte-lhe !

— Rôla !

— Não estou calumniando ninguem, é a verdade. Eu nunca a diria se não tivesse de defender uma infeliz. Vá, Ruy, o seu lugar agora é para sempre bem longe do meu... acabou-se tudo !

Mas em vez de sahir, Ruy puxou-a para perto da luz e obrigou-a a repetir as palavras do coronel. Queria saber tudo, syllaba por syllaba; temia estar ouvindo mal, ser victima de uma allucinação. Não havia fim para aquella narração dolorosa, que elle interrompia para fazer recomeçar a cada instante. Rôla já não tinha forças; deixara cahir os braços e a cabeça sobre a mesa de costura, quando D. Ricarda voltou.

— A policia desconfiara de um automovel que estivera parado muito tempo rente ao terreno do lado e partira como um raio na direcção da cidade, levando a mais uma mulher de véo branco. Tinham dado todas as providencias para capturar os fugitivos...

Ruy perguntou :

— Para quê? Ella ama-o, elle fará della o que quizer...

Quando, ás onze horas, elle sahio para a rua, Rôla debruçou-se na janella, com medo de o vêr partir sózinho naquella escuridão. De que lhe servia amar tanto os outros, se não sabia fazer a felicidade de ninguem? !

Como se queixasse em voz alta, D. Ricarda explicou :

— A bondade excessiva, que perdôa tudo, que não corrige nada, é ás vezes mais prejudicial do que util. Eu bem o disse mais de uma vez!

A noite foi de vigilia. As duas mulheres não se deitaram, caladas e tristes como se estivessem velando um morto. No dia seguinte, mal o sol rompera, Pedro mudo appareceu-lhes na porta, com uma carta. Rôla precipitou-se, suppondo ir lêr noticias de Adda; mas a carta tinha outra procedencia e dizia apenas numa letra firme e secca:

« Meu pai acaba de negar-me tudo. — *Ruy.* »

Leia, D. Ricarda, leia, exclamou Rôla desesperada; Ruy acredita mais no pai do que em mim! Ah! o hypocrita!... eu devia ter previsto; rouba-me tudo de uma vez!

D. Ricarda leu e releu a phrase em silencio, e depois disse muito séria:

— Afinal, quer que eu lhe falle com franqueza? Para a felicidade delle é melhor assim. Sempre é seu pai... deixe lá.

XX

Correu depressa por toda a Copacabana a noticia de que Adda tinha fugido com o Eduardinho. No seu giro rapido, a novidade não se esqueceu de entrar na casa da Maria Adelaide. Ella estava engommando perto da janella, emquanto a mãi e a Maria Aurora estendiam roupa no coradouro. O céo resplandecia num azul fòrte e uniforme; da copa escarlate do flamboyant do terreiro rompia o cicio das cigarras incansaveis, e no fim do gramado, beirando a cerca, todas as arvores pareciam de uma côr mais intensa. Em frente áquelle quadro de luz a Maria Adelaide estava tão desbotada que ninguem diria que fosse a mesma da tarde da procissão. Os olhos, circulados de violeta, quebravam-se-lhe numa expressão dolorida. As faces cavadas desenhavam-lhe os ossos da caveira; só os cabellos, que voejavam á viração de fóra, resplandeciam nos seus reflexos de bronze dourado a fogo.

A mãi já consultara um medico. A pequena tivera

mais outro ataque, na tarde em que o Flaviano lhes apparecera em casa, depois de curado. Agora elle ia por alli a miude, espreitando os movimentos da noiva, que mal lhe respondia ás perguntas.

O medico receitára uma quantidade de remedios, caixas e frascos, que a moça conservava intactos na prateleirinha do quarto. Andava agora de um mutismo desesperador. A ninguem revelava o que a consumia. Ás vezes chorava, correndo logo ao quarto para abafar os soluços de encontro ao travesseiro...

No seu meio rude, Maria Adelaide destacava-se um pouco, conservando as prendas adquiridas no collegio, regular cursivo e as quatro operações, que exercitava nas contas de casa e nos róes dos freguezes da mãi... Embora modestas, estas prendas aclaravam-lhe um pouco a intelligencia.

Movendo as mãos magras sobre a taboa de engommar, ella revia em mente os gestos de Marcos e a sua figura, quando sentio a voz da Fortunata, gritando da cancellinha que lhe acudissem, que estava com medo dos cachorros. ..

Maria Aurora correu a abrir a cancella e a aquietar os cães. Momentos depois Fortunata entrava na salinha, fazendo farfalhar as saias de chita. Trazia duas cavallas gordas para a comadre.

As pescarias andavam de farturas, só na dessa manhã tinham vindo mais de dois mil desses peixes.

E logo sem termos de transição contou ás mulheres attonitas a partida de Adda, á noite, num automovel, com o neto do senador Guidão...

— Não sabiam? ! pois, fôra um escandalo terrivel.

Não se fallava em outra cousa! D. Leonor sapateara de raiva. Havia um reboliço no Ipanema. De quem tinha pena era do Ruy, que, impressionavel como era, lá estava de cama, ardendo num febrão! O pai não se riria agora, pois, de afflicto que estava, mal amanhecera o dia já elle batia á porta do doutor, que parecia uma trovoada! Emfim, Ruy era moço... o desgosto havia de passar; se elle não entisicasse ou não ficasse doido, como a mãi... Rosnava-se que aquelle desfecho fôra obra do coronel, interessado em afastar Adda do filho... mas isso de dizer, dizia-se tanta cousa!... a verdade era que o diabo do velhote parecia ter quatro filas de dentes, como o cação anequim, a ser ainda mais bravo que uma tintureira... O que mordesse extraçalhava... Agora não sahia da casa do senador Guidão, cheio de mesuras e de bobagens: até já o tinham visto construindo um pombal na horta, para a presumida da Leonor, aquella que ainda parecia mais muda que o proprio Pedro! Esse escapara de ficar em baixo do automovel em que tinha fugido a vaidosa da Adda, toda de claro e de véo, como se fosse uma noiva! Por si, Fortunata, não tinha sorpresa; esperara sempre que acontecesse aquillo mesmo, mais tarde ou mais cedo. O diabrete da pequena tinha pinta! Viera com o seu fado ao mundo. Olhassem : pelos pescadores ella não seria chorada. Fôra sempre ingrata para todos, só querendo saber do espelho e de fitinhas... Teria muita graça que só por ter aquelle palminho de cara, a viborazinha conseguisse entrar na familia do Dr. Guidão! Por um lado, estimava : para quebrar a castanha na boca da Leonor,

dos olhos grandes... grandes mas cêgos, pois não souberam ver o perigo! Rôla estava sózinha e teria que chorar...

E' castigo... murmurou a mãi de Maria Adelaide. Ella não fizera o mesmo? Afinal eram todas umas desmioladas... Quanto á Adda... se já não gostava do Ruy, foi até bom que fugisse. Melhor era desenganal-o antes do casamento do que enganal-o depois. Achava mais leal assim.

Ouvindo tal, Maria Adelaide volveu para a mãi um olhar claro, intelligente. Pousara o ferro no descanço, e ouvira tudo com a maior attenção. Fortunata sabia pormenores.

Dizia-se agora á boca pequena que o coronel tinha confessado ser pai de Adda... Uma historia! Ella era muito bem filha de uma italiana de theatro, que mal se desembaraçara da pequena tinha fugido para outras terras... Agora o pai... quem poderia imaginar? Ella era uma madama roncando sedas, o coronel, coitado, sempre fôra um unhas de fome... um paraty sem sal... Neste mundo sempre se via cada cousa! o peor era se Ruy morria... o rapazinho era tão franzino e andava com a cabeça tão cheia de estudos... Fôra visital-o havia pouco. O pai estava com cara de desenterrado, não a tinha deixado ver o moço... affirmando que elle não tinha nada! mas na rua encontrara a Antonia, que vinha da botica e lhe dissera que ninguem dormira nada aquella noite... o patrão andara pela casa como um maluco, com as janellas abertas e o gaz acceso; e Ruy só entrara de madrugada, com os olhos inchados e um tremor de febre

tão forte que os dentes batiam... Assim mesmo a Antonia tinha-os ouvido questionar... Ruy ao principio parecia muito zangado com o pai; mas, sem alarme, o coronel convenceu-o do que muito bem quiz e Pedro mudo fôra despachado logo de manhã com um bilhete de rompimento para Rôla. A tia Antonia parecia uma estupida, mas bem que sabia prestar attenção ás cousas. Adda é que já não se incommodava com isso. A'quellas horas estaria repimpada em algum hotel, comendo do melhor. Rubião julgava têl-a visto, muito agarrada ao Eduardinho, tomando a barca de Petropolis nessa manhã. Iam como dois noivinhos... O Rio é uma cidade muito grande, muito buliçosa, mas ninguem dá um passo que não encontre logo no caminho, para castigo, uns olhos conhecidos! Se Adda tivesse visto Rubião, havia de ficar passada!

A gente da Maria Adelaide percebeu que a Fortunata tinha ido vêl-a só para contar a novidade e não poupou commentarios ao facto durante todo o tempo da conversa. Ninguem gostava de Adda: um nariz torcido para a pobreza do lugar, e rejubilavam-se com o escandalo que ella fazia rebentar como uma bomba naquella sociedade mixta e laboriosa.

Fortunata ajuntou:

— O que ella quer são os vestidos de sêda em primeira mão... O neto do senador é rico e é extravagante. Imagine-se o luxo! Com a belleza que Deus lhe deu e as joias que o Eduardinho lhe der, Adda vai virar a cabeça de todo o Rio de Janeiro... O engraçado é se a policia consegue que elles se casem, como a Rolinha deseja; então fica tudo: tão bom como tão

bom. Se assim fôr é que ella ha de olhar para a gente por cima do hombro... mas o Dr. Guidão não é de brincadeiras e ha de saber mover os páozinhos, para que isso não aconteça... Casar? Não vê! Foi uma desgraça!

— Uma desgraça, não; atalhou a mãi de Maria Adelaide. Se elles se gostavam fizeram muito bem. Que diabo, a vida é um dia!

Aquella conclusão attrahio de novo para a mãi o olhar illuminado de Maria Adelaide. Ella tinha ouvido tudo sem dizer uma unica palavra. A mãi era considerada por todos como uma mulher criteriosa; a sua opinião pesava grandemente nas resoluções das filhas.

Que reviravoltas teria dado o seu juizo para abalançar-se a semelhante affirmativa?... Embaraçada nessas reflexões, ella não ouvio as ultimas palavras da Fortunata, que tinham despertado gargalhadas ruidosas entre as quatro mulheres.

Alliviada pela transmissão daquella noticia sensacional, Fortunata lembrou-se de perguntar á Maria Adelaide pela saude do Flaviano.

João Sérvulo queixava-se da sua irregularidade no serviço. Ficara aleijado do pé, ou já andava com franqueza?

A moça respondeu com duas palavras curtas e seccas:

— Tá bom.

E logo o seu rosto se ennevoou. Para não a obrigarem a dizer mais nada, tratou de recomeçar o serviço interrompido. Houve um minuto de constrangimento;

a mulata percebeu isso mesmo e saltou para outro assumpto.

— Sabiam a melhor maneira de temperar cavalla? pois era refogada com muitos temperos, summo de limão e uma pimentinha... Que fizessem um escaldado de farinha de mandioca ou um pirão com o proprio molho do peixe e saboreassem tudo depois... ella já tinha conversado de mais. Estava um calor lá fóra de assar passarinhos... bonito sol para as lavadeiras... E passassem muito bem, que ainda tinha muito que fazer em casa...

A palestra da Fortunata fixou-se na imaginação de Maria Adelaide. Ella approvava o acto de independencia da outra. Para que se ha a gente fazer escrava, quando nasce livre? Obrigar o coração a mentir, não será muito mais feio do que attirar-se uma creatura a um abysmo, quando a isso a determine a sua vontade? A'quella hora em que ella curtia em silencio tão fundas amarguras, Adda sorriria nos braços do homem escolhido pelo seu amor!... como devia estar linda na sua felicidade!... Por que haveria a suja bocca do mundo de censurar aquelle acto tão independente? Entre ella e Adda quem agiria melhor? Certamente que não era ella, acobardada sempre em frente da sua situação, prolongando um noivado que a enojava, com o pensamento num homem e compromettendo-se cada vez mais com outro...

Levou uma hora engommando a mesma camisa. As mãos paravam-lhe no trabalho, os olhos seguiam pelo azul do espaço a visão de Adda correndo para a felicidade. Como um cão acorrentado a um poste,

ella sentia-se coagida na sua liberdade, indignada com a sua fraqueza, que lhe não permittia sahir daquella ignominia... A culpa de semelhante martyrio não era certamente só della. Marcos não dava um passo para ir ao encontro da sua afflição. Ella adivinhava o seu amor, como se adivinha que vai chover se o céo está carregado e ameaçador, ou que o dia vai ser lindo, se a manhã está limpida! Quando os seus olhos se encontravam a furto, a expressão que trocavam era de tal modo sincera, que não lhe podiam restar duvidas... elle gostava della, elle ardia no mesmo desejo que a consumia como o fogo consome um gràvetinho secco... Sabia a razão daquelle inferno: *Um pescador não engana outro pescador seu companheiro.* O seu credo é a fidelidade.

Vendo que o serviço não ia nem para trás nem para diante, a mãi de Maria Adelaide tirou-lhe o ferro das mãos e mandou-a girar. Em vez de sahir para o quintal, a moça metteu-se no quarto e deitou-se, pensando.

Lá fôra os cães faziam alarido. Viria mais alguem contar o caso de Adda?

Era o Flaviano. Vinha rizonho. Já que nem a mãi nem a futura sogra queriam morar em sua companhia, elle conseguira do carroceiro Mamede, seu vizinho, comparticipação na casa. O Mamede era bem casado. A mulher seria ao mesmo tempo amiga e conselheira de Maria Adelaide.

Vivendo as duas familias reunidas na mesma casa, as despezas de ambas seriam diminutas. O outro não tinha filhos. Haviam de se dar bem. Agora era

só tratar dos papeis. Elle ia pedir a seu Freitas um dinheirinho adiantado para certos arranjos...

Ouvindo a voz do noivo, Maria Adelaide saltou da cama para fechar a porta por dentro á chave, num tremor nervoso, como se elle a viesse buscar á força, e collou o ouvido ao buraco da fechadura, para não perder uma palavra. Agora Flaviano perguntava por ella, insistindo por vêl-a. Mas a mãi serenou-o. A moça estava dormindo. Desde que tivera o primeiro ataque que lhe permittia aquellas preguiças, aconselhadas pelo proprio medico. Estimava por isso que se fizesse o casamento. Havia quem affirmasse que depois de casada a filha voltaria a ser a mesma dos dias passados; e afinal se tinham de casar, o melhor seria acabar com aquillo de uma vez...

Vendo que nem a propria mãi a defendia, Maria Adelaide recuou até o fundo do quarto e foi sentar-se num angulo do assoalho, repousando os braços e a cabeça sobre uma canastra velha. E alli ficou largo tempo, immovel, com os olhos parados na visão suggestiva de Adda, voando para os braços da felicidade.

Cada uma por sua vez, tanto a mãi como as irmãs, foram bater-lhe á porta. Ella a umas não respondia, á outra pedio que a deixasse em paz...

Queria estar só com o seu pensamento... Tudo lhe repugnava agora no Flaviano; preferiria morrer a deixar-se enlaçar pelos braços escuros do noivo. Os olhos já lhe ardiam de tanto fixarem a parede nua e caiada do quarto. Que feliz tinha sido Adda em desprender-se sózinha de uma situação enredada e partir para o ponto desejado, num vôo alto, de ave liberta!

Um automovel... um véo branco adejando como o unico adeus — e ahi estava outra vida!

As horas do dia iam passando numa palpitação lenta e dolorosa... Até o tempo parecia soffrer! Naquelle mesmo instante de angustia, que estaria fazendo Marcos? talvez pensando nella... alguma cousa lhe dizia que o espirito delle andava em perseguição do seu e, como para responder a esse appello secreto, poz-se a responder baixinho, com enternecida volupia :

— Marcos... Marcos...

Essa persuasão clareou-lhe a alma com uma esperança. Por que não faria ella o mesmo que Adda? Os braços de Marcos não se negariam a recebêl-a nem se fechariam senão já sobre o seu corpo, num amplexo de amor...

A mãi intimou-a a que abrisse a porta, era a hora do jantar. Maria Adelaide desenrodilhou-se do chão e foi tropegamente para a mesa. A mãi contou-lhe a resolução do mestiço. Ella nem pestanejou. Instada por uma resposta, disse que fizessem o que quizessem; estava por tudo. Extranharam-lhe a expressão.

— Você está doente?

— Não.

— Então que é que tem, que está tão exquisita?

— Nada.

— Ainda sou tola de perguntar!

Ao menos coma, para não cahir ahi com algum faniquito.

Maria Adelaide comeu. A' noite, mal vio deitadas a mãi e as irmãs, poz-se com o ouvido á escuta. Quan-

do o silencio foi absoluto, ella levantou-se devagarinho, accendeu a véla e começou a vestir-se, com precaução. Tirou do bahú a mais bonita camisa, empapou os cabellos dos seus perfumes, calçou os sapatos dos dias de festa. As suas saias brancas, o seu vestido de cassa foram enfiados com extrema cautela, num susto; não fosse o rumor da gomma forte despertar a familia mal adormecida... Poz anneis, os seus anneis de turco, em todos os dedos, amarrou um laço de fita branca na trança, entalou o lenço no cinto e, abrindo docemente a janella, saltou, como Adda tinha saltado, para o campo deserto. Os cães correram para ella, ganindo, aos pulos. Maria Adelaide aquietou-os, colheu as saias e, pé ante pé, rodeou a casa e tomou depois afoitamente o caminho da estrada.

Percebia que fechava com aquelle acto um periodo da sua vida. Outra mulher, mais decidida, mais forte, ia começar nella outra existencia. O anceio que a perturbava, suffocado até então por escrupulo, ia ter emfim doce termo! Dentro daquella hora cheia de estrellas, da musica das ondas e do aroma das plantas, ella colaria a sua boca sequiosa á boca de Marcos e faria ella mesma a confissão que tanto e tão inutilmente esperara delle! Era a primeira vez que sahia sózinha por aquelles caminhos, na escuridão. Não tinha medo, nem lhe passava pela idéa que em qualquer volta pudesse esbarrar com o noivo... Em todo o mundo não havia agora senão ella e Marcos!... A sua intelligencia parecia-lhe despertada de um entorpecimento... Era como uma resurreição!

O exemplo de Adda animava-a, assegurando-lhe exito. Ella não era feita de cêra, mas de carne e de osso, como a outra; não se sujeitaria a ser só o que o Flaviano quizesse! A's onze horas divisou a casa do Marcos, já fechada na paz do somno... approximou-se devagarinho e, batendo com os nós dos dedos na janellinha baixa, sem caixilhos, suspirou collando os beiços á frincha das duas folhas mal ajustadas :

Seu Marcos !

A alma da noite palpitava nas estrellas, na viração branda que agitava na treva a folhagem do arvoredo e entumecia as ondas do mar. Maria Adelaide sentia uma energia extranha, nada a impediria de ir até ao fim. Percebia agora ter vivido sempre sob a pressão de um erro hypocrita, na atonia dos resignados. Antes que acabassem de afogal-a, batendo-lhe com a ultima pancada de remo na cabeça, bracejaria para aquelle porto de salvamento.

A reacção da sua apathia era tão forte que não experimentava nenhum vislumbre de timidez, e foi até com certa impaciencia que tornou a bater com os nós dos dedos na janellinha, e a dizer :

— Seu Marcos !...

Desta vez ouvio passos, depois a voz do pescador, extremunhada, perguntou de dentro :

— Quem é? !

— Sou eu... Maria Adelaide !...

Os passos precipitaram-se; Marcos abrio a porta e Maria Adelaide entrou. Olharam-se; elle cheio de espanto, ella ousada. Ferido por uma superstição, Marcos approximou do vulto da moça a vela que

ardia numa palmatoria de agatha. Não seria uma visão, um aviso de desgraça a que elle pudesse acudir? A moça não pestanejou. Elle tocou-lhe com a ponta dos dedos tremulos nas mãos impassiveis : sentio-lhe a carne, o calor da vida e não ousou perguntar nada, sem comprehender o que seus olhos viam.

Num movimento delicado, de pudor, Maria Adelaide apagou a vela com um sopro ligeiro e logo num sussurro de palavras precipitosas, contou-lhe tudo. Era bem ella. Fugira do seu quarto, para vir ter com elle e alli ficar para sempre, como sua companheira ou como sua esposa, o que elle determinasse.

Com tanta força arfava o peito do pescador, tal era a sua sorpresa e o seu enleio, que a lingua lhe negava a articulação das palavras que desejava dizer. A moça teve de esperar longamente por uma resposta, que parecia estrangulada por um poder superior. Por fim elle murmurou apenas :

— Mas a senhora é noiva do Flaviano...

Foi como se lhe tivessem aberto o peito e dado com força uma pancada no coração... Maria Adelaide começou a chorar. Não amava o noivo; nem saberia nunca explicar a razão por que se deixára comprometter assim... a vida tem desses enredos... mas a sua consciencia acordára : a quem ella amava era ao Marcos, e bem percebia que elle lhe queria tambem... Ninguem a tinha visto saltar pela janella do seu quarto nem caminhar sózinha por aquelles lugares até alli; vinha livremente, por seus pés, e já se arrependia de não ter escolhido a hora do sol, em que toda a sua responsabilidade ficasse bem patente !...

Em frente della, de braços cahidos, olhar chammejante, Marcos contemplava-a na penumbra do quarto mal alumiado pela porta completamente aberta. A pouco e pouco a razão ia-se-lhe aclarando, máo grado a perturbação dos seus sentidos. O desejo impulsionava-o a unir ao coração o vulto branco da moça, por quem vivia a suspirar, havia tão largos dias, como por um bem inattingivel. Ella alli estava agora, sózinha, alta noite, no seu quarto estreito e solitario, e elle não fazia um gesto para tocar-lhe nem de leve o vestido...

Estava só em casa; a mãi sahira para velar um morto. As circumstancias do acaso favoreciam o seu amor... Maria Adelaide supplicou pela verdade. Ter-se-ia ella enganado? não a amaria elle?

Com a sua linguagem rude, elle disse-lhe que desde uma certa tarde em que a vira no Ipanema não pensava em outra cousa na vida senão nella... e que por sabel-a noiva de um companheiro, um pescador como elle, não se tinha atrevido a dizer nada... Agora sim, logo que o dia alumiasse, elle iria procurar o Flaviano, contar toda a verdade e pedir-lhe que desistisse da felicidade, em seu favor... Se a mãi estivesse em casa já a teria chamado; mas a sua velha estava velando um morto...

As lagrimas de Maria Adelaide tinham seccado e ella olhava agora fixamente para o peito de Marcos, mal coberto pela camisa de meia.

— Não vá fallar com Flaviano.

— Por que? elle é meu companheiro : não posso

ser desleal... E a senhora vá-se embora, senão eu fico maluco!...

— Então não quer que eu fique!?...

— Não. Quero que entre por esta porta com o seu véo de noiva... minha mulher!

Então elle approximou-se d'ella e repetio com extrema doçura:

— Minha mulher!...

Maria Adelaide ergueu para elle o rosto, á espera do beijo tão profundamente desejado. Marcos fechou os olhos e repetio numa supplica:

— Vá-se embora... Amanhã minha mãi irá conversar com sua mãi... e eu irei fallar ao Flaviano...

— Não!

Elle insistio:

— E' o meu dever.

— Tenho medo!...

— Medo de que?

— De Flaviano...

— Eu me encarrego de tudo; vá descançada...

— Adeus...

— Espere! a noite está escura... como ha de ir sózinha?...

— Assim como vim. Mais triste... Eu queria ficar de uma vez... o senhor não gosta de mim!

— Maria Adelaide!

— Se gostasse não me mandava embora...

— Eu já lhe disse tudo... não sei fallar de outra maneira... Um pescador não póde trahir um companheiro... Os outros todos me desprezariam e a senhora não havia nunca de ser feliz... Flaviano...

Maria Adelaide interrompeu com vivacidade :

— Flaviano é um negro.

— E' um homem como eu e um pescador como eu. Deus quer a nossa felicidade. Quando o dia clarear conte tudo a sua mãi. Eu na mesma hora irei fallar a Flaviano... e de tardinha, Maria Adelaide, já seremos noivos !...

As palavra serenas de Marcos contrastavam com a expressão illuminada do seu longo rosto tostado de sol.

— Volte para casa, aconselhou elle ainda. Não quero que me vejam a esta hora em sua companhia... mas não tem medo de andar sózinha por aquelles matos?

— Não... eu não tenho medo de nada. Adeus !

E ella partio apressada, numa confusão de resentimento e de ventura.

As noites de Fevereiro são curtas.

A's quatro horas já ha claridades de dia. Maria Adelaide pensou nisso quando entrou pelo atalho novo, junto da tóca do Machado. De que lhe servira ter empapado os cabellos de oleo cheiroso e ter posto um annel em cada dedo, se o Marcos nem ao menos cedera á tentação de a beijar?... Era todo de escrupulos... lealdades...

Que lhe responderia o Flaviano? A essa idéa a moça parou, interrogando a treva com um olhar de susto. O Flaviano, estava bem certa, não a cederia ao outro... Que se passaria então entre os dois? !

Vagavam no ar pios de aves nocturnas e perfumes de mato e flôr de fruta. Do jambeiro, do angulo da

estrada, motejou o canto de uma coruja. Maria Adelaide não era tão tola que não percebesse que o noivo desconfiava já do Marcos; a confirmação agora de uma suspeita não poderia determinar nelle um acto de selvageria?

Começou a esboçar-se no seu espirito uma scena terrivel, em que a paixão indomavel do mestiço se vingasse do pescador branco...

A essa idéa a moça inteiriçou-se, como nas suas crises de hysterismo. Tinha errado nos seus designios; fôra ao encontro da felicidade e só tinha conseguido atirar dois inimigos um contra o outro... Deveria ella ficar impassivel ante tal perspectiva? Assaltou-a a vontade de enfrentar ella mesma o perigo, correndo á casa do noivo antes da chegada do Marcos, para lhe dizer toda a verdade dolorosa. Já que se precipitara na aventura, iria até ao fim!

Marcos esperava pela manhã; seria precizo que ella fallasse ao noivo de madrugada... antes das cinco horas...

Uma especie de febre activava-lhe o sangue, determinando-lhe deliberações rapidas. Não valia a pena ir para casa; mais acertado era dirigir-se logo para a do Flaviano. Esperaria no terreiro, entre as carroças do Maméde, que o dia abrisse os olhos. Perturbava-a um medo horrivel de se achar só com o noivo, quando se lembrou da mãi delle, a preta velha, sua encarniçada inimiga, que a ajudaria a defender-se do amor do filho...

Que tragica noite era aquella, que a empurrava a tantas peripecias nunca antes imaginadas! A'quella

hora a mãi e as irmãs, adormecidas no quarto ao lado do seu, se nella pensassem seria para imaginal-a em baixo das mesmas telhas, na mesma quietação... Nunca em sua vida puzera os pés na rua desacompanhada, e agora andava noite alta, sem medo, completamente só, por estradas e ruas desertas... vestida com a sua roupa de festa... como uma doida!

Seu corpo, sacudido nos derradeiros tempos por tantos ataques consecutivos e que se endurecia todo a qualquer temor ou qualquer duvida, agia agora nessa crise de allucinação com absoluta calma.

A casa do Flaviano, de paredes côr de barro, mal se adivinhava no escuro, sob a amendoeira enorme e entre um grupo de carroças desatrelladas, de varaes erguidos para o ar.

Maria Adelaide conhecia o caminho a palmos. Iria de olhos fechados serpeando pelos carreirinhos, por todos aquelles atalhos que a tinham levado de casa á escola nos dias da sua infancia.

A' sua approximação rompeu um côro de latidos dentro da casa do Flaviano. A velha gostava de dormir com os seus dois cachorros ao pé da cama. Maria Adelaide sentou-se na trazeira de uma carroça e quedou-se de face para a casa do noivo, ardendo na impaciencia de ver abrir-se aquella porta antes da chegada de Marcos.

Flaviano tinha-lhe contado muitas vezes que a mãi era madrugadora. Ainda havia estrellas no céo e ella já sahia á roda da habitação, a catar gravetos para acender o fogo. Maria Adelaide, que tivera sempre por essa mulher uma repugnancia instinctiva, esperava

agora por ella com anciedade, morta por contar-lhe tudo antes de fallar ao noivo, na certeza de que a velha a ajudaria a transpôr o perigo. Não tinha sido sempre esse o seu maior desejo?

Não sabia toda a gente que a preta daria a propria vida para a separar do filho?

Sentimentos e idéas atropellavam-se em Maria Adelaide, cuja intelligencia, sacudida pelo exemplo de Adda, acordava de um lethargo longuissimo, com uma lucidez admiravel.

Os cães continuaram a latir com tamanha furia, que se levantaram vozes lá dentro, a apazigual-os. Elles serenaram por alguns instantes, depois a agitação recomeçou, intervallada, ora sopitando-se a custo, ora explodindo em latidos irreprimiveis.

Impassivel, com as mãos cheias de pedras falsas dos anneis de turco cahidas sobre a cassa engommada do seu vestido branco, o seu vestido das procissões, a moça não desviava a vista da massa escura e mal definida da casa do noivo. Pouco a pouco os seus olhos foram-lhe delineando os contornos; a sua fórma baixa e quadrada... as suas duas janellas pequenas, sem caixilhos, seguras a paredes mal rebocadas, de casa do matto, de gente pobre. Agora divisava já, tenuemente, a linha do telhado... Cantou um gallo a distancia... outro mais perto. A viração fez-se mais fresca... Percebia agora duas tumefacções no angulo direito do casebre... eram dois cestos de cipó-úna pendurados na esquina e alli esquecidos...

A luz vinha vindo suave, mansa, num palor de luar que parecia surgir da terra... Cantavam passarinhos

na amendoeira e ainda luziam estrellas no céo, quando uma das janellinhas se abrio. Maria Adelaide encolheu-se num sobresalto brusco. Flaviano vestia-se para ir á pesca. Ficara combinado com João Sérvulo irem de madrugada para a praia. Elle gritou para a mãi no fundo da casa que aviasse o café, e chegando á janella olhou para o céo, consultando o tempo.

A sorte desprotegia os planos de Maria Adelaide; uma impressão momentanea paralysou-lhe os membros. Os olhos alargaram-se-lhe nas faces pallidas e só por um esforço quasi sobrehumano conseguio erguer-se e caminhar para o noivo.

Ella ia toda branca na luz branca da madrugada. Flaviano correu para a porta, e, puxando-a para dentro, perguntou-lhe espantado:

— Você a estas horas! morreu alguem lá em casa?!

— Não morreu ninguem... eu vim bem cedinho só para dizer que não quero me casar com você; precizo dizer já, antes de ter pena. A culpa não é de ninguem; tenha paciencia e procure outra mulher melhor do que eu...

Flaviano tremia, de olhos esbugalhados. Ella continuou:

— Não é de hoje nem é de hontem que eu me arrependi de ser sua noiva; me faltava a coragem para contar aos outros e a você meus pensamentos; mas chegou a hora.

— Você está doida!

— Não estou, não. Doidice é a gente fazer as cousas

contra a sua consciencia. Se eu casasse com você... era para enganar... Não é melhor assim?

Flaviano não voltava a si do espanto, e, sentindo uma nuvem opaca diante da vista, encostou-se ás costas da cama, como se temesse cahir. A vertigem durou o que dura um relampago; elle estendeu logo os braços, segurou com força nos hombros de Maria e disse, sacudindo-a com brutalidade :

— Foi Marcos, diabo, que andou te desinquietando, não foi? !

— Fui eu que desinquietei Marcos. Fica sabendo ! Esta noite, antes de vir para aqui, eu fugi para casa delle e fui-me offerecer para sua companheira, porque é delle que eu gosto... é delle só !... Foi um tolo... não me recebeu... disse que um pescador não atraiçôa a outro pescador e que só será meu marido se você não quizer mais saber de mim... Elle vem cá logo mais, para combinar com você essas cousas... mas eu corri adiante, com medo que elle soffresse alguma desfeita sua, e, desde noite escura que estou esperando alli fóra que abrissem a porta, para eu entrar e contar tudo de uma vez !...

Com um repellão brusco, Flaviano puxou Maria Adelaide para si e unindo-a ao peito, que arquejava violentamente, bafejou-lhe o rosto, repetindo-lhe rente á boca :

— Você é minha !

— Não !

— E' minha ! aquelle cachorro nunca será seu marido, ouvio?

— Cachorro é você ! Largue-me !

— Póde dizer o que quizer; não me importa : você agora daqui não sae, é minha, é minha !

Maria Adelaide debatia-se, gritando pela mãi de Flaviano, que assomára á porta do fundo do quarto e assistia impassivel á luta tremenda, com os beiços arregaçados numa expressão de desprezo...

— Pensa que por Marcos ser branco é melhor do que eu? ! Elle me paga !... você está nas minhas mãos !...

— Negro !

— Agora sou negro... mas antes bem que você me queria.

— Eu não gostava de você como gosto de...

— Cala a boca, diabo !.

— Sou noiva de Marcos !

— Cala a boca, ou te mato !

— Póde matar, mas é só delle que eu gosto, ouvio bem? Só, só, só !

Era demais ! cego de raiva, Flaviano sacou a faca do cinto e cravou-a repetidas vezes no coração de Maria Adelaide.

O sangue esguichou com um calor de labareda; ondulou, num gemido rouco, uma syllaba de queixa e fez-se o silencio.

A mãi do mestiço entrou então no quarto, apanhou a faca do chão, depois tornou a sahir, fechando a porta, para rondar a casa no terreiro. Em uma dessas rondas foi á cozinha, lavou a faca, que ainda tinha estupidamente nas mãos, enxugou-a na barra da saia e tornou a sahir para o seu posto de vigia.

Eram perto de sete horas quando Flaviano appa-

receeu, com os olhos vermelhos, muito inchados de choro e lhe disse :

— Se Marcos vier me procurar, diga a elle que Maria Adelaide está na minha cama e que é minha mulher. Accenda uma vela lá dentro. Eu vou dizer á mãi della para vir fazer o enterro...

— E depois?! inquirio a mãi, numa primeira manifestação de anceio.

Elle levantou os hombros e sahio sem responder.

XXI

Já vai longe o verão. O dia de S. Pedro tinha rompido todo azul e ouro. Ainda era madrugada c já os pescadores preparavam na praia a sua grande festa, armando o corêto para o leilão de prendas, especando bambús para lanternas e galhardetes, adornando a canôa designada para o lançamento do arrastão ás quatro horas da tarde, em que o peixe que viesse seria distribuido gratuitamente pelos circumstantes...

João Sérvulo fóra eleito thesoureiro par unanimidade de votos. Era elle quem arrecadava o dinheiro das subscripções e das esmolas, para pagar aos padres a missa das onze horas na Igrejinha e dar-lhes depois almoço do mais fino, no restaurante; era elle quem satisfazia as despezas da musica, do leiloeiro, dos fogos de artificio e da illuminação durante a noite. Muito grave, senhor da sua importancia, elle tinha enfiado desde cedo o seu terno de casimira e andava de grupo em grupo, vigiando, aconselhando, sorrindo. Para a commemoração do dia estreara um par de

oculos de metal branco, que lhe davam á physionomia uma expressão solemne.

— Hoje é dia de fumar charutos, affirmava no corêto das prendas o Rubião barbudo, repartindo-os com os companheiros atarefados. Cigarrinho e paraty é para dia de trabalho... vocês vão vêr logo de noite, com estas luzes todas accesas, como até ha de dar afflicção nos olhos... ¡Coragem, minha gente, que o povo da cidade não tarda! Meu violão vai dar sorte, mata a sanfona do Ruffino e os trombones dos musicos... 'Tou presumindo que, apezar dos oculos, até João Sérvulo vai dansar o maxixe! Hoje é que vai se vêr quem tem peixe embaixo do peneiro... hein?!

As prendas iam chegando umas atrás das outras. *Seu* Clarindo da *Camponeza* dera um frango pesado e gordo que fazia gosto. Tambem não o deixaria ir por qualquer cousa... tinha no bolso com que disputal-o. D. Conceição, que andava agora mais repousada, fornecera nada menos de seis duzias de ovos, divididas em tres cestinhas, com papeis de seda; Rôla concorria com roupinhas e agazalhos para as crianças dos pescadores e da pobreza do lugar; e até o Bié trouxera numa caixinha de papelão, como uma joia rara, atufado em musgo, um lindo buzio côr de mel.

Os sinos repicavam, e á hora da missa o povo foi affluindo pela encosta acima.

A Fortunata, toda de engommado, arrastava o Antonico pela mão, ao lado da Hortensia, que andava sempre em sua companhia. Foi já perto da Igrejinha que ellas toparam com a viuva Tobias, balançando-se

como uma canôa, entre as duas filhas, de lucto alliviado, a Maria Augusta e a Maria Aurora.

A' espera de todos, no alto, D. Conceição fazia fulgurar ao sol os anneis miudos do seu cabello ruivo e os ouros do seu pescoço.

Depois da morte de Maria Adelaide juntara-se muito á viuva, pela alliança secreta que sempre provoca um desgosto em commum.

Ella já fizera notar ao Marcos que a Maria Aurora se estava fazendo muito parecida com a irmã finada, mas para mais bonita...

Marcos, observando o rosto da moça, vio-a volver para elle um olhar em que toda a sua mocidade parecia raiar numa alvorada.

Elle desviou a vista, taciturno. A mãi sorrio.

A vida continuava.

A pequena distancia, Rubião chammuscava os dedos, soltando foguetes sobre foguetes. Era precizo animar a festa; o sol estava alegre, o mar de setim azul floreado de ouro, a atmosphera leve e fresca... que mais se poderia desejar no mundo? Parecia-lhe a elle que nesse dia não tinham ficado em casa cão nem gato.

Vira passar até o coronel Mangino, de cartola e sobrecasaca, ao lado da familia Guidão, e logo depois a ti'Antonia, capengando junto áquella desgraçada da mãi do Flaviano... A' lembrança do companheiro encarcerado, elle sentio uma lagrima humedecer-lhe os olhos; para disfarçar a commoção precipitou ainda mais os foguetes, acompanhando-lhes o percurso com o olhar, através do espaço... Quando recebeu

ordem de cessar o fogo, estava com a vista escura. O sineiro tinha cessado tambem de repicar. Começara o officio religioso. Em poucos minutos o outeiro parecia deserto. Foi então que Ruy subio, seguindo para diante, para o pontal da fortaleza, com ar distrahido, mãos nos bolsos, cigarro na bocca. Que lhe importava agora a elle a festa? Subia até alli para vêr o mar, do alto, já desinteressado daquella sociedade humilde, que principiava a tratal-o por senhor. Raramente vinha agora áquelles sitios; o seu espirito andava por outros caminhos, penetrando em trabalhos de homem.

Sósinho, em face do mar, elle considerava que o maior dever da vida não é chorar com os que choram, nem prostrar-se a gente ao lado dos já prostrados; mas saber resistir á Dôr, como aquellas pedras resistiam aos embates das ondas mansas ou furiosas.

Resistir, — tudo se condensava nessas tres syllabas, como num escudo em que as lanças da adversidade se quebram para só deixar triumphante a vontade do homem.

O Destino, em que elle acreditara de olhos fechados, perdera a sua significação de infalibilidade.

Todas as visões da sua meninice, o seu pavor pela loucura da mãi, os arroubos da sua paixão eterna, o desengano do seu amor, que lhe fizera pensar em enforcar-se nas tranças da pobre doida, tudo que o alterara e lhe dera febre, tinha abatido, ao sopro forte da Razão e do Soffrimento. Do menino docil, impressionavel, contemplativo e piedoso, ahi vinha até á beira do abysmo o homem desafiador da fatali-

dade. Poderia agora cahir um raio, que elle se sentia bastante forte para o aparar nas mãos...

Com a testa vincada pelo pensamento, o olhar desdobrado pelo espaço infinito, Ruy sentia crescer-lhe na consciencia a persuasão de que a vida é o que cada um quer que ella seja, — quando ouvio grunhir atrás do seu pescoço. Voltou-se. Era o mudo. Vinha de samburá no braço e de caniço na mão, para a pesca; o seu chapéo de palha de côco sombreava-lhe os olhinhos côr de café, deixando-lhe apparecer a meio as largas orelhas amollecidas por um esforço incompensado. Pedro desfranzio os beiços murchos num sorriso triste; olharam-se de perto e pela primeira vez com sympathia. Depois, o pescador desceu aos saltos, de barranco em barranco, até ás pedras baixas da beira d'agua; e Ruy, contemplando-o, pensou, retrahindo-se com amargura :

— O' eterno desespero do homem escravisado ao ignoto, sempre ha de existir no fundo do teu ser um sonho insatisfeito !...

FIM